

ANTÔNIA ALVES PEREIRA

ESTUDO MORFOSSINTÁTICO DO ASURINI DO XINGU

Tese apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem,
da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção
do título de Doutor em Linguística.

Área de concentração: Línguas Indígenas
Orientadora: Dr^a Lucy Seki

CAMPINAS
2009

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

P414e

Pereira, Antonia Alves.

Estudo morfossintático do Asurini do Xingu / Antonia Alves Pereira. -- Campinas, SP : [s.n.], 2009.

Orientador : Lucy Seki.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Língua asurini. 2. Gramática comparada e geral - Fonologia. 3. Gramática comparada e geral - Morfologia. 4. Gramática comparada e geral - Sintaxe. I. Fiad, Raquel Salek. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

oe/iel

Título em inglês: Study of the morphosyntax of the Asurini of Xingu language.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Asuriní Language; Grammar, Comparative and general - Phonology; Grammar, Comparative and general - Morphology; Grammar, Comparative and general - Syntax.

Área de concentração: Línguas Indígenas.

Titulação: Doutor em Linguística.

Banca examinadora: Profa. Dra. Lucy Seki (orientador), Profa. Dra. Carmen Lúcia Reis Rodrigues, Profa. Dra. Cristina Martins Fargetti, Prof. Dr Jonas de Araújo Romualdo e Prof. Dr Wilmar da Rocha D'Angellis.

Data da defesa: 31/03/2009.

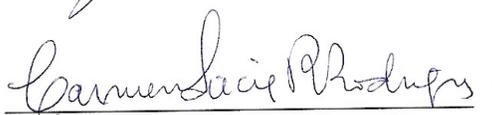
Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

BANCA EXAMINADORA:

Lucy Seki



Carmen Lúcia Reis Rodrigues



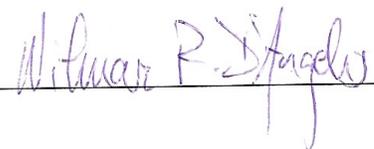
Cristina Martins Fargetti



Jonas de Araújo Romualdo



Wilmar da Rocha D'Angelis



Angel Humberto Corbera Mori

Frantomé Bezerra Pacheco

Flávia de Castro Alves

AGRADECIMENTOS

Aos Asuriní do Xingu por me aceitarem em sua comunidade, ensinarem-me sua língua e me mostrarem aspectos de sua cultura. Agradeço especialmente à Myra pela paciência e interesse ao me ensinar sua língua.

À professora Dr^a Carmen Lúcia Reis Rodrigues por me propor trabalhar com o grupo asuriní do Xingu, por ter me ajudado nos primeiros passos na lingüística indígena e por ter me orientado no Mestrado.

À professora Dr^a Lucy Seki, minha orientadora, pelas várias horas ao longo desses quatro anos que partilhou seu tempo e seu conhecimento comigo, ensinando-me, aconselhando-me e sempre procurando mostrar o melhor caminho para a construção de meu conhecimento. Meus agradecimentos por seu esforço, amizade e carinho.

Às professoras Dr^{as} Maria Bernadete Marques Abaurre e Tânia Maria Alkmin pelas orientações nas qualificações fora de área da tese.

Aos professores Dr. Jonas Romualdo de Araújo, Dr^a Maria Filomena Sândalo, Dr^a Flavia de Castro Alves e Dr. Angel Humberto Mori por participarem de minhas qualificações fora de área da tese.

Aos professores Dr Wilmar da Rocha D'Angelis e Dr^a Cristina Martins Fargetti por suas sugestões na qualificação de tese.

Aos professores Dr^a Carmen Lúcia Reis Rodrigues, Dr^a Cristina Martins Fargetti, Dr Jonas de Araújo Romualdo e Wilmar da Rocha D'Angelis por terem aceito compor a banca de defesa desta tese.

À secretaria de pós-graduação pela excelente forma com que desempenhou suas funções, especialmente ao Cláudio, pela competência, o carinho e a paciência com que sempre me atendeu.

Ao CNPQ pela bolsa concedida, que foi de extrema importância para o desenvolvimento desta pesquisa.

Ao prof. Dr. Frantomé Bezerra Pachêco pela leitura do capítulo orações complexas e pelas várias sugestões de leitura. Muito obrigada

Aos colegas e amigos de Campinas de um modo geral, agradeço pelo convívio.

Agradeço especialmente ao amigo e também colega de área Willam Pickering pela amizade, pelas horas de estudo juntos, pelas sugestões de leitura e por sempre me ajudar no auxílio da língua inglesa.

Ao amigo Caio Mira, meus agradecimentos por todos esses anos de amizade, apoio, carinho e compreensão.

À minha amiga de infância Maria de Nazaré Moura por sempre me fazer sentir melhor do que realmente sou.

Ao meu namorado Warner Arantes Zebalho pelo apoio seja emocional, seja de ordem prática como pegar livro quando já tinha ultrapassado a cota. Muito obrigada.

Aos meus familiares por sempre estarem ao meu lado e acreditarem em mim.

Ao pai da humanidade, pois sem ele nada é possível.

RESUMO

Esta tese é um estudo da morfossintaxe da língua Asuriní do Xingu (família Tupi-Guaraní), falada pelos asuriní que residem no Posto Indígena Kwatinemu, no município de Altamira, estado do Pará. A análise pretendeu dar uma visão geral da língua e apresentar aspectos socioculturais de seu povo. Dessa forma, além da morfologia e da sintaxe, partes centrais da tese, procuramos também apresentar a fonologia no nível segmental, pois essa parte era essencial para a continuidade do estudo da língua nos níveis morfológicos e sintáticos. Em conformidade com nossos objetivos, a tese encontra-se dividida em seis capítulos. O capítulo 1 trata de aspectos históricos e socioculturais do grupo, o 2 trata da fonologia no nível segmental, o capítulo 3 discute as classes de palavras da língua, apresentando os critérios para a sua divisão. O capítulo 4 trata de fenômenos relacionados a subconstituintes da oração, nele são discutidos aspectos como a marcação de caso na língua, a oposição nome /verbo x argumento/ predicado, além disso, é mostrada a estrutura dos sintagmas nominal e verbal da língua. O capítulo 5 trata das orações independentes e de como é feita sua classificação. E o capítulo 6 trata das sentenças complexas, que compreendem as coordenadas e as subordinadas.

Palavras-chave: Língua Asurini do Xingu, Fonologia, Morfologia, Sintaxe,

ABSTRACT

This thesis is a study of the morphosyntax of the Asuriní of Xingu language (Tupi-Guarani family), spoken by the Asuriní who reside at the Posto Indígena Kwatinemu in the municipality of Altamira, Pará State, Brazil. Chapter 1 summarizes the historical and sociological background of the group. Chapter 2 presents the segmental phonology of the language. Chapter 3 discusses word classes and gives criteria for class division. Chapter 4 deals with phenomena related to sentence constituents, including case marking, the noun/verb vs. argument/predicate opposition, and the structure of noun and verb phrases. Chapter 5 deals with independent clauses and their classification. Chapter 6 describes coordination and subordination in complex sentences. Complex sentences are classified into sub-types, and their morphological and syntactic structure is described.

Key words: Asurini of Xingu language, phonology, morphology, syntax

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Fonemas consonantais da língua	37, 60,79
Quadro 2: Fonemas vocálicos	84
Quadro 3: Fones do Asurini do Xingu	80
Quadro 5: Pronomes pessoais	116
Quadro 6: Prefixos relacionais	105
Quadro 8: Algumas propriedades apresentados por Zwicky para clítico, afixo e palavra	118
Quadro 9: Marcadores de pessoa no verbo	131
Quadro 10: Resumos das propriedades do nome, do verbo e do descritivo	146
Quadro 11: Nominalizadores	312

ABREVIATURAS E CONVENÇÕES USADAS

A	Sujeito de verbo transitivo
a	Sujeito co-referencial de verbo transitivo
Adv	Afastado
Afast	Afastado
Arg	Sufixo do caso argumentativo
Asp	Aspecto
As	Assertivo
At	Atestado
Aten	Atenuativo
Atr	Atributivo
Aud	Audível
Aum	Aumentativo
Aux	Auxiliar
Caus.	Causativo
Cc	Causativo-comitativo
Ces	Aspecto cessativo
Com.	Comitativo
Circ	Circunstancial
Col	Coletivo
Com	Comitativo
Compl	Aspecto completivo
Conc	Concessivo
Conec	Conectivo
Cond	Condicional
Conj	Conjunção
Cons	Consecutivo
Cont	Continuativo
Coord	Coordenação

Cóp	Cópula
Dat	Dativo
Dêit	Dêítico
Dem	Demonstrativo
Des	Desiderativo
Dif.	Locativo difuso
Dim	Diminutivo
Dist	Distante
Dub	Dubidativo
Excl	Exclusivo
Ev	Evidencial
Ex	Modo exortativo
F	Foco
Fem	Falante de sexo feminino
Frus	Frustrativo
Fut.	Futuro
F	Gênero feminino
G.	Modo Gerúndio
Gn	Morfema genérico
Imper	Imperativo
Incl	Inclusivo
Incor	Incorporação
Indef	Indefinido
Indet	Pessoa indeterminada no discurso
Iminen	Aspecto iminente
Intens	Intensificador
Irr	Irrealis
Loc.	Locativo
Nest	posição não estendida
Mas	Falante de sexo Masculino

Nom	Nominalizador
MO	Marca de objeto
N	Nominalizador de argumento nuclear
Neg	Negação
Npr	Nome próprio
O	Objeto direto
Obl	Oblíquo
Oi	Objeto Indireto
Orel	Oração relativa
Pas.	Passado
Part	Partícula
Pl	Plural
Posp	Posposição
Pos	Possuidor
Prox	Próximo
Pl	Plural
Q	Interrogação
Quant	Quantificador
Rec	Recíproco
Refl	Reflexivo
Rel	Prefixo relacional
Rep	Reportivo
Rept	Repetitivo
S	Sujeito de verbo intransitivo
Sa	Sujeito de verbo intransitivo ativo
Sg	Singular
So	Sujeito de verbo intransitivo descritivo
Subj	Modo subjuntivo
SN	Sintagma nominal
V	Verbo

Vi	Verbo intransitivo
Voc	Vocativo
Vol	Volitivo
Vtr	Verbo transitivo
{ }	Morfema
//	Fonema
[]	Fone
()	Explicação
.	Fronteira de sílaba
1	Primeira pessoa
2	Segunda pessoa
3	Terceira pessoa

SUMÁRIO

0 Introdução -----	29
---------------------------	----

0.1 Justificativa-----	29
0.2 Objetivos -----	31
0.2.1 Objetivos Gerais-----	31
0.2.2 Objetivos específicos-----	31
0.3 Metodologia-----	32
0.3.1 Suporte teórico -----	32
0.3.2 A pesquisa de campo-----	33
0.3.2.1 Informantes-----	33
0.3.2.2 Coleta e transcrição dos dados-----	34
0.3.2.3 Análise dos dados-----	35
0.4 Estrutura do trabalho-----	36
0.5 Transcrição utilizada-----	37

Capítulo 1 Aspectos históricos, culturais e sociolingüísticos dos Asurini do Xingu -----	41
---	----

1.1 O povo Asurini: as primeiras notícias e o contato com o grupo-----	42
1.2 Aspectos sócio-culturais dos asurini-----	45
1.3 A língua Asurini do Xingu-----	50
1.3.1 Classificação genética e localização geográfica-----	50
1.3.2 A língua Asurini do Xingu: situação sócio-comunicativa-----	53
1.4 A educação formal não-indígena entre os asurini-----	55
1.5 Estudos prévios sobre o asurini-----	57

Capítulo 2 Aspectos fonológicos da língua Asurini do Xingu -----	59
2.1. Consoantes do Asurini-----	60
2.1.1 segmentos semelhantes-----	60
2.1.2.1 Segmentos oclusivos-----	60
2.1.2.2 Segmentos nasais-----	64
2.1.2.3 Oclusivas sonoras, nasais e pré-nasais-----	64
2.1.2.3.1 Relação entre oclusivas sonoras e nasais-----	65
2.1.2.3.2 A relação entre consoantes nasais e consoantes pré-nasalizadas-----	67
2.1.2.4 Fonemas consonânticos nasais X fonemas vocálicos nasais-----	68
2.1.2.4.1 nasal palatal [ɲ] e aproximante [j]-----	71
2.1.2.5 Oclusiva alveolar surda e africada pós -alveolar surda-----	72
2.1.2.5.1 Fricativas-----	73
2.1.2.5.2 Tepe-----	78
2.2 Fonemas consonantais do Asurini-----	78
2.3 Vogais do Asurini-----	79
2.3.1 Os segmentos vocálicos orais e seus pares semelhantes-----	80
2.3.2 Os segmentos vocálicos nasais em comparação com os fonemas orais-----	83
2.3.3 Fonemas vocálicos do Asurini-----	85
2.4 A sílaba-----	85
2.4.1 Os padrões silábicos do Asurini-----	85
2.4.2 Distribuição dos fonemas nas sílabas-----	86
2.4.3 Ressilabificação-----	87
2.4.4 Seqüências ambivalentes-----	89
2.4.4.1 Seqüência kw-----	89
2.4.4.2 Segmentos ambivalentes w e j-----	90
2.5 Acento-----	91
2.6 Aspecto Morfofonológica-----	93

2.6.1 Elisãõ-----	94
2.6.2 Crase-----	95
Capítulo 3 Classes de Palavras-----	97
3.1 Nome-----	98
3.1.1 Categoria de posse-----	98
3.1.1.1 Nomes inalienavelmente possuídos-----	99
3.1.1.2 Nomes alienavelmente possuídos-----	101
3.1.1.3 Posse mediatizada-----	102
3.1.1.4 Nomes não-possuíveis-----	104
3.1.2 Prefixos relacionais e seus alomorfes-----	104
3.1.2.1 Prefixo {u-} ‘terceira pessoa reflexiva’ co-referente com S-----	105
3.1.2.2 Prefixo {r-} -----	107
3.1.2.3 Prefixo {i-} -----	108
3.1.2.4 Prefixo {t-}-----	111
3.1.3 Categoria de número-----	111
3.1.4 Categoria de gênero-----	112
3.2. Subclasses do nome-----	114
3.2.1 Pronomes pessoais-----	115
3.2.1.1 Distribuição sintática dos pronomes pessoais-----	118
3.2.1.2 Distribuição sintática dos pronomes pessoais em função livre-----	121
3.2.1.3 Pronomes pessoais em funções clíticas-----	122
3.3 Demonstrativos-----	124

3.4 Verbo-----	130
3.4.1 Verbo transitivo-----	131
3.4.2 Verbo intransitivo ativo-----	135
3.4.3 descritivos: verbo x nome-----	136
3.4.3.1 Os descritivos e as línguas Tupi-Guarani-----	137
3.4.3.2 Os descritivos na língua Asuriní do Xingu-----	138
3.4.3.2.1 Características comuns entre descritivos e nomes-----	139
3.4.3.2.2 Características comuns entre descritivos e verbos-----	140
3.4.3.2.3 Nomes, verbos e descritivo na função atributiva-----	141
3.4.3.2.4 Nomes, verbos e descritivo na função predicativa com ramu-----	144
3.4.3.5 Proposta para a classificação do descritivo em Asuriní do Xingu-----	146
3.4.3.2.6 Verbos intransitivos estativos e os jogos dos papéis sintático-semânticos--	147
3.4.4 Cópula-----	149
3.5 Posposição-----	152
3.5.1 Semântica e função de algumas posposições-----	154
3.6 Advérbios-----	162
3.6.1 Subclasse de advérbios-----	163
3.6.1.1 Temporais-----	163
3.6.1.2 Interrogativos -----	164
3.2.2.7. Os numerais-----	166
3.6.1.2.1 Numerais cardinais-----	167
3.6.1.2.2 Numerais distributivos-----	168
3.6.1.2.1.2 Numerais ordinais -----	168
3.6.1.3 Quantificadores-----	170

3.7 Partículas-----	171
3.7.1 Posição das partículas e sua semântica no Asuriní do Xingu-----	172
3.7.1.1 Partículas iniciais-----	172
3.7.1.2 Partículas flutuantes-----	176
3.7.1.3 Partículas de segunda posição-----	181
7.1.4 Partículas finais-----	185
Capítulo 4 Fenômenos relacionados a subconstituintes da oração----	189
4.1 Marcação de caso-----	189
4.1.2 Locativo-----	197
4.1.2.1 Locativo pontual -----	198
4.1.2.2 Locativo difuso-----	199
4.1.3 Atributivo-----	199
4.2 A oposição nome/verbo x argumento/predicado-----	201
4.3 Subconstituintes nominais-----	204
4.3.1 locução nominal simples-----	204
4.3.1.1. Locução genitiva-----	206
4.3.1.2. Modificadores-----	207
4.3.2 Nominalizações-----	211
4.3.2.1 Nominalizador de agente-----	212
4.3.2.2 Nominalizador de ação /estado-----	213
4.3.2.3 Nominalizador nome de paciente/objeto-----	213
4.3.2.4 Nominalizador nome paciente-----	213

4.3.2.5 Nominalizador atributivo-----	214
4.3.2.6 Nominalizador atributivo negativo-----	215
4.3.2.7 Nominalizador de circunstância-----	216
4.4 Subconstituintes verbais-----	216
4.4.1 Modalidade, tempo e aspecto-----	216
4.4.1.1 Modo-----	217
4.4.1.1.1 Indicativo-----	217
4.4.1.1.2 Modo imperativo-----	220
4.4.1.1.3 Exortativo-----	222
4.4.1.1.4 Gerúndio-----	223
4.4.1.1.5 Circunstancial-----	224
4.4.1.1.6 Subjuntivo-----	225
4.4.1.1.7 Modo consecutivo-----	226
4.4.1.1.8 outras modalidades-----	227
4.4.1.2 Tempo-----	228
4.4.1.2.1 tempo presente-----	231
4.4.1.2.1.2 Tempo passado-----	232
4.4.1.2.1.3 Tempo futuro-----	233
4.4.1.3 Aspectos-----	234
4.4.1.3.1 aspecto de tempo passado próximo-----	236
4.4.1.3.2 Aspecto de tempo futuro próximo-----	236
4.4.1.3.3 Aspecto cessativo-----	237

4.4.1.3.4 Aspecto repetitivo-----	237
4.4.1.3.5 Aspecto completivo-----	238
4.4.1.3.6 Aspecto volitivo-----	238
4.4.1.3.7 Aspecto frustrativo-----	239
4.4.1.3.8 Aspecto iminentivo-----	239
4.4.2 Codificação dos argumentos no verbo-----	240
4.4.3 Hierarquia de referência-----	243
4.5 Coordenação de constituintes-----	248
4.5.1 Com parataxe-----	248
4.5.2 Coordenação de constituintes marcada-----	249
4.5.2.1 Com reve-----	249
4.5.2.2 Com o morfema nite-----	251
4.5.2.3 Com outros elementos-----	252
Capítulo 5 Orações independentes-----	255
5.1 Orações com predicado verbal-----	255
5.1.1 Orações transitivas-----	255
5.1.2 Orações intransitivas-----	259
5.1.3 Orações com cópula-----	261
5.2 Orações com predicado não-verbal-----	263
5.2.1 Orações possessiva-----	263
5.2.2 Orações equativas-----	266

5.2.3 Orações locativas e existenciais-----	266
5.2.4 Orações existenciais negativas-----	270
5.3 Outros constituintes da oração-----	271
5.4 Ordem dos constituintes na oração simples-----	273
5.5 Tipos oracionais segundo os atos de fala-----	279
5.5.1 Orações declarativas-----	280
5.5.2 Oração imperativa-----	281
5.5.3 Orações interrogativas-----	283
5.5.3.1 Interrogação sem partículas-----	284
5.5.3.2 Interrogação com partículas-----	285
5.5.3.2.1 Perguntas com a partícula pẽ' ẽ-----	285
5.5.3.2.2 Perguntas com a partícula pe-----	286
5.5.3.3 Interrogando o sujeito e o objeto-----	287
5.5.3.4 Interrogando o lugar-----	288
5.5.3.5 Interrogando à direção-----	289
5.5.3.6 Interrogando à quantidade-----	290
5.5.3.7 Perguntando a razão-----	290
5.5.3.8 Perguntando o tempo-----	291
5.5.3.9 Interrogando estado, maneira-----	291
Capítulo 6 Sentenças complexas-----	293
6.1 Sentenças coordenadas e coordenação de constituintes-----	293
6.1.1 Coordenação conjuntiva-----	294

6.1.2 Coordenação adversativa-----	296
6.1.2.1. Coordenação adversativa com parataxe ou justaposição-----	296
6.1.2.2. Coordenação adversativa marcada -----	299
6.1.3 Coordenação disjuntiva-----	300
6.1.4 Coordenação explicativa (resultativa)-----	301
6.2 Orações subordinadas-----	303
6.2.1 Orações complementos-----	303
6.2.1.1 Morfologia dos complementos-----	304
6.2.1.2 Expressões dos argumentos-----	305
6.2.2 Orações relativas-----	309
6.2.2.1 Estratégias de relativização-----	311
6.2.2.1.1 Posições relativizáveis-----	312
6.2.2.1.1.1 Relativização de S -----	313
6.2.2.1.1.2 Relativização de A-----	314
6.2.2.1.1.3 Relativização de O-----	315
6.2.2.1.1.4 Relativização de oblíquo-----	317
6.2.2.1.1.5 Relativização de genitivo-----	318
6.2.3 Orações adverbiais-----	319
6.2.3.1 Orações adverbiais locativas-----	320
6.2.3.2 Temporais /causais / explicativas / condicionais-----	321
6.2.3.3 Orações adverbiais subjuntivas-----	323
6.2.3.4 Orações adverbiais temporais consecutivas-----	324

6.2.3.5 Condicionais imaginativas-----	326
6.2.3.6 orações adverbiais no gerúndio-----	327
7 Conclusão -----	331
Referências Bibliográficas -----	333
Anexos -----	343

0 Introdução

Esta tese tem como objetivo apresentar um estudo sobre a morfossintaxe do Asuriní do Xingu e aspectos de sua fonologia segmental. Como veremos no capítulo 1, essa língua pertence à família Tupi-Guarani, troco Tupi, conforme classificação de Rodrigues (1986). Essa família é a mais conhecida na Amazônia, apresenta mais de quarenta línguas faladas no Brasil, na Argentina, no Paraguai, na Bolívia e na Guiana Francesa. Atualmente, existem dois grupos de Asuriní: um que vive em Trocará e outro no Xingu. Este trabalho está voltado para o asuriní do Xingu (no capítulo 1, tratamos da localização e damos mais informações sobre o povo asurini do Xingu).

0.1 Justificativa

A importância deste trabalho, de uma maneira geral, consiste no fato de descrever e documentar uma língua ainda pouco conhecida. Para a Linguística Geral e para a Tipologia Linguística, este trabalho contribuirá à medida que fornecerá mais elementos para reforçar princípios linguísticos já existentes, bem como poderá apresentar propriedades ainda pouco ou não conhecidas nas línguas do mundo, sendo, portanto, de grande importância para os estudos tipológicos. No âmbito da linguística indígena, ele trará particular benefício à língua Asuriní do Xingu, contribuindo para sua documentação e descrição, podendo subsidiar a confecção de material didático para o ensino-aprendizagem da língua. Além disso, essa pesquisa proporciona um maior conhecimento da família Tupi-Guarani, pois vem se juntar aos trabalhos já feitos e somar conhecimentos para uma análise mais aprofundada da família e, conseqüentemente, contribuir para o debate de algumas problemáticas encontradas no seio da família.

Um problema bastante discutido na família Tupi-Guarani e que se encontra em Asuriní do Xingu é a distinção nome/verbo, por um lado e, por outro, verbo ativo/estativo. Como afirma Rodrigues (2001) "Há um problema mais geral que tem estado implícito em muitos trabalhos nos últimos anos que é o reconhecimento de uma subcategoria lexical de verbos estativos oposta à outra de verbos intransitivos ativos". A chamada subclasse de

intransitivos não só esteve ausente de muitos trabalhos nos últimos anos como tem recebido tratamento diferenciado de língua para língua e até de autor para autor. Rose (2003) trata os descritivos do Emerillon como verbóides e nomóides, partindo da função que eles têm. Seki (2000), com base em propriedades morfológicas e sintáticas, trata os descritivos do Kamaiurá como uma subclasse de verbos intransitivos: intransitivos descritivos. No Asuriní do Xingu, Monserrat e Irmãzinhas de Jesus (1998) tratam-nos como uma classe de palavra: adjetivo, e Nicholson (1982) os considera como uma subclasse dos verbos intransitivos. Nenhuma das autoras que tratam do Asuriní do Xingu apresenta justificativa para o tratamento que dão a esses termos na língua.

Outra divergência que aparece nos trabalhos de Monserrat e Irmãzinhas de Jesus e de Nicholson, em relação à língua Asuriní do Xingu, é quanto à função do morfema {-a}. Segundo as primeiras, este é o principal morfema que atua na distinção entre nome e verbo na língua; já para Nicholson, esse morfema não existe no Asuriní do Xingu.

A descrição morfológica e sintática do nome e do verbo, além de ser um estudo primordial nas línguas Tupi-Guarani, constitui um avanço significativo para o Asurini do Xingu, pois além de permitir discutir as divergências encontradas nos trabalhos sobre essa língua, conduzirá ao estudo e, conseqüente, definição das classes de palavra da língua.

Além de definirmos as classes de palavra da língua, estudamos também aspectos morfossintáticos, como fenômenos relacionados a subconstituintes da oração, orações independentes e orações complexas, apresentando assim uma amostra significativa da gramática dessa língua.

Alguns trabalhos que nos ajudaram na formulação de hipóteses para a língua foram: nas descrições da família Tupi-Guarani as obras de Seki (2000), Rodrigues (1996; 2000a; 2000b e 2001), Rose (2002), Payne (1990;1994), Dietrich (2000); e na descrição das línguas amazônicas de um modo geral, Derbyshire (1987) e na Tipologia Lingüística obras de Dixon (2000) Dixon e Aikhenvald (1999) Comrie (1976;1981) e os três volumes editados por Shopen (1985) que contém, entre outros, artigos de Paul Schachter, Avery Andrews, Jerrold M. Sadoc, John Payne, Michael Noonan, Edward L. Keenan, Sandra A. Thompson, Robert E. Longacre, Stephen R. Anderson e Sandra Chung. Todos de grande importância tanto para a formulação de hipóteses como para fundamentação teórica.

O estudo da morfossintaxe da língua Asuriní do Xingu é um grande passo rumo à documentação e descrição da língua, e nos permitirá posicionar a língua na tipologia das línguas do mundo e na família Tupi-Guarani.

0.2 Objetivos

0.2.1 Objetivos Gerais:

Este trabalho objetiva fazer uma análise da morfossintaxe da língua Asuriní do Xingu e mostrar aspectos da fonologia segmental, contribuindo para um maior conhecimento do Grupo Tupi e da família Tupi-Guarani, em geral e, em particular, da língua Asuriní do Xingu.

0.2.2 Objetivos específicos:

- a) Analisar aspectos da fonologia segmental da língua;
- b) identificar as classes de palavras;
- c) estudar fenômenos relacionados a subconstituintes da oração, tais como subconstituintes nominal e verbal da língua, distinguindo verbo/nome, por um lado e verbo/nome/descritivo, por outro;
- d) verificar o funcionamento da marcação de caso na língua;
- e) analisar o fenômeno da incorporação na língua;
- g) proceder à análise dos constituintes da oração e
- h) identificar e classificar as sentenças independentes e dependentes da língua.

0.3 METODOLOGIA

Este trabalho insere-se na área de estudos de Línguas Indígenas, na linha de pesquisa documentação, análise e descrição de línguas naturais e tem como objetivo fazer a descrição e a análise morfológica e sintática da língua Asuriní do Xingu. A seguir, apresentamos a metodologia adotada na pesquisa de campo e na análise dos dados, juntamente com algumas obras que foram importantes para a execução do trabalho.

0.3.1 Suporte teórico

Neste trabalho, procuramos princípios da lingüística recente que satisfaçam a nossa análise. Assim, buscamos orientações na Lingüística Tipológico-funcional e na Lingüística Geral.

A Lingüística Tipológica auxiliou esta pesquisa na medida em que proporciona ao lingüista noções do que pode encontrar no estudo de uma língua, uma vez que essa ciência estuda as variantes nas línguas do mundo, investigando semelhanças e diferenças entre elas e propõe universais lingüísticos que auxiliam grandemente a pesquisa e análise lingüística. Através dela, pudemos proceder nossos estudos sobre a língua Asuriní do Xingu, tendo em mente alguns fenômenos que poderíamos encontrar na língua, já que eram considerados universais lingüísticos. Os universais lingüísticos foram usados como mais uma ferramenta na dura batalha da descrição da língua, mas não como fim em si mesmo, pois sabemos que esses universais são importantes para essa tarefa, mas sempre é possível que uma língua ainda não estudada apresente estrutura diferente daquelas já descritas para algumas línguas, sendo, aliás, esse ponto, uma das razões do trabalho do lingüista com línguas de tradições orais, haja vista que se os universais fossem absolutos, não se precisaria mais fazer análise lingüística. Além de auxiliar na pesquisa, a Lingüística Tipológica é importante para situar o Asuriní do Xingu na tipologia geral das línguas do mundo.

Em nossa análise, fizemos também uso dos pressupostos teóricos da Lingüística Funcional para articularmos os níveis sintático, semântico e discursivo. Essa articulação nos possibilitou identificar a relação entre formas e funções na língua.

Através dos recursos da Lingüística Geral que auxilia o lingüista na descrição dos níveis fonológico, morfológico, semântico e sintático das línguas, fizemos a descrição geral dos aspectos morfológicos e sintáticos da língua Asuriní do Xingu.

Algumas obras que nos serviram de referência foram: Creissels (1995); Payne (1997); Comrie (1981); Givón (1994;2001) e Dixon (1977;2000).

0.3.2 A pesquisa de campo

0.3.2.1 Informantes

Como já estamos trabalhando com essa língua desde o início de nosso Mestrado, a coleta de dados foi facilitada, uma vez que já tínhamos estabelecido contato com o asuriní. Dessa forma, já tínhamos alguns informantes, bem como alguns dados para iniciar a análise. Na seleção desses informantes, levamos em consideração o grau de conhecimento do português de cada um deles, o sexo, a idade e o desempenho como informante durante os primeiros contatos.

Todos os nossos informantes vivem no Posto Indígena Kwatinemu, no Médio Xingu, no município de Altamira, estado do Pará e têm conhecimento da língua Portuguesa. No entanto, esse conhecimento varia conforme a idade e o contato com falantes de português. A maioria dos mais velhos, acima dos 45 anos em média, não falam e nem entendem o português, ou falam e/ou entendem bem pouco, os mais novos ao contrário, conhecem-no mais. Dessa forma, procuramos trabalhar com informantes de idade variada a fim de não comprometer nossa análise, pois sabemos que os mais novos podem estar alterando algumas regras gramaticais de sua língua em função da influência do Português, assim como sabemos também que podemos interpretar equivocadamente algumas informações dadas pelos mais velhos em virtude do nosso pouco conhecimento da língua Asurini. Quanto ao sexo, a opção por trabalhar com o masculino e o feminino se deu pelo

fato de sabermos que muitas línguas apresentam diferença entre a fala do homem e a da mulher.

0.3.2.2 Coleta e transcrição dos dados

O Asuriní do Xingu é uma língua de tradição oral e, como já dissemos anteriormente, existem poucos trabalhos sobre ela, de forma que para a realização desta pesquisa foi necessário coletar dados e formar um *corpus* significativo a fim de que se pudesse proceder à descrição e análise da língua.

Para concretizarmos esta pesquisa, realizamos cinco viagens à aldeia Asuriní. A duração média de cada viagem foi de 20 a 30 dias.

Quanto à coleta de dados, grande parte foi feita em situações reais de fala a fim de que a descrição da língua fosse a mais natural possível, abarcando um grande número de eventos comunicativos, assim além de lista de palavras e elicitções gramaticais, registramos e traduzimos:

- Relatos de experiências pessoais vivenciados no passado, por exemplo, a experiência de Patuá que foi roubada pelos Kayapó;
- acontecimentos vivenciados no dia-a-dia pelos Asuriní, como a morte de uma cobra gigante durante uma pescaria;
- textos procedurais, como exemplo, o ensino de como fazer mingau, como fazer farinha;
- textos de cunho argumentativo, como a exposição de motivos e argumentação de Muajva no sentido de convencer os Asuriní mais novos a manter a língua e a tradição do asurini ;
- textos narrativos: como a origem da menstruação, o roubo de crianças por anãga, a sagacidade do grupo que para não morrer de fome comia o tapuru do babaçu e
- diálogos em conversas espontâneas.

No que se refere à parte técnica, os dados foram gravados em MD (mini-disc) e fitas cassetes e depois armazenados em CD. Na transcrição dos dados, fizemos uso da transcrição fonética.

0.3.2.3 Análise dos dados

Desenvolvemos a análise dos dados em três momentos distintos. Primeiramente, procedemos à análise morfológica e sintática do nome e do verbo, descrevendo e classificando cada morfema referente a essas classes de palavras a fim de que posteriormente pudéssemos proceder à análise dos termos de propriedade da língua. Essa parte do trabalho foi feita com base em pressupostos teóricos de lingüistas como: Andrews (1985), Benveniste (1976) Creissels (1995), Comrie (1976;1985 e 1989), Dixon (1977), Fox e Hopper (1994), Givón (1982; 1984; 2001a; 200b), Lemaréchal (1994), Seki (2000), Rose (2003), Queixalós (2001).

Feito isso, partimos para a análise de fenômenos relacionados a subconstituintes da oração, verificando aspectos tais como a marcação de caso na língua, os modificadores, os tipos de predicados etc. A análise desses fenômenos foi norteada pelos princípios teóricos de Comrie (1976a;1976b e 1981), Givón (1982;1984; 2000), Greenberg (1963), Mardirussian (1975) Mithun (1984), Seuren (1990), Silverstein (1976), Zwicky (1977e 1985), Keenan (1985). E por obras sobre as línguas Tupi-Guarani como Seki (2000), Rodrigues (1953, 1996) Rose (2003) e Queixalós (2001).

Em seguida, foram analisadas as orações independentes e dependentes da língua. A análise se deu procurando-se compreender sua forma e função, em outros termos, a morfologia e a sintaxe dessas orações na língua. Alguns autores em que nos embasamos para essa análise foram: Crystal (1988), Payne (1985), Noonam (1985), Comrie (1981), Keenam (1985), Anderson (1985), Andrews (1985), Chung (1985),Thompson e Longacre (1985) e Seki (2000).

0.4 Estrutura do trabalho

Esta tese está organizada em 6 capítulos seguidos das considerações finais e dos anexos. O capítulo 1 trata de aspectos históricos, culturais e sociolingüísticos dos Asurini do Xingu. Nele mostramos como foram os primeiros contatos desse povo com o não-índio, as situações de conflito vivenciadas por ele, tais como as guerras inter-tribais por terras férteis. Na seqüência, mostramos a localização do povo Asuriní e a classificação da língua. Em relação à cultura, mostramos que apesar da influência não-indígena, ela apresenta traços conservadores. Na continuidade do capítulo discutimos um pouco sobre a educação formal não-indígena na aldeia e os trabalhos existentes sobre a língua, tanto aqueles de natureza antropológica, quanto aqueles de natureza lingüística.

No capítulo 2 tratamos de aspectos da fonologia segmental da língua. A elaboração desse capítulo deu-se pelo o fato de ainda não existir uma descrição dos fonemas da língua capaz de proporcionar uma descrição razoável de sua gramática, haja vista que não se tinha sequer o quadro completo de fonemas e os ambientes de ocorrência, salvo nosso trabalho (Pereira, 2005), mas de natureza bastante preliminar, como advertimos na introdução do trabalho, deixando de representar, inclusive, fonemas da língua. Nesse capítulo, são mostrados os fones da língua, sua distribuição e os quadros de fonemas, além disso mostramos algumas regras morfofonológicas e o acento na língua.

No capítulo 3, discutimos as classes de palavras da língua. Apresentamos critérios para a sua divisão em sete classes: nome, verbo, pronome, demonstrativo, advérbio, posição e partículas. Dessas sete classes de palavras três são abertas (nome, verbo e advérbio) e as outras quatro são fechadas.

No quarto capítulo, tratamos de fenômenos relacionados a subconstituintes da oração. Nele discutimos aspectos como a marcação de caso na língua, a oposição nome /verbo x argumento/ predicado. Além disso, mostramos a estrutura dos sintagmas nominal e verbal da língua.

O capítulo 5 trata das orações independentes, sua classificação é feita segundo a natureza do predicado e de acordo com os atos de fala. Ao longo do capítulo são discutidas a estrutura dessas orações e sua divisão.

No capítulo 6 tratamos das sentenças complexas, que compreendem as coordenadas e as subordinadas. Mostramos sua classificação em sub-tipos e como são estruturadas morfológica e sintaticamente.

0.5 Transcrição utilizada

Neste trabalho utilizamos a transcrição fonológica. Para fins ilustrativos, apresentamos a seguir os quadros de fonemas da língua. Com o objetivo de facilitar o trabalho de transcrição dos exemplos, substituímos alguns símbolos fonéticos que representam alguns fonemas por letras do alfabeto ocidental.

Quadro I - fonemas consonantais da língua

		Bilabial	alveolar	pós-alveolar	palatal	velar	glotal
oclusivas	surdas	/p/	/t/			/k/	/ʔ/
	labializada					/kw/	
Nasais		/m/	/n/			/ŋ/	
Fricativas	surdas	/ɸ/					/h/
	sonoras	/β/					
Africadas	surda			/tʃ/			
	sonora			/dʒ/			
Tepe			/ɾ/				
aproximantes		/w/			/j/		

Quadro II- fonemas vocálicos

	Anteriores		Centrais		Posteriores	
Fechada	/i/	/ĩ/	/i/	/ĩ/	/u/	/ũ/
Meio-fechada		/e/ / ẽ/				
Aberta		/a/ /ã/				

Transcrição utilizada nos dados

Fonema	Representação
/p/	p
/t/	t
/k/	k
/ŋ/	,
/kw/	kw
/m/	m
/n/	n
/ŋ/	g
/f/	f
/β/	v
/dʒ/	dj
/tʃ/	tx
/h/	h
/r/	r
/w/	w
/j/	j
/i/	i
/ĩ/	ĩ
/i/	y
/ĩ/	ỹ
/u/	u
/ũ/	ũ
/e/	e
/ẽ/	ẽ
/a/	a
/ã/	ã

Como veremos no capítulo II, o acento parece ser previsível na língua, recaindo na última sílaba do radical, logo as palavras não serão acentuadas. Além disso, há mudanças morfofonológicas na língua (ver capítulo II).

Capítulo 1

Aspectos históricos, culturais e sociolingüísticos dos Asurini do Xingu

Nesta parte, mostraremos aspectos da história do povo asurini do Xingu, como se deu a sua descoberta por não-indígenas e como foram os primeiros contatos com o grupo. Em virtude da escassa literatura sobre esse grupo, as informações que constam neste trabalho, em sua maioria, são provenientes de observações feitas *in loco* durante nossos trabalhos de campo¹, relatos dos asurini mais velhos² e perguntas diretas sobre determinados fatos que já havíamos observado ou perguntas feitas com base em nossa leitura antropológica a respeito de aspectos que julgávamos, com base nessa leitura, importantes para um melhor conhecimento do grupo. Em relação à literatura sobre o grupo, usamos como apoio todas as obras de que temos conhecimento tratar dos Asurini do Xingu, são elas: Nimuendajú (1896), Coudreau (1977)³ e Müller (1993), dessas obras apenas a última trata exclusivamente dos Asurini do Xingu, mas não corresponde fielmente à realidade de hoje da aldeia. Conforme colocação da autora, essa obra baseada em dados coletados entre os anos de 1974 e 1982, é importante para o conhecimento do grupo, mas na nossa visão, muitas coisas se transformaram e outras foram incorporadas ao grupo depois dessa época. A obra de Coudreau é uma espécie de diário de viagem⁴, e a de Nimuendajú trata das tribos que habitavam a região do Rio Tocantins e as regiões do baixo e médio Rio Xingu.

¹ Nossos estudos com este grupo iniciaram-se em 2003.

² Os relatos eram feitos em geral para uma platéia e alguns desses relatos foram gravados e transcritos por nós com a ajuda de Myra Asurini. A transcrição foi feita na língua Asurini do Xingu com tradução em Português.

³ A primeira versão dessa obra data de 1859-1896.

⁴ Lauro Sodré, governo do Pará na época, formou uma expedição pelo rio Xingu, cujo objetivo era saber o que existia por aquelas terras do Pará. O comando era de Coudreau que ia registrando tudo que era observado desde os pontos do Rio Xingu aos moradores da região, e é através desse trabalho que ficamos sabendo da existência das tribos aborígenes que habitavam naquela região pelos anos de 1856, época da expedição.

Além de abordarmos aspectos da história do grupo, procuramos abordar também aspectos sócio-culturais, a classificação da língua Asurini do Xingu na família Tupi-Guarani, a situação sócio-comunicativa do grupo, a educação formal não-indígena entre o povo, juntamente com a questão do bilingüismo e, por último, os trabalhos que existem sobre a língua.

Ao longo do capítulo, procuramos demonstrar o grau de conservação da língua e da cultura asurini, mostrar como os asurini mais velhos vêem a questão da preservação da língua e sua preocupação por manter tanto a sua conservação quanto a cultura entre seu povo. Mostramos também que houve algumas transformações culturais no grupo.

1.1 O povo Asurini: as primeiras notícias e o contato com o grupo

As primeiras notícias que se tem sobre o grupo asurini datam do século XIX. Trabalhos de Nimuendajú (1948) e Coudreau (1977) relatam como ocorreram as primeiras notícias desse grupo e seus primeiros contatos. Conforme Nimuendajú, os Asurini estavam localizados no território que compreende a margem direita do Rio Bacajá e a margem direita do Rio Xingu. Não temos conhecimento de trabalho anteriores ao de Nimuendajú que relate sobre a vivência e/ou migração dos Asurini para essa região.

Os primeiros relatos escritos que se tem sobre a região do Xingu paraense, datados do século XIX, e nosso conhecimento atual sobre a área, dão indícios de que essa região sempre foi habitada por índios e ribeirinhos, ficando estes últimos na parte do rio mais próximo a Altamira e a parte mais para cima, até São Félix do Xingu, habitada pelos índios. Coudreau, em sua viagem pelo Rio Xingu, relata sobre as tribos indígenas que habitavam o Médio e Baixo Xingu:

‘Quem viaja ao Xingu paraense quase que só escuta falar de tribos indígenas, dos açurinis (sic), dos penas, dos jurunas, dos axipaies (sic), dos araras, dos curinais, dos araras bravos, dos carajás, dos caruriás ou mundurucus’ (itálico do autor) (COUDREAU, 1977, p. 37).

Os primeiros contatos dos Asurini com os não-índios foram bastante hostis. Foi registrado um ataque a um regional em 1894, em Praia Grande, acima da foz do Rio Bacajá e à margem direita do Rio Xingu (Nimuendajú, 1948). Por sua vez, Coudreau (1977) afirma ter havido novo ataque dos Asurini em 1896, na serra do Passahy, também na Praia Grande:

“Este ano, eles atacaram em dois pontos: em janeiro passado foi na Serra do Paçaí de Cima, onde crivaram com onze flechas um seringueiro que todavia não morreu; e em junho, foi na Praia Grande. Ali foram atacados dois seringueiros. Um escapou; o outro, ferido, morreu tentando salvar-se a nado.” (COUDREAU, 1977, p.37)

Esses constantes ataques deram aos asurini a fama de ferozes e selvagens. Tanta hostilidade tornava a margem direita do Rio Xingu inacessível ao não-índio. Desde então, essa terra passou a ser denominada pelos moradores de Altamira ‘terra dos Asurini’, nome que se mantém até os dias atuais.

As guerras inter-tribais entre os indígenas parece ser característica marcante no século XIX e início do século XX naquela região⁵: Asurini, Kayapó, Parakanã, Araweté... parece que todos os grupos que lá viviam guerreavam entre si. Segundo relato de Apevu Asurini, esses grupos guerreavam por duas razões principais: a disputa pela terra e a disputa pelas mulheres do outro grupo. Quando um grupo atacava o outro, havia, em geral, duas saídas: ou o grupo atacado fugia ou enfrentava o grupo inimigo guerreando até a morte e/ou até que um se desse por vencido. Em um relato de Patuá Asurini, 81 anos, falecida em 2006, é contado como se deu um confronto entre os Asurini do Xingu e os Kayapó, provavelmente na década de 40 ou 50⁶. Os Kayapó a roubaram⁷ e a uma de suas irmãs, o seu marido na tentativa de resgatá-la, acabou morto. Patuá ainda conseguiu fugir e reencontrar seu grupo. Apesar de todos aqueles grupos guerrearem entre si, pelos relatos que ouvimos, parece terem

⁵ Provavelmente, as guerras tenham sido uma constante entre os grupos daquela região, mas não conhecemos relatos anteriores ao século XIX.

⁶ Patuá não fez menção ao tempo, mas diante o fato de ela ser bem jovem e em 1971 já ter ocorrido o primeiro contato, pensamos que talvez tenha sido por essa época.

⁷ Segundo relatos dos Asurini do Xingu, naquela época era freqüente o roubo de mulheres e crianças por grupos inimigos. Conforme Apevu Asurini, esse tipo de roubo se dava em virtude de o grupo inimigo ou não ter mulher para todos os homens e /ou querer aumentar o grupo, que muitas vezes era reduzido em virtude das guerras inter-tribais.

sido os Kayapó os mais temidos pelos Asurini. Assim, a situação de fuga era uma constante entre os grupos, levando-os a construir e, posteriormente, deixarem suas aldeias diante dos ataques inimigos. Vale ressaltar também que a escassez de alimentação era outro fator que contribuía para os grupos abandonarem suas aldeias.

Após diversas tentativas de contato e recusa por parte dos índios, finalmente o contato não-hostil entre os Asurini e os não-índios, representados pelo padre Anton Lukesch e a FUNAI, ocorreu em 1971. A decisão de contato com o não-índio, por parte dos Asurini, foi uma tentativa de conseguir aliados para não continuarem fugindo de tribos guerreiras como os Kayapó que os obrigavam constantemente à situação de fuga, deixando assim suas terras (cf. Müller, 1993, p. 36)

Atualmente, existem dois grupos de asurini: um que vive em Trocará e outro que vive no Xingu. Como já mencionado, este trabalho está voltado para o Asurini do Xingu. Ao que parece, os Asurini do Xingu e os asurini do Tocantins são provenientes de um mesmo grupo; segundo Apevu Asurini, a separação deu-se durante um confronto com um grupo inimigo, então, durante a fuga o grupo teria se dispersado. Coudreau (1977) faz o seguinte relato:

“Dizem dos açurinis que habitavam exclusivamente a margem direita, das proximidades de Piranhaquara à Praia Grande. Seriam os mesmos índios que se conhece no Rio Tocantins pelo nome de ‘veados’. O grosso desta tribo estaria, ao que parece, no Rio Bacajá Grande, a partir de um dia ou dois da ‘volta’ do baixo Xingu, mas sempre nas florestas centrais e nunca nas margens. Os açurinis mansos e civilizados no Tocantins onde são conhecidos pelo nome de veados, não são ferozes senão no Xingu, onde fazem anualmente diversos ataques e, coisa curiosa, com um sucesso constante e até mesmo crescente...” (COUDREAU, 1977, p. 37)

Entretanto, hoje os dois grupos são tidos na literatura como grupos distintos. Os Asurini do Xingu vivem em uma única aldeia⁸, no Xingu paraense, conforme veremos mais adiante. O nome Xingu é acrescentado a asurini para distinguir do outro grupo que vive em Tocantins que já é conhecido na literatura apenas pelo nome asurini.

Como poderemos constatar mais adiante, a língua Asurini do Xingu é classificada por Rodrigues e Cabral (2002) como pertencente ao grupo V da família Tupi-Guarani, juntamente com Araweté, Ararandewára-manáje e Anabé do Cariri; ao passo que o Asurini do Tocantins aparece no grupo IV, conforme a classificação de Rodrigues e Cabral (2002).

Os Asurini do Xingu se autodenominam *avaite* ‘gente de verdade’ em oposição a *karai* ‘não-indígena’⁹.

1.2 Aspectos sócio-culturais dos Asurini

Como uma sociedade bem organizada, os Asurini do Xingu possuem chefes políticos e religiosos que cuidam da organização e dos princípios da sociedade asurini, preocupando-se com a manutenção da cultura do grupo, seja através de rituais como o Maraká e o Turé, seja através das condições de realização do casamento.

Desde os primeiros contatos da sociedade asurini com a cultura ocidental, pode-se observar que ocorreram algumas transformações naquela, entretanto, tais transformações não foram suficientemente fortes a ponto de se dizer que essa sociedade seja inovadora. Há pontos de inovação, como podemos ver mais adiante, a entrada de alguns produtos industrializados, mas o povo ainda conserva muito dos costumes anteriores ao contato com órgãos oficiais.

⁸ A aldeia está localizada na margem direita do Rio Xingu, já mudaram de aldeia, mas mantêm-se na mesma direção, a mais ou menos cinco horas de voadeira ou doze horas de barco com relação à Altamira. A aldeia foi denominada de Kwatinemu.

⁹ O nome *karai* parece ser um palavrão na língua Asurini do Xingu, mas eles se recusaram a dizer o que significa, já percebemos, no entanto, que quando querem xingar alguém, mesmo que esse alguém seja asurini, eles chamam *karai*, assim como xingam chamando “filho de aninga”, *grosso modo*, uma tradução próxima a ‘filho do mau’ na língua Portuguesa.

A seguir, trataremos de alguns aspectos da sociedade e da cultura asurini tanto no que tange a transformações quanto ao que se refere à conservação. A escolha de um aspecto e não de outro está relacionado ao conhecimento (ainda incipiente) que temos do grupo¹⁰ e o destaque de um aspecto em frente ao outro, seja por ser mais importante para o grupo, seja por está mais saliente.

Os Asurini do Xingu mantêm o estilo de moradia de décadas anteriores. Em relação ao formato das casas, elas são cobertas de palha e as paredes são feitas de palhas ou de barro. Em geral, essa casa é o lugar de descanso¹¹, as refeições são feitas e as visitas recebidas em uma cobertura que fica adjacente à casa, local onde eles também cozinham as refeições e descansam após o almoço. Esse local também é usado pelas mulheres para costurar, fiar ou pintar (tecido, cuia). As casas são habitadas por núcleos familiares, isto é, os membros pertencentes a uma família constroem suas casas próximas umas das outras e assim a aldeia forma uma espécie de figura oval, ficando a casa grande no centro. Na cultura asurini, após a morte de uma pessoa, as pessoas mais próximas ao morto trocam seus nomes. Uma das razões para isso, segundo Myra Asurini, é o não reconhecimento da(s) pessoa(s) por parte do espírito, pois se ele resolvesse voltar para levá-la (s) para onde ele está, esta (s) já estaria(m) com nomes diferentes e ele não a(s) reconhecendo mais não a(s) poderia levar.

A casa grande é o nome que se dá para o local onde os mortos são enterrados. Há uma preocupação muito grande entre os Asurini do Xingu em manter essa casa sempre bonita, isto é, limpa, capinada, e quando as palhas ou as madeiras dão sinais de velhice, é feita nova reforma. Müller (1993) relata que a casa grande, além de cemitério, servia de moradia para os Asurini. Os Asurini mortos eram enterrados de um lado da casa, e as famílias residiam no outro lado da casa. Atualmente, nenhum Asurini mora nela. O fato de mortos e vivos não dividirem mais o mesmo ambiente mostra uma mudança na forma de pensar dos Asurini.

¹⁰ Uma fonte importante para alguns conhecimento que adquiramos sobre a sociedade e a cultura do grupo tem sido a transcrição de narrativas dos asurini mais velhos. Nelas ficamos sabendo um pouco sobre hábitos alimentares, sobre crenças e organização do grupo para o trabalho e a partir disso podemos confrontar com o que observamos na atualmente na aldeia.

¹¹ A tradução mais próxima em nossa cultura seria dormitório. Mas suas características são um tanto distintas, pois é lá que a família também se reúne para conversar no início da noite.

Os Asurini mais velhos ainda andam nus. Com relação às mulheres, em geral é na parte de cima que elas não usam roupa, ficam, na maioria das vezes, apenas de calcinha, é mais raro vê-las totalmente nuas; já as mulheres mais novas quando ficam sem se vestir, é apenas a parte de cima que fica sem roupa. Os homens mais velhos usam uma espécie de cinto um pouco abaixo do umbigo para prender o pênis, outras vezes se vestem como os mais novos que, em geral, usam bermudas, calças compridas, camisetas ou ficam de sungas.

Uma das mudanças observadas nos costumes do povo Asurini se refere ao uso de ferramentas e de alguns utensílios, que antes do contato não eram usados por eles . Os Asurini assimilaram completamente os costumes do não-índio ou da cultura ocidental, mais propriamente dita nas seguintes atividades: caçam com espingardas; cortam lenha com machado, facão e pescam com rede e/ou anzol. Apesar de confeccionarem, já não usam as panelas e tigelas de barro, as cuias ainda são usadas, mas os outros utensílios são de alumínio ou louça que eles adquirem em Altamira, cidade mais próxima, ou ganham de seus visitantes. Com as redes a situação é semelhante, os Asurini confeccionam-nas, mas elas são basicamente usadas para o repouso durante o dia, sendo que à noite as redes utilizadas por eles são aquelas adquiridas em Altamira.

Outra transformação observada na cultura asurini é em relação à alimentação. Os produtos industrializados já adentram a aldeia, os índios compram, principalmente, óleo, café e açúcar, os biscoitos são menos freqüentes, mas eles gostam muito e sempre que podem compram. Além da alimentação, produtos como pilhas, lanternas e miçangas são bastante consumidos pelos índios. A aquisição dessas coisas se deu mediante ao poder de compra que o índio passou a ter, proveniente da aposentadoria dos índios mais velhos e da venda de castanhas e de outros produtos da terra. Apesar disso, devemos deixar claro que a maior parte da alimentação dos Asurini provém da agricultura, da pesca e da caça. Há bastante fartura na aldeia, tem muito peixe, muita caça e a terra é bem fértil. Este ano, segundo Myra Asurini, havia tanto porco na aldeia que parte de suas roças foi destruída por eles.

O uso de produtos eletrônicos ainda é bem incipiente, na aldeia há apenas três aparelhos de som. Em nenhuma das casas há aparelho de televisão, apenas na escola há um desses aparelhos.

O povo Asurini realiza algumas festas tradicionais ao longo do ano. As festas, em geral, são feitas durante as safras de um dado produto. Assim, dentre outras, há a festa do veado e a festa do milho. Essas festas são feitas com o objetivo de comemorar e ao mesmo tempo agradecer aos espíritos pela fartura. Em 2004, participamos da festa do veado e em 2005 da festa do milho. Elas ocorrem em forma de rituais. A festa do veado, por exemplo, apresenta dança e canto típicos para invocar a presença do espírito do veado. Foram três dias de festa.

Entretanto, parece que esses rituais estão perdendo um pouco de sua vitalidade. Durante o Maraká arafu'a "Festa do veado", muitos jovens não foram participar. Ao ser interrogados de o porquê não tinham ido à festa, eles responderam rindo, dizendo que não eram "veados", fazendo associação entre o termo "veado" e homossexualismo, tão difundida na cultura brasileira.

Os Asurini mais velhos reclamam que muitos dos Asurini mais novos já não se interessam por aprender a arte dos antigos. Em uma das vezes que assistimos a um ensaio de turé, havia apenas três jovens tocando. Já não é comum se ver na aldeia os meninos confeccionando utensílios com paus, penas e palhas; já os mais velhos fazem-no com bastante frequência. As meninas, em geral, usam apenas miçangas para confeccionarem brincos, pulseiras, etc. Elas dizem que as sementes são muito duras para furar, mas aprendem a furá-las, a fazer cerâmica etc., as penas de aves já não são tão utilizadas na confecção de brincos e colares.

Um aspecto da cultura asurini, que ainda é bastante conservado na aldeia, é a divisão do trabalho. Somente os homens pescam, caçam e derrubam as matas, já às mulheres cabe fazer a plantação, a colheita dos produtos, ralar a mandioca e cuidar da casa e dos filhos. A capina da roça e a torração da farinha podem ser feitos por homens e mulheres.

O casamento na cultura asurini do Xingu deve ocorrer somente entre as pessoas do grupo e ainda obedecendo a algumas restrições. Kwa'ĩ Asurini casou-se com uma

mulher munduruku, mas foi um transtorno muito grande na aldeia, pois o grupo não aceitava a união. Então, Kwa'ĩ ameaçou deixar o grupo e ir viver com a munduruku. Após diversas reuniões entre as autoridades, foi resolvido, que ele poderia casar-se com essa mulher. Em 2006, uma professora¹² não-indígena foi expulsa da aldeia por suspeita de envolvimento com um Asurini.

A cultura asurini, como podemos observar através do que foi exposto até aqui, apresenta aspectos bastante conservadores e aspectos que evidenciam a influência da cultura de outro povo. Uma dessas influências pode ser observada em relação ao casamento que era poliândrico geracional (casamento de uma mulher com um homem mais novo e outro mais velho, simultaneamente) e hoje é basicamente monogâmico. Os jovens dizem não aceitar que seu cônjuge tenha mais de uma pessoa.

Conforme Müller (1993), a população da aldeia 'Kwatinemu', em 1982, era composta por 79 índios Asurini, 2 índios Arara e 1 Kayapó, o que totalizava 82 pessoas, sendo bem reduzido o número de crianças, o que tornava o grupo ameaçado de extinção já que as mulheres não estavam ou estavam procriando pouco. No ano do contato, 1971, Cotrim registrou uma população infantil que representava apenas 7,8% do total. De 26 mulheres adultas, apenas 10 geraram filhos e das 07 com mais de quarenta e cinco anos, apenas uma. Segundo a autora supra-citada, o baixo índice de natalidade estava relacionado a uma série de regras culturais, como o casamento poliândrico geracional – dado o baixo índice de natalidade, em geral não se tinha o homem mais novo, então, normalmente, o casamento ficava sem filhos. A idade ideal da mulher para ter o primeiro filho era entre 20 e 25 anos, o que retardava o crescimento da família. E, finalmente, havia problemas com a situação econômica e a disponibilidade do grupo doméstico para sustentar a criança e os seus pais nos primeiros meses de vida, bem como a tendência de uma família nuclear não exceder o número de dois filhos.

No entanto, ao entrar na aldeia pela primeira vez em junho de 2004, constatamos que o número de Asurini era bem maior do que aquele apontado por Muller (1993). Eram 119 índios asurini, sendo 27,5 % da população crianças de 0-5 anos de idade. Pensamos de imediato que o explosivo aumento da população infantil estaria ligado à

¹² como veremos mais à frente, todos professores da aldeia asurini não são Asurini .

mudança de costumes do povo, então trabalhamos com essa hipótese. Assim, além de estudar o fenômeno lingüístico, passamos a observar também os costumes do grupo, procurando compará-los com aqueles que conhecíamos através da leitura do livro *Asurini do Xingu: história e arte* (Muller, 1993).

Percebemos que o número e idade de mulheres com filhos e o número de filhos por família eram bem superior ao que constava em Muller (1993). Quase todas as mulheres casadas tinham filhos. O número de filhos por família, que era até dois nas décadas de 70-80, aumentou significativamente, há famílias com até oito filhos; meninas com 12 anos de idade já são mães. Segundo as asurini mais velhas, o número de criança na aldeia era bem menor do que é atualmente em virtude de elas evitarem filhos, pois tribos indígenas inimigas, além de roubarem as mulheres, roubavam também as crianças, e, além disso, faltava alimentação para as elas (crianças). Assim, as mulheres ao ficarem grávidas abortavam. Um dos meios de abortar, segundo as asurini mais velhas, era ficar batendo na barriga até perder a criança. Diante dessas informações, pensamos que para se avaliar o aumento da população infantil, devemos considerar três hipóteses: a mudança de situação financeira dos Asurini, que hoje é significativamente melhor que a de décadas anteriores, o fato de não conviverem mais com o medo de terem sua aldeia invadida por outros grupos inimigos e de terem suas mulheres e filhos roubados por eles, e também às mudanças culturais, como a mudança do casamento poliândrico geracional ao monogâmico e a idade da mulher ter o primeiro filho, que diminuiu significativamente em relação às décadas anteriores.

1.3 A língua Asurini do Xingu

1.3.1 Classificação genética e localização geográfica

Asurini do Xingu é uma das línguas pertencente à vasta família Tupi-Guarani (Rodrigues, 1986). Essa família lingüística é a mais conhecida e difundida na Amazônia são cerca de quarenta e sete línguas, faladas em vários pontos do Brasil, no Norte da Argentina, no Paraguai, na Bolívia e na Guiana Francesa.

A dispersão dessa família é explicada, segundo Rose, (2003) pelo fato de o povo Tupi-Guarani ser o que mais migrava dentre os povos Tupi. Em Jensen (1999) encontramos informações de como se deu essa migração:

“Rodrigues (pc.) suggest four basic waves of migration to account for the present widespread dispersion of languages: a wave of migration to the south where the Guaranian languages developed, a wave to the east into Bolivia where Sirionó and Guarayu developed, a wave east to the Atlantic coast where Tupinambá developed and a wave (or several waves) to the north and east into the greater Amazon region” (JENSEN, 1999, p.129)

Segundo Jensen (1999), uma particularidade notável nas línguas da família Tupi-Guarani é a grande similaridade que elas apresentam entre si na morfologia e nos itens lexicais:

‘As one of the seven branches of the Tupí family, Tupí-Guaraní is noted for a high degree of lexical and morphological similarity among its member languages in spite of their extensive geographical separation’ (JENSEN, 1999,p. 128)

O povo Asurini do Xingu mora numa única aldeia, como já dito anteriormente, localizada à margem direta do Rio Xingu, no Médio Xingu, no município de Altamira, estado do Pará. Geograficamente, esse povo está adjacente aos Parakanã (Tupí-Guaraní), Araweté (Tupí-Guaraní), Xipaya (Juruna), Kuruaya (Mundurukú), Arara do Pará (Karib) e Kayapó (Jê). Cada grupo indígena, com exceção do Xipaya, fala sua língua nativa como primeira língua, isso dá à região um caráter plurilinguístico, onde todas as línguas convivem pacificamente.

Rodrigues (1985), baseando-se em elementos fonológicos e em alguns aspectos gramaticais de 42 línguas Tupí-Guaraní, propôs oito subgrupos para essa família. O Asurini

ficou no subgrupo V, juntamente com o Kayabi e o Araweté (?) (interrogação do autor), pelo fato de manter com essas línguas as seguintes características em relação ao Proto- Tupí:

- a) conservação das consoantes finais;
- b) fusão de *tx e *ts, ambos passando para h ou Ø;
- c) *pw >ϕ;
- d) * pj → s;
- i) *ʒ → dʒ;
- j) marcas de terceira pessoa masculina, feminina e plural.

Rodrigues e Cabral (2002) propõem nova classificação interna para a família Tupi-Guarani. Nessa nova classificação são reformulados alguns critérios apresentados na anterior e acrescentados mais dados fonológicos e gramaticais. O subconjunto V, no qual continuou o Asurini do Xingu, mas dessa vez isolado, ganhou novos membros: Araradewára-Amanajé e Anambé do Cariri, sendo estes mais próximos ao Araweté que ao Asurini do Xingu.

O Asurini do Xingu é classificado nesse conjunto pelas seguintes características:

- a) Única língua do subconjunto que preservou consoantes finais;
- b) possuir um conjunto de prefixos co-referenciais que ocorrem em verbos intransitivos e em nomes, o que o aproxima morfológicamente do Araweté e
- c) fonologicamente, compartilha com o Araweté a mudança de *ó # em á #, e provavelmente a forma é para a terceira pessoa feminina no Asurini do Xingu e e ~ ee para terceira pessoa feminina no Araweté. Com as demais línguas do conjunto compartilha a mudança de ã (N) # em ã e pw em ϕ.

Com essas características, o Asurini do Xingu permanece no subconjunto V, apesar de agora está em uma linha isolado.

1.3.2 A língua Asurini do Xingu: situação sócio-comunicativa

O Asurini é uma língua, como tantas outras línguas, de tradição exclusivamente oral, é falada por aquele grupo de índios que habitam a aldeia Kwatinemu. A língua é usada na comunicação entre os Asurini mais velhos e está sendo aprendida pelas crianças como primeira língua. Acima dos 40 anos, são poucos os Asurini que falam e/ou entendem o Português. Mas já existe na aldeia um acentuado grau de bilingüismo, de forma que a comunicação diária entre os adolescentes e entre as crianças ora se dá em Português, ora em Asurini do Xingu, tendo diversas ocasiões em que um pergunta em Asurini do Xingu e o outro responde em Português e vice-versa.

O bilingüismo parece que vem crescendo proporcionalmente ao crescimento da população. Além disso, o contato com o não-índio ficou muito mais freqüente que nas décadas anteriores. Atualmente, há pessoas, como missionários, professores, enfermeiros e chefe de posto não-asurini residindo na aldeia. Dessa forma, há uma exposição muito grande dos asurini à língua e à cultura diferentes da sua. Diante disso, é praticamente impossível não ser influenciado pela língua de contato, no caso o Português, e pela outra cultura, pois como se sabe, um dos aspectos da assimilação cultural, bem como a assimilação da língua de contato, dá-se a partir da exposição de um grupo à outra língua e à outra cultura. E, em geral a cultura e a língua assimiladas são aquelas ditas de maior prestígio, neste caso a do grupo majoritário, assim como acontece com as variantes lingüísticas, um grupo que usa uma variedade não-padrão quando está em contato com um grupo que usa a variante padrão, tenta assimilá-la, já que esta variante dita de prestígio o tornará mais valioso perante o outro grupo. No caso dos Asurini, o uso da língua Portuguesa é imprescindível para a realização de negócios como a venda de castanhas, para o contato com o pessoal da FUNAI (Fundação Nacional de Apoio ao Índio), para falar com o pessoal da saúde, para comprar objetos quando vão a Altamira, para auxiliar os pesquisadores e para se comunicarem com os missionários que vivem na aldeia.

Entretanto, há uma grande preocupação por parte dos Asurini, em manter sua língua, bem como sua cultura. Os mais velhos estão sempre preocupados com o aprendizado das crianças, querem que elas aprendam primeiro a língua materna. As mães

nunca falam com as crianças abaixo dos cinco anos de idade em Português, sempre falam em Asurini. Há também a preocupação por parte dos mais velhos de que os jovens usem mais o Asurini na comunicação diária e aprendam a confeccionar os objetos de sua cultura. Além de observarmos esse comportamento dos asurini com relação a sua língua, pudemos documentar a preocupação. Durante uma transcrição de um MD (Mini-Disc) que havíamos deixado na casa de Muaíva para gravar as conversas do dia-a-dia e assim conseguirmos ver melhor as relações gramaticais da língua, dentre outros aspectos lingüísticos, aparece Boajva falando sobre a questão do aprendizado da língua. Nessa fala, ele mostra uma séria preocupação com isso, achamos que ele pensou que havíamos deixado o gravador lá para ele falar sobre como estava se dando o aprendizado da língua. Abaixo transcrevemos e em seguida traduzimos parte do que ele diz durante a gravação:

*“ure-ramũ ke myve ure paja -ỹm katukatu mama’e-
ma’e -apa-av-a txipe i-mume’u pap ure r-uviava ure-ve
“pe- mama’e- apa ei”. Amina ure-dje’eng pe-kwav-uu aĩgỹ ure
pava mẽ paj raka pene dje’ẽng mẽj’ĩma ei anira aga. Pene ø
dje’ẽng retedje gy irumi-r āmu u-djebu’e pawe pava. Ure i-mynera
ure ø-dje’ẽg r-etyka-ỹma (...) ure-ramũ mama’e r-enuna ami-ramũ,
ure mama’e t-upava, ja ure t-upava, mu’ira, kajdja....”*

Tradução:

‘Enquanto nós antigamente, nós não falávamos (português) nadinha, nossos velhos nos ensinaram um pouco de cada coisa- façam alguma coisa. Aquele que aprende a sua língua quando os mais velhos morrerem vai poder dizer: é assim mesmo que é nossa língua. Mas todos eles só querem aprender a língua de vocês (no caso Português). Nós, os velhos, não perdemos nossa língua, nós nomeamos as coisas: rede de alguém, nossa rede, colar, brinco...’

Através do que foi exposto até aqui, podemos observar que os Asurini mais velhos estão de fato preocupados com o aprendizado do Asurini, não apenas como primeira língua, mas também com a manutenção da comunicação em Asurini entre os jovens da aldeia.

Os Asurini da faixa-etária de 20 a 30 anos ficam extremamente tristes quando esquecem uma palavra de sua língua. Uma vez, quando coletávamos uma lista de palavras, Matuïa não conseguiu lembrar de uma palavra em Asurini, e ficou muito desapontada, e durante longo tempo ficou se interrogando: Será que estou perdendo minha língua?

Como percebemos, apesar de os Asurini serem um grupo pequeno e estarem expostos a outra língua e à outra cultura, valorizam sua língua e prezam pelo seu aprendizado. Esse é um fator muito positivo para a manutenção da língua Asurini entre seu povo, “O desejo de resgatar ou conservar uma língua indígena tem que partir dos seus falantes que têm que sentir uma necessidade de valorizar sua própria língua.” (Krauss (*op cit*), 1992, In Baines, 2007).

1.4 A educação formal não-indígena entre os Asurini

Em relação à educação formal não-indígena, atualmente, só existem na aldeia dos asurini professores não-indígena para ensinar as disciplinas do currículo de 1ª à 4ª e Asurini. Para o ensino do Asurini, há uma cartilha confeccionada pelos missionários e a cartilha *Língua Asurini do Xingu: observações gramaticais*, produzida por Monserrat e Irmãzinhas de Jesus, cujo objetivo, segundo as professoras que atuavam na aldeia em 2004, era auxiliar os professores no ensino do Asurini, mas que não estava sendo muito útil porque elas não compreendiam os termos empregados pelas autoras, não conseguindo, assim, transmitir o conteúdo. Em 2006, através de um concurso realizado pela Prefeitura Municipal de Altamira, foram contratados professores para aldeia, até então, havia um forte rodízio de professores naquela área.

Como dissemos acima, os professores da aldeia, apesar de não serem asurini e serem monolíngües em português, dão aula também de Asurini aos índios da aldeia, situação bastante preocupante. Como não bastasse não serem Asurini e não saberem a

língua, eles não têm formação lingüística, tendo cursado apenas o Ensino Médio (agora, depois de um certo tempo estes professores estão cursando uma graduação em pedagogia), além disso, não passaram por nenhum curso de formação de professores indígenas antes de irem ensinar na aldeia. Pudemos observar, em uma das vezes em que estivemos na aldeia fazendo trabalho de campo, uma professora ensinando às crianças asurini a pronunciarem uma palavra que tinha a vogal alta central não arredondada, **ɨ**, como se essa vogal fosse a vogal alta anterior não arredondada, **i**. E isso pode tanto levar a uma mudança da língua, já que essas crianças de hoje serão os futuros falantes da língua, quanto a sérios problemas no aprendizado da língua, uma vez que **ɨ** e **i** constituem fonemas distintos na língua. Os Asurini ainda são bastante ingênuos com relação a essa situação, eles têm em mente que aquelas pessoas que estão lá como professores é porque sabem muito e podem inclusive ensinar-lhes sua língua (deles) porque elas sabem ensinar português.

Além dos professores não-indígenas na aldeia, há também os missionários que confeccionam cartilhas para o ensino do asurini. Então, resumindo-se tem a seguinte situação: missionários confeccionam as cartilhas para o ensino do Asurini e professores não-indígenas executam as aulas.

Há duas propostas de ortografia para a língua Asurini, feita por Monserrat e Irmãzinhas de Jesus (1998), na já citada cartilha: *Língua Asurini do Xingu: observações gramaticais* e outra proposta por um grupo de missionários, a respeito dessa última não temos conhecimento. Após fazermos um estudo sobre a fonologia da língua, constatamos que há três fonemas que não estão representados na ortografia da língua proposta por Monserrat e Irmãzinhas de Jesus. O fonema /ɸ/ é representado como um alofone de /p/, e [ʒ], [ɲ] e [j] são representados pelo grafema **j**, quando tratam-se de dois fonemas distintos: /ʒ/ e /ɲ/, estando [ʒ] em distribuição complementar com [j].

Em relação aos Asurini não ocuparem os postos que hoje são ocupados pelos não-indígenas, há a falta de um mínimo de formação. Primeiro porque a escola só detém o ensino de 1^a a 4^a séries primárias, aqueles índios que terminaram a quarta série ou pararam de estudar ou continuaram estudando a quarta série. Não conhecemos nenhuma proposta da

SEDUC (Secretaria Estadual de Educação) ou da SEMED (Secretaria Municipal de Educação) para aumentar o nível de escolaridade na aldeia ou dispor de outro meio para que os Asurini possam continuar estudando.

1.5 Estudos prévios sobre o Asurini

Os trabalhos de que se tem conhecimento, feitos sobre a língua Asurini do Xingu são Lukeschi (1996), Nicholson (1982), Monserrat e Irmãzinhas de Jesus (1998) e Silva (1998). O primeiro trabalho que listamos é de natureza antropológica, e consta de uma lista de palavras da língua e de informações sobre costumes do povo.

O trabalho de Nicholson é constituído de um quadro de fones da língua, de algumas notas gramaticais, como a classificação de formas verbais e nominais, e de uma lista de palavras organizada por campo semântico. O trabalho de Monserrat e Irmãzinhas de Jesus faz uma descrição geral e sucinta de alguns aspectos gramaticais da língua. E o estudo de Silva trata das marcas de pessoa na língua.

O nosso primeiro contato com a língua Asurini do Xingu deu-se em 2002, época em que fizemos um projeto como um dos requisitos para a seleção do Mestrado na UFPA (Universidade Federal do Pará), tendo como objetivo estudar alguns aspectos morfológicos e sintáticos da língua. A partir daí desenvolvemos os seguintes trabalhos: Marcas de pessoa em três línguas Tupí (Asurini, Kamaiurá e Xipaya), Split-s e Ordem em Asurini, uma monografia sobre a morfologia nominal e verbal da língua, a dissertação de Mestrado intitulada Aspectos morfossintáticos do Asurini do Xingu, Posse na língua Asurini do Xingu, Estudo fonológico da língua Asurini do Xingu (qualificação), Aspectos da nasalização na língua Asurini do Xingu e Incorporação nominal na língua Asurini do Xingu.

Com isso, vemos que o Asurini do Xingu ainda é uma língua pouco estudada, não tendo sequer uma descrição completa.

Para finalizar esse primeiro capítulo, reforçamos alguns pontos colocados ao longo dele. A sociedade asurini preserva chefes políticos e religiosos que cuidam da organização da sociedade, zelando para as que suas normas sejam obedecidas.

A língua Asurini do Xingu é preservada entre o grupo, mas na aldeia já se observa certo grau de bilingüismo entre o grupo, principalmente entre os adolescentes, o que tem causado uma séria preocupação aos mais velhos do grupo.

Esperamos ter ficado claro na parte que trata da educação formal a difícil situação em que a educação se encontra: de um lado falta preparo aos professores, de outro parece haver uma disputa entre missionários e antropólogos por uma proposta de ortografia, pois como vimos, cada um apresenta uma proposta diferente para o mesmo grupo, não chegando a um consenso.

A exposição do povo Asurini a outro povo e a outra cultura ocasionou algumas mudanças na cultura nativa, tais como a presença de alguns alimentos industrializados, ferramentas, mudança no sistema de casamento na aldeia. Entretanto, aspectos como crenças, rituais, pinturas corporais, dentre outros permanecem na cultura.

Em uma análise prévia sobre os costumes do grupo e a língua Asurini, tendemos a dizer que eles estão mais para conservadores que para inovadores.

Esperamos que este trabalho traga alguma contribuição à literatura sobre o povo asurini, ainda pouco conhecido.

Capítulo 2

Aspectos fonológicos da língua Asurini do Xingu

Nesta parte, apresentamos uma descrição da fonologia segmental da língua Asurini do Xingu. Essa parte se justifica pelo fato de os trabalhos anteriores serem bem preliminares, não dando conta sequer do quadro de fonemas da língua, sendo, dessa forma, necessário novo trabalho a fim de depreender os fonemas da língua para que se pudesse dá seqüência ao seu estudo gramatical.

A metodologia básica deste trabalho é a fonêmica proposta nos trabalhos de Pike (1947). Segundo essa orientação, a depreensão dos fonemas de uma língua deve ser feita com base em três aspectos: contraste, variação e distribuição.

A análise aqui apresentada, diferencia-se das anteriores em relação à apresentação de dados, critérios adotados, fones e número de fonemas, além de notas sobre padrão silábico, acentuação e regras morfofonológicas que inexistem nos trabalhos anteriores, salvo nota sobre a acentuação em Monserrat e Irmãzinhas de Jesus (1998) ao mostrar como as palavras devem ser pronunciadas na língua. Todos esses aspectos são comentados ao longo deste capítulo.

2.1. Consoantes do Asurini

Quadro 1- Fones do Asurini do Xingu

		bilabial	alveolar	pós-alveolar	palatal	velar	glotal
oclusivas	Surdas	p p ^h	t t ^h			k k ^h	ʔ
	Sonora	b	d			g	
	labializada					kw	
Nasais		m	n		ɲ	ŋ	
pré-nasais		mb	nd			ŋg	
Fricativas	Surdas	ɸ		ʃ			h
	Sonoras	β		ʒ			
Africadas	Surda			tʃ			
	Sonora			dʒ			
Tepe			r				
Aproximantes		w			j		

2.1.1 segmentos semelhantes

2.1.2.1 Segmentos oclusivos

Os fones oclusivos desvozeados **[p, t, k]** realizam-se como aspirados em final de palavra, depois de vogal alta.

[p, p^h]

(01)

[pã'ɲẽ]	'pajé'
[i'pa]	'cipó'
[a'kup ^h]	'quente'
[ae'nup ^h]	'eu escuto'

[t, t^h]

(02)

[tupa'ima]	'corda'
[ta'ta]	'fogo'
[atipe'i t ^h]	'eu varro'
[ε'ʔit ^h]	'assa!'
[uɸu'ɸut ^h]	'ferver'

[k, k^h]

(03)

[ka'ʔa]	'mato'
---------	--------

[ia'kĩ]	'lenha
[api'rik ^h]	'eu peido'
[uε'tik ^h]	'ele derruba'
[upi'ʔik ^h]	'ele pega'

Conforme mostram os dados (01), (02) e (03), Os segmentos fonéticos [p] e [p^h]; [t] e [t^h]; [k], e [k^h] estão em distribuição complementar nos seguintes ambientes: os fones aspirados ocorrem em final de palavra, depois de vogal alta; nos demais ambientes realizam-se [p, t, k]. Dado o fato de os fones oclusivos, explodidos ou não, serem mais naturais nas línguas, e, portanto, mais produtivos, eles passarão a representar fonologicamente os fones oclusivos aspirados.

[k, k^w]

(04)

[-'kwaβ]	'saber'
['kaβ]	'gordura, banha'
['kwara]	'buraco'
[u'kara]	'terreiro'

Os dados acima mostram os segmentos [k] e [kw] em oposição e em ambientes análogos, o que indica que cada um deles pode ser considerado fonema. Em relação ao [k], cabe ainda compará-lo com o segmento [ʔ].

[k, ʔ]

(05)

[a'ka]	‘casado’
[-a'ʔa]	‘carne’
[a'kup ^h]	‘quente’
[a'ʔu]	‘eu comi/bebi’
[ka'ʔa]	'mato'
[ʔara]	'dia'

Como se pode observar através dos dados, /k/ e /ʔ/ ocorrem em ambientes semelhantes, formando, pois, par mínimo e pares análogos, o que os caracteriza como fonemas distintos.

2.1.2.2 Segmentos nasais

[m, n, ŋ]

(06)

[a'mũ]	‘outro’
[a'nũ]	‘espécie de pássaro’
[a'mĩn]	‘eu junto’
[a'jĩn]	‘eu corro’
[e'mũn]	‘coça!
[e'jũ]	‘não’
[enu'ne]	‘na frente’

Conforme mostram os dados acima, os contrastes entre os segmentos [m,n,ɲ] sugere que estes podem ser fonemas. Agora, resta ainda a verificação da ocorrência desses segmentos com outros segmentos semelhantes. Em relação a [ɲ] cabe compará-lo com a nasal velar [ŋ] e em relação a [m], [n] e [ɲ] cabe verificá-los com as oclusivas sonoras e as pré-nasais.

[ɲ, ŋ]

(07)

[ɲĩ]	'castanha'
[ku'ɲĩ]	'mulher'
[pa'ɲẽ]	'pajé'
[tʃĩŋ]	'branco'
[pĩ'riŋ]	'vermelho'
[a'kĩŋ]	'cabeça'
[ʔẽŋ]	'fala, língua'

Os dados indicam que [ɲ] e [ŋ] podem ser alofones de um mesmo fonema, pois parecem ocorrer em distribuição complementar: o primeiro ocorrendo no início de sílaba e o último em final de sílaba. Cabe ainda verificar a ocorrência de [ɲ] com relação a [j].

2.1.2.3 Oclusivas sonoras, nasais e pré-nasais

Na língua Asurini do Xingu, as consoantes oclusivas orais, nasais e pré-nasalizadas apresentam uma estreita relação entre si. Veremos primeiro como se dá a relação entre as oclusivas sonoras e as oclusivas nasais, em seguida como se dá a relação

entre as consoantes nasais e as consoantes pré-nasalizadas, por último, veremos como as consoantes nasais dessa língua se comportam em relação com as vogais nasais da língua.

2.1.2.3.1 Relação entre oclusivas sonoras e nasais

De acordo com os dados abaixo, as oclusivas sonoras orais [b,d] variam livremente com suas homorgânicas nasais [m,n], respetivamente, no contexto fronteira inicial de palavra, antes de vogal oral e no contexto interior de palavras entre duas vogais orais. Já as consoantes nasais ocorrem nos seguintes ambientes: antes de vogais nasais e fronteira final de palavra. A nasal velar [ŋ] ocorre em fronteira final de palavra e a sua homorgânica oral [g] ocorre nos seguintes ambientes: fronteira inicial de palavra e interior de palavra.

[m] ~ [b]

(08)

[amuga'mu] ~ [amuga'bu] 'eu amamento'
[maβa] ~ [baβa] 'morto, finado'

[n] ~ [d]

(09)

[aε'nup^h] ~ [aε'dup^h] 'eu escuto'
[nami'kwema] ~ [dami'kwema] 'brinco'

[m]

(10)

[mĩna]	‘chuva’
[a'mũ]	‘outro’
[-'tim]	‘plantar’
[n]	
[a'fẽn]	‘eu passo’
[a'nũ]	‘espécie de pássaro’
[una'rĩn]	‘eu junto’

[ŋ]

(11)

[tʃĩŋ]	‘branco’
[a'kĩŋ]	‘cabeça’
[-ʔẽŋ]	‘fala’

[g]

(12)

[ʔa'ga]	‘namorado’
['ga]	‘ele’
[a'gu]	‘eu cuido’

2.1.2.3.2 A relação entre consoantes nasais e consoantes pré-nasalizadas

A língua Asurini do Xingu, assim como outras línguas do Tronco Tupi, apresenta uma série de consoantes pré-nasalizadas ou consoantes que apresentam segmentos de contorno, isto é, consoantes foneticamente oclusivas com um contorno nasal [mb, nd, ŋg]. Essas consoantes pré-nasalizadas ocorrem no contexto fronteira interna de palavra depois de uma vogal nasal. Os dados abaixo ilustram isso:

[mb]

(13)

[eñĩmba'ʔi]	'linha'
[amĩ'mbaβa]	'derreter'
[amãjã'mbɛ]	'estar vigilante'

[nd]

(14)

[dʒã'ndu]	'aranha'
[ama'ndak]	'eu corto (lenha)'
[tataẽ'ndi]	'lanterna'

[ŋg]

(15)

[tata'tʃiŋga]	‘fumaça’
[mu'iŋga]	‘remédio’
['tũŋga]	‘pulga’

2.1.2.4 Fonemas consonânticos nasais X fonemas vocálicos nasais

A literatura sobre nasalização apresenta algumas propostas (modelos) de análise do fenômeno nas línguas do mundo. Entretanto, parece que as línguas do tronco Tupi fogem aos padrões propostos por tais modelos. Nos últimos anos, aparece um número considerável de trabalhos sobre a nasalização nas línguas do tronco tupi, dentre eles, encontramos Rodrigues (1981), Costa (2003) e Rose (2003). Todos esses trabalhos trazem uma contribuição muito grande para a compreensão desse fenômeno nas línguas desse tronco,

Nesta análise, vamos discutir duas propostas para representação dos fones oclusivos orais sonoros e dos fones nasais. A primeira dessas propostas sugere que as consoantes nasais são alofones das oclusivas orais, cuja nasalização é proveniente do contexto em que se encontram (essa proposta é defendida por Rodrigues, 1981, para a língua Maxacali); já a segunda proposta trata as consoantes nasais como fonemas intrinsecamente nasais. Conforme já colocado antes, é indispensável para essa análise a função das vogais nasais, bem como das consoantes pré-nasalizadas.

De acordo com a primeira proposta de análise, a nasalização é condicionada por uma vogal nasal que se encontra na subjacência, manifestando-se apenas na nasalização da consoante. Assim, ter-se-iam vogais intrinsecamente nasais e consoantes oclusivas orais com alofones influenciados no contexto da vogal nasal. Para o Asurini do Xingu, essa análise apresenta alguns problemas, que são elencados a seguir: podemos

constatar no exemplo (1), cujos dados serão reproduzidos abaixo, que existe uma variação livre entre as oclusivas orais e as nasais homorgânicas quando estes fones encontram-se entre vogais orais. Se o fone nasal fosse um alofone foneticamente condicionado pelo ambiente nasal, provavelmente, não apareceria nesse contexto, haja vista que ele é propício apenas ao aparecimento das oclusivas orais, uma vez que não existiria elemento nasal no contexto para provocar a nasalização da consoante, o contexto é propício apenas à ocorrência das oclusivas orais.

(16)

[amuga'mu] ~ [amuga'bu] 'eu amamento'
[aε'dup^h] ~ [aε'nup^h] 'eu escuto'

Outro argumento usado para se considerar os fones nasais como alofones das oclusivas orais é o contexto fronteira de palavras. Rodrigues (1981, p. 305) assegura que:

Em diversas línguas sul-americanas a ocorrência de segmentos com o traço [+nasal] é mais naturalmente explicitada se admitirmos que as fronteiras de palavras comportam o traço [+nasal] como uma propriedade intrínseca (decorrente do abaixamento do véu palatino durante pausa silenciosa).

Esse argumento não parece se aplicar bem ao Asurini do Xingu: a língua apresenta variação livre entre oclusivas orais e nasais em contexto inicial de palavra, conforme já dissemos; entretanto, essa variação livre não existe em fronteira final de palavra. Nesse contexto só ocorrem as consoantes nasais homorgânicas das oclusivas orais. Se fosse a fronteira de palavra que nasalizasse a consoante, esperar-se-ia que não existisse a variação livre no contexto fronteira inicial de palavra; mas no caso de existir argumentação que sustentasse a variação entre esses dois fones nesse contexto, esperar-se-ia também comportamento análogo para a fronteira final de palavra, o que não

acontece. Para aplicar essa análise ao Asurini do Xingu, seriam necessárias explicações para esse comportamento distinto entre as fronteiras inicial e final de palavra.

Em relação às pré-nasalizadas, elas ocorrem apenas no interior de palavra depois de vogal nasal, o que sugere que elas são foneticamente condicionadas pela nasalização da vogal anterior.

Assim, a nossa análise para a nasalização no Asurini do Xingu, levando em conta a estrutura da língua, sugere que ela apresenta tanto fonemas consonânticos nasais quanto fonemas vocálicos nasais e não consoantes oclusivas orais que se nasalizam em virtude do contexto em se encontram.

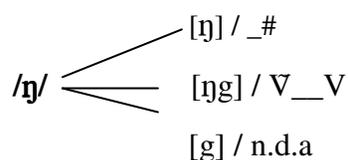
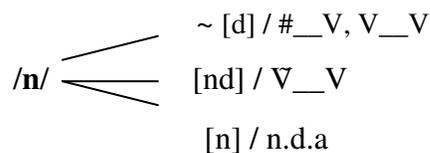
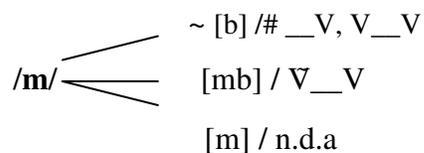
Os fonemas consonânticos nasais da língua são: /m/, /n/ e /ŋ/. Em relação a /m/ e /n/, eles se realizam como pré-nasais [mb, nd], depois de vogal nasal no interior de palavras, variam com suas homorgânicas oclusivas orais [b,d] em ambiente oral e realizam-se como [m, n] nos demais ambientes. Analogamente a /m/ e /n/, /ŋ/ realiza-se pré-nasal [ŋg] depois de vogal nasal no interior de palavras, entretanto, realiza-se [ŋ] em final de palavras e [g] nos demais ambientes.

Conforme se observa, o comportamento de /ŋ/ com relação às demais nasais é um comportamento assimétrico: enquanto as nasais /m/ e /n/ são os fones que ocorrem em maior número de ambientes em relação suas homorgânicas oclusivas [b,d], /ŋ/ apresenta-se ocorrendo em menor número de ambientes que a sua homorgânica oclusiva [g].

Essa assimetria talvez esteja relacionada a uma mudança em curso do fonema /ŋ/. É possível que essa mudança esteja relacionada a uma provável influência da língua Portuguesa na língua Asurini, dado que /ŋ/ não ocorre no português, e /g/ é bastante recorrente e tenha-se em mente que a maior parte da população asurini abaixo dos 45 anos de idade fala as duas línguas fluentemente.

Em relação à representação desses fones no sistema lingüístico, pelo critério de ocorrência, seriam representados pelos fonemas /m/, /n/ e /g/, visto que eles ocorrem em maior número de ambientes que os demais fones. Essa representação funciona perfeitamente para /m/ e /n/, entretanto, para /g/ torna o quadro de fonemas assimétrico.

Dada a assimetria no comportamento dos demais fonemas e o fato de as línguas, em geral, tenderem à assimetria, é preferível que se faça uso desse critério para representar o quadro de fonemas de uma língua quando se depara com uma situação desse tipo. Sendo assim, /ŋ/ representará os fones [ŋ, ŋg, g] mesmo não sendo o fone de maior ocorrência. Abaixo, apresentamos os arranjos:



2.1.2.4 nasal palatal [ɲ] e aproximante [j]

A nasal palatal e a aproximante palatal, respectivamente, [ɲ] e [j] estão em distribuição complementar. O fone [ɲ] ocorre no início de sílaba, antes de todas as vogais nasais, e o /j/ em início de sílabas, antes de vogal oral, e em final de sílaba.

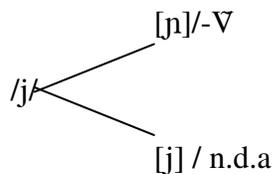
(17)

[pa'ɲẽ]

‘pajé’

[ˈɲĩ]	‘castanha’
[kuˈɲĩ]	‘mulher’
[eˈɲũ]	‘não’
[ipeˈjaβa]	‘remo’
[jaˈφu]	‘maracá’
[ga ruˈaja]	‘rabo dele’
[-ɿja]	‘dente’
[uˈkaj]	‘ele queimou’
[ˈejra]	‘abelha, mel’
[uβeˈβuj]	‘ele nada’
[aˈmĩj]	‘acordar’

O fone [j], como vemos está em distribuição complementar com [ɲ] e ocorre em maior número de ambientes que [ɲ], assim, o fonema /j/ passa a representar os fones [j] e [ɲ].



1.2.5 Oclusiva alveolar surda e africada pós -alveolar surda

[t, tʃ]

Dado o fato dos segmentos [t] e [tʃ] serem foneticamente semelhantes e poderem ocorrer nos mesmos ambientes, conforme mostram os pares análogos, serão

considerados fonemas: /t/ e /tʃ/, este último variando livremente com [ʃ] no ambiente antes da vogal baixa [a].

(18)

[ta'ʔa]	‘carne’
[tʃa'ʔap] ~[ʃa'ʔap]	‘vamos deitar’
[-e'tʃak]~[-e'ʃak]	‘ver’
[-a'ta]	‘andar’
[u'etik]	‘ele empurra’
[utʃi'gu]	‘ele gosta’

2.1.2.5.1 Fricativas

[ɸ, β]

(19)

[uɸu'ɸut]	'ferver'
[-uru'βu]	'alto'
[ga ʔape'ɸera]	'casca dele'
[a'βeβe]	'eu mergulho'
[-ɸe'rap]	‘salar’
[uβe'βuj]	‘nadar’

Conforme mostram os dados, [ɸ] e [β] encontram-se em ambientes idênticos, logo podem ser considerados fonemas distintos entre si. Entretanto, ainda há outros fones foneticamente semelhantes a eles, com os quais serão feitas verificações. Em relação ao [ɸ], será verificado com a oclusiva bilabial surda [p], e em relação a [β] será verificado com a aproximante bilabial [w].

[ɸ, p]

Os fones fricativo bilabial e oclusivo bilabial desvozeado, respectivamente, [ɸ] e [p], são fonemas na língua Asurini.

(20)

[iβiraɸu'tira]	'flor da árvore'
[uɸu'ɸut]	'ferver'
[-ɸu'ku]	'alto'
[ga ʔape'ɸera]	'casca dele'
[a'ɸẽn]	'eu passo'
[a'pẽn]	'eu quebro'
[-ɸe'rap]	'salar'
[pã'jẽ]	'pajé'
[i'pa]	'cipó'
[emũ'ep]	'apague! (o fogo)'
[tʃa'ʔap]	'vamos nos deitar'

[ipe'jáβa]	'remo'
['pe]	'caminho'

O fone [p], conforme mostrado nos dados acima, não ocorre antes de u, o segmento [ϕ], por sua vez, ocorre antes de u e tem ocorrência restrita antes de [ε] e [ẽ], posição ocupada também por [p]. Segundo Solano (2004), [ϕ] é um alofone de /p/ por ocorrer antes de /u/, ambiente em que /p/ não ocorre, a ocorrência de [ϕ] antes de [ε] é explicada em nota de rodapé, 'trata-se de reflexos do PTG *pw'. De fato, o número de palavras em que se encontra [ϕ] no contexto antes de [ε] é bem pequeno. Uma observação rápida e um prévio conhecimento dos estudos históricos comparativos realizados sobre a família Tupi-Guarani, podem levar o analista a considerar [ϕ] um alofone de /p/. Segundo Cabral e Rodrigues (2002), o proto *pw passou a ϕ nas línguas Tupi-Guarani que estão agrupadas no subconjunto V, no qual se encontra o Asurini do Xingu. E Rodrigues (1985) aponta o uso de ϕ antes de [ε] (para as línguas desse grupo) como reflexos do proto *pw.

Considerando-se o fato de o proto *pw ter passado a ϕ em alguns ambientes- mas não em todos- nas línguas agrupadas no subconjunto V da família Tupi-Guarani, o que tem-se sincronicamente são dois fonemas em competição /ϕ/ e /p/, como mostra o par mínimo [a'ϕẽn] 'eu passo' e [a'pẽn] 'eu quebro'. Como disse Sausurre (1916), as mudanças que ocorreram entre os estados da língua não têm nenhum lugar na sincronia; e Martinet (1963, p. 34) "O que convém é que a descrição seja estritamente SINCRÓNICA, quer dizer, que se baseie apenas em fatos observados no lapso de tempo suficientemente curto para, na prática, se poder traçar um ponto no eixo do tempo". A concepção de /ϕ/ como um alofone de /p/ acarreta conseqüências que afetam a aplicação desse estudo, tais como, aplicação para uma transcrição fonológica e aplicação para a alfabetização. Em relação à transcrição fonológica, quem vai escrever 'eu quebro' terá problemas, pois /apen/ pode significar tanto 'eu quebro' como 'eu passo', já quem está sendo alfabetizado não saberá se deve pronunciar [pe] ou [ϕε] para a palavra 'caminho'.

[tʃ, ʃ, dʒ, ʒ]

Os fones africativos pós-alveolar [tʃ] e [dʒ] são fonemas /tʃ/ e /dʒ/, respectivamente, e encontram-se em variação livre em todos os ambientes com as fricativas homogênicas [ʃ] e [ʒ] conforme atestam os exemplos abaixo.

(21)

[tʃa'ʔap] ~ [ʃa'ʔap]	'vamos deitar'
[-e'tʃak] ~ [-e'ʃak]	'ver'
[utʃi'gu]	'ele gosta'
[tʃĩ]	'nariz'
[dʒa'wara] ~ [ʒa'wara]	'cachorro'
[dʒɛ] ~ [ʒɛ]	'1 singular'
[dʒi'tika] ~ [ʒi'tika]	'batata doce'
[mita'dʒa] ~ [mita'ʒa]	'calcanhar'
[amĩni'dʒu] ~ [amĩni'ʒu]	'algodão'

Conforme mostram os dados, tanto os pares [tʃ] e [dʒ] quanto [ʃ] e [ʒ] poderiam representar os fonemas fricativos pós-alveolar surdo e sonoro, respectivamente. Entretanto, em virtude das formas subjacentes do sistema, eles serão representados por /tʃ/ e /dʒ/.

Representação

/tʃ/ ~ [ʃ]

/dʒ/ ~ [ʒ]

Dada a semelhança fonética entre /dʒ/ e [j], testes são necessários para verificar a relação entre eles.

[dʒ, j]

(22)

[dʒa'ɸu]~ [ʒa'ɸu]	'passarinho'
[ja'ɸu]	'maracá'
['dʒai] ~['ʒai]	'lua'
[mita'dʒa] ~ [mita'ʒa]	'calcanhar'
[mu'raja]	'festa'
[ipe'jaβa]	'papagaio'

Através dos dados acima, percebemos que /dʒ/ e /j/ ocupam posição análoga na estrutura da palavra, são fonemas distintos. Essa análise distingue-se daquela apresentada em Solano (2004), segundo a qual [dʒ]¹³ é um alofone de [j]. E também não está de acordo com a análise proposta por Rodrigues (1985) e Cabral e Rodrigues (2002), segundo a qual *j mudou para dʒ no subconjunto V, no qual se encontra o Asurini do Xingu. Pois, como se observa, /j/ e /dʒ/ ocorrem na estrutura da língua como fonemas distintos, um não excluiu o outro.

[β, w]

(23)

¹³ Em seu quadro de fones e fonemas, Solano não faz referência ao fone [ʒ], apenas a [dʒ].

[a'βa]	'gente'
[awa'βε]	'perto'
'wira'	'caroço que dá dentro da pele'
[i'βira]	'vento'

As fricativas bilabial sonora [β] e a aproximante bilabial [w] são fonemas distintos: /β/ e /w/, conforme ilustram os pares análogos acima.

2.1.2.5.2 Tepe

[r, n]

De acordo com os dados abaixo, /r/ constitui fonema distinto de /n/.

(24)

[e'ne]	2 singular, pronome pessoal'
[ε're-]	2 singular, prefixo pessoal série I
[ari're]	'depois'
[a'nira]	Morcego

2.2. Fonemas consonantais do Asurini

O Asurini apresenta 15 fonemas consonantais: 5 oclusivos, 3 nasais, 5 fricativas, 2 aproximantes e 1 tepe, dos quais dois /ɸ/ e /h/ têm uso muito restrito na língua.

Quadro 1 - fonemas consonantais da língua

		Bilabial	alveolar	pós-alveolar	palatal	velar	glotal
oclusivas	surdas	/p/	/t/			/k/	/ʔ/
	labializada					/kw/	
Nasais		/m/	/n/			/ŋ/	
Fricativas	surdas	/ɸ/					/h/
	sonoras	/β/					
Africadas	surdas			/dʒ/			
	sonora			/tʃ/			
Tepe			/ɾ/				
aproximantes		/w/			/j/		

A presente análise distingue-se daquela apresentada em Solano (2004) tanto em relação ao número de fonemas da língua, quanto à alofonia entre os fonemas. Em seu quadro de fonemas, Solano não apresenta o fonema /h/ nem como fone da língua. E o fonema /ɸ/, apesar de ocorrer em ambiente idêntico ao que /p/ ocorre, é considerado por ela um alofone de /p/. Este trabalho considera [ɲ] como alofone de /j/, e /dʒ/ um fonema distinto; já Solano considera /dʒ/, assim como [ɲ], um alofone do fonema /j/. A autora, acima citada, apresenta basicamente os quadros de fonemas da língua, não mostra os processos empregados para chegar ao quadro de fonemas e tampouco exemplifica com dados.

2.3 Vogais do Asurini

A análise fonêmica propõe uma analogia entre os segmentos como base segura na comparação entre os fones para verificação de seu 'status' fonológico. Para esse modelo de análise fonológica, não é necessária a comparação entre os segmentos [i], [a] e [u], pois

além do fato de eles não serem suspeitos de serem alofones um do outro por não serem foneticamente semelhantes, espera-se que ocorram como fonema em todas as língua.

Quadro 3-fones vocálicos do Asurini do Xingu

	Anteriores	Centrais	Posteriores
Fechadas	i ĩ	i ĩ	u ũ
Meio-fechada	e ě		
Meio-aberta		ɛ	
Aberta		a ã	

2.3.1 Os segmentos vocálicos orais e seus pares semelhantes

[i, e, ɛ]

A vogal anterior, alta, fechada, oral, não-arredondada [i] opõe-se a vogal anterior, alta, meio-fechada oral, não arredondada [e], conforme ilustrado nos dados abaixo.

(25)

[iʒape'ɸu] ~ [iʒape'ɸu]	‘bolha que dá no pé’
[e'ʒat] ~ [ɛ'ʒat]	‘vem!’
[a'ʔe] ~ [a'ʔɛ]	‘aquele’
[u'ʔi]	‘farinha’
[pɛ] ~ [pe]	‘caminho’
[-upe'hij] ~ [-upe'hij]	‘estar com sono’

[-pe'dʒu] ~ [-pe'dʒu]	' assoprar'
[dʒɛ] ~ [dʒe]	'primeira pessoa singular,eu'

De acordo com os dados apresentados acima, /i/ e /e/ constituem fonemas na língua. O fonema /e/ apresenta-se variando livremente com /ɛ/. Dado o fato de /e/ ser mais recorrente nos dados que /ɛ/, ele representará os dois sons. Para a constatação final do status fonológico de /e/, ele ainda será analisado em comparação com outros fones.

/i/

/e/~ [ɛ]

[a, e]

De acordo com os dados que seguem, a vogal anterior, meio-fechada oral, não-arredondada [e] e a vogal baixa, anterior, aberta, oral não-arredondada [a] são fonemas distintos: /e/ e /a/

(26)

[-a'ʔa]	'carne'
[a'ʔe] ~ [a'ʔɛ]	'aquele'
[-'pa]	'mão'
['pɛ]~['pe]	'caminho'

[i, i]

Os dados abaixo mostram o *status* fonológico da vogal central, alta, fechada, oral, não-arredondada [i] em relação à vogal anterior, alta, fechada, oral não arredondada [i].

(27)

[ka'ʔi]	‘espécie de macaco’
[a'ʔi]	‘preguiça’
[a'mina]	‘demonstrativo’
[a'mina]	‘chuva’
[i'pa]	‘mão dele’
[i'pa]	‘cipó’

Os dados mostram que em Asurini [i] e [i] estão em oposição entre si. O fone [i] mostrou-se em oposição com todos os pares que lhe são semelhantes foneticamente, assim ele já pode ser considerado fonema /i/. Em relação ao [i], para maior segurança a respeito de seu posicionamento na fonologia da língua, ainda cabe compará-lo a [e], mesmo que esses dois fones não sejam tão semelhantes entre si como os fones [i] e [i] .

[e, i]

(28)

[i'βe]	‘dentro d’água ’
[i'βi]	‘chão’
[-a'pe]	‘costas’
[pe]	‘caminho’
[-'pi]	‘ pé’

Conforme se pode observar através dos dados, /e/ e /i/ são fonemas, já que suportaram os testes comparativos com outros fones semelhantes a eles.

2.3.2 Os segmentos vocálicos nasais em comparação com os fonemas orais

A nasalidade vocálica em Asurini faz com que a língua apresente duas séries de fonemas vocálicos cuja distinção entre elas se dá apenas pela presença *versus* ausência do traço nasal: [i, ĩ, e, ě, i, ĩ u, ũ, a, ã]

(29)

[ka'ʔi]	‘espécie de macaco’
[ka'ʔĩ]	‘roça pequena’
[para'tʃi]	'anzol'
[wira'tʃĩ]	'tesoura'
[-'tʃi]	‘nariz’
['tʃĩ]	‘então’
[a'ʔe] ~ [a'ʔɛ]	‘aquele’
[ika'ʔẽ]	‘amuquenhado’
[ẽ]	‘ela’
['pe]~ ['pɛ]	‘caminho’
[i'mẽj]	‘mentira’
['mew]	‘pus’
[a'kɨŋ]	‘cabeça’
[ki'nĩ]	‘verruca’
['ʔi]	‘urina’
[ti'ru]	‘roupa’

[pĩ]	‘pé’
[mi'tu]	‘ar para respirar’
[mi'tũ]	‘mutum’
[i'φu]	‘tempestade’
[i'φũ]	‘dedo dele’
[-ɲi'ʔã]	‘coração’
[-upi'ʔa]	‘gravidez’
['wã]	‘carangueijo’
[a'βa]	‘gente, pessoa’
[awa'βɛ]	‘teto’

As vogais orais apresentam uma contraparte nasal que se manifesta como fonema, conforme ilustram os contrastes em ambientes idênticos e os contrastes em ambientes análogos.

2.3.3 Fonemas vocálicos do Asurini

A língua Asurini apresenta 10 fonemas vocálicos distribuídos em uma série oral e outra nasal, ocupando os pontos alto, médio e baixo na cavidade bucal.

Quadro 2- Fonemas vocálicos do Asurini do Xingu

	Anteriores	Centrais	Posteriores
Fechada	/i/ /ĩ/	/i/ /ĩ/	/u/ /ũ/
Meio-fechada	/e/ /ẽ/		
Aberta	/a/ /ã/		

2.4 A sílaba

Para autores como Kenstowicz (1994), a sílaba é um constituinte que tem uma estrutura interna e uma hierarquia, é constituída por um elemento opcional, o *Onset*, e por outro obrigatório, a *Rima* que, por sua vez, se subdivide em *Núcleo*, também obrigatório, e *Coda*, opcional.

2.4.1 Os padrões silábicos do Asurini

Em Asurini, são encontrados os padrões silábicos: V, VC, CV e CVC, dos quais o mais recorrente na língua é o CV. Esses padrões podem ser resumidos na fórmula geral: (C) V (C).

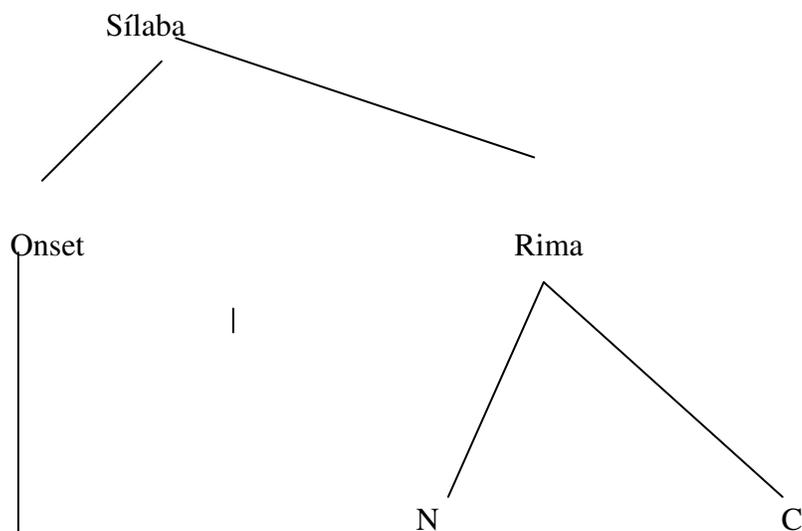
(30)

/V/	→ / <u>u</u> . 'ki.na/	'porta'
	/' <u>a</u> .ka/	'casa'
/VC/	→ /tu.pa. <u>ɨm</u> /	'corda'
	/-ak/	'arrancar'
/CV/	→ /ka. 'ru/	'comida'
	/'ka. 'ɨi/	'macaco'
/CVC/	→ /a. ' <u>kup</u> /	'quente'
	/'a. ' <u>tɨm</u> /	'eu planto'

Conforme mostram os dados, a língua possui sílabas constituídas por apenas um núcleo (V), por um núcleo e uma coda (VC), por um *onset* e um núcleo (CV) e, por *onset*, núcleo e coda (CVC). Assim, a língua exhibe sílabas abertas e sílabas travadas.

2.4.2 Distribuição dos fonemas nas sílabas

A figura abaixo mostra a estrutura silábica da língua com os elementos que podem ocorrer em cada uma das três posições: *Onset*, núcleo e coda.



/p/	/pe/	‘caminho’	/i/	/u'ʔi/	‘farinha’	/p/	/a'kup/	‘quente’
/t/	/ta'ta/	‘fogo’	/e/	/e'dʒat/	‘vem!’	/t/	/e'dʒat/	‘vem!’
/k/	/ka'ʔa/	‘mato’	/a/	/a'ʔe/	‘aquele’	/k/	/u'etik/	‘ele empurra’
/ʔ/	/ʔara/	‘dia’	/i/	/a'ʔi/	‘preguiça’	/m/	/a'tim/	‘eu planto’
/ŋ/	/ŋa/	‘ele’	/u/	/ti'ru/	‘roupa’	/n/	/amin/	‘eu junto’
/ɲ/	/ʔɲi/	‘castanha’	/i/	/-tʃi/	‘nariz’	/w/	/mew/	‘pus’
/kw/	/kwarə/	‘sol’	/ẽ/	/ika'ʔẽ/		/j/	/a'mij/	‘eu acordo’
/m/	/a'mina/	‘chuva’	/i/	/fĩ/	‘urina’			
/n/	/-ma'na/	‘dar’	/ũ/	/mi'tũ/	‘mutum’			
/h/	/aha/		/ã/	/ji'ʔã/	‘coração’			

/β/	/a'βa/	'gente, pessoa'				
/dʒ/	/e'dʒat/	'vem!'				
/tʃ/	/-e'tʃak/	'ver'				
/ɾ/	/tɾu/	'roupa'				
/w/	/wɪra'ʃi/	'tesoura'				
/j/	/ja'φu/	'maracá'				

2.4.3 Ressilabificação

O processo de ressilabificação ocorre na língua quando alguns morfemas se juntam, obrigando, então, a uma nova divisão silábica da palavra para manter as estruturas silábicas preferenciais da língua.

O fonema /p/ quando se encontra em fronteira de palavra antes do morfema –a, deixa de ser coda da sílaba em que se encontra e forma uma nova sílaba junto com esse morfema, passando, então, de coda a *onset* dessa sílaba. Mais adiante, veremos que nesse contexto /p/ passa a ser pronunciado como o fonema /β/ .

(31a)

/a. kup/ 'quente'

v+cvc

(31b)

/akup/ # + /-a/ = /a.ku.va/ [a'kuβa] 'ato de estar quente'

quente NZ = v.cv.cv

(32a)

/-kwap/ 'saber, conhecer'
cvc

(32b)

/-kwap/# + /-a/ =/kwa.va/ ['kwaβa] 'ato de saber, conhecer, conhecimento'
saber NZ = cv. cv

Analogamente ao morfema {-a}, outros morfemas da língua também provocam a ressilabificação, o morfema descontínuo {n...i} 'não' e o morfema {r-}, relacional forçam uma nova divisão silábica da palavra. Quando aparecem no SN, provam mudança na estrutura da sílaba da palavra a que se juntam: a sílaba que antes de seu aparecimento era constituída apenas por um núcleo (V), passa a ser constituída por *onset* e núcleo (CV), ou seja, a sílaba do tipo V passa a CV.

(33a) /akit/ 'eu durmo'
a.kit
c.cvc

(33b) /akit/+ /n...i/ = /na.ki.ti/ [na. 'ki.ri] 'eu não durmo'
cv.cv.cv

(34a)

/a.ka/ 'casa'
v.cv

(34b)

/ʒe +r+aka/ /ʒe ra.ka/ = 'minha casa'
1sg Rel+casa cv cv.cv

(35a)

/-a.ʔi.ra/ 'filho do ego masculino'
v.cv.cv

(35b)

/ʒe +r+ a.ʔi.ra/ /ʒe+ra.ʔi.ra/ / = 'meu filho'
1sg Rel+filho cv +cv.cv.cv

Como os dados mostraram acima, a ressilabificação pode vir ou não acompanhada por mudanças morfofonológicas. No exemplo (32), o morfema que provoca a ressilabificação acarreta mudança do fonema /p/, o qual passa a /β/; já em (35) ela não provocou mudança na forma do fonema.

2.4.4 Seqüências ambivalentes

Para Kindell (1981), seqüências ambivalentes ou ambíguas são aquelas que podem funcionar ou como uma seqüência de unidades que ocupa mais de uma posição, ou como uma unidade complexa que ocupa uma só posição, conforme a estrutura silábica da língua.

2.4.4.1 Seqüência kw

A seqüência kw é uma seqüência ambivalente. Conforme Kindell (1981), ela é solucionada a partir da determinação dos padrões silábicos, encontrados nas seqüências

univalentes (não-ambíguas) que ocorrem na posição de *onset*¹⁴ e coda silábica. Assim, essas seqüências devem ser interpretadas conforme o molde silábico da língua.

Na estrutura silábica do Asurini, duas consoantes nunca ocorrem juntas, além disso, conforme vimos anteriormente, o segmento [kw] se encontra em oposição ao segmento [k]. Assim, preferimos tratar a seqüência [kw] como um segmento que ocupa apenas uma posição na estrutura silábica da língua.

2.4.4 .2 Segmentos ambivalentes w e j

Os segmentos w e j são considerados ambíguos na análise fonológica por poderem ser interpretados como vogais ou como consoantes.

Segundo Kindell (1981), esses segmentos são considerados vogais ou glides conforme sua distribuição na estrutura silábica de cada língua. Assim, se a seqüência ocorrer em *onset* e em coda silábica, por exemplo, e essas posições forem ocupadas exclusivamente por consoantes, essa seqüência deverá ser considerada glide, mas se ocorrer no núcleo será considerado vogal.

Em Asurini, esses segmentos ocorrem em ataque e em coda silábica, posição ideal das consoantes, logo os interpretaremos como glides.

(36)

[a.wa.'βɛ]	'perto'
[i.pi.a.'rɛw]	'noite'
[ka.'na.wa]	'joelho'

(37)

[mu.'ra.ja]	'festa'
[i.'mẽj]	'mentira'

¹⁴ o que chamamos aqui de onset e coda, é chamado por Kindell (1981) de crista e margem.

['ej.ra]	'mel
[i.pi. 'rã.jã.]	'dente'
[ε.mu.ju.'mũ]	'misture!'

2.5 Acento

De acordo com Monserrat e Irmãzinhas de Jesus (1998), em análise preliminar para a língua Asurini, o acento sempre recai na última sílaba do radical, e como se sabe, isso é uma tendência geral das línguas Tupi-Guarani.

(38)

a.'rar+a = a .'ra.ra	'arara'
'taβ+a = 'ta.βa	'aldeia'
'ak+a = 'a.ka	'casa'
tu're	'flauta'
ka'ʔi	'macaco'

Quando duas ou mais palavras se unem, formando nova palavra, a tendência da língua é manter a acentuação das palavras primitivas, sendo que a proeminência do acento fica na sílaba acentuada da última palavra. Assim, o acento da primeira palavra ganha característica de acento secundário.

(39) ta'ta + 'ʔiβa = ta,ta' ʔiβa
 fogo +pau = palito

(40) ta'ta + 'tʃĩga = ta,ta 'tʃĩga

fogo + branco= fumaça

(41) a'mina+i'βaka= a,mini'βaka

chuva+céu= temporal

Apesar de a análise do acento parecer simples, há casos que fogem ao padrão, como podemos ver nos dados abaixo, há casos em que o acento parece contrastivo.

(42)

[iβi'ra] 'casca de pau'

[i'βira] 'vento'

[-u'βa] 'rosto'

[-'uβa] 'pai'

[aha'ka] 'ir embora'

[a'haka] 'tapuru'

['ʔaβa] 'cabelo'

[a'βa] 'gente'

[a'ka] 'eu quebro'

['aka] 'casa'

Esses pares de palavras mostram que o acento na língua pode não ser previsível, em alguns casos excepcionais, pois essas palavras não constituem empréstimos, elas aparecem no Proto-Tupi-Guarani. Mesmo sabendo que a tendência geral das línguas da família Tupi-Guarani é a acentuação previsível e tendo-se sérios indícios de que assim poderá ser em Asurini, diante dos dados que já dispomos, preferimos deixar essa questão em aberto para futuras pesquisas.

2.6 Aspectos Morfofonológicos

Os fonemas /p/ e /t/ quando se encontram em fronteiras de morfemas antes de um morfema que se inicia por vogal passam, respectivamente, a /β/ e /r/. Esse fenômeno é também comum em outras línguas da família Tupi-Guarani.

(43a) /ga u'ʔap/ [ga u'ʔap]
3sg 3deitar
'ele deitou'

(43b) /ga u-ʔav-i/ [ga u'ʔaβi]
3sg 3deitar-neg
'ele não se deitou'

(44a) /akup/ 'quente' [a'kup]

(44b) /mi'ra ka'wĩ a'kup -a u-ʔu/ ['mira ka'wi a'kuβa u'ʔu]
Npr mingau quente-NZ 3-ingerir
'mir'a bebeu mingau quente'

(45a) /aka i-mina u-ʔat/
casa 3-velha 3-cair
'a casa velha caiu'

(45b) /aka i-mina n- u-ʔar -i/ ['aka i'mina nua'ri]

casa 3-velha neg-3-cair-neg
'a casa velha não caiu'

(46a) /u-putat/
3-querer
'eu quero'

(46b) /n-a putar-i bazu/ [naputar-i badzu)
neg-1sg-querer-neg beiju
'eu não quero beiju'

Conforme mostram os dados acima, o morfema de negação n...i e o morfema chamado por Rodrigues (1986) de marcador de caso nuclear {-a} provoca alteração dos fonemas /p/ e /t/ para /β/ e /r/, respectivamente.

2.6.1 Elisão

Alguns morfemas perdem a vogal quando esta se encontra com uma outra vogal de outro morfema. Esse processo pode aparecer tanto na união de prefixo e/ou sufixo com palavras quanto na junção de palavras.

(47) /dʒe atua/ [dʒatu'a]
1sg nuca
'minha nuca'

Fenômeno análogo pode ser observado com as consoantes que se encontram em fronteira de morfema, parece que a tendência da língua é a eliminação da consoante final do primeiro morfema.

(48) /a-kit putat/ [akiϕu'tat]

1sg-dormir querer

'eu quero dormir'

2.6.2 Crase

O fenômeno da crase ocorre quando duas vogais idênticas se encontram. Os contextos mais propícios para essa ocorrência no Asurini são quando o fonema da parte final do índice de pessoa coincide com o início do prefixo pessoal do verbo, quando a terminação de um verbo ou descritivo é /i/, coincidindo, assim com o sufixo de negação –i e quando uma palavra termina por uma vogal e a seguinte inicia com vogal análoga.

(49) /ne-ene-pukuj/ [neneϕu'kuj]

neg-2sg-alto

'você não é alto'

(50) /ipira a-piʔik / [ipirapiʔik]

peixe 1-sg peixe

'eu pego peixe'

(51) / ene ere -pak/ [enerepak]

2Sg 2sg explodir

'tu explodiste'

Finalizamos essa parte fazendo uma síntese das principais informações apresentadas ao longo do capítulo. Através de contrastes, distribuição complementar e variação livre, essa análise apresentou 16 fonemas consonantais : /p, t, k, ʔ, kw, m,n, ŋ, ϕ,h, β, ʒ, ʃ, r, w, j/

e 10 fonemas vocálicos para o sistema fonológico do Asurini do Xingu: / i, ã, i, ã, u, ã, e, ê, a, ã/.

A morfofonologia foi tratada preliminarmente, mostrando os casos mais recorrentes na língua, como a mudança dos fonemas /p/ e /t/ para /β/ e /r/, respectivamente.

Ao analisarmos a estrutura silábica apresentamos os tipos (V), (VC), (CV) e, CVC, que podem ser resumidos na fórmula básica (C) V (C), comuns na tipologia silábica das línguas do mundo.

O acento foi uma questão que ficou em aberto, apesar de ele parecer previsível, alguns dados fugiram ao padrão, apresentando características fonêmicas, como posição não fixa e contraste.

Essa proposta de análise fonológica distingue-se daquela apresentada por Solano (2004), tanto em relação aos fonemas quanto aos fones da língua. Além disso, não está de acordo com algumas características fonético/fonológicas propostas para o Asurini do Xingu no grupo V, em trabalhos histórico-comparativos sobre o agrupamento das línguas da família Tupi-Guarani.

Esperamos que esse trabalho contribua para a continuação dos estudos sobre a língua Asurini do Xingu e para os estudos histórico-comparativos que vêm sendo feitos para a família Tupi-Guarani.

Capítulo 3

Classes de Palavras

Neste capítulo, objetivamos discutir as classes de palavras da língua Asurini do Xingu e propor uma classificação. Como sabemos, o número de classes de palavras é variável de língua para língua, assim, não se deve esperar que as classes de palavras existentes na língua que se está descrevendo sejam as mesmas da língua intermediária.

As classes de palavras apresentam duas grandes divisões: as classes de palavras abertas e as classes de palavras fechadas. As classes de palavras podem agrupar subclasses. Segundo Schachter (1985, p. 5), as subclasses de palavras apresentam propriedades em comum com membros de diferentes subclasses.

Os critérios utilizados para definição de classes de palavras nesse trabalho são o morfológico, o sintático e o semântico, conforme sugerido por Givón (2001), sendo o critério morfológico e o sintático os mais importantes, como deixa evidente o próprio autor. Levamos também em consideração o que diz Schachter (1985) sobre as propriedades gramaticais de uma palavra, segundo o autor:

The grammatical properties of a word are here taken to be relevant to its parts-of speech classification include the word's distribution, its range of syntactic functions, and the morphological or syntactic functions, and the morphological or syntactic categories for which it is specifiable. (Schachter, 1985 p. 3)

Nossa análise para a língua Asurini do Xingu apresenta sete classes de palavras: nome, verbo, pronome, demonstrativo, advérbio, posição e partículas. Dessas classes de palavras três são abertas (nome, verbo e advérbio) e as outras cinco são fechadas.

3.1 Nome

A classificação do nome foi feita com base em três critérios: semântico, morfológico e sintático.

Pelo critério semântico, os nomes apresentam conceitos estáveis no tempo, nomeando os seres, os eventos e as coisas em geral (Givón, 2001). Para Givón, o critério semântico é o menos confiável na definição das classes de palavras, sendo o nome a classe de palavra a que melhor ele é aplicado, e para teóricos como Lyons (1979), esse critério não deve ser levado em consideração na análise de uma língua, apenas os critérios formais e funcionais deveriam ser relevantes para esse tipo de análise. Nesta análise, o critério semântico é utilizado como mais um suporte para a análise, não como um critério suficiente para atuar na distinção entre as classes de palavras.

Em Asurini, o nome é definido do ponto de vista morfológico por apresentar sufixos casuais e sufixo marcador de tempo passado. Sintaticamente, é o único elemento que pode funcionar como núcleo de um SN. A seguir, apresentamos as propriedades e as subclasses do nome.

3.1.1 Categoria de posse

Em relação à categoria de posse, no Asurini do Xingu, os nomes são divididos em três classes semânticas, a saber: nomes inalienavelmente possuídos, nomes alienavelmente possuídos e nomes não possuídos. A língua não apresenta marcador específico para a distinção entre posse inalienável e posse alienável. Entretanto, essas classes semânticas se distinguem entre si pelo comportamento do nome na relação possessiva (ver itens 3.1.1.1 e 3.1.1.2) e pela presença do morfema genérico **{mama'e}** nos nomes inalienavelmente possuídos, como veremos mais adiante. A Construção possessiva nessa língua é constituída por um possuidor e um possuído. A ordem é sempre possuidor-possuído. A relação que se estabelece entre os dois termos é de dependência e pode ser intermediada pelos relacionais. O possuidor é expresso por um nome ou pronome pessoal indistintamente. Segue abaixo o paradigma dos pronomes pessoais da língua.

Quadro 5 – pronomes pessoais

Pessoas	Pronomes pessoais
1 sg	dje
2 sg	ene
3 sg Mas	ga
3 sg Fem	ẽ
1 pl Inclu.	djane
1 pl Exclu	ure
2 pl	Pene
3 pl	gy

3.1.1.1 Nomes inalienavelmente possuídos

Os nomes inalienavelmente possuídos sempre ocorrem precedidos do seu possuidor e intermediados pelos relacionais prefixados ao radical nominal.

(52) dje ø-pa

1sg Rel-mão

‘minha mão’

(53) ga r-uva

1sg Rel -pai

‘pai dele’

(54) murumanaka r-uva
Npr Rel - pai
'pai de Murumanaka'

Os nomes inalienáveis, cujos referentes têm o traço [+humano] só ocorrem com seus respectivos possuidores, sejam estes um pronome pessoal ou um nome. Os exemplos (52), (53) e (54) ilustram o que dissemos. No entanto, se os nomes inalienáveis carregam o traço [-humano] podem ocorrer com o possuidor genérico {**mama'e**}, o qual substitui o possuidor específico, como mostram os dados abaixo:

(55) mama'e r-ava
G Rel -carne
'carne'

(56) dje r-ava
1sg Rel -carne
'minha carne (do meu corpo)'

(57) tukunare r-ava
tucunaré Rel- carne
'carne de tucunaré'

(58) mama'e ø-futyra
G Rel-flor
'flor'

(59) maracuja ø-futyra
maracujá Rel- flor
'flor de maracujá'

(60) mama'e r-ava

G Rel - semente

'semente'

(61) djenipawa r-ava

jenipapo Rel- semente

'semente de jenipapo'

O morfema **{mama'e}** indica que o nome subsequente nunca constitui sozinho um SN, precisando, portanto, de um possuidor. Os exemplos (55), (58) e (60) mostram esse morfema como possuidor genérico dos nomes; já os exemplos (56), (57), (59) e (61) mostram a substituição desses morfemas por seus possuidores específicos.

Como percebemos pelos exemplos, os nomes inalienáveis com traço semântico [+humano] distinguem-se dos nomes inalienáveis com traço [-humano] pelo uso do morfema genérico **{mama'e}** nestes últimos.

3.1.1.2. Nomes alienavelmente possuídos

Os nomes inalienavelmente possuídos podem ocorrer acompanhados ou não de um possuidor. Quando a construção possessiva com nomes alienavelmente possuídos apresenta um possuidor, é semelhante à construção possessiva com nome inalienavelmente possuído, conforme podemos observar através dos exemplos abaixo:

(62) dje ø-papira

1sg Rel-panela

'minha panela'

(63) warewara

'machado'

(64) yvyripara

‘arco;

O exemplo (62) apresenta um nome alienável sendo possuído, os exemplos (64) e (65) exibem nomes alienáveis sem possuidor. Como podemos perceber, através dos exemplos dados até aqui, os nomes alienavelmente possuídos com possuidor expresso recebem relacionais que indicam estarem sendo possuídos. Sintaticamente, apresentam-se como núcleos dependentes, semelhantemente aos inalienáveis.

Quando os nomes alienáveis ocorrem sem possuidor, não há um relacional já que não existe um possuidor. Sintaticamente, passam a constituírem SNs sozinhos, ou seja, independentes, conforme indicam os exemplos (65 e 66).

(65) yvyripara u-pen

arco 3-quebrar

‘o arco quebrou-se/ o arco foi quebrado’

(66) ma’epapira u-pen

panela 3-quebrar

‘a panela quebrou/ a panela foi quebrada’

Nos casos acima, os nomes ficam morfológica e sintaticamente semelhantes aos não-possuíveis, pois na língua não há um morfema que indique posse alienável, o que dá a eles esse caráter é o traço semântico que possibilita atuarem com um possuidor ou não.

3.1.1.3 Posse mediatizada

Em tese, nenhum nome de animal pode ser possuído em Asurini do Xingu. Mas a língua possui um recurso, chamado aqui de posse mediatizada, que faz com que alguns nomes de animais possam ser possuídos. Tal recurso consiste do morfema [-**eimava**] que pode ser traduzido, *grosso modo*, como ‘doméstico’ ou ‘criação’. Esse morfema é colocado

entre o possuidor e o nome, tornando-o alienável, isto é, possível de ser possuído. No entanto, só aceitam esse recurso os nomes usados para denominar animais que podem ser domesticados e/ou criados na aldeia. Assim, nomes de animais como maja ‘cobra’ e djakare ‘jacaré’ nunca podem ser possuídos.

(67) dj r-eimava tadjau

sg Rel-Gn. porco do mato

'meu porco (doméstico)'

Em Emerillon, língua Tupi-Guarani, encontra-se o morfema **{iba}**, o qual torna possuíveis certos nomes de animais que não podem ser possuídos diretamente (cf. Rose, 2003, p. 229).

(68) kob pitaN-am kito-l-ehe eiba

cop. Infant-TRANS grenouille-RELN POST 3.II animal

'Il y a un enfant et sa grenouille'.

As semelhanças formal e funcional do morfema **{-eimava}** em Asurini e **{iba}** em Emerillon, levam-nos a pensar na possibilidade dessas formas serem cognatas.

Ressaltamos que a posse mediatizada na língua Asurini só ocorre com esse tipo de nomes de animais, não tendo aparecido em nossa pesquisa, até o momento, outros nomes não-possuíveis que se valham de recurso semelhante. Assim, afirmamos que não há na língua um morfema que faça com que nomes não-possuíveis, tornem-se possuíveis como ocorrem em línguas Jê.

(69) i- 3- õ rop (Ferreira 2003, P.49,)

1 Rel-Pos cachorro

'meu cachorro'

Na língua Parkatêjê, **cachorro** é um nome que não pode ser possuído diretamente, o morfema **õ** traduzido como 'coisa' torna-o possuível.

3.1.1.4 Nomes não -possuíveis

Os nomes não-possuíveis podem constituir SN sozinhos. Em Asurini, são poucos os nomes que não podem ser possuídos. Dentre eles estão os nomes para corpos celestiais, fenômenos da natureza e alguns animais como insetos e cobras.

(70)

kwara	'sol'
dja'i	'lua'
amynivaka	'temporal'
maja	'cobra'
meru'i	'tipo de mosquito'

3.1.2 Prefixos relacionais e seus alomorfes

Segundo Nichols (1986, p. 57), as relações gramaticais podem ser marcadas morfologicamente no núcleo de um constituinte ou no constituinte dependente. A relação sintática é a mesma, mas os princípios para a marcação de cada uma são diametralmente opostos. O Asurini do Xingu é uma língua de marcação no núcleo. O nome possuído é marcado por prefixo. O uso do prefixo indica que o respectivo nome é dependente de outro, isto é, que há uma relação de dependência entre um nome núcleo e um termo dependente, e essa relação é marcada no nome núcleo pelo prefixo **{r-}** e seus alomorfes. Esse prefixo já foi amplamente tratado nas línguas Tupi-Guarani, havendo, inclusive, pontos de vista opostos. Dois deles são: (a) o formativo r- e seus alomorfes constituem prefixos relacionais e (b) o prefixo r- é na verdade um marcador de voz inversa. O primeiro ponto de vista é adotado por lingüistas como Seki (2000) Rodrigues (1986) e o último por Payne (1994).

Essas duas visões são discutidas por Martins (2004) que chega à conclusão de que a expressão “prefixo relacional” é mais apropriada para o formativo r- nas línguas Tupi-Guarani. Nesse trabalho, seguimos o ponto de vista mais tradicional, ou seja, o que trata o prefixo {r-} e seus alomorfes como relacional. A opção por esta e não pela outra classificação se deu pelo fato de acreditarmos que os dados da língua estão mais de acordo com ele que com o marcador de voz inversa. O uso desses prefixos, já tratados por Seki (2000) para o Kamaiurá, depende a) da função gramatical que o possuidor tem na construção, b) do tipo de construção e c) do tipo de referência expressa. O quadro abaixo exhibe os prefixos relacionais e seus alomorfes no Asurini do Xingu.

Quadro 6- Prefixos relacionais

Possuidor especificado Referência intratextual		possuidor indefinido Referência Extratextual	
Possuidor 3 ^a pessoa reflexiva co-referente com S	Possuidor expresso na locução	Possuidor diferente de S	
u-	r-	t-	t-
	ø-	i-	#p→m
			ø-

3.1.2.1 Prefixo {u-} ‘terceira pessoa reflexiva’ co-referente com S

Esse prefixo ocorre antes de nome possuído para indicar que este é alvo de uma ação de seu possuidor que também é o sujeito da sentença. Em outros termos, o prefixo {u-} expressa uma 3^a pessoa reflexiva.

- (71) apevu u-jara u-mu-pen
 Npr 3Refl-canoa 3-caus-quebrar
 ‘apevu quebrou sua própria canoa’
- (72) ga u-maniaka u-erut
 3sg.Mas 3Refl-mandioca 3-trazer
 ‘ele carregou sua própria mandioca’
- (73) kujĩ u-ka u-pyt
 mulher 3refl-roça 3-capinar
 ‘a mulher capinou sua roça (dela própria)’
- (74) ga u-avatxi u-tym
 3sg.Mas 3Refl-milho 3-plantou
 ‘ele plantou seu próprio milho’
- (75) ga u-tamakỹga u-ka ãna
 3sg.Mas 3Refl-perna 3-estar coçando
 ‘ele está coçando a perna dele (próprio)’
- (76) ga aha u-‘y rupi ne
 3sg.Mas ir 3Refl-mãe Posp Fut
 ‘ele irá com sua própria mãe’

3.1.2.2 Prefixo {r-}

O prefixo {r-} tem dois alomorfes r- ~ ø-, conforme já foi observado em outras línguas Tupi-Guarani por autores como Rodrigues (1953), Seki (2000) e Martins (2004). O alomorfe r- ocorre com os nomes possuíveis que iniciam por vogal e o alomorfe ø- ocorre com os nomes possuíveis que começam por consoante. No caso das raízes verbais, esse prefixo antecede radical de verbo intransitivo descritivo e radical de verbo transitivo quando há hierarquia de pessoa.

Esse prefixo ocorre nas raízes nominais possuídas sempre que o possuidor estiver imediatamente antes delas, ou seja, o prefixo {r-} marca a dependência entre um nome possuído e seu possuidor.

(77) dje r- yja
1sg Rel-filha
'minha filha'

(78) manuka r- uva
Npr Rel-pai
'pai de Manuca'

(79) dje ø- py
1Sg Rel-pé
'meu pé'

(80) djakare ø - py

jacaré Rel-pé

‘pata de jacaré’

(81) ene ø- pirera

2sg Rel-couro

‘tua pele’

(82) ene ø-fũ

2sg Rel-dedo

‘teu dedo’

3.1.2.3 Prefixo {i-}

Esse prefixo expressa um possuidor de terceira pessoa especificada, conhecida no discurso seja por ter sido mencionada antes, seja contextualmente, e que não é o sujeito da oração. Esse morfema realiza-se em dois alomorfes: o alomorfe **t-**, que ocorre antes de raízes iniciadas por vogal, e o **i-**, que ocorre antes de raízes iniciadas por consoantes.

(83) dje ø-pa

1sg Rel- mão

‘minha mão’

(84) i-pa i-fuku
3-mão 3-comprida
'a mão dele é cumprida'

(85) dje r-upava
1sg Rel-rede
'minha rede'

(86a) dje Ø- pirera
1sg Rel-couro
'meu couro/pele'

(86b) t- ukaja pype a-atyka
Rel-tocaia pos 1-ir
'eu vou à chiqueiro/armadilha dele'

Os exemplos (83) e (85) mostram possuidor expressos por primeira pessoa, os demais exemplos mostram possuidor de terceira pessoa especificada.

3.1.2.4 Prefixo {t-}

Esse prefixo ocorre na raiz de nomes inalienavelmente possuídos para indicar que o possuidor de terceira pessoa não está especificado no discurso, ou seja, é um possuidor em potencial. Esse morfema tem os seguintes alomorfes: **t-** ~ **Ø-** e **m-**. O

último ocorre com nomes inalienavelmente possuídos iniciados por /p/, o \emptyset ocorre antes de nomes possuíveis iniciados por consoantes diferente de **m** e o primeiro nos outros ambientes.

(87) t-yru e-rut dje ve

3Indf -roupa 2III-trazer 1sg posp

‘traga roupa para mim’

(88) e-py’yk \emptyset -djapepa’i katu’yva

2III-pegar 3Indf-panela limpa/(bonita)

‘pegue panela limpa !’

(89) m-irera e-ak dje ve

3Indf -couro 2III-arrancar 1sg posp

‘arranca couro para mim’

Conforme observado por Seki (2000, p. 58) para o Kamaiurá, o possuidor indefinido funciona como um desrelacionador nos termos de Seiler (1983). Radicais de nomes inalienavelmente possuídos marcados com esses prefixos são usados como formas citacionais na língua.

3.1.3 Categoria de número

Em geral, a categoria de número no Asurini do Xingu é não-marcada, os nomes são normalmente usados numa única forma que remete ao singular. Entretanto, há recursos para marcar o plural nos nomes. A seguir, discriminamos quais são esses recursos.

1) Os nomes [+humano] recebem o sufixo **{-mera}** quando indicam mais de um ser, assemelhando-se ao coletivo da língua Portuguesa.

(90) pajẽ-mera u-uta raka nite djevara

pajé- Col 3-ir Part com não-pajé (outros da aldeia)

‘os pajés com os outros (homens não pajés da aldeia) foram’

(91)

kudjema’e ‘homem’

kudjema’e-mera ‘os homens’

kunumi ‘menino’

kunumi-mera ‘os meninos’

2) Alguns nomes [-humano] recebem o sufixo **{-tyra}** para indicar local com abundância de uma coisa.

(92)

mani’aka ‘mandioca’

mani’aka-tyra ‘mandiocal’

oraviva ‘laraja

oraniva-tyra ‘laranjal’

pakarenũ’ũ ‘banana’

pakarenũ’ũ-tyra ‘bananal’

3) Outra forma de marcar o plural nos nomes animados é através do morfema **amu** ‘outro’.

(93) ure r-ayra amu u-etyk pap ure-‘êga

1Pl Rel-filha outro 3- perder Compl 1Pl-fala
'nossos filhos perderão totalmente nossa língua'

É possível que a língua apresente outras formas para marcar número. Trabalhos futuros poderão revelar isso.

3.1.4 Categoria de gênero

Os nomes não recebem uma marcação morfológica indicando a que gênero pertencem. Quando se quer explicitar o sexo, isso é feito lexicalmente, caso contrário, é inferido pelo contexto em que estão inseridos os interlocutores. A língua possui duas formas genéricas: uma que é usada para o termo homem '**kudjema'e**' e outra que é usada para o termo mulher '**kujĩ**', ambas indicam, respectivamente, sexo masculino e sexo feminino se colocada imediatamente depois de um nominal que tenha traço semântico [+animado].

(94) kujĩ maja u-djuka
mulher cobra 3-matar
'a mulher matou cobra'

(95) kudjema'e u-manu
homem 3-morreu
'o homem morreu'

(96) kunumi maja kujĩ u-djuka
menino cobra fêmea 3-matar
'o menino matou cobra fêmea'

- (97) kunumi maja kudjema'e u-djuka
 menino cobra macho 3-matar
 'o menino matou cobra macho'

Os exemplos (94) e (95) mostram os nomes **kuji** e **kudjema'e** funcionando como lexemas plenos. Os exemplos (96) e (97) mostram que para se ter explícito o gênero de **maja** foi necessário acrescentar-se os itens lexicais **kuji** 'fêmea' e **kudjema'e** 'macho'.

Ressalta-se que, em geral, os nomes em Asurini do Xingu são não marcados em relação ao sexo, sozinhos podem ser interpretados como masculino ou feminino. No entanto, uma forma não-marcada normalmente é interpretada na língua como masculina. A ausência dos termos '**kuji**' e '**kudjema'e**' faz com que o nome seja interpretado como masculino.

Em geral, os Asurini fazem uso da forma não-marcada, usando as formas **kuji** 'fêmea' e **kudjema'e** 'macho', somente quando querem especificar o gênero do nome. No entanto, nomes [-animado] não admitem essas formas. Assim, afirmamos que a marcação de gênero na língua Asurini está baseada na semântica dos nomes.

Outra estratégia utilizada pela língua para marcar gênero é o uso de termos distintos para entidades com traço semântico [+ humano], como os termos que designam pessoas e algumas relações de parentesco.

-up 'pai'	-'y 'mãe'
-emirika 'esposa'	-erakwara 'esposo'
ta'yra 'filho do homem'	membyra 'filho da mulher'

Algumas línguas Tupi-Guarani possuem formas análogas para marcar o gênero, como, por exemplo, o Kamaiurá (Seki 2000, p. 59-60) que usa os termos **akwma'e**

‘homem’ para indicar o gênero masculino e **kujã** ‘mulher’ para indicar o gênero feminino. A língua Tapirapé usa as formas lexicais **hoxỹ** e **ãkomahe** para indicar, respectivamente, feminino e masculino.

Além disso, como será visto mais adiante, o Asurini do Xingu utiliza partículas para indicar o sexo do interlocutor.

3.2 Subclasses do nome

3.2.1 Pronomes pessoais

Os pronomes pessoais constituem uma classe fechada de elementos, o que justifica seu tratamento separado dos nomes, apesar de ambos desempenhar funções análogas.

As línguas Tupi-Guarani, em geral, apresentam esses pronomes em dois paradigmas: um para as formas livres e outro para as formas clíticas. Em Asurini do Xingu, não se justifica o tratamento dessas formas em dois paradigmas separados, pois não apresentam material fonológico que justifique a separação. Assim, são tratadas em apenas um paradigma, como formas que desempenham função livre em dados contextos e como formas que desempenham função clítica em outros contextos.

Segundo Givón (2001), o sistema pronominal das línguas analogamente a outras estruturas gramaticais segue uma trajetória distinta de desenvolvimento. Seu percurso pode ser resumido em três estágios: ao primeiro e ao segundo estágios correspondem, respectivamente, os percursos semântico e pragmático, e ao terceiro estágio corresponde o desaparecimento fonológico das formas pronominais. No primeiro estágio, encontram-se os pronomes em um paradigma independente; no segundo estágio, esses pronomes são desacentuados, passando a clíticos e, posteriormente, a afixos pronominais anafóricos com concordância pronominal obrigatória; no terceiro e último estágio, a forma fonológica do pronominal passa a zero.

Nossa análise para o sistema pronominal do Asurini do Xingu segue essa proposta de Givón. De acordo com ela, essa língua encontra-se entre o primeiro e o segundo estágio: as formas livres estão se cliticizando, isto é, os dois possíveis paradigmas que correspondiam às formas livres e às clíticas estão fundidos em único paradigma morfológico. O Proto-Tupi-Guarani apresentava quatro séries de marcadores de pessoa e uma série de pronomes livres. A série 2 desses marcadores é classificada como pronomes clíticos nas descrições para o conjunto de línguas Tupi-Guarani (Jensen1998) e nas descrições isoladas das línguas da família como o Kamaiurá (Seki 2000) e o Guarani-Mbya (Martins 2004).

Em Asurini do Xingu, como já dissemos, não existe material fonológico que justifique a divisão em dois paradigmas distintos, um para as formas clíticas e outro para as formas livres, contrariamente ao que afirmam os estudos de Jensen (1998). De acordo com os estudos comparativos dessa autora, o Asurini do Xingu apresenta as quatro séries de marcadores de pessoa, bem como, a série de pronomes livres.

Dado o fato da provável existência (em algum estágio do Asurini do Xingu) de dois paradigmas distintos para as formas clíticas e livres, respectivamente, uma vez que tais formas existiam na Proto-língua, uma hipótese provável para a existência de apenas um paradigma pronominal para as funções livres e para as funções clíticas é a fusão das formas fonológicas dos dois paradigmas, seguindo a trajetória proposta por Givón para os pronomes independentes de uma língua. É possível que o fato de o material fonológico ser bastante semelhante nos dois paradigmas, na Proto-língua e nas línguas para as quais ainda persiste a diferença, tenha contribuído para a fusão. Essa fusão é explicada pelo fato de a língua já apresentar um paradigma para as funções clíticas, não tendo, pois, necessidade de novo paradigma.

Quadro 5- Pronomes pessoais

Pessoas	Pronomes
1 Sg	dje
2 Sg	ene
3 Sg F	ẽ
3 Sg M	ga
1 Pl Incl.	djane
1 Pl Excl.	ure
2 Pl.	pene
3 Pl	gy

Neste paradigma, o Asurini apresenta três pessoas distintas: 1^a, 2^a e 3^a, que se opõem em número singular e plural, gênero masculino e feminino na terceira pessoa do singular, além da distinção entre primeira pessoa do plural inclusiva (falante e ouvinte) X exclusiva (falante e terceiro).

Benveniste (1996) propõe duas correlações para um sistema desse tipo: a correlação de personalidade 1^a/2^a X 3^a e a correlação de subjetividade 1^a X 2^a. A primeira e a segunda pessoa são interlocutoras e a terceira é a não-pessoa, a que é feita alusão no discurso. Esse tratamento diferenciado dado à 3^a pessoa está relacionado ao fato de ela carregar o discurso da primeira e segunda pessoa, além de apresentar a noção de gênero masculino e feminino e a distinção humano x não- humano em algumas línguas do mundo.

Como podemos observar, o paradigma dos pronomes pessoais acima apresenta formas para a terceira pessoa, distinguindo-a quanto ao gênero e número, contrariamente ao que é mostrado em Jensen (1998). Essas características distinguem o Asurini de outras

línguas da família como o Kamaiurá e o Guaraní-Mbya para as quais não existe uma terceira pessoa nos paradigmas das formas livres e clíticas.

Conforme Siewierska (2004), muitas línguas que não apresentam marcadores para a terceira pessoa usam no lugar desses marcadores pronomes demonstrativos correspondentes aos do inglês *this* e *that*. As formas **ga**, **ẽ** e **gy** do Asurini ao que parece desempenhavam apenas as funções dêiticas na língua, atualmente são usadas também no paradigma dos pronomes pessoais. A provável explicação do uso dessas formas como terceira pessoa no Asurini, além do fato de os demonstrativos poderem funcionar como terceira pessoa para as línguas nas quais não existe forma para a terceira pessoa, está também no uso que os falantes fizeram desses demonstrativos na língua, especializado-os e dando a eles mais uma função, além da função típica dos demonstrativos, que segundo Givón (2001: 97): “Typically, demonstratives code the orientation (deixis) of a noun vis-à-vis some spatial reference point, most commonly the location of the speaker or hearer...”, criando, assim, mais formas pronominais para a língua.

Essas formas são tratadas como pronomes pessoais e não como prefixos porque suas funções são análogas às funções do nome, podem ocorrer isoladamente e antes do radical da palavra intermediado pelo prefixo relacional {-r} e entre ele e o verbo pode existir um elemento adverbial.

(98) ga kumetetedje a- py'yk

3sg.Mas rápido 1sg- pegar

‘eu o peguei rápido’

(99) e- djat dje r-upi

2Sg.III vir 1sg Rel-Posp

‘venha comigo!’

(100) dje djakare a-‘u

1sg jacaré 1-comer

‘eu comi jakaré’

3.2.1.1 Distribuição sintática dos pronomes pessoais

Os pronomes pessoais desempenham função livre e função clítica. A função clítica é muito discutida na literatura dada a sua natureza ambígua, ora comporta-se semelhante a formas presas, ora semelhante a formas livres. Para fins de esclarecimento, ilustraremos aqui mostrando dois pontos de vista, não distintos, mas complementares já que as abordagens são diferentes. Numa abordagem diacrônica, Givón (2001) apresenta os clíticos como formas desacentuadas provenientes de formas livres acentuadas. Em uma abordagem sincrônica, Zwick (1985, p.283-305) apresenta as propriedades de clíticos, prefixos e formas independentes. O quadro abaixo resume algumas dessas propriedades apresentadas por Zwick.

Quadro 8- Algumas propriedades apresentados por Zwick para clítico, afixo e palavra

		Clítico	Afixo	Palavra
Teste fonológico				
	sândi externo interno		-	
	fonologia prosódica no domínio do SN	constitui palavra fonológica (as unidades separadas não têm acentuação própria)	-	constitui frase fonológica (as unidades separadas têm acentuação própria)
	fonologia segmental no	se um elemento pertence à palavra	-	se um elemento pertence a uma frase

	domínio do SN	fonológica para essa proposta é um clítico .		fonológica (SN) para essa proposta é uma palavra independente
Um teste acentual		clíticos são acentuadamente dependentes	-	palavras são acentuadas independentemente
Testes usando similaridades entre clíticos e afixos	Prisão	a forma é presa e, especialmente, não pode ocorrer em isolamento completo.	forma presa	forma livre
	Fechamento	correspondentemente, um elemento que ‘close off’ combinações a afixação, ou certamente a cliticização, pode ser um clítico.	tipicamente, certos afixos flexionais ‘close off’ words, a afixação adicional	-
	Construção	as propriedades de construção dos clíticos são uma matéria de algumas controvérsias: à semelhança dos afixos, espera-se que os clíticos combinem com palavras simples.	combinam com raízes de palavras plenas.	combinam com outras palavra ou frases. Se a distribuição de um elemento é corretamente declarado em termos de sua habilidade para ocorrer com (potencialmente) multi-word frases, seja uma palavra plena.
	ordenação	ordenado em relação a um elemento adjacente. Mas pode ter alguma liberdade de ordem com relação a um outro, embora não normalmente com	ordenado em relação a um elemento adjacente	ordenado livremente

		relação a seu hospedeiro.		
	distribuição	à semelhança do afixo é também simples	princípio de governabilidade simples, ex: - oso combina com adjetivos, - mos com verbos	as combinações com palavras são numerosas
	complexidade	morfologia simples	morfologia simples	morfologia complexa
Testes sintáticos				
	apagamento	não está sujeito a apagamento	-	está sujeito a apagamento
	substituição	Não está sujeito a substituição da identidade por uma pró-forma.	-	está sujeito a substituição da identidade por uma pró-forma
	Movimento	Não está sujeito a regras de movimento		pode participar das movimentações.

Partindo-se do ponto de vista de Givón (2001) de que os clíticos foram formas independentes que se gramaticalizaram e levando-se em consideração o fato de um clítico estar a caminho da afixação, explica-se o fato de os clíticos possuírem ora propriedade em comum com as palavras, ora propriedade em comum com os afixos, como podemos ver no quadro acima extraído de Zwick (1985).

A seguir serão mostrados os pronomes pessoais do Asurini do Xingu em função livre e em função clítica.

3.2.1.2 Distribuição sintática dos pronomes pessoais em função livre

Em Asurini do Xingu, os pronomes pessoais desempenham funções livres nos seguintes casos:

a) Enfatizador do sujeito em orações independentes;

(101) dje djawara a-etxak

1sg cachorro 1-ver

‘eu vi o cachorro’

(102) ene ere-pen

2sg 2-passar

‘você passa’

(103) ga u-dja’a

3sg.Mas 3sg-chorar

‘ele chora’

As construções acima poderiam ser ‘a-etxak’, ‘ere-pen’ e ‘u-dja’a’, sem os pronomes dje, ene e ga, pois não haveria prejuízo na compreensão delas.

b) constituinte único de uma frase em resposta a uma pergunta.

(104a) mepy u-‘at ?

Q 3-cair

‘quem caiu?’

(104b)dje.

1sg

‘eu’

3.2.1.3 Pronomes pessoais em funções clíticas

Os pronomes pessoais em funções clíticas não são acentuados. Aparecem sintaticamente ligados a outros elementos de um sintagma. Ocorrem nas seguintes funções:

a) Possuidor junto a nomes possuíves;

(105) dje r-uva

1 sg Rel- pai

‘meu pai’

(106) ga r- upava

3sg.Mas Rel-rede

‘rede dele’

b) objeto de posposição;

(107) a-aha ene r-upi ne
1Sg- ir 2sg Rel-Posp Fut
'eu irei contigo'

c) Objeto de verbos transitivos;

(108) dje ga u-djuka
1sg 3sg.Mas a-matar
A O V
'eu o matei'

d) sujeito de descritivos

(109) ene r-urip
2sg. Rel-estar alegre
'você está alegre'

(110) dje r-agỹ
1sg Rel-estar apressado
'eu estou apressado'

f) sujeito e objeto de verbos em construções dependentes como a que se encontra no modo circunstancial.

(111) jara pype ga r- ut -i
 canoa posp 3A Rel- vir-Circ
 ‘ele veio de canoa’

3.3. Demonstrativos

Segundo Givón (2001a, p. 97) a função típica dos demonstrativos é a orientação (dêixis) de um nome em relação a um ponto de referência no espaço, sendo este ponto normalmente o falante ou o ouvinte. E segundo Lyons:

A noção de dêixis – que é simplesmente a palavra grega que exprime a ação de “apontar” ou “indicar”, e veio a ser um termo técnico da teoria gramatical- foi introduzida para indicar os traços “orientacionais” da língua que se relacionam com o tempo e o lugar do enunciado. Os chamados *pronomes pessoais* - *eu, tu, você, ele-* etc.- constituem apenas um classe de elementos da língua cujo significado se determina pela referência às “coordenadas dêíticas” da situação típica do enunciado (Lyons, 1979, p. 290)

Os demonstrativos, em Asurini do Xingu, são classificados como uma classe de palavra fechada. São bastante complexos, ao que parece envolvem três aspectos fundamentais para a compreensão do sistema: proximidade, visibilidade e audibilidade, além da posição corpórea para alguns. A proximidade espacial se dá com relação ao falante, ao ouvinte e à distância do falante e do ouvinte. Entretanto a semântica de alguns demonstrativos ainda não está totalmente clara para nós. Dessa forma, serão listados nessa parte apenas aqueles demonstrativos para os quais não temos dúvida a respeito de sua semântica. Contudo, ao logo desta tese, fazemos uso de outros demonstrativos não citados nessa parte.

Abaixo, os dados ilustram os aspectos citados acima.

ka é usado para um referente que está próximo ao falante e visível.

(112) ka ga kyva
Dêit 3sg.Mas piolho
'este piolho aqui'

(113) ka ã kujĩ
Dêit 3sg.Fem mulher
'esta mulher aqui'

(114) ka ga yvy
Dêit 3sg.Mas terra/chão
'nessa terra'

(115) ka ga 'y
Dêit 3sg.Mas água, rio
'nesse rio'

(116) ka rupi aha maniaka rehe panemi
Deit posp ir mandioca posp part
'por aqui (apontando), eu fui por mandioca (porque queria mandioca)'

(117) ka ga pe ere-futat
Dem 3sg.Mas Q 2-querer
'qual desses você quer?'

auí é usado para fazer referência a algo que está visível, ao alcance de ser palpável e encontra-se numa posição curvada. Seu uso é restrito ao singular, ocorre apenas com os pronomes **ga** e **ã**.

(118) aui ga u-karu u-ĩn-a
Dem 3sg.Mas 3-comer 3-Aux-G
'Esse aqui está comendo'

(119) aui ã u-karu u-ĩn-a
Dem 3sg.Fem 3-comer 3-Aux-G
'Essa aqui está comendo'

(120) aui ga u-karu-ø
Dem 3sg.Mas 3-comer-Circ
'Esse aqui comeu'

au faz referência a algo que é visível, está ao alcance de ser palpável e encontra-se numa posição esticada/reta

(121) au ga u-manu-ø
Dem 3sg.Mas 3-morrer-Circ
'esse aqui morreu'

(122) au ã u-manu
Dem 3sg.Fem 3-morrer-Circ
'essa aqui morreu'

irainũ Faz referência a algo que era tido como perdido, e depois foi achado.

(123) mani'yva mypara irainũ nỹjanỹ nỹjanỹ
maniva(batata da maniva) Q Dem quatro + quatro
'cadê a batata da maniva? (Tá) aqui, (achei) oito'

(124) irainũ a-etxaka
Dem 1-ver/achar
'eu o achei'

Ke É utilizado para fazer referência a algo que não é visível e não é palpável. Parece que ocorre apenas no singular

(125) kuruniva r-ukaj r-ũga² ke ga a'e pype
nome de árvore Rel-tocaia Rel-3sg Dem 3sg.Mas Dêit posp
'Aquele (ele) foi fazer tocaia no kuruniva'

(126) ke ã u-ata-w
Dem 3sg.Fem 3Refl- sair-circ
'aquela saiu'

(127) karukame ke ã manu-ø
ontem Dem 3sg.Fem morrer-circ
'aquela morreu ontem'

irui Faz referência a algo que está distante, mas visível e encontra-se numa posição curvada.

(128) irui ã u-karu u-ĩn-a
Dêit 3sg.Fem 3-comer 3-Aux-G
'aquela está comendo'

² ãga, forma arcaica de ga, '3 pessoa singular masculina'

Em nossa pesquisa, até o momento, os demonstrativos apresentam as seguintes propriedades:

a) Atuam como núcleo de SN;

(129) ke ã u-ata-w
Dem 3sg.Mas 3Refl- sair-Circ
'aquela saiu'

b) podem funcionar como modificadores de um nome;

(130) ka ga 'y
Dêit 3sg.Mas água, rio
'nessa água'

c) Podem atuar como objeto de posposição;

(131) u-manu ka ga rehe
3-morrer Demons 3sgM posp
'ele morreu por aqui'

d) podem receber a noção de gênero masculino e feminino;

(132) ka ga kyva
Dem 3Sg.Mas piolho
'este piolho aqui'

(133) ka ã kujĩ
Dem 3sg.Fem mulher
'esta mulher aqui'

e) podem receber a noção de número e

(134) aumi gy u-karu-ø

Dem 3Pl 3-comer-Circ

‘eles comeram’

f) podem receber o atributivo {-ramũ}

(135) aupe-ramũ raka dje utxima a-rut panemĩ kwĩ

Dem- Atr Ev 1sg cipó 1-trazer Part Part Mas

‘dessa vez, eu trouxe o cipó’

Além dos demonstrativos apresentados até aqui, que desempenham função dêitica, o Asurini do Xingu utiliza em grande escala três formas: **a’e**, **ga**, **ẽ**, bastante recorrentes na língua, tendo uma função estritamente dêitica no interior dos textos.

(136) ga a’e py’pe aha-w arew

3sg.Mas Dêitico posp ir -Circ durante o dia

‘ele, aquele (menino) foi durante o dia’

O dado acima foi retirado de uma narrativa, a forma **a’e** tem uma função anafórica, retomando o referente menino, citado anteriormente no discurso. Seu uso na língua parece ser exclusivamente anafórico.

3.4 Verbo

Conforme Givón (1984), a classe dos verbos em muitas línguas é uma categoria gramatical que expressa conceitos não-estáveis no tempo¹⁵. Assim, semanticamente, o verbo distingue-se do nome por este último apresentar conceitos relativamente estáveis no tempo. Sabemos que em muitas línguas, no Português, por exemplo, há nomes que expressam conceitos não tão estáveis no tempo, como o nome viagem. Entretanto, esses nomes constituem uma parcela pequena nas línguas e não comprometem a definição acima proposta.

A classificação morfossintática do verbo em Asurini é feita de acordo com dois grupos de propriedades morfossintáticas: distribucional e estrutural, conforme proposto pelos guias de trabalho para descrição lingüística. A propriedade distribucional se associa à funções semântico-sintáticas desempenhadas pela palavra nos sintagmas, cláusulas e textos. A propriedade estrutural reflete a estrutura interna da palavra. De acordo com a propriedade distribucional, a vocação primeira dos verbos é a predicação, isto é, funcionar como núcleo de um predicado. No que se refere à propriedade estrutural, o verbo Asurini do Xingu é flexionado por prefixos pessoais, prefixos relacionais e pronomes pessoais em função clítica, por morfemas modais e pela possibilidade de receber o nominalizador {-**tap**}.

Estruturalmente, os prefixos relacionais e os pronomes clíticos atuam na distinção entre os verbos ativos e os inativos. Como sabemos, uma das fortes características das línguas da família Tupi-Guarani é a atividade/inatividade.

¹⁵. “The class of verbs in any language is the grammatical category that includes lexemes which express the least time-stable concepts, e.g., events such as die, run, break, etc.” (Givón 1984, p.51-55)

Quadro 9- Marcadores de pessoa no verbo

	Pronomes pessoais	Prefixos Ativos			
		Série I	Série II	Série III	Série IV
1ª p. sg	Dje	a-	te-		
2ª p. sg	Ene	ere-	e-	e- / ere-	uru-
1ª p. incl.	Djane	txa-	djare-		
1ª p. excl.	Ure	uru-	uru-		
2ª p pl.	Pene	ee-	pedje-	pe-	uru- ¹⁶
3ª p. sg/pl	ga Mas, ã Fem / gy	u-	u-		

Conforme já vimos, os pronomes pessoais desempenham função livre (nesse caso são tônicos) e função clítica (nesse caso são átonos). São esses pronomes os que ocorrem com verbos descritivos (esse tipo de verbo será tratado mais adiante). Enquanto as outras séries de pronomes ocorrem com verbos ativos, respeitando, os diferentes tipos de verbo. O uso desses marcadores de concordância verbal permite dividir os verbos em transitivos, intransitivos ativos e intransitivos descritivos.

3.4.1 Verbo transitivo

Os verbos transitivos se distinguem de outros verbos e outras classes de palavras pelas características que listamos a seguir:

- a) Sintaticamente, funcionam com dois argumentos: um [+agente] e outro [-agente];

¹⁶ A diferença entre a 2ª p sg e a 2 p. pl na série IV está no fato de a primeira receber a partícula ape e a segunda pedjepe depois do verbo.

(137) tajmira mani'aka u-mu'in
Npr mandioca 3-cozinhar
A O a- vt
'Taimira cozinhou mandioca'

(138) kwaĩ ipira u-py'yk
Npr peixe 3-pegar
A O a-vt
'Kwa'i pegou peixe'

b) recebe os prefixos da série IV (*portmanteau*);

(139) uru-etxak
1/2- ver
A/O-vt
'eu vi você'

(140) uru-mu'uk
1/2- banhar
A/O- vi
'eu banhei você'

c) Recebe o causativo {-**mu**};

(141) u-ep
3-apagar
'apagou-se'

(142) tata a- mu- ep
fogo-1sg- Caus-apagar
'apaguei o fogo(fiz o fogo se apagar) '

(143) kunumi u-kyt
menino 3-dormir
'o menino dormiu'

(144) kunumi a- mu- kyt
menino 1sg-Caus- dormir
'fiz o menino dormir (causei sono ao menino)'

d) recebe o causativo **{-ukat}** e

(145) kunumi u-mana-ukat vyrapara karaj upe
menino 3-dar-Caus arco não-índio Dat
'ele mandou o menino dar o arco ao não-índio'

(146) ene tadjá'u ere-djuka-ukat kudjema'e upe
2sg porco 2-matar-Caus homem Dat
'você mandou matar o porco para o homem'

e) recebe os nominalizadores **{-tat}**, 'agentivo', **{-ipyt}** 'paciente' e **{-emi}** 'paciente/objeto';

(147) a kwa'ĩ u-djuka maja [kunumi mamak-ar-er-a]
Npr 3-matar cobra menino morder-Nom-Pas-N
'Kwa'ĩ matou a cobra que mordeu o menino'

(148) i-djuka-pyr- er -a
3-matar-Nom-Pas-N
'o que foi morto'

(149) ene r-emi-avyki
2sg Rel-Nom-bater
'o que foi batido por você/o que você bateu'

(150) a-etxak ene r-emi-etyka
1-ver/encontrar 2sg Rel-Nom-perder
'eu achei o que você perdeu'

e) recebe os prefixos {**-dje**} Reflexivo e {**-dju**} recíproco, tornando-se intransitivo;

(151) a- dje- mu'uk
1sg-Refl-banhar
'eu me banho'

(152) ure-dju- mu'uk
1Pl-Rec-banhar
'nós banhamos uns aos outros'

e) Nas orações independentes, o verbo é marcado com prefixos da série I;

(153) dje ipira a-muin
1sg ipira 1-cozinhar
'eu cozinho peixe'

f) O marcador de pessoa do verbo concorda com o sujeito (séries I e III), e com o objeto (quando atua a hierarquia de referência, sendo marcado por pronomes pessoais em função clítica).

(154) tata e- petek
 fogo 2 sgIII-abanar
 ‘abane o fogo!’

(155) djane djawara txa- etxak
 1Pl.Incl onça 1Pl.Incl.a-ver
 ‘nós vimos a onça’

(156) dje r-etxak
 1sg Rel-ver
 O V
 ‘Ele me viu’

3.4.2 Verbo intransitivo ativo

a) Sintaticamente admite apenas um argumento;

(157) ga u-ata
 3sg.Mas 3-andar
 ‘ele anda/caça’

b) recebe os nominalizadores { **-ama'e** } 'atributivo' e { **-ima'e** } 'atributivo negativo';

(158) a-etxak kujĩ u-puru-djuaka-ma'e
1-ver mulher 3-Gn-pintar-Nom
'eu vi a mulher que faz pinturas'

(159) u-dje-miwv-ima'e u-vaem
3-Refl-cozinhar-Nom Atr negativo 3-chegar
'a (mulher) que não cozinha chegou'

c) no modo gerúndio, é marcado com os prefixos da série II, exclusiva de verbos intransitivos;

(160) dje dji a-im'ẽ te-djat-a
1sg machado 1-amolar III-vir-G
'eu amolei o machado para vir'

d) nos modos independentes não aceita os pronomes pessoais em função clítica;

e) não admite os prefixos da série IV e

f) analogamente aos verbos transitivos nas orações independentes é marcado por prefixos da série I cuja concordância é feita com o sujeito da oração.

3.4.3 descritivos: verbo x nome

Os descritivos são termos que exprimem estado, qualidades ou propriedades. Em geral, esses termos têm um comportamento ambíguo, ora apresentam propriedades em comum com os nomes, ora propriedades em comum com os verbos. Esses termos denotam conceitos que são expressos pela classe de adjetivos nas línguas que possuem essa classe de palavra, em línguas que não a apresentam, eles são considerados uma subclasse dos nomes ou uma subclasse dos verbos intransitivos, ou ainda uma classe distinta, (c.f Rose 2003). A

análise dos descritivos nas línguas Tupi-Guarani é controvertida de forma que os lingüistas ainda não chegaram a um consenso. Há basicamente dois pontos de vista com duas análises: um ponto de vista que considera esses termos uma subclasse do nome, e o outro ponto de vista que os consideram uma sub-classe dos verbos intransitivos.

Aqui, mostramos a classificação desses termos em algumas línguas da família Tupi-Guarani e as propriedades que eles têm em comum com o nome e com o verbo no Asurini do Xingu. Em seguida, tratamos das propriedades que eles têm em comum com o verbo e com o nome na língua. Com base nessas propriedades, sugerimos uma classificação para eles.

3.4.3.1 Os descritivos e as línguas Tupi-Guarani

A problemática na análise dos descritivos nas línguas Tupi-Guarani, conforme Queixalós (2001, p. 5), está relacionada ao fato de este conjunto de palavras apresentar comportamento diferenciado de língua para língua e aos vários critérios utilizados por diversos autores para a descrição da língua com a qual trabalha. Um dos critérios mais utilizados para a classificação dos descritivos é a distinção verbo x nome.

A análise dos descritivos apresenta-se bastante volumosa na descrição lingüística, seja na descrição do fenômeno numa língua específica (Seki, 2000; Rose, 2003; Rodrigues, 1996) seja na descrição do fenômeno para um conjunto de línguas (Jensen, 1990; Dietrich, 2000), seja na descrição tipológica (Dixon, 1994).

Rodrigues (1996), em análise para os descritivos do Tupinambá, trata esses termos como nomes possuíveis: “Faz todo sentido considerar os nomes de qualidades e estados como nomes possuíveis, que podem funcionar como núcleo de predicado tanto quanto os demais nomes possuíveis, e não como uma categoria à parte de verbos descritivos ou de verbos intransitivos inativos” (RODRIGUES, 1996, p. 94)

Seki (2000), na descrição da língua Kamaiurá¹⁷, classifica os descritivos como uma subclasse de verbos intransitivos: intransitivos descritivos. Essa classificação, segundo a autora, justifica-se pelas

¹⁷O Emerillon, o Tupinambá e o Kamiurá são línguas Tupi-Guaraní.

propriedades morfológicas e sintáticas que esses termos têm em comum com os verbos, em particular com os verbos intransitivos.

Em Rose (2003) é apresentada uma nova análise para os descritivos no Emerillon. Trata-se da cisão dos descritivos em duas classes de lexemas com comportamentos distintos: *nominoïde* e *attributifs*¹⁸, o que, segundo a autora, parece ser único na família Tupi-Guarani.

Essa classificação foi feita com base em alguns critérios. Para a classificação dos nomoïdes é considerado que: “Les critères de compatibilidade avec le continu –o et d’incompatibilidade avec le pluriel –kom sont en fait plutôt utilisés pour constituer les nominoïdes em sous-classe des noms.”¹⁹ (ROSE, 2003, p. 50)

A principal característica dos *attributifs* é a ausência de vocação funcional primária, pois eles não podem servir de argumento ou de predicado sem morfologia (sufixo -i, cópula, relativizador) (cf. Rose 2003 : 59).

Apresentadas sinteticamente as análises existentes para os descritivos em algumas línguas Tupí-Gurani, passamos, agora, a tratar desses termos na língua Asurini do Xingu.

3.4.3.2 Os descritivos na língua Asurini do Xingu

Neste trabalho, baseando-nos em critérios morfológicos e sintáticos, bem como na distinção nome/verbo, sugerimos uma classificação para os descritivos no Asurini do Xingu, já que eles não apresentam características morfológicas e sintáticas específicas que justifiquem seu tratamento numa classe de palavra distinta. Para tanto, mostraremos as características comuns entre os descritivos e os nomes; em seguida, entre os descritivos e os verbos; e posteriormente, apresentamos o nome, o verbo e o descritivo na função atributiva e na função predicativa. E, finalmente, concluímos com uma sugestão para a classificação desses termos na língua.

¹⁸ Nomoïdes e atributivos

¹⁹ Os critérios de compatibilidade com o contínuo –o e de incompatibilidade com o plural –kom são utilizados para considerar-se os nomoïdes como uma sub-classe dos nomes (tradução nossa)

(165) ga i- muruviavav -uu
3sg.Mas Rel-velho -Aum
'ele é muito velho'
Tr. Lit: 'ele é velhão'

(166) aka i-djuv- i
casa Rel-amarela-Dim.
'a casa é amarelinha'

3. 4.3.2.2 Características comuns entre descritivos e verbos

1) Descritivos e verbos funcionam diretamente como predicados, ou seja, sem nenhuma morfologia especial;

(167) Myra i-fuku (descritivo funcionando como predicado)
Npr 3-ser grande
'Myra é alta'

(168) Myra u-vaem
Npr 3-chegar
'Myra chegou'

2) os descritivos e os verbos negam com os mesmos morfemas e da mesma maneira.

(169) dje ne- dje- katu- i (descritivo)
1sg neg-1sg-bonito-neg
'eu não sou bonito'

(170) n- a- kyt -i aka pype (verbo)
neg- 1sg-dormir-neg casa Posp
'eu não dormi em casa'

3) os descritivos aceitam o nominalizador **{-tap}**, típico de verbos (transitivo ou intransitivo);

(171) a-kwap ene marin-av-a (descritivo)
1-conhecer/saber 2sg estar.doente-Nom-N
'eu sei da tua doença'

(172) n-a-kwav-i i-py'yk-av-a (verbo)
neg-1-conhecer/saber-neg 3-pegar-Nom-N
'eu não sei pegá-lo'

4) O descritivo, assim como o verbo, ocorre no imperativo com os prefixos pessoais: **{e-}** (2ª pessoa singular) e **{pe-}** (2ª pessoa plural).

(173) e- txipe (descritivo)
2sgIII-quieto
'quieto!'

(174) pe- txipe (descritivo)
2PIII-quieto
'quietos!'

(175) e-kytyk (verbo)
2sgIII-ralar
'rale!'

(176) pe- kytyk (verbo)
2PIII-ralar
'ralem!'

5) o descritivo combina-se com a cópula **-ka** adquirindo um aspecto de estado em processo.

(177) pe-ka txipe (cópula com descritivo)
2PIII-Cóp. quieto
'permaneçam quietos!'

(178) a-karu te-ka papanema (cópula com verbo)
1-comer 1II-Cóp primeiro
'vou comer primeiro'

3. 4.3.2.3 Nomes, verbos e descritivo na função atributiva

Abaixo, através da comparação entre nome, verbo e descritivo, percebe-se que o verbo, semelhantemente ao descritivo, para atuar na função atributiva recebe o nominalizador {-ama'e}, opondo-se nesse ponto aos nomes, que não necessitam de tal morfema, haja vista que a função primeira dessa classe de palavra é a atributiva.

Nome

(179) kudjema'e pajê u-vaem
homem pajé 3-chegar
'o homem pajé chegou'

(180) ipira tapaka i-katu
peixe pacu Rel-ser.bom
'peixe paku é bom'

(181) tatu r-a'a i-katu
tatu Rel-carne Rel-ser.bom
'carne de tatu é boa'

(182) marita ø- djani i-katu
babaçu Rel- óleo Rel-ser.bom
'óleo de babaçu é bom'

Verbo

(183) jara u-puk- ma'e u-djaperema
canoa 3-furar-Nom 3-virar
'a canoa que furou virou'

(184) kujĩ u-dje- ruti -ma'e u-ata
mulher 3-Refl-envergonhada-Nom 3-sair
'a mulher envergonhada saiu'

(185) yvyra u-'at-ma'e u-kaj
árvore 3-cair-Nom 3-queimar
'a árvore que caiu queimou-se'

(186) kudjema'e u-ata-ma'e
homem 3-sair-Nom
'o homem que saiu'

Descritivo

- (187) aka djup- ma'e u- 'at
casa amarelo-Nom 3-cair
'a casa amarela caiu'
- (188) yvyra djukyry-ma'e u-'at
árvore verde- Nom 3-cair
'a árvore verde caiu'
- (189) kujĩ i-katu-ma'e
mulher Rel-ser.bom-Nom
'a mulher bondosa chegou'

3. 4.3.2.4 Nome, verbo e descritivo na função predicativa com ramu

Comparando-se nome, verbo e descritivo na função predicativa, os dados nos mostram que verbo e descritivo para predicarem não precisam de {-ramu}, atributivo; enquanto que os nomes necessitam desse morfema para predicar.

Nome

- (190) kwa'ĩ kudjema'e-ramu
Npr homem- Atr
'Kwa'ĩ é homem'
- (191) mureira pajẽ-ramu
Npr pajé- Atr
'Moreira é pajé'

(192) uruvu u'ira-ramu
urubu pássaro-Atr
'urubu é pássaro'

(193) afuvia ipira-ramu
corvina peixe-Atr
'corvina é peixe bom'

Verbo

(194) kudjema'e u-ata
homem 3-sair
'o homem saiu'

(195) ga u-'at
3sg.Mas 3-cair
'ele caiu'

Descritivo

(196) kujĩ ø- upi'a
mulher Rel-grávida
'a mulher está grávida'

(197) aka i- djup
casa Rel-marela
'a casa é amarela'

(198) yvyra i-djukyry

árvore Rel-verde

‘árvore é verde’

Quadro 10- Resumo das propriedades do nome, do verbo e do descritivo

Propriedades	Nome	Descritivo	Verbo
Marcas de pessoa	Rel-N	Rel-N	Prefixo -V
Sufixo temporal	+	-	-
Sufixo locative	+	-	-
Grau aumen/dimin.	+	+	-
Flexão de modo	-	+	+
Causativos	-	-	+
Negação com {n...i}	-	+	+
Combina com o Auxiliar ka	-	+	+
Na função predicativa recebe o atributivo –ramu	+	-	-
Na função atributiva recebe o nominalizador ma’e	-	+	+

3.4.3.5 Proposta para a classificação do descritivo em Asurini do Xingu

Partindo-se do fato que o descritivo partilha de mais propriedades com o verbo do que com o nome e sabendo-se que é comum se classificar como subclasse de um classe de palavra um grupo de lexemas que detenha mais propriedades em comum com uma classe de palavra que com outra, julgamos coerente englobar os descritivos na classe de verbo, em particular na classe dos verbos intransitivos por ser com estes que partilha a maior parte de suas características. Sendo assim, em termos de protótipos, o descritivo será

classificado como uma subclasse do verbo intransitivo, a saber, verbo intransitivo descritivo.

3.4.3.2.6 Verbos intransitivos estativos e os jogos dos papéis sintático-semânticos A, Sa, So e O para o sistema de marcação de caso da língua Asurini do Xingu.

De acordo com Dixon (1994), as línguas da família Tupi-Guarani tendem a apresentar a classe dos verbos intransitivos subdividida em intransitivo ativo (Sa) e intransitivo estativo (So), inclinando-se para um sistema de marcação de caso cindido, Split-S.

O sistema cindido Split-S, conforme o autor supracitado, está relacionado a uma divisão na semântica dos verbos intransitivos, cujos reflexos aparecem na sintaxe da língua. Universalmente, são conhecidos os papéis sintático-semânticos A, S, O, respectivamente: sujeito de sentença transitiva, sujeito de sentença intransitiva e objeto. A forma como esses papéis se relacionam nas diversas línguas dá origem a três tipos de marcação de caso:

- nominativo-acusativo: o sujeito de sentença transitiva se comporta morfologicamente igual ao sujeito de sentença intransitiva e diferente do objeto.
- ergativo-absolutivo: o sujeito de sentença intransitiva se comporta morfologicamente igual ao objeto e diferente do sujeito de sentença transitiva.

-sistema cindido, Split-S: apresenta a classe dos verbos intransitivos dividida em duas subclasses: uma em que o sujeito de sentença intransitiva ativa tem a mesma forma do sujeito de sentença transitiva, Sa, e outra em que o sujeito de sentença intransitiva estativa tem a mesma forma do objeto, So. Em Asurini, é essa a relação que há entre esses papéis. É importante ressaltar que a marcação distinta entre Sa e A em relação a So ocorre apenas no sistema pronominal. Esse comportamento dos papéis A, S e O coloca o Asurini no grupo de línguas de estrutura ativo/estativo²⁰.

²⁰ Para uma conceituação de estrutura ativo/estativo ver Klimov, 1977 *apud* Seki, 1982

(199) dje r- upi'a
1sg Rel- estar.grávida
So Rel- Ve
'eu estou grávida'

(200) pajẽ dje u-avyki
pajé 1sg 3-bater
A O Vt
'o pajé me bateu'

(201) ga a- etxak
3sg.Mas 1-ver
O A- V
'eu o vi'

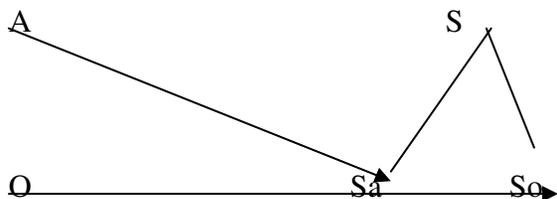
(202) djawara u-etxak
onça 3-ver
O A-V
'ele viu a onça'

(203) a-vevuj
1sg-nadar
Sa - V
'eu nadei'

Os exemplos (199) e (200) mostram o pronome pessoal **dje** funcionando como So e como O, respectivamente. Enquanto que os exemplos (199) e (203) mostram que So e Sa marcam sujeito de forma distinta: enquanto a primeira pessoa sujeito de So é marcada com o pronome pessoal **dje**, a primeira pessoa de Sa é marcada com o prefixo {-

a}. Os exemplos (201) e (203) mostram que Sa e A marcam sujeito da mesma forma, isto é, com a mesma série de marcadores de pessoa.

O esquema seguinte resume o que mencionamos acima:



Classificação semelhante a essa foi feita por Seki (2000) para o Kamaiurá e por Martins (2004) para o Guarani-Mbya.

3.4.4 Cópula

A cópula em Asurini do Xingu se manifesta na forma **-ka**, apresentando uma variante **-ika**, cujo sentido pode ser traduzido como ‘ser, estar, ficar’ na língua Portuguesa. O verbo cópula recebe flexão analogamente ao verbo intransitivo ativo da língua. A concordância de pessoa no verbo é feita pelos prefixos pessoais da série I para primeira e segunda pessoa. A terceira pessoa é codificada com pronomes pessoais e relacionais.

Sentido de verbo locativo

(204) ki ere-ka-i
aqui 2-estar-Circ
‘você está aqui’

(205) dje a-ka ki

1sg 1-estar aqui
'eu estou aqui'

(206) n-a-ka-i ki
neg-1-estar-neg aqui
'Eu não estava aqui'

(207) ga r-ika-i
3sg Rel-estar-Circ
'ele está aqui'

Sentido de ser

(208) ava pe ere-ka
quem Q 2sg-Cóp
'quem é você?'

(209) dje a-ka gy r-aryv-amũ
1sg 1-Cóp 3Pl Rel-chefe-Atr
'eu estou como chefe deles'

Não temos registro do verbo cópula na terceira pessoa, indicando identidade.

Como auxiliar

Quando funciona como auxiliar o verbo –ka é flexionado com marcadores de pessoa da série II.

(210) a-karu te-ka papanema
1-comer 1II-Cóp primeiro
'vou comer primeiro'

A negação e a interrogação do verbo –ka ~ -ika são análogas àquelas que ocorrem nos verbos independentes:

(211) eumũ pe ga r-ika
Dêit Q 3sg Rel-estar
'Ele está por aí?'

(212) n-ere-ka ki
neg-2-estar aqui
'ele não está aqui'

(213) ene n-ere-ka-i gy r-aryv-amũ
2sg neg-2-Cóp-neg 3Pl Rel-chefe-Atr
'você não está como chefe deles'

No que se refere à marcação de tempo, parece que esse verbo recebe partículas analogamente aos outros verbos.

(214) ene ere-ka ki ne
2sg 2-ficar aqui Fut
'não ficarei aqui'

O uso do verbo –ka ~ika no Asurini do Xingu é bem produtivo para exprimir localização ou como verbo auxiliar. Como cópula, seu uso parece um pouco restrito. Os

falantes da língua parece preferir as orações equativas para expressar as relações que nas línguas de origem latina são expressas pela cópula.

3.5 Posposição

As posposições constituem uma classe fechada em Asurini do Xingu. Dividem-se em duas classes morfológicas: a classe **r-** e a classe **Ø-**.

As posposições são uma classe numerosa no Asurini do Xingu. A maior parte delas pode ser encontrada nas reconstruções para o Proto-Tupi-Guarani (Jensen, 1998), o que evidencia o conservadorismo da língua nesse aspecto, aliás, o conservadorismo na classe das posposições parece ser uma característica encontrada nas línguas Tupi-Guarani em geral.

As posposições são elementos que estão normalmente ligadas a um complemento. Esse complemento é o que chamamos de objeto da posposição, que pode ser um pronome, um demonstrativo, um nome simples, um reflexivo (no caso deste o objeto é co-referencial com o sujeito da cláusula) ou uma palavra interrogativa conforme ilustram os exemplos abaixo:

(215) e- djat dje r-eve
 2 sgII-vir 1sg Rel- Posp.
 ‘vem comigo!’

(216) ga rupi²¹ a-aha
 3sg Posp 1sg ir
 ‘eu fui com ele’

²¹ Essa posposição aparece somente nessa forma .

(217) ga a'e ø-py'pe aha-w arew (durante, ao longo de)

3sg.Mas Dêítico Rel- Posp ir -Circu durante o dia

'Ele, aquele (menino) foi durante o dia'

(218) u-marakagĩga raka gy u-dje-upe

3-cantar Part 3Pl 3-Refle-Posp

'Eles cantam para si'

(219) ka 'i a-djat

roça Posp 1-vir

'eu vim da roça'

(220) mamya katy pe ava ga reraha

onde Posp Q povo 3sg.Mas levar

'para onde o povo (a pessoa) o levou?'

Conforme já dito anteriormente, as posposições dividem-se em duas classes morfológicas. Abaixo, os exemplos ilustram posposições da classe r- e posposições da classe ø-.

Exemplos de posposição da classe r-

(221) kaga kudjema'e djupepigi u-mu-dje-funikup dje r-eve

Dêit homem arroz 3-caus-refl-trocar 1sg Rel-Pos

'este homem trocou arroz comigo'

(222) ã u-dje-a'a ga r-ehe

3sg.fem 3-Refl-chorar 3sg.Mas Rel-posp

'ela está chorando por ele'

(223) ure ‘y rupi uru-kwap (através)
1Excl água Posp 1Excl-passar
‘nós passamos pelo rio’

(224) e- djat dje r-eve
2 sgIII-vir 1sg Rel- Posp.
‘venha comigo!’

Exemplos de posposições da classe \emptyset -

(225) tata e-mũnik dje \emptyset -ve
fogo 2sgIII-acender -1sg Rel- Posp
‘acenda o fogo para mim!’

(226) ga a’e \emptyset -py’pe aha-w arew
3sg.Mas Dêítico Rel- Posp ir -Circu durante o dia
‘Ele, aquele (menino) foi durante o dia’

(227) mamya \emptyset -katy pe ava ga reraha
onde Posp Part Pl 3sg levar
‘para onde o levaram?’

3.5.1 Semântica e função de algumas posposições

1) **upe** “dativo”:

a- objeto indireto

(228) dje ipira a-mana antonia upe
1sg peixe 1-dar Npr Posp Dat
'eu dei peixe à Antônia'

(229) ipira pe-rut ga upe
peixe 2pl-trazer 3sg Posp (dativo)
'vocês trouxeram peixe para ele'

b- destinatário, em construções que reportam discurso direto

(230) [[aeramũ ga djetutxi pedje] [ivaka i-vuu dje ve] [ga uyra upe]]
agora 3sgM vergonha part céu 3-flechar 1sg posp_ 3sg pássaro Dat
'agora, ele está com vergonha- vai flechar o céu para mim- (disse) ele ao pássaro'

(231) [[karamũ ke ga txa-uvavuũna ei] [gy ga upe ei]]
agora part 3sgM 1pl-empretar part 3pl 3sgM Dat part
'agora, vamos empretá-lo- elas (foram) para ele'

c- *causee* em construções causativas com verbo transitivo

(232) e-aha-w tata-mu-pe ga upe
2III-ir-Circu fogo-Caus-buscar/procurar 3sg.Mas Dat
' vá buscar fogo para ele!'

2) pype

a) Marca uma localização dentro de algo

(233) y' e-mana djapepa'i pype
água 2III-dar panela dentro
'ponha água dentro da panela'

(234) anĩga u-ata ga r-ukaja pype
ser sobrenatural 3-ir 3sg.Mas Rel-tocaia Posp ir
'aninga entrou na tocaia dele (menino)'

(235) ga aka pype u-ĩn
3sg.Mas casa posp 3- está em posição estendida
'ele está dentro de casa'

b) instrumento, meio

(236) jara pype ga r- ur -i
canoa Posp 3sg.Mas Rel- vir-Circu
'ele veio de canoa/ de canoa, ele veio'

(237) ga fũ -ime ga kyva ga kũga u-aha ava pype
3 sg.Mas dedo-Loc pontual 3SgM piolho 3sg.Mas cabeça 3- ir cabelo Posp
'No dedo delo, o piolho subiu para a cabeça dele através do cabelo'

c) temporal

(238) ga a'e pype aha-w a'rew (durante, ao longo de)
3sg.Mas Dêit Posp ir -Circ durante o dia
Ele, aquele (menino) foi durante o dia

O uso da posposição **pype** no sentido temporal, não parece ser muito produtivo na língua no dia-a-dia de seus usuários. Os dados em que ela aparece com esse sentido foram encontrados apenas nos textos.

3) ehe

a) Locativo (em)

(239) ...aeramũ uru-piĩ mukuĩ ga r-ehe
depois 1Pl.Excl-atirar dois 3sg.Mas Rel-Posp (locativo)
'depois, nós atiramos duas vezes nele' (Retirado do texto: A morte de uma cobra)

b) causa

(240) ã u-dja'a ga r-ehe
3sg.Fem 3-chorar 3sg.Mas Rel-Posp
'ela está chorando por (causa de) ele'

c) por, em busca

(241) karukame ipira r-ehe a-raha ipiadje ive piasava rupi
ontem peixe Rel-POSP 1sg-pescar manhã cedo Posp nome do rio Posp.
'ontem de manhã fui pescar no Ipiasava com a finalidade(para) de(pegar) peixe'

4) katy

a) direção

(242) ga arara katy aha (direção)
3sg.Mas arara Posp ir
'ele correu em direção a arara/ ele correu para pegar a arara'

(243) mamya katy pe ava ga reraha
onde Posp Part Pl 3sg.Mas levar
'para onde o levaram?'

4) ve

a) benefactivo

(244) u'y apa-w aĩ a-mana ene ve ne
farinha fazer-G Intens 1sg-dar 2sg Posp Fut
'quando fizer farinha, eu te dou um pouco'

(245) tata e-mũnik dje ve
fogo 2III-acender -1sg Posp
'acenda o fogo para mim!'

b) dativo

(246) ipira a-py'ik- amu a-mana ene ve
peixe 1-pegar subj 1sg-dar 2sg Posp
'se eu tivesse pego peixe, eu daria a você'

c) por

(247) e-djat ã ene-ve (por)

2im-vir 3sg.Fem 2sg-Posp
'vem, ela (chama) por ti!'

5) 'i 'de'

a) Ablativo

(248) dje Apevu ø-ka 'i a-djat
1sg Npr. Rel-roça Posp 1-vir
'eu venho da roça de Apevu'

(249) ka 'i a-djat
roça Posp 1-vir
'eu venho da roça'

b) fonte

(250) myra u-kyjdje maja 'i
Npr 3-ter medo cobra Posp
'myra tem medo de cobra'

7) rupi 'locativo'

(251) ure y' rupi uru-kwap (através)
1Excl água posp 1Excl-passar
'nós passamos pelo rio'

(252) gy aha ga raka pe- er-a rupi (em)
3pl ir 3sg.Mas At caminho- Pas-N Posp
'eles foram no ex-caminho dele (no caminho que ele tinha passado)'

8) **ave** 'comparação'

(253) kunumi u-y' ave
menino 3Refl-mãe Posp
'o menino é como a mãe dele'

9) **pyvu** 'instrumento'

(254) ga ipira u-py'ik paratxi pyvu
3sg.Mas peixe 3-pegar anzol Posp
'ele pegou peixe com anzol'

(255) iruma'e merĩ uru-djuka yvyripara pyvu
três cutia 1Pl-matar espingarda Posp
'nós matamos três cutias com a espingarda'

10) **-eve** 'comitativo' 'e, com, junto'

(256) tximẽ'ĩ r-eve a-aha
Npr Re-Posp 1-ir
'eu fui com Tximẽ'ĩ'

Essa última posposição parece também um elemento conjuntivo.

(257) ga mani'aka u-erut iakỹ r-eve

3sg.mas mandioca 3-carregar lenha Rel-Posp

'ele carregou mandioca e lenha'

(258) kunumi u-dje- ãg-ete kara'i u-dje-ãg(e) ga r-eve

menino 3-Refl-fala-Intens não índio 3-Refl-fala 3sg Rel-Posp

'o menino fala mesmo sua língua e fala português'

(259) mipykudja a-apa ma'epapira r-eve

pulseira 1-fazer panela Rel-Posp

'eu faço pulseira e panela' 'eu faço pulseira com panela' (ao mesmo tempo)

(260) kaga kudjema'e djupepigi u-mu-dje-funikup dje r-eve

Dêit homem arroz 3-caus-Refl-trocar 1sg Rel-Posp

'este homem trocou arroz comigo'

11 re

a) com

(261) gy u-ãnana- ramu ga re (com)

3pl 3-ficar preocupado subj 3sg posp

eles ficaram preocupados com ele (menino)

b) por, a procura

(262) ipiarew ga ata-w kujĩ re

noite 3sg andar-circ mulher posp

'à noite, ele anda por (procurando) mulher'

(263) aha txi ga re ka ta'i (por)
ir então 3 pos Aux procurar
'então, vou procurá-lo, vou procurar por ele

3.6 Advérbios

Tipologicamente, o advérbio é, entre as quatro maiores classes de palavras, a menos homogênea semântica, morfológica e sintaticamente. Do ponto de vista semântico, o mesmo significado adverbial pode ser expresso, por uma locução, por uma palavra simples ou por uma frase inteira. Como uma categoria gramatical, os advérbios atravessam o *continuum* entre morfologia, léxico e sintaxe (Givón, 2001, p. 87, vol I).

Nas línguas do mundo, a distribuição dos advérbios é feita conforme a posição espacial ou temporal do falante e segundo a maneira como este visualiza as coisas. Ele é distribucionalmente a categoria gramatical menos ilimitada na cláusula (em termos de movimento) (Givón, 1984, p. 55). Segundo Givón (1990), as subclasses dos advérbios, entre outras, são constituídas das formas locativas e temporais, provenientes de formas dêiticas e de demonstrativos; intensificadoras e modalizadoras, originadas em geral dos adjetivos, e interrogativas - provindas dos pronomes interrogativos.

Em Asurini do Xingu, os advérbios formam uma classe aberta e seus elementos podem se relacionar com elementos de outras classes de palavras, seja no nível lexical ou gramatical. Entre os advérbios são encontradas palavras que denotam por um lado, local, tempo, interrogação, modo e, por outro, quantidade, intensidade, qualidade e atitudes do falante.

A classificação dos advérbios como uma classe de palavras foi feita de acordo com as seguintes propriedades morfossintáticas comuns aos elementos dessa classe: podem ser nominalizados com {wat}, condicionam o verbo ao modo circunstancial quando aparecem antes do predicado verbal e o sujeito é de terceira pessoa, e, sintaticamente,

funcionam como adjunto da oração. Essa classificação também foi proposta na descrição da língua Kamaiurá por Seki (2000).

(264) karukame-war-a
ontem Nom-N
'o que é de ontem'

(265) Kwatimemo-pe-war-a
Kwatinemo-Loc Nom-N
'o que é de Kwatinemũ'

(266) ipiadjeive ga vaem- i
cedo 3sg.Mas chegar-Circ
'ele chegou cedo'

3.6.1 Subclasse de advérbios

3.6.1.1 Temporais

Alguns advérbios temporais são os seguintes:

arimũ	'amanhã'
karukame	'ontem'
aite	'sempre'
karehe	'hoje'
karamũ	'agora'
ipiadje'ive	'cedo'

(267) arimũ aha ka'a-ve ne
amanhã ir-circ roça-posp Fut
'amanhã irei à roça'

(268) karukame ke ã manu-ø
ontem Dêit 3sg.Fem morrer-Circu
'aquela morreu ontem'

(269) karukamẽ ga kyr-i
ontem 3sg.Mas dormir-Circu
'Ele dormiu ontem'

(270) ipiadje'ive ga vaem-i
cedo 3sg.Mas chegar-Circu
'ele chegou cedo'

3.6.1.2 Interrogativos

A seguir, alguns dos interrogativos do Asurini do Xingu. Em geral, após algumas palavras interrogativas, aparece a partícula **pe**, esta não parece obrigatória nas palavras em que ocorre, às vezes parece uma posposição, por enquanto ela está sendo classificada como uma partícula (tratamos das partículas mais adiante) .

maryja	'por que'
mỹme ~ my	'onde, cadê'
marỹmarỹ	'quantos'
mamya	'onde'
pe	'Q'

myname ‘quando’
ava ‘alguém’
ma’e ‘o que’

(271) maryja ga vaem-i
por que 3sg.Mas vir-Circ
‘Por que ele veio?/ O que ele veio fazer?’

(272) mamya katy pe ava ga reraha
onde Posp Part Pl 3sg.Mas levar
‘para onde o levaram?’

(273) my pe Myra
cadê Part Npr
‘cadê Myra?’

(274) mÿme-war-a pe ipira
onde- Nom-N Part peixe
/mÿme-wat-a pe ipira/
‘de onde é o peixe?’

(275) ava pe u-etxak
alguém Q 3-ver
‘alguém o viu?’

(276) marÿmarÿ pe ipira
quantos Q Part

‘quantos peixes? (você pegou)’

(277) pajẽ anĩga pe
pajé aninga Q
‘o pajé perguntou ao aninga’

(278) u-kit pe kunumĩ
3-dormir menino
‘o menino dormiu?’

(279) mĩname pe ere-vaem
quando Part 2-chegar
‘quando você chegou?’

(280) ma’e ã ene-ve
o que 3sg.Fem 2sg-posp
‘o que ela (falou) para ti?’

3.2.2.7. Os numerais

As línguas do mundo utilizam-se de diferentes recursos para contar. Em algumas delas encontra-se quatro termos: um, dois, três e muitos. Outras línguas têm para os primeiros números: 1, 2, 3, então, para contagens maiores são emprestados números da língua de comércio. E, há aquelas línguas que usam termos numéricos quase infinitos no sistema de contagem, como o inglês e o português. Apesar dos recursos de contagem serem diferentes, tipologicamente, apresentam-se bastante simples, são de apenas três bases: base quatro, base dez e base vinte. As duas primeiras são as mais utilizadas nas línguas em geral, sendo a última utilizada por um número bem pequeno de línguas (Payne, 1997).

O sistema de contagem dos asurini é de base quatro. Existe forma para contar de um a quatro, as outras quantidades são expressas a partir daí.

O Kamaiurá (Seki, 2000, p. 78) apresenta os numerais cardinais, ordinais e distributivos como uma subclasse de advérbio pelo fato de eles apresentarem as seguintes propriedades da classe de advérbios: receber o nominizador {**wat**}, condicionar o verbo ao modo circunstancial e funcionar como adjunto. Em Asurini, constatamos que o numeral pode receber o nominalizador {**wat**}, além de condicionar o verbo da oração ao modo circunstancial, comportamento análogo ao da língua Kamairá. Assim, diante dessas propriedades que apresenta em comum com a classe de advérbios, ele será considerado uma subclasse dos advérbios, assim como na classificação de Seki (2000) para o Kamaiurá.

(281a) mukũj ‘dois’

(281b) mukũj-war-a

dois -Nom-N

‘os dois’

(282) mukũj kujĩ u-vaem-i

dois mulher 3-chegar-Circ

‘duas mulheres chegaram’

3.6.1.2.1 Numerais cardinais

Alguns dos numerais cardinais registrados no Asurini do Xingu são os seguintes:

Mudjepej ‘um’

mukũj ‘dois’

iruma’ẽ ‘três’

udjeruik ‘quatro’

udjeruik kaim ‘cinco’

udjeruik katute ‘seis’

(283) mukuĩ ipira

dois peixe

‘dois peixes’

(284) iruma’ẽ tukunare a-pi’yk

três tukunaré 1sg-pegar

‘peguei três tukunarés’

3.6.1.2.2 Numerais distributivos

Esse tipo de numeral é formado a partir da reduplicação dos numerais ordinais.

mudjepevemudjeve ‘de um em um’

mukuĩ mukũj ‘de dois em dois’

iruma’ẽ iruma’ẽ ‘de três em três’

udjeruikudjeruik ‘de quatro em quatro’

(285) mudjepevemudjeve gy furahaj-ø

de um em um 3Pl dançar-Circ

‘eles dançam de um em um’

3.1.2.1.2.2 Numerais ordinais

O numeral ordinal é usado para mostrar a posição de uma coisa em relação à outra dentro de uma seqüência. Assim como o cardinal, o numeral ordinal constitui um sistema aparentemente simples. Só há formas correspondentes para quatro posições:

tenutara katute → primeiro

tenutara → segundo

tenutara'yva → terceiro

takifera → último

(286) dje tenutara a- vaem

1Sg segundo 1sg-chegar

‘eu cheguei em segundo (lugar)’

3.6.1.3 Quantificadores

Os quantificadores codificam a noção de quantidade em uma língua. Em Asurini do Xingu, os quantificadores constituem uma subclasse dos advérbios por partilhar de muitas de suas propriedades.

O Asurini, como outras línguas da família Tupi-Guarani, tais como o Kamaiurá e o Guarani-Mbya, expressa a quantificação através de vários recursos, conforme podemos constatar a seguir:

a) advérbios

ari ‘um pouco’

(287) Miravu r-emi-'u ari e-mut dje-ve ne

Npr Rel-Nom- comer um pouco 2III-dar 1sg-Posp Part

‘Dê-me um pouco da comida de Miravu’

txipe ‘somente, apenas, pouco’

(288) u-mũmũgỹ txipe ã

3-costurar pouco 3sg.Fem

‘ela costura pouco’

b) Aspecto completivo

pap ‘tudo, todo’

(289) ipira gy u-’u pap
peixe 3Pl 3-comer Compl
‘Eles comeram todos os peixes’

Outros quantificadores

aiverete ‘muito’

ete ‘muitas vezes’

nini ‘toda/cada’

(290) ipira gy u-’u pap
peixe 3Pl 3-comer tudo
‘eles comeram o peixe todo’

(291) aka aiverente
casa muito
‘muita casa’

(292) ga u-karu ete
3sg.Mas 3-comer muito
‘ele comeu muito ’ (repetiu muitas vezes)

(293) ga u-ata aiverete

3sg.Mas 3-caçar muito

Lit: /ele caça mesmo, de verdade/

‘ele caça muito’ (é um bom caçador)

(294) ga aha tava nini

3sg.Mas ir aldeia toda/cada

‘Ele foi em todas as casas da aldeia/ Ele foi em cada casa da aldeia’

(295) a-‘ap t-upava nini

1-deitar 3-rede toda cada

‘Eu deitei em cada rede/ deitei em todas as redes’

3.7 Partículas

Segundo Zwicky (1985, p. 290), o uso mais comum do termo partícula é: “to label items which, in contrast to those in established word classes of a language, have (a) peculiar semantics and (b) idiosyncratic distributions”.

Em Asurini do Xingu, as partículas constituem uma classe fechada de palavra. O comportamento dessa classe na língua segue em grande parte as generalizações tipológicas, tais como, compartilhamento de características ora com afixos, ora com clíticos. A maioria das partículas da língua ocorre como formas presas.

As partículas nessa língua são numerosas. A maioria delas apresentadas aqui foi retirada de conversas em contextos “naturais” e narrativas, todos os dados foram posteriormente testados. O trabalho com essa classe de palavras apresentou um certo grau de dificuldade, dado o envolvimento extremamente forte de fatores pragmáticos que exigem um conhecimento maior da língua e da cultura asurini. Assim, há um conjunto de partículas que ainda não se encontram totalmente claras para nós, como as evidenciais, ainda não sabemos precisar o grau de diferença que existe entre uma e outra partícula evidencial; temos hipóteses, que serão apresentadas à medida que formos trabalhando com

esse conjunto de partículas. Para que as hipóteses não fiquem demais abstratas, procuramos também mostrar ao leitor o contexto em os enunciados ocorreram.

As partículas estão associadas a papéis sintáticos, semânticos e pragmáticos variados. Semanticamente, carregam, dentre outras, noções como, evidencialidade, atestação, negação, interrogação, aspecto, sexo, tempo, conector discursivo, atitudinais, quantificação, intensidade, frustração e modalidade.

Fonologicamente, a maioria das partículas do asurini do Xingu ocorre como formas presas, estando ligadas a outro constituinte da oração sobre o qual recai o acento, assemelhando-se nesse sentido aos afixos.

Sintaticamente, as partículas podem ocorrer nos limites da sentença (partículas intra-sentenciais) ou fora dos limites da sentença (partículas extra-sentenciais). Em relação à posição que ocupam na sentença, elas podem aparecer na primeira posição (partículas iniciais), na segunda posição (partículas de segunda posição), depois de um constituinte, na posição final da sentença (partículas finais), ou não ter uma posição de ocorrência fixa (partículas flutuantes). As partículas flutuantes são as mais numerosas na língua.

Em nossos dados, as partículas extra-sentenciais são pouco numerosas. De forma que preferimos deixá-las fora desse trabalho.

A seguir, trataremos das posições que as partículas intra-sentenciais ocupam na sentença e apresentamos sua semântica no Asurini do Xingu.

3.7.1 Posição das partículas e sua semântica no Asurini do Xingu

Como já dissemos acima, as partículas intra-sentenciais podem ocorrer em uma das quatro posições listadas a seguir: inicial, segunda posição, posição final, ou não ter uma posição fixa para ocorrer.

3.7.1.1 Partículas iniciais

As partículas iniciais, como o nome já dá a entender, ocorrem como constituinte inicial da oração.

1. **ne** “permissivo”

(296) ne ga aha

Perm 3sg ir

‘deixa ele ir’

Essa partícula é largamente utilizada no dia-a-dia dos asurini. No português, uma tradução aproximada seria “por favor, deixa ele ir”, sua semântica parece ser de permissão junto com súplica.

2. **ere** “permissivo concessivo”

(297a) pedje ka ve sa-aha

Part roça Posp 1Pl-ir

‘vamos para a roça’

(297b) ere

Essa partícula, como a **ne**, é muito utilizada no cotidiano dos asurini. Foi coletada em contexto natural de fala.

3. **adjepe** “bem feito, ainda bem”

(298) adjepe ã djemumy’a-ø

Part 3sg.Fem estar.triste-Circ

‘bem feito que ela está triste’

(299) adjepe ga djauk-i
Part 3sg.Mas banhar-Circ
'ainda bem que ele tomou banho'

(300) adjepe ga ha-ø
de verdade 3sg.Mas ir-Circ
'de verdade, ele foi'

4. pedje

Parece ser uma partícula de sentido imperativo.

(301) pedje ga r-etxak kwi
Part 3sg.Mas Rel-ver Part
'podem ir vê-lo/procurá-lo'

(302) pedje ga txa-mana ei
Part 3sg.Mas 1Pl-procurar Part
'vamos procurá-lo'

(303) pedje ga reraha-w ei
Part 3 sg.Mas levar -Circ Part
'Que vocês o levem !'

Os dados apresentados acima foram retirados de uma narrativa que conta como “aninga”, uma espécie de espírito mal, capturou uma criança. O pai quando percebeu que seu filho não voltou para casa, saiu e comunicou ao pajé e demais moradores da aldeia. Todos saíram à procura do menino, mas as ordens pareciam partir de apenas uma pessoa

que estava no comando do grupo, no caso, a autoridade espiritual, que era o pajé. Através das narrativas, inferimos que o pajé parecia ser o único ser do grupo capaz de enfrentar o aninga, já que ele tinha poderes de se transportar como espírito e se comunicar com aninga. E é como um espírito que em uma passagem da narrativa a narradora se refere ao pajé: **mava ahaw ma'e pe pe-djuka kwĩ** “o finado foi (ao aninga): o que você matou?”. É com base na tradução que nos foi dada por nossos informantes e com base também no contexto em que dados como os apresentados acima ocorrem, que inferimos que essa partícula tem sentido imperativo.

(5) **audje** “é proibido, não pode”

(304) **audje marakanĩga kwĩ**

Part cantar Part. Mas

‘não pode cantar’

Essa partícula indica que o evento ora em execução deve ser evitado, isto é, não deve ter seguimento. O dado (304) foi coletado durante uma gravação, uma sessão de trabalho, quando estávamos na casa de uma informante, seu filho entra cantando e ela fala para ele o enunciado acima.

(305) **audje aha-w**

Par ir-Circ

‘é proibido ir’

O exemplo (305) é mais uma ilustração do uso da partícula **audje**.

3.7.1.2 Partículas flutuantes

Essas partículas estão ligadas na sentença a um constituinte qualquer sobre o qual têm escopo. Não têm uma posição fixa para ocorrer, podendo ocorrer em qualquer posição, inclusive, inicial e final.

Conforme podemos constatar abaixo, semanticamente, essas partículas exprimem intensidade, quantificação, evidencialidade, atestação, frustração, discursividade e interrogação.

1. **ete** ‘valor intensivo’

(306) asurini r-ayra i-katu ete

Npr Rel-filho 3-bonito Intens

‘são bonitos mesmo os filhos dos asurini!’

(307) kwarapawa ete uru-eru-vaem

tarde intens 1PI-Cc-chegar

‘nós chegamos bem tarde’

(308) kwaĩ maja u-djuka ete

Npr cobra 3-matar Part

‘kwaĩ matou mesmo a cobra’

Como podemos constatar através dos exemplos acima, a intensidade de **ete** manifesta-se através de valores que em Português podem ser traduzidos, *grosso modo*, por admiração (306), e expressões como “mesmo”, “de verdade” (308) e por termos como *bem* que traduzem no Português a intensidade propriamente dita (307).

2. **txipe** ‘só, apenas, somente’

(309) kudjema’e txipe u-ata

homem somente 3-caçar

‘somente os homens caçam’

(310) kujĩ-mera txipe t-yru u-fukuka

mulher-pl somente 3-roupa 3-lavar

‘somente as mulheres lavam roupa’

3. **katu** ‘bastante’

(311) kwarapawa katu uru-eru-vaem

tarde bastante 1Pl-Cc-chegar

‘nós chegamos bem tarde’

4. **aka**

É uma partícula de não-atestação. O narrador não se compromete com a veracidade do fato que está narrando, não se compromete pela informação dada, daí ser traduzida, *grosso modo*, por: eles disseram.

(312) gy aka ga r-eraka

3Pl não At 3sg Rel- procurar

‘(dizem que) eles foram à procura dele’

(313) ure etxak ga nẽnr ure etxak nẽnr - gy aka

1Pl-ver 3sg.Mas eg 1pl-ver neg 3Pl não At

‘-Nós não o vimos -Nós não o vimos - (dizem que) eles disseram’

(314) (u)-aha aka ka ã amũ

(3)- ir não At Dêit 3sg.Fem outro

‘parece (disseram) que aquela outra foi’

5. raka

É uma partícula de atestação

(315) tukaja pype a-atyka raka ’ẽga i

tocaia Posp 1- ir At falar Posp

‘eu vou à tocaia (dele). Ele falou (para alguém)’

(316) (u)- aha raka ka ã amũ

(3) ir At Dêit 3sg.Fem outro

‘aquela outra foi’

(317) tapaka e-irare raka ã upe

pacu 2III-assar At 3sg Posp

‘vai assar pacu (falei) pra ela’

(318) u-dja’a raka ã ga amũ ‘u-ramẽ djepe ei

3-chorar At 3sgF 3sg.Mas outro 3-comer-Cond Part Part

‘ela chorou, mas comeu outra coisa, ainda bem’

(319) karukame ve raka ga kir-i

ontem Posp Part 3sg.Mas dormir-Circ

‘ele está dormindo desde ontem’

(320) kare'e raka i-vaem-i
hoje At 3-chegar-Circ
'ele chegou hoje'

Comparem-se os dados (314) e (316) que nos dão uma idéia clara do caráter de não-atestação X atestação das partículas **aka** e **raka**, respectivamente.

6. aipa

Trata-se de uma partícula evidencial. É usada para indicar que o que está sendo dito é baseado em barulho, cheiro, em fatos existentes, reais. Entretanto, o que aconteceu ou está acontecendo não foi visto pelo locutor.

(321) ga u-enup matava ø-pie aipa²² anainga r-ata pie kwi gy aha
3sg ouvir fogo/fumaça Rel-cheiro Part/At aninga Rel-fogo cheiro Part 3Pl ir
'Parece que eles sentindo cheiro de fumaça do fogo de aninga, eles foram'

Contexto: quando saem pela mata à procura do menino que aninga raptou, o grupo vai numa direção possível, entretanto, não há evidências de que estejam na direção em que aninga está com o menino. Ao sentirem o cheiro da fumaça de fogo, há uma evidência baseada no olfato de que estão na direção em que aninga está com a criança.

(322) aipa miravu arakuri u-djuka
Part Npr galinha 3-matar
'parece que Miravu matou galinha'

Contexto: alguém ouviu grito de galinha juntamente à voz de Miravu, então pronuncia o enunciado acima.

²² Nesse contexto, a partícula indica que os homens estão sentindo o cheiro do fogo, evidência de que aninga está por perto.

7. panemi ‘em vão’

(323) my ha katy pene ei [o pai gritando] ga panemi
onde ir Posp 2 Pl Part 3sg Part
‘para onde você foi!?’ gritou em vão (não ouviram nada)’

(324) panemi a’e katy ga aha a’e maikỹga u-eraha eraka
em vão Dêit Posp 3sg.Mas ir Dêit Npr 3-lavar brincar?
‘em vão, maikỹga levou aquela (canoa) para brincar’

(325) ka rupi aha mani’aka rehe panemi
Dêit Posp ir mandioca Posp Part
‘por aqui, eu fui por(à procura de) mandioca, mas foi em vão’

O exemplo (323) foi retirado de uma narrativa mítica, o (324) em contexto natural e o (325) de um relato de experiência pessoal. Em todos eles a partícula panemi sugere a idéia de algo que fracassou, algo que não valeu a pena tanto esforço porque não foi recompensado.

8. ke- discursiva?

Essa partícula parece indicar que o narrador quer marcar uma pausa no discurso seja porque pára para pensar na continuação das informações, seja porque procura lembrar algum fato importante para ser relatado naquele instante.

(326) nu’ẽ ke ga ø-‘ava
neg Part 3sg.Mas Rel-cabelo
não nasceu mais o cabelo dele (ficou careca)

(327) tukaja r-emẽ ga u-apa ã tawkaria ke
tocaia Rel- antigo 3sg.Mas 3-fazer Part sexo F tipo de fruta Part
antigamente, ele foi fazer tocaia no tawkaria (a tocaia era numa árvore)
Lit tocaia dos antigos, ele foi fazer no tawkaria

(328) ure-ramu ke myve, ure paja-ym katu-katu
1Pl-Atr Part antigo, 1Pl falar-neg bem
'Nós, (na condição de, enquanto) velhos, antigamente, não falamos nadinha(bem)'

3.7.1.3 Partículas de segunda posição

Esse grupo de partícula ocorre depois do primeiro constituinte da oração. Esse primeiro constituinte em nossos dados pode ser um nominal, uma locução nominal ou um verbo. Carrega noções semânticas de atestação, frustração e evidencialidade.

1. pe

Essa partícula ocorre imediatamente depois de um constituinte interrogativo, que, via de regra, ocupa a primeira posição, na sentença, seu escopo, é sobre o constituinte interrogado.

(329) ava pe ga u-etxak
alguém PartQ 3sg.Mas 3-ver
alguém o viu !?

(330) myme pe arakuri u-djuka
onde PartQ galinha 3-matar
'onde ele matou galinha?'

(331) ka ga pe ere-futat
Dem 3sg.Mas PartQ 2-querer
'qual você quer?'

(332) Myra pe u-vaem
Npr Q 3-chegar
'Myra chegou?'

2. vi

Essa é uma partícula de atestação. Quem transmite a informação tem certeza do que diz.

(333) dje r-ayra vi txiwa r-ayri-ĩ²³ u-djuka ei
1sg Rel-filho Part At catitu rel-filho-Dim 3-matar Part
'meu filho matou filhote de catitu'

(334) pene -měj vi padjau kwĩ
2-mentir Part At Part Part
'mentira sua!/você mente pra mim'

(335) aninga vi ga u-eraha kwĩ
aninga Part At 3sg.Mas 3-levar Part. Mas
'de fato, aninga levou ele'

²³ em asurini, o diminutivo tem a capacidade de criar palavras, aqui não é filhinho e sim filhote

(336) anĩga vi ga u-‘u
anĩga Part At 3sg.Mas 3-comer
‘anĩga comeu mesmo ele’

Comparando-se partícula de atestação **vi** com a partícula **raka** que também é de atestação, percebemos que há nuances de diferenças na significação entre elas. A atestação em **raka** é proveniente de um fato vivenciado pelo locutor, ao que tudo indica no passado, já a outra atestação com a partícula **vi** parece ser feita com base em fatos reais, mas não vividos pelo locutor ou vividos pelo interlocutor, mas que ainda estão se desenrolando. São evidências baseadas nos contextos em que foram proferidos esses enunciados que nos levam a essas hipóteses, entretanto, só um conhecimento maior da língua e da cultura asurini nos permitirão confirmá-las.

3. djepe

O significado dessa partícula em asurini é análogo ao do Kamaiurá : ‘A presença dessa partícula na sentença indica que o evento/estado não se concretizou em decorrência de circunstâncias explicitadas ou não’ (Seki, 2000: 96)

(337) pajẽ djepe u-aha n-u-furu-mukatyru-i
pajé Frustr 3-ir neg-3-Gn-rezar-neg
‘o pajé foi, mas não rezou’

(338) u-dja’ a djepe
3-chorar Frustr
‘ele finge que chora’

(339) u-karu djepe
3-comer Frustr
‘ele finge que come’

4. **nipa** ‘evidencial’

- (340) djane u-‘u nipa aninga ne
1PlI comer Part aninga Fut
Lit:/parece que aninga nos comerá/
‘ parece que aninga comerá gente nossa’

5. **ra’uva** ‘evidencial’

- (341) aninga ra’uva ga u-‘u
aninga Ev 3sg 3-comer
‘parece que aninga comeu ele’

- (342) aninga ra’uva ga u-eraha kwĩ
aninga Ev 3sg.Mas 3-levar Part. Mas
‘parece que aninga levou ele’

- (343) nu’ẽ ra’uva ga ø-‘ava
neg Ev 3sg.Mas Rel-cabelo
‘parece que não nasceu mais o cabelo dele’

Não sabemos ainda qual a diferença de significado entre as partículas evidenciais **nipa** e **ra’uva**.

3.7.1.4 Partículas finais

Esse grupo de partículas ocorre no final da oração. Em nossos dados, ele carrega traços semânticos de sexo, negação, ênfase e tempo.

1. **ẽ** ‘Partícula de sexo feminino’

Essa partícula indica que o locutor está se dirigindo a alguém do sexo feminino. O locutor pode ser do sexo masculino ou feminino.

(344) *lucinejni ene ø-měmyra u-dja’ a ẽ*
Npr 2sg Rel-filho da mulher 3-chorar Part. Fem
‘Lucineide, teu filho está chorando’

2. **kwĩ** ‘Partícula de sexo masculino’

Essa partícula indica que o locutor está se dirigindo a um ser do sexo masculino.

(345) *kwa’ĩ ene r-ayra u-ja’ a kwĩ*
Npr 2sg Rel-filho do homem 3-chorar Part.Mas
‘Kwa’ĩ, teu filho está chorando’

Esses dados foram coletados em contexto natural de fala. Quando ouvimos Myra dizendo para a Lucineide que o filho dela (Lucineide) estava chorando, perguntamos como seria se ela estivesse se dirigindo ao Kwaĩ. Ela pronunciou o enunciado trocando ẽ por kwĩ. Ao mesmo tempo perguntamos ao Kwaĩ como ele diria isso a Lucineide e ele falou da mesma forma que Myra.

3. **nenũ** ‘Partícula de negação’

A negação dessa partícula parece incidir sobre um constituinte nominal. Nos dados em que dispomos, esse constituinte parece ser o sujeito.

(346) djane ’u nipa aninga nenũ

1pl comer Part aninga Part neg

Lit:/ não sabemos se porventura não aninga nos comeu/

‘não sabemos se por ventura aninga comeu gente nossa’

(347) ure etxak ga nenr /ure etxak ga nenr - gy aka

1Pl-ver 3sg.Mas part neg/ 1PlI –ver sg.Mas neg - 3Pl Ev

Lit:/ Não ele nos viu-Não ele nos viu-eles disseram/

‘Não fomos nós quem o viu -Não fomos nós quem o viu- eles disseram’

Essa partícula, como vimos, parece negar o sujeito, distingue-se da negação com o morfema descontínuo **n...i** e seus alomorfes pelo fato deste morfema negar a ação verbal e não um constituinte nominal dessa ação.

(348) dje maja n-a-etxak-i

1sg cobra neg-1-ver-neg

‘ eu não vi a cobra’

Assim também como distingue-se **de e’ỹma**, que nega a ação verbal da oração no gerúndio, mas não a ação da oração principal.

(349) dje a-djat te-furaai -ø-e’ỹma

1sg 1-vir 1II-dançar-G- neg

‘eu vim não para dançar’

4. ei ‘partícula enfática’

Essa partícula parece enfatizar o evento expresso na oração, sendo assim, classificada como uma partícula enfática.

(350) pe-mama'e-apa ei
2III-coisa-fazer Part
'vai fazer alguma coisa!'

(351) pedje txietuna aninga rauva ga u- eraha ei
Part catinga parece 3sg 3- levar Part
'parece que aninga levou mesmo ele!'

(352) pedje ga txa-mana ei
Part 3 1PI-procurar Part
'vamos procurá-lo!'

(353) dje r-ayra vi txiwa r-ayri-ĩ u-djuka ei
1sg Rel-filho Part At catitu rel-filho-Dim 3-matar Part
'meu filho matou mesmo filhote de catitu'

5. ne ‘Tempo continuativo’

Essa partícula indica tempo. O tempo expresso por ela é o continuativo que pode ser uma continuação do evento que está acontecendo no presente ou a continuação de um evento que ainda vai acontecer no futuro.

(354) a-aha ka-ve ne

1-ir roça-Loc Cont

‘eu estou indo para a roça’

(355) t-yru a-futuka ne

3-roupa 1-lavar Fut

‘eu lavarei roupa’

(356) t-yru ypy a-futuka ne

3-roupa primeiro 1-lavar Fut

‘eu lavarei roupa primeiro’

CAPÍTULO 4

FENÔMENOS RELACIONADOS A SUBCONSTITUINTES DA ORAÇÃO

Neste capítulo, discutimos aspectos relacionados a subconstituintes da oração: marcação de caso, oposição nome/verbo x argumento predicado, subconstituintes nominal e verbal.

4.1 Marcação de caso

As reconstruções feitas para o Proto-Tupi-Guarani mostram que na proto-língua havia um conjunto de sufixos que marcavam as funções das palavras na cláusula. Esse conjunto de sufixos vem sendo tratado por uma longa tradição de lingüistas, que trabalham com as línguas da família tupi-guarani, como marcadores de caso. Rodrigues (1996, p. 60) propôs para o Tupinambá o seguinte sistema:

Nominativo: -a~ø

Predicativo: -amo~-ramo~-namo

Vocativo: ø

Locativo puntual: -bo~-ybo

locativo partitivo: -i~j~ø

Segundo Rodrigues (1996, p. 60), o sufixo do caso argumentativo **-a~ø** em Tupinambá compreendia todas as principais funções gramaticais, como as de sujeito de verbo intransitivo e transitivo, de objeto direto, de possuidor e de objeto de posposição

Seki (2000, p.107) propôs na descrição para o Kamaiurá um sistema de flexão casual com três termos marcados e um não-marcado:

Nuclear (N): {-a}

Locativo(Loc): {-ip}

Atributivo (Atr): {-ram}

Não-marcado (NM): ø

Para essa autora, o caso “nuclear” (aspas da autora) marcaria no Kamaiurá as funções tipicamente nominais: sujeito de predicado verbais e não-verbais, objeto de verbos e posposições, modificador (possuidor) na locução genitiva, complemento de cópula, predicado nominal e a função de um nome núcleo modificado por outro nome não possível, ou possuidor prefixado com marcador de possuidor indefinido de terceira pessoa. Tanto na análise de Rodrigues (1996) quanto na de Seki (2000) fica evidenciada a função predicativa que o nome desempenha quando está desprovido de morfologia flexional.

Queixalós (2001), seguido por Rose (2003, p. 117), analisa o sufixo **{-a}** (caso argumentativo para Rodrigues e caso nuclear para Seki) na língua Émérillon como um sufixo referencial dado o fato de sua distribuição não incluir afixação sobre um predicado de tipo equativo. Apesar de esse sufixo receber tratamento diferente na análise de Rodrigues (1996), Seki (2000) e Queixalós (2001), podemos perceber algo em comum em todas essas análises: esse sufixo é tratado como uma marca de flexão que possibilita uma raiz, que tem a função primária de predicar, desempenhar funções tipicamente nominais.

Na análise de Seki (2001) há um acréscimo às demais análises sobre esse morfema, pois ela mostra as conseqüências do uso desse morfema nos diferentes níveis de análises:

“ ...As diferenças entre os quatro tipos de predicados nominais podem ser assim resumidas: na oração com predicado nominal no Locativo, este assinala a locação/existência do nominal sujeito. Na construção com predicado no caso Nuclear o referente do nominal sujeito é identificado ao referente particular, definido do Nominal predicado. Predicados nominais nos casos Atributivo e Não Marcados assinalam a pertença do referente do nominal à classe designada pelo nominal predicado. O referente do nominal sujeito é identificado como pertencente contingencialmente à classe denotada pelo nominal predicado no caso Atributivo, e como pertencente permanentemente àquela denotada pelo nominal predicado no caso Não Marcado.” (Seki, 2001, p. 64)

Queixalós (2001, p. 116-117) propõe dois estágios para as línguas Tupi-Guarani: um estágio primeiro em que todas as raízes lexicais teriam vocação predicativa. Nesse contexto, era o sufixo {-a} que permitiria a referência a partir daquelas raízes lexicais que não tinham capacidade de referenciar sozinhas. Assim, o morfema {-a} se anexaria à raiz que tinha como função primeira predicar, fazendo com que essa raiz passasse a desempenhar funções argumentativas, como sujeito e objeto, por exemplo. Mas como ele se encontrava também sobre um predicado numa relação equativa, ele não tinha mais apenas a função translativa, mas também a capacidade de fazer referir o constituinte sobre o qual ele se afixara. A partir desse momento, estaria iniciando-se o segundo estágio: o morfema deixou de atuar no contexto pós-vocálico em algumas línguas, desapareceu em outras e continua marcando todas as funções que marcava no primeiro estágio em outras línguas da família.

Entretanto independentemente da classificação que um ou outro grupo de lingüistas dê ao morfema {-a}, todos estão de acordo que esse morfema desempenhava e continua desempenhado em muitas línguas Tupi-guarani um importante papel na sintaxe. As línguas Tupi-Guarani, para as quais esse morfema ainda desempenha função sintática, têm em comum o fato de os nomes terem a função primária de predicar, isto é, os nomes podem predicar sem nenhuma morfologia derivacional: ‘D’pres laquelle l’émérillon, parlé em guyane française, motre des vestige d’une organisation grammaticale où tous lês

lexèmes sont par nature des prèdicats' (Queixalós, 2001, p. 15). Em Rodrigues (1996, p.65), o nome tem a função de predicar. Em Seki (2000) podemos constatar que uma oração classificadora na forma afirmativa se distingue de um SN possessivo pela ausência do morfema {-a} naquela, o que demonstra que na língua um nome desprovido de morfologia flexional desempenha função predicativa.

Desse conjunto de sufixos, o que tem sido mais discutido nas línguas Tupi-Guarani é o {-a}. Cabral (2001, p. 135-162), em um estudo histórico-comparativo mostra que esse sufixo aparece para 11 línguas Tupi-Guaraní de 4 dos 8 ramos da família (classificação de Rodrigues, 1985) marcando funções análogas às mostradas por Rodrigues para o Tupinambá, exceto a função de posposição. Nesse artigo, Cabral constata que esse morfema vem desaparecendo e/ou diminuindo suas funções para muitas línguas Tupi-Guarani. Segundo a autora, as línguas dessa família podem ser divididas, quanto ao uso desse morfema, em dois grupos: um grupo de línguas em que esse morfema desapareceu completamente, dentre elas estão Wayampi e Nheengatú, e outro em que faz uso dele; este último está dividido em dois subgrupos, um que o usa para marcar todas as funções referidas acima - algumas das línguas desse grupo são Kamaiurá, Asurini do Tocantins, Parakanã e Tembé - e outro em que esse morfema já não ocorre em todos os casos citados - dentre as línguas desse grupo estão Tupinambá, Avá-canoeiro, Guaraní Antigo e Asurini do Xingu.

O fato de esse morfema existir para um grande número de línguas Tupí-Guaraní para as quais se tem estudo, levou a autora a formular hipótese como:

- (1) o morfema -a ocorria no proto-Tupí-Guaraní (cic) em todas as formas nominais, sem restrição fonológica, sendo opcionalmente fundido com a vogal /a/ precedente, resultando, nesse caso, ou no alongamento dessa vogal, ou no apagamento da vogal correspondente ao morfema -a;
- (2) o morfema -a, já no ProtoTupí-Guaraní, possuía dois alomorfes: -∅ após formas terminadas em /a/ e -a nas demais formas;
- (3) o morfema -a possuía dois alomorfes: o alomorfe -∅

ocorria nas formas terminadas por vogal e o alomorfe **-a** nas formas terminadas por consoante (Cabral 2001, p. 142).

Em Asurini do Xingu, esse morfema nos dá evidências de estar em processo de radiciação, isto é, juntando-se ao radical dos nomes. Os dados coletados mostram que esse morfema já não marca as funções apontadas por Cabral (2001). Na língua, não há nenhuma diferença formal entre um nome que está desempenhando as funções de sujeito, objeto de verbo e de posposição, e um nome que se encontra na forma citacional ou no vocativo. Dito de outra forma: não parece existir distinção formal entre um nome que está predicando e um nome que está sendo usado no sentido referencial.

O sufixo que marcava o caso argumentativo ou funções nucleares **{-a}** aparece no Asurini do Xingu junto à raiz dos nomes que tinham o radical na proto-língua terminado em consoantes, como *arar, *ok, *tapiʔir, *eimaβ. Uma das razões que nos levam a pensar na fusão desse morfema à raiz nominal é o fato de esse morfema aparecer tanto em nomes desempenhando funções sintáticas como a de sujeito e/ou objeto ou funções externas à estrutura da orações como vocativo e forma citacional.

(357) ure-ramũ mama'e r-enũma amiramu ure mama'e **t-upava** dja ure r-upava
1Pl-Atr Gn Rel-nome agora 1Pl Gn 3Indf-rede Part 1Pl Rel-rede
' enquanto nós damos nome às nossas coisas agora: rede, nossa rede...
(forma citacional)

(358) ma'e pe gy u-juka muajva (vocativo)
o que Q 3Pl 3-matar Npr
'o que eles matam muaiva?'

(359) aka u-kaj
casa 3-queimar
'a casa queimou'

(360) dje r-eimava u-manu
1Sg Rel-animal doméstico 3-morrer
'meu animal doméstico morreu'

(361a) tapi'ira a- dje-mujn
anta 1sg- Refl-correr atrás
'a anta correu atrás de mim'

(361b) tapi'ira a- 'ut
anta 1sg- comer
'eu como anta'

(362a) arara u-a'emi
arara 3- cantar (cantar de bicho)
'a arara cantou'

(362b) arara n- a- rakara-i
arara neg- 1sg criar-neg
'eu não crio arara'

(363) yvyrapara u-apa
arco 3-fazer
'ele fez arco'

Outro fator que corrobora para nossa análise é o fato de não haver distinção entre uma oração equativa na forma afirmativa e um SN: ambos se apresentam com o {-a} no núcleo nominal.

(364) ene ureraryva

2sg chefe

‘você é (o) chefe’

(365) ureraryva u-kyt

chefe 3-dormir

‘o chefe dormiu’

Como percebemos, em (364) o nome ‘**ureraryva**’ está sendo usado na função predicativa e em (365) numa função argumentativa, entretanto, não há nenhuma distinção formal no nome. A função predicativa não é compatível com o uso do morfema {-a} nas línguas em que ele é usado para assinalar distinção entre funções argumentais e predicativas, como o Kamiurá, por exemplo. Esse é mais um fator que nos leva a pensar na hipótese de fusão desse morfema à raiz nominal.

Entretanto, diante de alguns morfemas, há o deslocamento do sufixo {-a} do radical do nome para figurar imediatamente depois desses morfemas. Além disso, uma raiz verbal, após ser nominalizada, exige a presença desse morfema imediatamente depois do nominalizador. Isso demonstra que esse sufixo ainda não está totalmente incorporado à raiz do nome. Diante do fato, de a função primeira do nome ser predicar nas línguas da família Tupi-Guarani, conforme tratado acima, e de a função de um nominalizador ser atribuir uma função nominal a uma dada categoria, desempenhando essa categoria -após receber esse nominalizador- funções tipicamente nominais, fica evidente que o sufixo {-a} ainda não perdeu totalmente sua função na língua, pois nesses casos ele atua junto a esse novo nome, ou seja, junto à raiz que recebeu o nominalizador.

(366) dje r- erakwat-er -a

1sg Rel-marido -Pas -N.

‘o que foi meu marido’

(367) dje r- nap -er -a

1sg Rel-cadeira-Pas-N
'a que foi minha cadeira'

(368) dje r- ak -wer-a
1sg Rel-casa-Pas-N
'a que foi minha casa'

(369) medju-rum-a
beiju-Fut-N
'o que será beiju'

(370a) ga tav -um -a
3sg.Mas aldeia-Fut- N
'a que será aldeia dele'

(370b) ga r-ak -um-a
3sg.Mas Rel-casa-Fut-N
'a que será casa dele'

(371) myra n-u-kuav-i pene kyt-av-a
Npr neg-3-saber-neg 2II-dormir-Nom-N
'Myra não sabe o lugar onde você dormiu'

Além dos casos acima, há um outro que merece atenção especial é o fato de um descritivo (como vimos atrás, o descritivo é classificado no Asurini como um sub-tipo de verbo) para desempenhar função atributiva (função desempenhada por nomes na língua) precisar do morfema {-a}. Isso nos leva a pensar que em estágios não muito distantes, esse morfema tenha marcado as funções nucleares na língua, ou seja, o nome necessitava de um morfema especial, {-a}, para desempenhar uma função que é tipologicamente conhecida como pertencente a ele: servir de argumento ou referenciar.

- (372) aka i-djup
 casa Rel-amarelo
 ‘a casa é amarela’
- (373) aka i- djuv -a u-at
 casa Rel-amarela-N 3-cair
 ‘a casa amarela caiu’
- (374) ga ø-akup
 3sg.Mas Rel-quente
 ‘ele está quente’
- (375) dje r- akuv -a a-mu’uk
 1sg Rel-quente –N 1sg- banhar-se
 ‘eu tomei banho com febre (estando com febre)’
 Tr. Lit.: ‘eu febril tomei banho’

Os exemplos (372) e (373) mostram os descritivos na função predicativa e os exemplos (374) e (375) na função atributiva. Nos primeiros, os descritivos aparecem sem a marcação do morfema {-a}; e, nos últimos, esse morfema aparece evidenciando que os nomes estão na função atributiva.

Características como essas apresentadas aqui tornam as línguas Tupi-Guarani interessantes para serem estudadas sob o ponto de vista da tipologia lingüística.

4.1.2 locativo

O termo locativo, conforme Lyons (1979), deve ser entendido como incluindo as distinções temporais e as espaciais, pois é comum estarem reunidas nos sistemas

orientacionais de diversas línguas. Em Asurini do Xingu, há dois morfemas locativos para especificar a localização espacial onde aconteceu ou está acontecendo alguma coisa: um pontual e outro difuso, conforme a nomenclatura que vem sendo utilizada em Tupi-Guarani (Rodrigues 1996, p.60).

4.1.2.1 Locativo pontual

O locativo pontual designa um ponto específico de um lugar onde aconteceu ou está localizado algo. Esse morfema tem os seguintes alomorfes: **-ve**, **-ipe**, **-ime**. O alomorfe **-ve** ocorre depois de vogal oral, o **-ipe** depois de consoante oral e o **-ime** depois de sílaba nasal.

(376a) dje a-aha jara pype ka-ve

1sg 1sg-ir canoa Posp roça- Loc

‘eu fui à roça de canoa’

(376b) kujĩ yaw-a u-at ‘y -ve

mulher sujo-N 3-cair água -Loc

‘a mulher suja caiu na água’

(377) ... aerire uru -djevĩ aeper -ipe ga uru -etxak

depois 1Pl voltar lugar – Loc pontual 3sg 1Pl-ver

‘depois nós voltamos, nós olhamos e ele estava no mesmo lugar’

(378) ga fũ -ime ga kyva ga kỹga u-a'ava pype
 3 Sg dedo-Loc pontual 3sg.Mas piolho 3sg.Mas cabeça 3-subir Posp
 ‘o piolho subiu para a cabeça dele pelo seu dedo (dele)’

(379) dje mamakava dje pyrũ -ime
 1sg cirurgia 1sg umbigo-Loc pontual
 ‘a cirurgia foi no meu umbigo’

4.1.2.2 Locativo difuso

O locativo difuso faz referência a um ponto em que se encontra alguma coisa, mas sem especificá-lo, sendo, então, mais genérico que o locativo pontual. Esse morfema se realiza no morfe {-u} e tem o significado semelhante a ‘através de’, ‘por meio de’.

(380) kudjema'e u-y'aky-mamaka ka'a -u
 homem 3-lenha-cortar mato-Loc difuso
 ‘o homem cortou lenha no mato’

Comparando-se esse exemplo com os exemplos do locativo pontual, notamos que os primeiros mostram com exatidão o ponto onde algo ocorre, enquanto que o último apenas indica de forma vaga ou muito ampla.

4.1.3 Atributivo

O atributivo em Asurini do Xingu parece marcar uma oposição entre estados permanentes e contingentes de qualidade ou condição de um ser. É representado pelo morfema {-ramũ} e sua variante {-amũ}. O primeiro ocorre no contexto depois de vogal; já o último no contexto depois de consoante.

(381) karukame ga ipira re i-aha kare ga marin-amu (mudança de estado)
ontem 3sg pescar Posp 3-ir hoje 3Sg doença-Atr
'ontem, ele pescava e hoje está (como) doente'

(382) yvrypara iaver-amu (estado em processo)
arco ruim-Atr
'o arco está ruim'

(383) gy mej-var-amu (mudança de estado)
3sg mentir-Nom-Atr
'Eles ficaram/tornaram-se mentirosos'

No exemplo (381), ocorreu uma mudança de estado que a partir daquele momento será permanente; no exemplo (382), uma mudança de estado está em curso e no exemplo (383) houve uma mudança de estado que pode ser permanente ou não no caráter do indivíduo.

Em nossos dados, o atributivo aparece nas seguintes funções sintáticas.

1) predicativo de sujeito;

(384) ure r-ayr-amu u-etyk pap
1Pl Rel-filho- Atr 3-perder Compl
'eles (na qualidade de) nossos filhos perderão tudo'

(385) ure i-myne-ramu amu txipe pene r-a'êga
1Pl 3-velho- Atr outro pouco 2Pl Rel-língua
'Nós (como) velhos falamos pouco a língua de vocês'

(386) [[dje-ramu te-dje-'ega i-myne-ramu] etyka-yma panemi ga upe]
1sg-Atr 1II-Refl-falar 3-velho-Atr perder-neg Part 3sg Posp
'Enquanto eu, falo como os velhos, não perdi (a língua) para (ensinar a) eles'

2) adjunto oracional e

(387) mive mava kaj-ramu u-ju-petxivuu
passado (antes) finado roça/queimada-Atr 3-Refl-ajudar
'No passado, os finados (asurini) durante as queimadas (de roça) ajudavam-se'

3) predicado de oração não-verbal.

(388) ene pe paratxi djar-amu
2sg Q anzol dono-Atr
'você é (está como) o dono do anzol?'

(389) yvyrypara iaver-amu
arco ruim-Atr
'o arco está ruim'

4.2 A oposição nome/verbo x argumento/predicado

A oposição entre nome e verbos é uma dos poucos universais válidos na distinção das partes do discurso. Conforme Shachter (1985, p.7), as funções mais comuns aos nomes são as de argumento ou núcleo de argumento; da mesma forma que a função característica do verbo é predicar.

Em Asurini do Xingu, e ao que parece pelas descrições feitas nas línguas Tupi-Guarani em geral, os nomes semelhantemente aos verbos têm a função primária de predicar, dado que para funcionar como predicado ele não precisa de nenhuma morfologia derivacional especial. Esse comportamento, como nos mostra a tipologia lingüística, não é exclusivo da família Tupi-Guaraní; o Russo e o Tagalog são línguas que apresentam também nome com função predicativa.

Argumentos e predicados são conceituados como: “ The element that defines the type of situation and the roles we call a ‘predicate’, the NPS filling the roles we call ‘arguments’” (Andrews, 1985, p. 66).

a) Nome funcionando como predicado

(390) ni-dje-ø-py-i

neg-1sg-Rel-pé-neg

‘não tenho pé’

(b) Verbo funcionando como predicado

(391) maja n-u-manu- i

cobra-neg-3-morrer-neg

‘a cobra não morreu’

Como mostram os dados nomes e verbos podem predicar de acordo com um mesmo modelo: no exemplo (390) têm-se o nome pé que predica negando com o mesmo morfema de negação do verbo **-manu** no exemplo (391).

Os dados abaixo ilustram um nome funcionando como argumento e em seguida como predicado:

(392) ene ureraryva u-manu

2sg chefe 3-morrer

‘o chefe de vocês morreu’

(393) ene ureraryva

2sg chefe

‘você é (o) chefe’

No exemplo (393) o nome **ureraryva** funciona como predicado equativo, no exemplo (392) como argumento, é o núcleo do sujeito. Em nenhum dos exemplos existe morfologia nominal ou verbal a que se possa atribuir à mudança de função.

Os verbos, cuja vocação é predicar, para funcionar como argumento em Asurini, primeiro precisam ser relativizados. Há na língua, um morfema {-ama'e} que colocado imediatamente após a raiz verbal provoca a recategorização dessa raiz que passa a desempenhar função de argumento.

(394) kujĩ u-djuak

mulher 3- pintar

'a mulher pinta'

(395) a-etxak kujĩ u-puru-djuaka-ma'e

1-ver/conhecer mulher 3-Gn-pintar-Nom

'eu vi conheço a mulher que pinta'

Dessa forma, apesar de nomes e verbos poderem funcionar como argumentos e predicados, a classe dos verbos pode ser distinguida da classe dos nomes mediante a impossibilidade de verbo funcionar como argumento sem morfologia translativa.

Em relação à morfologia comum entre nomes e verbos, ela pode ser claramente percebida quando é rompida a hierarquia de referência natural da língua, isto é, 3>1 ao invés de 1>3 (trataremos da hierarquia de referência no item 4.4.3) e com verbos descritivos. Nessas duas situações nomes e verbos funcionam com os mesmos marcadores de pessoa: os pronomes pessoais.

(396) dje ø-'y

1sg Rel-mãe

'minha mãe'

(397) dje r-etxak

1sg Rel- ver

‘ele me viu’

(398) dje ø-fuku

1sg Rel-ser comprido

‘eu sou comprido’

Entretanto, os verbos ativos distinguem-se dos nomes por apresentar como índice pessoal os elementos pronominais da série I, que são incompatíveis com os nomes. Essa série de pronomes é o principal critério morfológico que atua para distinguir verbos de nomes no Asurini do Xingu, e ao que parece, pelas descrições, nas línguas Tupi-Guarani em geral.

4.3 Subconstituintes nominais

O sintagma nominal asurini apresenta como núcleo os seguintes elementos: um nome ou um elemento nominalizado, um pronome pessoal em função livre e um demonstrativo e pode desempenhar as funções de sujeito, objeto de verbos, objeto de posição e predicados de orações não-verbais. Manifesta-se em locuções nominais que podem ser simples ou nominalizadas. A seguir, tratamos desses dois tipos de locuções e apresentamos os elementos que podem ser encontrados no SN asurini.

4.3.1 locução nominal simples

A locução nominal simples desempenha dentro da sentença a função de sintagma nominal e pode aparecer acompanhada ou não de modificadores. A seguir, são mostradas as categorias que podem desempenhar a função de núcleo da locução nominal simples.

1) Um nome simples

(399) maja u-manu
cobra 3-morrer
'a cobra morreu'

2) um demonstrativo

(400) aui ga u-karu
Dem 3Sg.Mas 3-comer
'Esse aqui comeu'

3) um pronome pessoal

(401) ga u-djip
3sg 3-descer
'ele desceu'

4) amũ 'outro'

(402) mudjepěj u-dje-apa-w amu n-u-dje-kwav-i
um 3-Refl-fazer outro neg-3-Refl-saber-neg
Lit: /apenas um se fez(gerou-se) os outros não souberam/
'apenas um vingou, os outros não'

4.3.1.1. Locução genitiva

A locução genitiva tem a seguinte estrutura: N Rel-N. A presença do relacional na locução genitiva é a única diferença formal que existe entre uma locução genitiva e uma locução nominal simples em Asurini do Xingu. Seguem exemplos de locução genitiva.

(403) manuka r-aka

Npr Rel-casa
'casa de Mãnuka'

(404) arakuri r-upi'a

galinha Rel-ovo
'ovo de galinha'

(405) arakuri r-upi'a u-'at

galinha Rel-ovo 3-cai
'a galinha põe ovo'

(406) myra r-uva u-manu

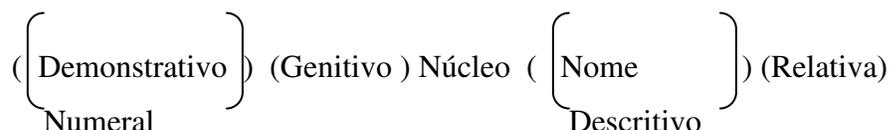
Npr. Rel pai 3- morrer
'o pai de Myra morreu'

(407) kunumĩ-ma'e ga r-uva u-juak

menino-Nom 3sg.Mas Rel-pai 3-pintar
'o menino que pintou o pai dele'

4.3.1.2. Modificadores

Em Asurini, há dois tipos de modificadores de uma locução nominal: um pré-nominal e outro pós-nominal, ambos são formas livres. Funcionam como modificadores de uma LN as categorias seguintes: demonstrativos, descritivos, nomes, numerais, construções relativas e *amũ* ‘outro’. Esses elementos ocorrem na seguinte ordem:



(408) ka ã dje r- imirika katu'iva i-maritikwat aiverete
Dem 3Sg.Fem 1sg Rel- esposa bonita 3 -trabalhar Intens.
'esta minha esposa bonita trabalha muito'

A hierarquização dos modificadores na língua quando ocorre mais de um no SN é essa atestada no exemplo acima: o genitivo e o demonstrativo ou numeral ocorrem como modificadores pré-nominais, sendo que aquele antecede ao núcleo e o demonstrativo ou o numeral acompanha o genitivo, já o nome ou descritivo bem como a construção relativa são modificadores pós-nominal.

1) Demonstrativo

O demonstrativo aparece junto ao nome núcleo funcionando como modificador com a mesma morfologia de quando funciona como núcleo de um SN. A distinção entre um demonstrativo na função de núcleo de SN e um demonstrativo na função de modificador de SN ocorre apenas no nível sintático pela posição que ocupam no SN. No primeiro caso, o demonstrativo ocorre na principal posição do SN, quando funciona como modificador, o demonstrativo antecede o nome núcleo. Os dados abaixo ilustram isso.

(409) ka ga kyva u-manu
Dem 3sg.M piolho 3-morrer
'esse piolho morreu'

(410) aukerãmu ta ka ga ukarukamũ aha-w ne
dessa vez Part. Dem 3sg.M fim de tarde ir-Circ Fut
'dessa vez, aquele só voltará no final da tarde'

(411) ka ga kwatxinemũ-imẽ
Dem 3sg.M Npr-Loc
'Essa é do Kwatinemũ'

(412) kudjema'e ka ã u-avyki
homem Dem 3sg.Fem 3-bater
'o homem bateu naquela'

Em (419), o demonstrativo está funcionando como modificador em (410), (411) e (412) como núcleo de SN. Apesar de não existir diferença morfológica é muito claro que existe distinção semântico/pragmática entre esses usos: parece existir uma proximidade maior entre locutor e o SN em 1 que entre locutor e os SNs 2 e 3.

2) numeral

O numeral, geralmente, aparece antes do nome, mas pode aparecer depois dele também.

(413) mukũj kunumi u-vaem-i
dois menino 3-chegar-Circ
'dois meninos chegaram'

(414) ipira mukũj a-‘u
peixe dois 1-ingerir
‘eu comi dois peixes’

3) Descritivo

O descritivo atua como modificador se colocado imediatamente depois do nominal. Nesse contexto, ele desempenha essa função sem nenhuma morfologia especial.

(415) yvyra fuku
árvore alto
‘árvore alta’

(416) marita’yva ga r-ava fuku
coqueiro 3sg.Mas Rel-folha comprida
‘o coqueiro da folha comprida’

O descritivo em função predicativa distingue-se do descritivo em função modificadora pela presença X ausência do relacional, respectivamente.

(417a) yvyra i-fuku
árvore 3- alta
‘a árvore é alta’

(417b) yvyra fuku
árvore alta
‘a árvore alta’

4) Oração relativa

A oração relativa também desempenha a função de modificador, atuando sobre a outra oração do período. Nessa função, ela atua como um modificador pós-nominal, isto é, sua posição é imediatamente depois da oração principal.

(418) a-etxak kujĩ u-furu-juaka-ma'e
1-ver mulher 3-Gn-pintar-Nom
'eu vi a mulher que pinta (gente)'

O escopo funcional da oração relativa é sobre toda a oração principal. Nesse sentido, a atuação da oração relativa como modificador distingue-se dos demais modificadores uma vez que o escopo semântico desses modificadores é, em geral, sobre um nominal.

Em nossos dados, apenas as orações relativas que têm como predicado um verbo intransitivo e são nominalizadas pelo morfema {-ama'e} ou sua contraparte negativa {-ima'e} podem funcionar como modificador.

5) Nomes

Em Asurini, um nome pode funcionar como modificador de outro. Nessa função, o nome modificador ocorre imediatamente depois do nome núcleo. Não existe elemento morfológico na língua que distinga um nome na função de modificador de um nome na função núcleo, apenas a ordem é responsável por essa distinção.

(419) kunumi kujĩ
menina mulher
'menina moça, virgem'

(420) mani'aka kujĩ
mandioca fêmea
'mandioca fêmea, macaxeira'

(421) marita djani i-katu
babaçu óleo 3-ser bom
'óleo de babaçu é bom'

(422) kudjema'e pajẽ u-vaem
homem pajé 3-chegar
'o homem pajé chegou'

(423) ipira tapaka i-katu
peixe paku 3-ser bom
'o peixe paku é bom'

4.3.2 Nominalizações

Segundo Givón (2001), a nominalização é o processo pelo qual uma cláusula verbal finita é convertida em um sintagma nominal²⁴.

A língua Asurini do Xingu, assim como outras línguas da família Tupi-Guarani, em geral, apresenta as nominalizações como um forte recurso gramatical para a formação de SNs. Após a **nominalização**, tem-se um SN que desempenha as funções sintáticas de um nome núcleo: sujeito (Sa, So e A) e a de objeto (O). Até esse estágio de nossa pesquisa, constatamos os seguintes nominalizadores: **{-tat}**, **{-tap}**, **{-emi}**, **{-ipyt}**, **{-ama'e}**, **{-ima'e}** e **{-wat}**. Exceto os nominalizadores **{-ama'e}** e **{-ima'e}** e **{-emi}**, todos os demais nominalizadores após se afixarem ao radical verbal levam o morfema **{-a}**. Esse morfema pode aparecer imediatamente depois desses nominalizadores ou depois do

²⁴ Nominalization is the process via which a *finite verbal clause*- either a complete clause or a subject-less verb phrase- is converted into a *noun phrase*.

nominalizador {-et}, marcador de tempo passado. Ressaltamos que esses nominalizadores se realizam em mais de um morfe.

4.3.2.1 Nominalizador de agente

O nominalizador {-tat} ocorre nos radicais verbais transitivos. Após a ocorrência desse nominalizador, têm-se um nome que carrega traços semânticos [+agentivos].

(424) bola ga mabak-ar-a
bola 3sg.Mas jogar-Nom-N
'ele é jogador (de bola)'

4.3.2.2 Nominalizador de ação /estado

O nominalizador {-tap} ocorre em radicais verbais transitivos e intransitivos formando nomes.

-mej 'mentir' → -mej-tap-a 'ação de mentir'
-maritykwat 'trabalhar' → -maritykwat-tap-a 'ação de trabalhar'

(425) a-etxak kudjema'e kujĩ t-yru futuka-av-er-a
1-ver homem mulher 3-roupa lavar-Nom-Nom-N
'eu vi o homem para quem a mulher lava roupa'

4.3.2.3 Nominalizador nome de paciente/objeto

A nominalização de paciente se dá com o morfema {-emi}, cuja ocorrência é restrita a radicais transitivos. Após a nominalização com esse morfema, o nome derivado é sempre precedido pelo relacional r-, evidenciando a existência de um termo dependente antes dele, ou seja, a nominalização acarreta um processo de genitivização.

(426) dje r-emi -u'

1sg Rel-Nom-comer

'o que eu comi/ o que foi comido por mim'

(427) ene r-emi -avyki

2sg Rel-Nom-bater

'o que tu bateste'

4.3.2.4 Nominalizador nome paciente

O nominalizador {-ipyt}, analogamente ao {-emi}, ocorre apenas em radicais transitivos, sua ocorrência se dá sempre com o morfema de tempo {-et}. Semanticamente, o nome derivado ganha traço [+paciente].

(428) i-djuka-pyr- er-a

3-matar-Nom-pas-N

'o que foi morto'

(429) i-manaka-pyr- er-a

3-morder-Nom-Pas-N

'o que foi mordido'

4.3.2.5 Nominalizador atributivo

O nominalizador {-ama'e}, que se realiza como {-ama'e} depois de vogal, só ocorre em radicais intransitivos ativos ou descritivos. Esse nominalizador, semanticamente, conforme o nome já sugere, atribui uma característica ao nominal derivado. Nesse sentido, ele é análogo ao morfema {-ama'e} do Kamaiurá, que segundo Seki (2000, p. 122), deriva nominais que indicam, respectivamente, 'o que realiza X', 'o que é X' e o 'que tem X'. A seguir, exemplos do Asurini do Xingu.

(430) u-manu-ma'e
3-morrer-Nom
' O que está morto'

(431) u-furahaj-ma'e
3-dançar-Nom
' o que dança'

(432) i- akuv -ama'e
3-febril -Nom
'o que está quente, febril'

(433) i-ajver-ama'e
3-feio-a -Nom
' O que é feio'

(434) i-katuyv-ama'e
3-bonito-Nom
'o que é bonito'

4.3.2.6 Nominalizador atributivo negativo

O nominalizador {-ima'e} é a contraparte negativa de {-ama'e}, ou seja, ele atribui negativamente todas as características que {-ama'e} atribui ao radical verbal intransitivo e descritivo.

(435) u-manu-ima'e

3-morrer-Nom

'o que não está morto'

(436) kudjema'e u-furaj-ima'e

homem 3-dancar-Atr.negativo

'o homem que não dança'

(437) i-katu-ima'e

3-ser. bom-Nom

'o que não está bom, não presta'

(438) jupypygy i -katu-ima'e

arroz 3-bom/bonito- nom

'O arroz está estragado'

Esse nominalizador se diferencia dos demais pelo fato de as raízes nominalizadas com ele continuar funcionando com elementos pronominais dos verbos independentes.

4.3.2.7 Nominalizador de circunstância

O nominalizador {**wat**} junta-se a elementos que desempenham funções adverbiais, formando, a partir daí, nominais. Em todos os registros que temos, esse nominalizador é sempre seguido pelo sufixo {**-a**}.

(439) ka-ve war -a
roça-Loc Nom-N
'o que é da roça

(440) kare war-a
hoje Nz-N
'o que é de hoje'

(441) y'-ve war-a
água-Loc-Nom-N
'o que é da água'

4.4 Subconstituintes verbais

Nessa parte, tratamos dos elementos ligados ao verbo ou que se relacionam com ele, tais como tempo, modo e aspecto.

4.4.1 Modalidade, tempo e aspecto

Segundo Hopper (1982), em qualquer enunciado uma importância peculiar é universalmente prendida ao contorno temporal de um estado ou ação e atitudes do falante em direção a ele. Os correlatos gramaticais desses contornos e atitudes são as categorias de tempo, aspecto e modalidade, que são as categorias inerentes ao verbo mais importantes.

São universais, muitos eventos de fala podem incorporar um ou mais de uma dessas categorias.

Como dito acima, essas categorias são encontradas em todas as línguas do mundo. Segundo Anderson (1985), Tempo, Aspecto e Modo podem se manifestar através de afixos, de mudança na raiz da palavra e de reduplicação ou supressão de segmentos da palavra. Em Asurini do Xingu, como veremos mais adiante, essas categorias podem se manifestar na língua através de partícula. A seguir, procuramos mostrar como se comportam essas categorias na língua Asurini do Xingu.

4.4.1.1 Modo

A modalidade, para Givón (2001), expressa a atitude do falante em relação à proposição, podendo ser de julgamento epistêmico (verdade, probabilidade, certeza, convicção e evidência) ou avaliativa (desejo, preferência, intenção, habilidade, obrigação, manipulação). Para Chung (1985), essa categoria do verbo descreve a realidade (existência) do evento em termos como possibilidade, necessidade ou desejo.

Em asurini, o verbo pode se encontrar nos modos independentes ou nos modos dependentes. Os modos independentes são: indicativo, imperativo, exortativo e gerúndio, e os modos dependentes são: subjuntivo, consecutivo e circunstancial.

4.4.1.1.1 Indicativo

No Asurini do Xingu, o modo indicativo, da mesma forma que outros tipos de modalidade na língua, caracteriza-se pela ausência de marca morfológica para indicá-lo. No entanto, a língua apresenta outros recursos que permitem distinguir um verbo no modo indicativo de verbos em outros modos. Tais recursos referem-se à marcação de pessoa junto ao verbo e a negação.

A marcação de pessoa junto ao verbo no modo indicativo é feita por prefixos das séries I e IV, por pronomes pessoais em função clítica e por relacionais.

Os prefixos da série I são usados para expressar A e Sa nas cláusulas transitivas e intransitivas, respectivamente.

(442) a- vevuj
1 -nadar
Sa- vi
'eu nado'

(443) ga a- etxak
3Sg -ver
O A- vt
'eu o vi '

Os prefixos da série IV (*portmanteau*) são usados exclusivamente com verbos transitivos para codificar A e O (objeto de verbo) simultaneamente.

(444) uru-munik
1/2- puxar
'eu puxei você'

(445) uru-txigu
1/2- gostar
'eu gosto de você'

Os pronomes pessoais, em função clítica e sempre acompanhados dos relacionais, são usados para codificar So junto ao verbo descritivo nas orações descritivas e O (objeto de verbo) quando há hierarquia de pessoa, conforme os dados abaixo ilustram.

(446) dje r- akuvĩ
1sg Rel-febril
So ve
'eu estou febril'

(447) dje r-etxak
1sg Rel-ver
'ele me viu'

Conforme se observa, a estrutura morfológica de uma oração com verbo descritivo é análoga à estrutura morfológica da oração com verbo transitivo quando há hierarquia de pessoa.

A negação no modo indicativo é marcada com o morfema descontínuo **{ni(a)...i}** e seus alomorfes n-...i, na-...i, ne-... -i . O n- ocorre antes de vogal, em geral, o na- ocorre antes de consoantes como /tx/ e /k/ e o ne- antes de consoantes como /j/ e /p/ no radical verbal.

(448) maja n-u-manu- i
cobra-neg-3-morrer-neg
'a cobra não morreu'

(449) kudjema'e ma'e t- a'a n- u- txigu- i
homem Rel- carne neg-3-gostar-neg
'o homem não gosta de carne'

(450) n-a-txa-kyt-i
neg-1pl-dormir-neg
'não dormimos'

(451) ne-dje-fuku-i
neg-1sg-alto-neg
'não sou alto'

4.4.1.1.2 Modo imperativo

O modo imperativo assim como o modo indicativo caracteriza-se por apresentar marcação de pessoa e negação exclusiva para essa modalidade, além disso, apresenta somente forma para segunda pessoa: segunda pessoa singular e segunda pessoa plural.

A marcação pessoal para verbos no modo imperativo é feita pelos prefixos da série III, {e-} e {pe-}, segunda pessoa singular e segunda pessoa plural, respectivamente. O modo imperativo ocorre com verbos intransitivos (452a, 462b, 453a e 453b), transitivos (464) e descritivos (465a e 465b).

(452a) e- 'u
2sgIII-comer
'coma!'

(452b) pe- 'u
2PLIII- comer
'comam!'

(453a) e- djat dje r-upi
2sgIII vir 1Sg Rel-Posp
'venha comigo!'

(453b) e- tim avatxi
2sgIII-plantar milho
'plante milho!'

(454) pe- tim avatxi
2PLIII-plantar milho
'plantem milho!'

(455a) e- ka txipe
2sgIII-Aux. quieto
'fique quieto !'

(455b) pe- ka txipe
2PIII-Aux. quieto
'fiquem quietos'

A negação nesse modo se dá com o afixo {-ju} sufixado à raiz verbal, diferentemente da negação no modo indicativo que apresenta um morfema descontínuo para negar o processo verbal. Segundo Givón, as categorias tempo, modo e aspecto, enquanto sistema morfológico, são prováveis de se gramaticalizarem no sintagma verbal, onde esse sistema interage freqüente e intensivamente com vários outros sub-sistemas de flexão do verbo, dentre eles, marca de negação e concordância pronominal (Givón, 2001)²⁵. Como percebemos, no Asurini do Xingu os recursos utilizados para indicar o modo indicativo e o modo imperativo são *a priori* a negação e a marcação de pessoa. Abaixo, o exemplo mostra um verbo no modo imperativo, cujas marcação de pessoa e negação são exclusivas dessa modalidade.

²⁵ "...TAM as a morphological system is most likely to grammaticalize on the verbal word, where it interacts, often intensively, with several other verb –inflectional sub-systems" (Givón, 2001 vol. I, p. 285)

- (456) e- 'u- jũ
 2sgIII- comer- neg
 'não coma!'

4.4.1.1.3 Exortativo

O modo exortativo é marcado morfológicamente em Asurini pelo morfema {**t-**}, cuja posição é imediatamente antes do marcador de pessoa do verbo. Os verbos no modo exortativo seguem o mesmo paradigma pronominal dos verbos que se encontram no modo indicativo. Além do proclítico {**t-**}, que antecede os marcadores de pessoa do verbo, o modo exortativo distingue-se ainda dos outros modos verbais, exceto do modo imperativo, pela marcação da negação que se dá com o morfema {**-jũ**}. Abaixo, exemplos de verbo no modo exortativo:

- (457) kavava t-ere-py'yk karu-rũma javu
 dinheiro Ex-2-pegar comida-Fut Posp
 'pegue dinheiro (se for) para comida'

- (458) kavava e-py'yk- jũ t-ere-py'yk- jũ karu-rũma javu
 dinheiro 2III-pegar-neg Ex-2-pegar-neg comida-Fut Posp
 'não pegue dinheiro se for para não comprar a comida'

4.4.1.1.4 Gerúndio

O modo gerúndio na língua Asurini do Xingu caracteriza-se por apresentar morfologia específica e apresentar concordância pessoal com marcadores de pessoa da série II, salvo no caso em que a oração no modo gerúndio é construída com verbos intransitivos descritivos que começam por vogal ou pertencem à classe \emptyset . Nesse caso, a marcação do sujeito é feita com os pronomes pessoais acompanhados dos clíticos, semelhantemente à

codificação do possuidor nas locuções possessivas. O modo gerúndio é marcado em Asurini das seguintes formas:

–a depois de consoante

–w depois de vogal oral

–w̃ depois de vogal nasal

O verbo nesse modo requer uma marcação de sujeito com prefixos da série II. O sujeito do verbo no modo gerúndio é co-referencial com os argumentos A e S.

(459) ere-djyn e- at-a
2sg-correr 2sgIII-cair-G
'você correu caindo'

(460) a- a te-djat-a yvyra i
1sg-ir 1III-vir árvore Posp
'eu vim descendo pela árvore'

(461) ipira re'e a-djat te-ka-w
peixe posp 1-vir 1SgII-Aux.-G
'eu vim para pescar'

(462) ga (u)-ut u-dje-apẽ'ẽ- w̃
3sg (3)-vir 3- Repl-esquentar-G
'ele veio para se esquentar'

Além das características já apresentadas acima, o gerúndio é identificado na língua por bloquear a alternância t>r, como mostra o exemplo (460). Entretanto, o gerúndio

parece não interferir na alternância p>w, como mostra o exemplo (464). A negação de verbo nesse modo verbal se dá com o morfema {-eỹma}.

- (463) dje a-djat te-furaai-(a)- eỹma
1sg 1-vir 1II-dançar-(G)- neg
'eu vim não para dançar'

Na língua Asurini do Xingu, pelo que revelam nossos estudos até agora, a marcação do gerúndio nos verbos descritivos é análoga à marcação desse modo nos outros verbos. Ao contrário da língua Kamaiurá em que o gerúndio nos descritivos recebe marcação diferente daquela que recebem os verbos ativos, a saber: {-ram} nos descritivos e {-m} nos ativos (cf. Seki 2000, p. 129). A seguir, mostramos exemplos de verbos descritivos no modo gerúndio.

- (464) ene r-akuv-a ere-djat
2sg rel-febril-G 2sg-vir
'você veio(estando) febril'

4.4.1.1.5 Circunstancial

O que chamamos aqui de modo circunstancial foi chamado por Rodrigues (1953) e por grande parte dos estudiosos de línguas Tupi-Guarani de indicativo II.

O modo circunstancial ocorre em Asurini quando a oração é iniciada por um elemento adverbial e o(s) argumento(s) nuclear(es) é/são expresso(s) por um elemento pronominal de terceira pessoa.

Esse modo é marcado morfologicamente no verbo com o morfema {-i}, cuja realização é -i após consoante e Ø- após vogal. Além disso, o elemento pronominal que marca os argumentos nucleares de terceira pessoa são codificados por pronomes clíticos de

terceira pessoa e relacional ao invés de um prefixo pessoal. Se o verbo é intransitivo, esses pronomes marcam Sa ou So, mas se o verbo é transitivo, então, eles marcam o objeto.

(465) aupe ga i-kytxi-ø manakure
Dêit 3sgM 3-cortado-Circ espécie de girau
'ele estava cortado no girau '

(466) a'eramũ gy r-ur-i
quando 3Pl Rel-voltar- Circu
'quando eles voltaram...'

(467) myme ã i-py'yk-i
onde 3sg 3Rel-pegar-Circu
'onde ela a pegou?'

(468) maryja ga i-maritykwat-ø
Q 3sg.Mas Rel 3-trabalhar-Circu
'por que ele trabalha?'

O tratamento desse modo verbal como circunstancial ocorreu em virtude de estar sempre relacionado a circunstâncias de natureza diversas.

4.4.1.1.6 Subjuntivo

O modo subjuntivo é usado em orações subordinadas adverbiais que carregam traços semânticos de tempo, causa e condição (quando, porque e se). Esse modo é marcado morfológicamente pelo morfema {-ramu}, cuja realização se dá em dois alomorfes: **-ramu**, após vogal, e **-amu** após consoante. A posição desse morfema é imediatamente após o radical verbal.

Quando um verbo é utilizado no modo subjuntivo, a marcação de pessoa junto a ele é feita por marcadores de pessoa da série II.

- (469) te- maritikwa-ramu u'i a- apa ne
1II-trabalhar- Subj farinha 1-fazer Fut
'quando eu trabalhar, eu farei farinha'
- (470) ipira te- py'ik-amu a-mana ene-ve
peixe 1II- pegar-Subj 1Sg-dar 2Sg-Dativo
'quando eu pegar peixe, eu darei a você'
- (471) u-maritikwa-ramu ga u'i u-apa ne
3II-tabalhar -Subj 3sg.Mas farinha 3-fazer Fut
'quando ele trabalhar, ele fará farinha'
- (472) te-marakajĩg-a kwav-amũ a- marakajĩg
1II-cantar-G saber-subj 1sg-cantar
'se eu soubesse cantar, eu cantaria'

4.4.1.1.7 Modo consecutivo

O modo consecutivo forma-se com o auxílio dos morfemas {-rire} ~ {-ire} sufixados ao radical verbal. Assim como o modo subjuntivo, o modo consecutivo codifica seus elementos nucleares com prefixos pessoais da série II. Semanticamente, esse modo caracteriza-se pelo fim de uma ação potencial e o início de outra em seguida.

- (473) a-kyt –futat [te-karu-rire]
1-dormir-querer 1II-comer-Cons
'eu quero dormir e depois eu como'

(474) [jane karu-rire] txa-kyt-futat
1pl comer-Cons 1Pl-dormir-querer
'nós queremos comer e depois descansar'

(475) ure dje'enga-rire ã u-vaem
1pl falar-Cons 3sg.Fem 3-chegar
'Ela chegou depois de nossa fala'

(476) mani'aka te pepin-ire u'i a-apa
mandioca 1II-descascar-Cons farinha 1-fazer
'depois de descascar mandioca, eu vou fazer farinha'

4.4.1.1.8 outras modalidades

Em Asurini do Xingu, encontram-se ainda dois modos verbais: o desiderativo e o *irrealis*. A formação desses dois modos verbais nessa língua, como poderemos ver a seguir, é semelhante à sua formação na língua Kamaiurá.

1) Desiderativo

O modo desiderativo é formado por raízes verbais: **futat** 'poder, querer' e **wei** 'querer, ter vontade'. A sufixação dessas raízes ao radical verbal, conforme já dito por Seki (2000) forma predicados complexos.

(477) dje arafu'a a-'u-wei
1sg veado 1-comer-Des
'eu quero comer veado'

(478) sãw pawl-ipe aha-futat

São paulo-loc ir-Des

‘eu quero ir para São Paulo’

2-Irrealis

O modo *irrealis* é marcado em Asurini com **rame** ou **ame**, conforme o radical verbal termine em vogal ou em consoante, respectivamente, acompanhado do subjuntivo {-ramũ}. A semântica do modo *irrealis* aponta o evento como uma hipótese possível de acontecer, desde que uma ação que se encontra no futuro aconteça para possibilitar a realização do evento que se encontra no verbo marcado por **ramẽ**.

(479) djawara ga ur-ame-amũ djawara a-djuka
cachorro 3sg morder-Irr-subj jawara 1-matar
‘se a onça o mordesse, eu a mataria’

O *irrealis* é usado em cláusulas subordinadas; em geral, expressa eventos contra factuais, como mostra o exemplo acima.

4.4.1.2 Tempo

De acordo com Givón (2001), a categoria tempo envolve a codificação da relação entre dois pontos pela dimensão linear ordenada do tempo: tempo referência e tempo evento. O tempo referência é o que marca o tempo em que a fala ocorre, é a partir dele que se organizam os eventos no tempo. Ainda segundo esse autor, o tempo é fundamentalmente um fenômeno pragmático - mais que semântica proposicional- ancorando a proposição para um ponto temporal fora dela própria.

O verbo Asurini do Xingu não recebe morfemas flexionais para indicar o tempo. As distinções temporais nas sentenças são feitas através de expressões temporais, partículas e aspectos. Como sabemos, as línguas podem apresentar diferentes formas para marcar essa

categoria: através de prefixos, sufixos, morfemas *portemanteau*, mudança na raiz verbal (o português, por exemplo, usa todas essas formas), verbos auxiliares etc, além de manifestarem ,em algumas circunstâncias, muitas características morfêmicas e sintáticas dos verbos que lhes deram origem. Ao tratarmos do aspecto verbal, veremos também sua importância na distinção de tempo.

Os eventos verbais em Asurini do Xingu estão situados em três tempos: presente, passado e futuro. Apesar de fazermos essa divisão, ela é mais observada quando o falante quer realmente ressaltar o tempo em que o evento ocorreu ou ocorrerá, caso contrário, o tempo é obtido pragmaticamente. Em conversas corriqueiras, extraídas de gravações em situações mais ou menos naturais (a pesquisadora não estava presente, mas alguns membros da casa sabiam que tinha um gravador ali gravando), é predominante o uso de frases sem fazer referência gramatical nenhuma ao tempo, mas que dado o contexto se depreende o tempo em que ela ocorreu.

enunciado 1

(480) myme pe typiava ere-py'yk-a
onde Q vassoura 2-pegar-
'onde você pegou a vassoura?'

enunciado 2

(481) myme ã i-py'yk
onde 3sg.Fem 3-pegar
'onde você a pegou?'

Outra situação:

(482) ma'e pe gy u-juka, muaiva

o que Q 3Pl 3-matar Npr

‘o que eles mataram, Muaïva?’

Percebemos que apenas os contextos em que esses enunciados ocorrem são suficientes para os falantes da língua depreender o tempo em que tais ações aconteceram.

No caso em que querem situar o evento verbal no tempo, isso é feito colocando-se que tal evento foi realizado em determinado passado ou se realizará em determinado futuro sem se fazer nenhuma referência a esse passado ou a esse futuro. Entretanto, há casos em que o falante quer ou necessita situar o evento em um tempo específico, detalhado, nessa situação ele utilizará dos vários aspectos de que a língua dispõe.

As narrativas, por exemplo, fazem mais uso de palavras lexicais, de partículas e de dêiticos para fazer referência ao tempo em que determinado evento ocorreu que de aspectos temporais propriamente ditos. Não que o tempo não seja marcado por tais categorias nas narrativas, ressaltamos apenas o importante papel que as palavras e as partículas desempenham na indicação de tempo nesse tipo de texto.

(483) tukaja r-emẽ ga u-apa ã tawkaria ke
tocaia R- Dêit 3sg.Mas 3-fazer Part. sexo F tipo de árvore Part
‘antigamente, ele foi fazer tocaia no tawkaria’
Lit tocaia dos antigos, ele foi fazer no tawkaria

(484) ga a’e pype aha-w arew
3M Dêit Posp ir-Circ durante o dia
‘Ele, aquele (menino) foi durante o dia’

Percebemos que em nenhum dos enunciados o verbo está sendo marcado com morfemas gramaticais. Bastou a narradora citar a palavra “antigamente” ou a expressão “dos antigos”, no exemplo (483), que foi suficiente para que todos os falantes da língua compreendessem que todas as ações que viriam no desenrolar da narrativa tinham

acontecido no passado. A seguir mostramos como estão organizados os tempos presente, passado e futuro na língua Asurini. Em seguida, mostramos alguns dos aspectos da língua.

4.4.1.2.1 tempo presente

O tempo presente apresenta um evento ou estado que acontece no tempo da fala, ou ponto zero na escala de tempo. Em asurini, ele é não-marcado, sua indicação se dá através da ausência de elementos que indique passado ou futuro. Abaixo segue um paradigma com o verbo no presente.

(485a) dje arakuri a- mu'in
1Sg galinha 1Sg-cozinhar
'eu cozinho galinha'

(485b) ene arakuri ere- mu'in
2sg galinha 2-cozinhar
'tu cozinhas galinha'

(485c) ga arakuri u-mu'in
3sg.Mas galinha 3-cozinhar
'ele cozinha galinha'

(485d) ure arakuri uru-mu'in
1Pl.Excl galinha 1Pl-cozinhar
'nós cozinhamos galinha'

(485e) pene arakuri pe-mu'in
2PL galinha 2Pl-cozinhar
'vocês cozinham galinha'

4.4.1.2.1.2 Tempo passado

O tempo passado expressa um evento ou estado que precedeu o tempo da fala. Em Asurini, a partícula **myve** ocorre na sentença para indicar que a ação verbal ocorreu no passado, aparentemente ocorre antes do verbo, mas há casos em que ocorre depois dele, de forma que ainda não estamos seguros quanto a sua posição. Quando se quer especificar a distância do passado em relação ao presente, faz-se uso de aspectos-temporais, ou palavras adverbiais, pois **myve** indica apenas que a ação verbal foi realizada no passado, sem atentar para a distância do passado em relação ao presente ou atitude do falante com relação aquele evento. Abaixo, apresentamos um paradigma verbal com a ação voltada para o passado.

- (486a) dje myve arakuri a- mu'in
1sg Pas galinha 1sg-cozinhar
'eu cozinhei galinha'
- (486b) ene myve arakuri ere- mu'in
2sg Pas galinha 2sg-cozinhar
'tu cozinhasse galinha'
- (486c) ga myve arakuri u-mu'in
3sg.Mas Pas galinha 3-cozinhar
'ele cozinhou galinha'
- (486d) ure myve arakuri uru- mu'in
1PlExcl Pas. galinha 1Pl-cozinhar
'nós cozinhamos galinha'
- (486e) pene myve arakuri pe- amu'in
2Pl Pas galinha 2-cozinhar
'vocês cozinham galinha'

Através do paradigma acima, podemos constatar que a ação de cozinhar ocorreu no passado. Não há nenhuma especificação se o passado está mais próximo ou mais distante do presente, apenas pragmaticamente podemos inferir que esteja mais próximo do presente, da mesma forma que podemos inferir que a ação passada no enunciado abaixo parece estar mais distante do presente que a do enunciado acima. Além do pragmatismo, tem que se lidar com um certo relativismo temporal.

(487) n-ay-i kujĩ myve
 neg-sangrar-neg mulher Pas
 ‘as mulheres não sangravam (menstruavam)’

(488) anĩga myve ure u-miremĩma
 aninga Pas 1Pl 3-roubar
 ‘aninga nos roubava (no passado)’

4.4.1.2.1.3 Tempo futuro

O futuro se refere a um evento ou estado que segue o tempo da fala. Em asurini, para mostrar que a ação do verbo em uma sentença será realizada no futuro, usa-se a partícula **ne** que se realiza como **ne** depois de vogal e como **ane** depois de consoante. Essa partícula indica a continuação de uma ação, que já pode ter começado ou ainda vai começar. Para indicar a distância do futuro em relação ao presente e a forma dessa ação ser realizada, existem diferentes partículas aspectos-temporais (mais adiante trataremos dos aspectos da língua), assim como existe para o tempo passado. Abaixo segue o paradigma verbal com o verbo - **mu'in** ‘cozinhar’ em uma sentença, cuja ação é prevista para ser realizada no futuro.

(489a) dje arakuri a- mu'in ane
1sg galinha 1-cozinhar Fut.
'eu cozinharei galinha'

(489b) dje u'i a- apa ne
1sg farinha 1-fazer Fut.
'eu farei farinha'

4.4.1.3 Aspectos

Para Hopper, a noção fundamental de aspecto é “Aspect is not a local-semantic one but is discourse –pragmatic, and is characterizable as completed event in the discourse’ (Hopper, 1982, p.5). Em relação à distinção entre tempo, aspecto e modalidade, segundo esse autor, nem sempre é clara, embora a tendência entre os lingüistas ocidentais seja considerar como aspecto tudo que não é tempo nem modalidade.

Ainda segundo esse autor, os aspectos apresentam uma série de funções que são universais e outras que não o são.

Para Givón (2001), não se pode entender completamente o que os aspectos gramaticais fazem para os verbos sem se entender primeiro sua aspectualidade inerente. De acordo com esse autor, os verbos no léxico de todas as línguas podem ser divididos em termos de sua aspectualidade inerente em quatro grandes grupos: compacto (curta duração), verbo de completude (completivos), verbos de atividade e verbos estativos²⁶. Em primeiro lugar, vamos verificar a aspectualidade inerente de alguns verbos em asurini e depois verificar alguns aspectos na língua.

²⁶ ‘The verbs (or predicates) in the lexicon of all languages can be divided into four major groups in terms of their inherent aspectuality’ (p. 287)

Verbos compactos

-vyki ‘bater (em alguém)’

-munik ‘puxar’

-nimun ‘cuspir’

verbos completivos

-pap ‘terminar’

-reraa ‘levar’

-ut ‘chegar, vir’

verbos de atividade

-furaai ‘dançar’

-futuka ‘lavar’

-etxak ‘ver’-

verbos estativos

-urip ‘estar alegre, estar feliz’

-djerutxi ‘estar triste’

-fuku ‘ser alto’

Como vemos, o verbo apresenta uma aspectualidade inerente. Mesmo atuando sozinho dá idéia de como acontece o evento ou estado que ele expressa.

A seguir, mostramos alguns dos aspectos de que faz uso a língua Asurini do Xingu.

4.4.1.3.1 aspecto de tempo passado próximo

O sufixo {-ame} indica que uma ação verbal foi concluída há pouco tempo do momento em que é referida, isto é, do ato de fala, podendo, inclusive, ter sido vivida pelo pessoa que faz referência à ela. O morfema se realiza com os seguintes alomorfes: {-rame} depois de raízes verbais terminadas em vogal, e {-ame}, após consoante.

(490) a- tim -ame avatxi
1-plantar- Pas.prox milho
'eu plantei milho nesse instante'

(491) a-djauk -ame
1-banhar-Pas prox
'eu tomei banho nesse instante'

(492) a- karu- rame
1-comer-Pas prox
'eu comi nesse instante'

4.4.1.3.2 Aspecto de tempo futuro próximo

O futuro próximo é expresso pela partícula **eumutxepe**, a qual indica a proximidade do processo verbal, seu significado pode ser traduzido como 'já, já; daqui a pouco'.

(493) eumutxepe pe ere- jat
Fut.Prox Q 2-3-
'você já vem?'

4.4.1.3.3 Aspecto cessativo

Esse aspecto é expresso por **-ava'i** 'parar, terminar' e a raiz verbal **-fuit** 'parar, cessar'. A marca aspectual ocorre depois da palavra que expressa o evento.

- (494) dje a-fuit avatxi tim -ava'i
1sg 1-parar milho plantar Ces.
'eu parei a plantação de milho/eu parei de plantar milho''

- (495) dje a-fuit ipejava-ava'i
1sg 1-pare remo Ces
'eu parei de remar'

4.4.1.3.4 Aspecto repetitivo

A partícula (partícula?) **penu** 'novamente' indica que o processo verbal se repete. Essa partícula aparece acompanhada da posposição **-ive**.

- (496) ere-jat r- ive penu
2sg- vir Rel-Posp Repet
'você veio novamente'

- (497) ene marina-r-ive penu
2sg doença-Rel-Posp Rept
'você adoeceu de novo'

4.4.1.3. 5 Aspecto completivo

O aspecto completivo é expresso pela sufixação de **-pap** à raiz verbal. Nessa posição **-pap** indica que a ação verbal se completou. A raiz -pap pode também funcionar sozinha como verbo, cujo significado é ‘acabar, terminar’. Em (498 e 499) **-pap** apresenta-se indicando aspecto, em (513) como verbo.

(498) dje a- 'u- pap
1Sg 1-comer-Compl.
'eu comi tudo'

(499) dje t-yru a-futuka pap
1Sg Rel-roupa 1Sg-lavar Compl
'eu lavei toda a roupa'

(500) ipira u- pap
peixe 3-acabar
'o peixe acabou'

4.4.1.3.6 Aspecto volitivo

O aspecto volitivo indica que o processo verbal é um desejo do participante [+agente]. Esse aspecto é expresso pela raiz verbal **futat** ‘querer, desejar’, colocada após o verbo.

(501) dje Myra a- me'u futat
1 Npr 1- ensinar Vol.
'eu quero ensinar Myra'

(502) a- kyt futat
1- dormir Vol.
'eu quero dormir'

(503) ipira a- futat
peixe 1- Vol
'eu quero pescar'

4.4.1.3.7 Aspecto frustrativo

O aspecto frustrativo indica que uma ação prevista por um agente, por algum motivo, não pode ser realizada. Esse aspecto é expresso pela partícula **panemi** 'frustração', colocada após a raiz **futat**. Como vimos antes, **futat** expressa um desejo de realização do processo verbal; nesse contexto, combinando-se com a partícula **panemi**, aparece para mostrar que a realização do desejo expresso no verbo não foi realizado, foi frustrado.

(504) dje mani'iva a- tym futat panemi
1sg maniva 1sg-plantar Vol. Frus.
'foi inútil eu querer plantar maniva'

(505) dje ipira a-fuitat panemi
1Sg peixe 1sg-querer Frus
'foi inútil querer pescar'

4.4.1.3.8 Aspecto iminentivo

O aspecto iminentivo indica que um processo verbal foi quase realizado. Esse aspecto é expresso por **a'ip** colocado após o verbo.

(506) dje ga a-djuka a'ip
1sg 3sg.Mas 1Sg-matar Iminen.
'eu quase o matei'

Essa análise não se quer exaustiva, é possível que no decorrer de nossa pesquisa venham surgir outros aspectos verbais.

4.4.2 Codificação dos argumentos no verbo

Conforme já foi visto atrás, o Asurini apresenta uma série de pronomes pessoais e quatro séries de prefixos pessoais. O uso de uma ou de outra série de prefixos, bem como o uso de pronomes pessoais está relacionado à natureza do verbo e aos participantes e circunstâncias envolvidos no evento verbal.

A codificação de Sa e A junto aos verbos é feita da seguinte forma:

1) O argumento é codificado por prefixos pessoais da série I quando o verbo está no modo indicativo ou no modo exortativo;

(507) tapi'ira ere-djuka
anta 2-matar
'você matou anta'

(508) kavava t-ere-py'yk karu-rũma djavu
dinheiro Ex-2-pegar comida-Fut Posp
'pegue dinheiro (se for) para comida'

2) por prefixos da série III quando está no modo imperativo;

(509) pe- 'u
2PLIII- comer
'comam!'

(510) e- tym avatxi
2sgIII-plantar milho
'plante milho!'

3) por prefixos da série II quando o verbo está no modo gerúndio.

(511) ipira re'e a-dja te-ka-u
peixe Posp 1-vir 1sgII-Aux.-G
'eu vim pegando (por) peixe, eu vim pescando'

(512) ere-djyn e- at-a
2-correr 2SgIII-cair-G
'você correu caindo (em seguida)'

Além desses prefixos, os verbos transitivos recebem também os prefixos da série IV quando querem fazer referência simultânea ao sujeito e ao objeto da cláusula no modo indicativo.

(513) ure uru- furu- munik
1pl 1Pl I-GN-puxar
'nós puxamos (vocês)'

O sujeito de So é codificado por pronomes pessoais e relacionais presos ao radical verbal.

(514) dje ø-fuku
1sg Rel- ser alto
'eu sou alto'

No que tange aos objetos, são codificados por pronomes pessoais. Há duas pequenas distinções entre a codificação de objeto de verbo e a codificação de objeto de posposição. Na codificação de objeto de verbos não é necessário pronomes relacionais junto ao nome já nos objetos de posposição em geral aparecem os pronomes relacionais.

(515) ga ã u-etxak

3sg.Mas 3sg.Fem 3-ver

a O A

‘ele a viu’

(516) e- djat dje r-eve

2 sgII-vir 1sg Rel- Posp.

‘venha comigo!’

No gerúndio e no subjuntivo, a marcação pessoal no verbo é feita com prefixos da série II.

(517) a- a te-djat-a yvyra i

1sg-ir 1II-vir árvore posp

‘eu vim descendo pela árvore’

(518) ipira te- py’yk-amu a-mana ene-ve

peixe 1sgII- pegar-Subj 1-dar 2Sg-Dativo

‘quando eu pegar peixe, eu darei a você’

Já no modo circunstancial, a marcação pessoal é feita com pronomes pessoais e prefixos relacionais.

(519) a'eramu gy r-ur-i
quando 3PI Rel-voltar- Circu
'quando eles voltaram...'

Ainda com relação aos verbos transitivos, são marcados juntos aos verbos por pronomes pessoais e relacionais quando opera na língua uma hierarquia de referência. Abaixo, examinaremos melhor essa questão.

4.4.3 Hierarquia de referência

Estudos tipológicos relatam que nas línguas do mundo 1ª e 2ª pessoas são codificadas como mais tópicas que 3ª, ao que parece as línguas em geral tendem a tomar as duas primeiras pessoas como mais importantes que a terceira, sendo isso levado a tal ponto de algumas línguas não apresentarem uma forma para a 3ª pessoa. Zwicky (1977) propõe uma hierarquia para demonstrar a importância das pessoas no discurso: 1>2>3. Sendo que entre as terceiras pessoas pode haver ainda hierarquia, pois como se sabe a 3ª pessoa carrega traços [humano] e [animado], o que a coloca sob outras hierarquias como: 3H> 3nH> 3 Ani > 3Inani. Entretanto para o Asurini do Xingu, tais distinções são irrelevantes uma vez que a hierarquia operante age diretamente sobre a agentividade e/ou topicalização dos participantes.

Tendo em vista a importância das 1ª e 2ª pessoas sobre a 3ª, e a hierarquia que, segundo a qual o papel agente é mais tópico que o papel paciente, quando há um processo de descontinuidade em que o fluxo informacional não está mais sob 1ª e 2ª pessoas e nem sobre o Agente, mas sobre a 3ª e no paciente, as línguas apresentam recursos diversos para demonstrar esse processo. O Português, por exemplo, privilegia a forma passiva. Em Asurini, se em uma sentença o argumento [+agente] é hierarquicamente superior ao [-agente], tal argumento será marcado por pronomes subjetivos (série I); no entanto, se o argumento [+agente] é hierarquicamente inferior ao [-agente], ele será marcado com

argumentos objetivos (pronomes pessoais em função clítica) e os prefixos co-referenciais, encontrados nos verbos quando a sentença independente está na forma ativa, são substituídos pelo prefixo relacional {-r}, analogamente aos nomes possuídos, existindo assim uma estreita relação entre posse e transitividade quando opera a hierarquia de pessoa. A seguir ilustramos cada uma dessas situações:

a) Sentença independente ativa → prefixos da série I codificam A, enquanto clíticos codificam O.

(520) ga kumetetedje a- py'yk

3sg rápido 1sg- pegar

O Adv A

‘eu o peguei rápido’

b) A= 3ª O= 1ª ou 2ª pessoa → somente O é marcado

(521) dje r-etxak

1sg Rel-ver

O V

‘Ele me viu’

(522) dje ø-py'yk

1sg Rel-pegar

‘ele(a) me pegou’

(523) djawara dje r-etxak

onça 1sg Rel-ver

A O

‘a onça me viu’

(524) ene r-etyk

2sg Rel-bater

O V

‘ele(a) te derrubou’

Quando as primeira e terceira pessoas envolvidas nesse jogo se encontram no plural, a hierarquia de pessoa funciona da mesma forma.

(525) ga²⁷ ure r-etyk

3sg 1Pl R-derrubar

‘ele nos derrubou’

c) A=2^a O=1^a → apenas O é marcado, entretanto aparece a partícula **ape** se 2^a e 1^a pessoas são do singular e **pedjepe** se 2^a e 1^a pessoas são do plural.

(526) dje r-etyk ape

1sg Rel-derrubar Part

‘voce me derrubou’

²⁷ Essa marcação de pessoa é opcional a sentença pode ser simplesmente: ure retik sem nenhum prejuízo para sua significação.

(527) dje r-etxak ape

1sg Rel-ver Part

‘você me viu’

(528) pene ure r-etyk pedjepe

2pl 1Pl R-derrubar part

‘vocês nos derrubaram’

(529) pene ure ø-py’yk pedjepe

2pl 1Pl Rel- segurar Part

‘vocês nos seguraram’

Quando estão envolvidas no jogo 1ª e 2ª pessoas no plural em que a 1ª pessoa desempenha o papel de agente e a 2ª o papel de paciente, não há hierarquia de pessoa, as duas são marcadas por prefixo *portmanteau*.

(530) ure uru- puru- munik

1Pl 1Pl I-GN-puxar

‘nós puxamos (vocês)’

Quando os dois participantes são 3ª pessoa também não há hierarquia, ambos são codificados com pronominais da série I se é agente e pronomes pessoais se é objeto.

(531) ga ã u-etxak

3sg.Mas 3sg.Fem 3-ver

O A

‘ele a viu’

(532) ga gy u-txak
 3sg.Mas 3 3-ver
 ‘ele o(a)s viu’

Os dados mostram que o Asurini do Xingu toma a primeira pessoa como centro de importância, em torno da qual giram as demais pessoas do discurso. Quando a 2ª ou 3ª pessoas são focalizadas em detrimento da primeira ou ainda a 3ª em detrimento da 2ª invertendo a hierarquia inerente de topicalidade (1>2>3) são usados pronomes pessoais em função clítica para marcar a crescente topicalidade de P em prol da diminuição da topicalidade de A.

Comparando-se o sistema de hierarquia de pessoa do Asurini do Xingu com o de outras línguas da família Tupí-Guaraní, como Kamaiurá (Seki, 2000) e Guarani-Mbya (Martins, 2003), observa-se uma pequena distinção: enquanto nessas duas línguas não há distinção entre as cláusulas que têm A codificando a 3ª pessoa e O codificando a 1ª pessoa da cláusula que tem A codificando a 2ª pessoa e O codificando a 1ª pessoa; em a Asurini essa distinção é feita através da partícula **ape** no segundo caso. A seguir dados do Kamaiurá e do Guarani Mbya.

(533a) je r=etsak ‘ele me ver’ (3 Vs 1sg)

(533b) je r=etsak ‘você me ver’ (2 Vs 1sg) (Seki,2000, p.139-140)

(534) ndee xe=r-apy

voce 1sg=Rel-queimar

‘você me queimou’

(Martins, 2003, p.78)²⁸

²⁸ Apesar de a autora afirmar que a 3ª pessoa age sobre a 1ª, não encontramos em seu trabalho nenhum dado para demonstrarmos aqui.

4.5 Coordenação de constituinte

Em Asurini do Xingu, os recursos empregados na coordenação de constituintes são análogos aos empregados na coordenação de sentenças, como podemos ver mais a frente na parte que tratamos de sentenças complexas. As estratégias empregadas na coordenação de sintagmas no Asurini do Xingu são: parataxe ou estratégia zero, partícula, conjunção e dêiticos (?) outros elementos(?).

4.5.1 Com parataxe

A parataxe coordena nominais em função de sujeito e em função de objeto e também adjuntos. Os conjuntos são simplesmente justapostos. Segundo Payne (1985, p. 5) todas as línguas possuem estratégias para cada forma não marcada, mesmo que essa estratégia seja a justaposição dos conjuntos. Abaixo, os dados exemplificam a coordenação paratática de nominais em função de sujeito e em função de objeto.

(535) arakuri ipeka jautxi mani'aka u-'u
galinha pato jabuti mandioca 3-comer
'galinha, pato, jabuti comem mandioca'

(536) karuaru djautxi arafua u-djuka
paca jabuti veado 3-matar
'ele matou paca, jabuti e veado'

(550) ga arakuri djautxi u-mana tadjau r-ukaja pype
3sg galinha jabuti 3-colocar porco Rel-cercado Posp
'ele colocou galinha e jabuti no cercado dos porcos'

Em (535), tem-se nominais coordenados na função de sujeito, em (536) e em (537) nominais coordenados na função de objeto, sendo que em (537) há um acréscimo de adjunto à sentença.

Abaixo, o exemplo ilustra a coordenação de duas locuções posposicionais. Os conjuntos coordenados aparecem um ao lado do outro, mas são regidos por posições diferentes.

(538) dje ø- mu'ira a-rut ene ve parakakãja djavu
 1sg Rel-missangas 1-trazer 2sg Posp Npr Posp
 'eu trouxe minhas missangas para ti e (com) Parakakãja'

A parataxe une também constituintes numa relação do tipo p ou q, analogamente à coordenação de orações, a diferença é que aqui não há o envolvimento de verbos como há entre as orações.

(539) ava pe tenutaramũ pikiri kwa'ĩ ava pẽ'ẽ
 quem Q primeiro Npr Npr quem Part.
 'quem está na frente kwaĩ ou parakakaja'

4.5.2 Coordenação de constituintes marcada

4.5.2.1 Com **reve**

A partícula **reve** pode coordenar dois ou mais constituintes, podendo estes desempenhar as funções de sujeito ou de objeto. Em nossos dados, não temos registros dessa partícula coordenando adjuntos.

Os exemplos (540) e (541) abaixo mostram essa partícula coordenando nominais que se encontram na função de sujeito. Em seguida os exemplos (542) e (543) ilustram essa partícula coordenando nominais na função objeto.

(540) kwa'ĩ murera reve maia u-djuka
Npr Npr Posp cobra 3-matar
'Kwa'ĩ e Mureira mataram a cobra'

(541) dje myra reve yvyra uru-ahap
1sg Npr Posp pau 1Pl-cortar
'eu e (com) Myra cortamos o pau'

(542) ipira u-u' t-a'a reve
peixe 3-comer 3-carne Posp
'eu como peixe e carne também'

(543) t-upava a-futuka t-yru reve
3-rede 1-lavar 3-roupa Part? Posp?
'eu lavei rede e roupa'

Quando a coordenação de constituintes com a partícula **reve** envolve mais de dois nominais, apenas um ocupa a posição habitual, isto é, a posição pré-verbal, os demais constituintes são deslocados para a posição pós-verbal.

(544) asurini avatxi u-tym kumãna'ĩ djupypygy reve
Npr milho 3-plantar feijão arroz
'asurini planta milho, feijão e arroz'

- (545) dje myra a-etxak manuew benignu reve
1sg Npr 1-ver Npr. Npr Posp
'eu conheço Myra, Manuel e também Benigno'

A partícula **reve** coordena também nominais numa relação adversativa do tipo nem p nem q. A negação do evento verbal atinge os nominais, dando uma sensação de cada um está sendo negado separadamente.

- (546) n-a-etxak beningu manuew reve
neg-1-ver Npr Npr
'não vi nem o Manuel nem o Benigno'

4.5.2.2 Com o morfema nite

O morfema **nite** coordena dois nominais, expressando idéia de companhia.

- (547) pajě-mera u-uta raka nite djevara
pajé-Col 3-ir Part com outros (não-pajés)
'Os pajés com os outros (homens da aldeia não-pajés) foram'

- (548) paje nite djevara gy aha
pajé Com não-pajes 3pl ir
'pajé com os não-pajés foram'

4.5.2.3 Com outros elementos, dêiticos (?)

Na língua Asurini do Xingu, há quatro morfemas morfologicamente idênticos aos dêiticos, que parecem desempenhar na língua a função de unir constituintes, analogamente às conjunções, tratam-se de: a'e, iga, iẽ, igy, a'e gy . Ao contrário do que ocorre com a partícula **reve** que provoca deslocamento da seqüência de nominais, conforme vimos acima, estes elementos não provocam deslocamento na seqüência dos nominais, pois só ocorrem no final da seqüência dos constituintes ou no final da oração, com exceção de **a'e** e **a'egy**, que, respectivamente, ocorre no final da oração e no final da seqüência dos constituintes , os demais podem ocorrer em qualquer uma das duas posições. Como os demonstrativos, esses elementos condicionam o verbo da sentença ao modo circunstancial, demonstrando, assim, sua forte natureza adverbial. Sua função entre os constituintes da oração é similar àquela desempenhada entre as orações, isto é, esses morfemas podem tanto coordenar orações como coordenar constituintes. Sobre os mesmos conectores coordenarem sentenças e constituintes ou sintagmas, Payne (1985, p. 5) diz: "...essentially sentencial co-ordination strategies are permitted at phrasal levels". Na seqüência, o autor exemplifica o que disse com a conjunção Inglesa *and*, que é análoga a *e* do Português. Essa língua, assim como o Inglês, exhibe elementos que podem atuar tanto na coordenação de orações como na coordenação de constituintes. Vejamos alguns exemplos:

(549) Pedro **banhou-se e** saiu em seguida

(550) Pedro **comeu banana e** maçã

(551) Pedro **e** João virão

(552) Pedro **falou para mim e** para Joana

Conforme vemos através dos exemplos, a língua Portuguesa oferece pelo menos quatro possibilidades de uso de *e*, como conector. Em um nível mais alto, *e* coordena orações (549) e constituintes; entre os constituintes, *e* coordena aqueles em função de objeto, como em (550), aqueles em função de sujeito como em (551) e em função de adjuntos como em (552).

A ocorrência dos morfemas citados segue as regras: a) *iga* ocorre coordenando uma seqüência que tem como agente uma entidade masculina; b) *iẽ* coordena uma seqüência que tem como agente uma entidade feminina; c) *a'e* coordena uma seqüência que tem como agente um elemento pronominal, ocorrendo no final da oração; d) *igy* coordena uma seqüência que tem mais de um agente e e) *a'egy* coordena uma seqüência que tem como um dos agente um elemento de natureza pronominal, ocorrendo no final da seqüência. Os exemplos, a seguir ilustram o que dissemos.

(553) muape maja anyra iga i-djuka-w
 Npr cobra morcego 3matar-Circ
 'Muape matou morcego e cobra'

(554) myra maja murera iẽ i-djuka-w
 Npr cobra Npr 3-matar-Circ
 'Myra matou cobra e Mureira'

(555) myra manuew u-etxak benignu u-etxak antonia u-etxak iẽ
 Npr Npr. 3-ver Npr 3-ver p Npr 3-ver Deit? Conj?
 'Myra conhece Manuel, Benigno e conhece também Antonia'

(556) dje myra a-etxak manuew a-etxak benignu a-etxak a'e
 1sg Npr 1-ver Npr. 1-ver Npr 1-ver Dei?
 'eu conheço Myra, Manuel e também Benigno'

(557) dje myra, apevu, murera, marakauva a'e gy a-vyki-w

1sg Npr Npr Npr Npr 1-bater-Circ
'Eu bati em Myra Apevu, Moreira e Marakauva'

(558) dje myra ukara a'e gy a-vyki-w

1sg Npr Npr 3sg 1-bater-Circ
'eu bati em myra e ukara'

(559) ene myra apevu murera maracauva a'e gy a-vyki-w

2sg Npr Npr Npr Npr Deit? 1-bater Circ
'você bateu em Myra, Apevu, Morera e também Maracauva'

(560) muape ukara igy maia u-djuka

Npr Npr cobra 3-matar
'Muapé e Ukara mataram a cobra'

(561) muape maja anyra iga i-djuka-w

Npr cobra morcego ? 3-matar-Circ
'Muape matou cobra e morcego'

Os exemplos de (553) a (554) mostram sintagmas coordenados que têm um nominal como agente, os exemplos de (556) a (557) mostram seqüências coordenadas que têm como agente um elemento pronominal, o exemplo (560) exemplifica uma seqüência coordenada que tem dois nominais como agentes e (561) exhibe uma seqüência que tem um nominal como agente.

Capítulo 5

Orações independentes

As orações independentes são classificadas aqui segundo a natureza do predicado e segundo os atos de fala. De acordo com a primeira classificação, elas dividem-se em oração com predicado verbal: transitivas, intransitivas ativas, intransitivas descritivas e copulativas, e orações com predicado não-verbal: possessivas, equativas, locativas, existenciais e existenciais negativas.

Conforme os atos de fala, as orações são classificadas em declarativas, interrogativas e imperativas.

5.1 Orações com predicado verbal

Orações com predicado verbal são aquelas que têm como núcleo do predicado um verbo transitivo, intransitivo ativo, intransitivo descritivo ou um verbo do tipo cópula.

5.1.1 Orações transitivas

As orações transitivas são constituídas a partir de um predicado que tem como núcleo um verbo transitivo. Esse tipo de oração, em geral, apresenta dois argumentos nucleares: um na função A e outro na função O. Nesse tipo de construção, o verbo transitivo é marcado por prefixos da série I, tais prefixos marcam o elemento A da sentença. Entretanto, se o elemento O é mais saliente que o elemento A, ao invés de pronomes da série I, o verbo é marcado por um relacional, que é antecedido por um pronome pessoal, cuja função é marcar o objeto da sentença. Nesse caso, o argumento A é não-marcado formalmente, mas é depreendido pragmaticamente na língua, haja vista que esse tipo de construção só é possível quando o sujeito da sentença é uma terceira pessoa. Além disso, o

verbo também pode ser marcado por prefixos da série II, indicando simultaneamente A e O, isso acontece quando sujeito e objeto são, respectivamente, primeira e segunda pessoa. Já o elemento O não é marcado morfológicamente no verbo, é marcado fora do verbo por um nominal ou por um pronome pessoal.

Quando o verbo é marcado por prefixos da série I, a concordância se dá com A, no segundo e terceiro casos com ambos, e por fim, a concordância entre o verbo e o objeto é puramente sintática.

Para ilustrar o que dissemos, apresentamos a seguir as estruturas provenientes da oração transitiva.

- a) (LN) (LN) A-Vtr
- b) (LN) pro Cl. {Rel-}-Vtr
- c) (LN) *Portm.*-Vtr

A estrutura em (a) representa uma construção em que a concordância se dá com A. Esse tipo de construção ocorre quando o objeto da oração é uma terceira pessoa. Nessa situação, a LN pode ser representada por um elemento nominal ou pronominal, sendo que a marcação no verbo sempre ocorrerá com um prefixo da serie I e essa locução nominal sujeito ocorre apenas para especificar quem é o sujeito marcado no verbo. A segunda locução nominal que aparece na estrutura marca o objeto da sentença, pode ser expressa tanto por um elemento nominal como por um elemento pronominal, sendo este necessariamente um pronome pessoal na função livre.

O	a-V
(562) ga kumetedje	a- py'yk
3sg rápido	1sg- pegar
'eu o peguei rapidamente'	

A O a-V

(563) Myra maja u-djuka

Npr cobra 3-matar

A O a- V

(564) djane djawara txa- etxak

1Pl.Incl onça 1Pl.Incl.-ver

‘nós vimos a onça’

A O a-V

(565) Myra ga u-djuka

Npr 3 O a-matar

‘Myra o matou’

Não existe diferença formal entre a LN que representa o sujeito e a LN que representa o objeto. A identificação de uma e de outra se dá exclusivamente pela ordem dos constituintes: a LN objeto é a que se encontra mais próxima ao verbo.

(566) djawara myra u-djuka

onça Npr 3-matar

‘ a onça matou Myra’

(567) myra djawara u-djuka

Npr onça 3-matar

‘Myra matou a onça’

Nenhum falante nativo daria um sentido diferente a essas sentenças. Sentença como *djawara myra u-djuka* não teria outra interpretação senão ‘*Myra matou a onça*’.

A estrutura em (b), representa as construções em que opera a hierarquia de pessoa. O verbo recebe um pronome relacional, cuja função, nesse caso, é indicar que existe uma hierarquia de pessoa, devendo, assim, o termo anterior ser interpretado como objeto da oração, cujo sujeito é menor que ele na hierarquia referencial. Morfologicamente, essa estrutura é análoga àquela que representa os nomes possuíveis: **O** é codificado imediatamente antes do relacional que se encontra preso a uma raiz (nominal no caso da estrutura possessiva e verbal no caso da estrutura transitiva) e a sua codificação é feita por um pronome pessoal. Há, pois, uma estreita relação entre a estrutura possessiva e a estrutura transitiva nos casos em que é manifestada a hierarquia de pessoa.

(568) dje r-etxak

1sg Rel-ver

O V

‘Ele me viu’

(569) djawara dje r-etxak

onça 1sg Rel-ver

A O

‘a onça me viu’

(570) ene r-etyk

2sg Rel-bater

O V

‘ele(a) te derrubou’

A estrutura (c) representa o envolvimento da 1ª e 2ª pessoas no jogo discursivo, em que a 1ª pessoa desempenha o papel de agente e a 2ª o papel de paciente. Não há hierarquia de pessoa nesse caso, as duas formas são marcadas através de prefixo *portmanteau*, conforme é exemplificado abaixo.

(571) ure uru- furu- munik tupãima rehe

1Pl 1Pl I-Gen-puxar corda Posp

‘nós puxamos vocês pela corda’

5.1.2 Orações intransitivas

As orações intransitivas, como reflexos dos verbos intransitivos, são divididas em ativas (Sa) e descritivas (So). As orações intransitivas ativas são marcadas com prefixos subjetivos da série I, postos imediatamente antes da raiz verbal. Analogamente às orações transitivas, as intransitivas podem apresentar um sujeito expresso por uma LN nominal ou pronominal co-referente ao índice pessoal apresentado no verbo. Abaixo, apresentamos a estrutura da cláusula intransitiva ativa e a seguir exemplos ilustrativos dessa estrutura.

(c) (LN) Pref. Subj.I – Vintr.

(572) kudjema'e u-manũ
homem 3-morrer
'o homem morreu'

(573) kunumi u-kyt
menino 3-dormir
'o menino dormiu'

(574) ga u-'at
3SgM 3-cair
'ele caiu'

As orações descritivas têm como núcleo um verbo descritivo, cujo argumento nuclear encontra-se na função So e é codificado no verbo por prefixos relacionais e pronomes clíticos. Uma locução nominal pode substituir o pronome em função clítica empregado em uma oração desse tipo. A seguir, apresentamos a estrutura da cláusula intransitiva descritiva.

(d) $\left[\begin{array}{c} \text{Pro. Cl.} \\ \text{LN} \end{array} \right] \text{Rel.} \left[\begin{array}{c} -r \\ -i \end{array} \right] \text{Vdescr}$

(575) ene r-akuvĩ
2sg Rel-febril
'você está febril'

(576) aka i- djup
casa 3-marela
'a casa é amarela'

(577) Myra i-fuku

Npr 3-comprido

‘Myra é comprida’

Conforme se pode observar através do exemplo (575), a estrutura da oração descritiva é análoga à transitiva quando há hierarquia de pessoa: pronomes pessoais e relacionais são marcados no verbo. Entretanto diferentemente daquela, na oração descritiva a concordância do verbo se dá com o sujeito e não com o objeto, como naquela.

5.1.3 Orações com cópula

As orações copulativas são aquelas formadas a partir de um verbo cópula, cuja função, segundo a lógica tradicional, é estabelecer a ligação entre o sujeito e o predicado.

A cópula, conforme vimos atrás, apresenta flexão apenas para a primeira e a segunda pessoa. A flexão de pessoa dá-se com marcadores de pessoa da série I, analogamente aos verbos transitivos e intransitivos ativos em construções independentes.

As orações copulativas não aceitam Sa codificado por nomes, apenas os prefixos da série I presos ao verbo podem desempenhar essa função.

Já o complemento copular pode vir expresso por um nominal ou por um pronome. O nominal complemento pode vir no caso atributivo ou analogamente a outros complementos da língua, isto é, com a marcação do sufixo {-a}, que conforme já foi tratado em II, parece está fazendo parte da raiz da palavra.

(578) dje a-ka gy r-aryv-amũ

1sg 1-Cóp 3sg Rel-chefe-Atr

‘eu estou como chefe deles’

(579) ava pe ere-ka

quem Q 2sg-Cóp

‘quem é você?’

No que tange à ordem, o complemento tanto pode preceder como anteceder a cópula, conforme mostram os exemplos acima.

O Asurini não usa cópula em orações do tipo $x = y$. Para expressar esse tipo de relação, a língua usa como estratégia as orações equativas, no caso de y ser um elemento pertencente à classe dos nomes. Esse tipo de relação será tratado mais adiante. Por enquanto apresentamos apenas alguns dados para ilustrar a situação. Os dados abaixo não são reconhecidos como gramaticais.

(580) * pajā ere-ka
pajā 2-ser
'você é pajé'

(581) *ipira r-ayra a-ka
peixe Rel-filho 1-ser
'eu sou filho de peixe'

Essas orações são encontradas na língua nas formas seguintes:

(582) ene pajē
2sg pajé
'você é pajé'

(583) ene pajē ne
2sg pajé Fut
'você será pajé'

(584) dje ipira r-ayra
1sg peixe Rel-filho
'eu sou filho de peixe'

A interrogação na oração copulativa dá-se como nas orações com outros tipos de verbo, conforme mostra o exemplo (579), oração interrogativa com verbo cópula.

No que se refere à negação, a oração copulativa é negada como as outras orações independentes da língua, através do morfema {n...i}.

(585) dje n-a-ka-i gy r-aryv-amũ
1sg neg-1-Cóp-neg 3pl Rrl-chefe-Atr
'Eu não estou como chefe deles'

(586) ene n-ere-ka-i gy r-aryv-amũ
2sg neg-2-cóp-neg 3Pl Rel-chefe-Atr
'você não está como chefe deles'

5.2 Orações com predicado não-verbal

No Asurini do Xingu, as orações com predicado não-verbal são aquelas que formam predicados a partir de um nome. Essas orações estabelecem relações de posse, identidade, existência e locação entre o sujeito e o predicado, como será mostrado nessa sessão.

5.2.1 Orações possessiva

As orações possessivas estabelecem uma relação de posse entre o sujeito e o predicado da oração. Estruturalmente, elas são idênticas às orações descritivas, apresentam a seguinte forma {LN} Rel-N, sendo assim, consideradas um subtipo delas. Mas distinguem-se pelo tipo de predicado e pela relação expressa entre sujeito e predicado: nas orações possessivas o núcleo é um nominal, ao invés de um verbo descritivo, como nas orações descritivas, e a relação estabelecida é de posse.

(587) dje r-aka

1sg Rel-casa

‘eu tenho casa’

(588) ne-dje-r-aka-i

neg-1sg-1sg-Rel-casa-neg

‘não tenho casa’

(589) dje ø-‘uva

1sg Rel-coxa

‘minha coxa’ e também ‘tenho coxa’

(590) ne-dje ø-‘uv-i

neg -1sg- Rel-coxa-neg

‘eu não tenho coxa’.

(591) dje r-uva

1sg Rel-pai

‘meu pai’ e também ‘eu tenho pai’

(592) murumanaka r-uva

Npr. Rel-pai

‘pai de Murumanaka’ e também ‘Murumanaka tem pai’

(593) ne-dje- r-uv-i

neg 1sg Rel-pai-neg

‘eu não tenho pai’

(594) dje ø-py

1sg Rel-pé

‘meu pé’ e também ‘eu tenho pé’

(595) ne-dje - ø-py-i

neg- 1sg -Rel-pé-neg

‘eu não tenho pé’

Conforme se pode observar, a distinção formal entre as orações possessivas e o SN possessivo ocorre apenas quando há negação ou interrogação naquelas (ver exemplo abaixo). Dada a ausência de elementos formais capazes de estabelecer distinção entre um SN possessivo e as orações possessivas quando estas estão na forma afirmativa é possível que a língua disponha de elementos contextuais que faça tal distinção, todavia, ainda não sabemos precisar quais são tais elementos.

A interrogação se dá através da Partícula *pe*, assim como a interrogação em outras orações independentes.

(596) kwa’ĩ r-ayra pe

Npr Rel-filho Q

‘Kwa’ĩ tem fiho?’

Como na língua Asurini, o marcador de caso nuclear {-a}~{-ø}, está passando pelo processo de fazer Parte da raiz da palavra (radiciação), conforme já vimos atrás, uma oração possessiva só pode ocorrer com um SN sujeito expresso. No caso de o elemento pronominal ser marcado no nome, sem estar intermediado por um relacional, este será interpretado como possuidor e não como sujeito diferentemente de outras línguas como Kamaiurá (Seki, 2000) e Avá-Canoeiro (Borges, 2006), que o interpretam como sujeito. Esse exemplo evidencia que uma mudança numa língua, mesmo que essa mudança se encontre em curso, pode afetar outras relações na estrutura da língua, contribuindo para que essa língua vá se distanciando de outras da mesma família.

(597) i-měmyra
3-filho
'filho dele'

(598) *i-měmyt
3-filho
'ele tem filho'

5.2.2 Orações equativas

As orações equativas caracterizam-se pela relação de identidade que existe entre o sujeito e o predicado. O sujeito pode ser expresso por um pronome pessoal ou por um nome, já o predicado é expresso sempre por nominais. A distinção entre o nominal que expressa So e o predicado dá-se através da ordem dos elementos: o primeiro elemento é o So e o segundo é o predicado.

(599) ene ureraryva
2sg chefe
'você é (o) chefe'

(600) dje myra
1sg Npr
'eu sou Myra'

(601) ga kunumi
3sg menino
'ele é menino'

Esse tipo de oração partilha com o nome elementos gramaticais como a negação e a interrogação.

(602) ene pajẽ eỹma
2sg pajé neg
'você não é pajé'

(603) ene pajẽ pe 'ẽ
2sg pajé Q
'você é pajé?'

5.2.3 Orações locativas e existenciais

As orações locativas no Asurini são expressas por nominal na função de sujeito e por um elemento adverbial na função de predicado, como podemos observar nos exemplos abaixo:

(604) aka mujte
roça longe
'a roça é longe'

(605) kunumi yvyra r-aky re'e
menino árvore Rel-galho Posp
'o menino está no galho da árvore'

Esse tipo de oração estrutura-se diferentemente nas diversas línguas do mundo. Em línguas como Português, por exemplo, são expressas por intermédio de um verbo, cópula. Esse verbo liga o sujeito a um elemento adverbial ou a um nome seguido de elemento adverbial. Já línguas como Mandarim (cf. Payne, 1997) usam uma palavra locativa especial, sendo frequentemente traduzida como “estar em”.

Em Asurini do Xingu, o advérbial na função de predicado pode vir expresso das seguintes formas:

1) Um simples advérbio

(606) neura r-aka mujte
NPr Rel-casa longe
'a casa de Neura é longe'

2) um advérbio acompanhado de um intensificador

(607) mujte txipe tav-er-a
longe Intens aldeia- Pas-N
'a ex-aldeia é um pouco longe'

3) uma locução posposicional

(608) mani'aka djapepa'i pype
mandioca panela Posp
'a mandioca está dentro da panela'

4) por um nominal marcado no caso locativo

(609) kunumi y'-ve
menino água-Loc
'o menino está na água'

(610) aeramu ga ivaka-ipe
Dêit 3sg céu-Loc
'agora ele está no céu'

(611) kwa'ĩ ka-ve
Npr roca-Loc
'Kwa'ĩ está na roça'

Além disso, as orações locativas podem ser formadas também através da cópula, conforme podemos atestar abaixo:

(612) ki ere-ka-i
aqui 2sg-estar-Circ
'você está aqui'

No que se referem às orações existenciais, são construídas a partir de um nominal de referência não específica em função de So, a presença do nominal implica uma interpretação existencial. Essa análise é análoga àquela proposta para o Kamaiurá por Seki (2000).

(613) djajtyta ivaka re
estrela céu Posp
'há estrelas no céu'

(614) myve asurini aiverete
no passado asurini muito
'antes, havia muito asurini'

As orações locativas e as orações existenciais podem ser interrogadas com a Partícula **pe**.

(615) my pe Myra
onde Part Npr

‘onde está Myra?’

- (616) kwe-ve pe ipira
lá-Loc Part peixe
‘para lá tem peixe?’

Os exemplos acima exibem, respectivamente, a interrogação na oração locativa e a interrogação na oração existencial.

5.2.4 Orações existenciais negativas

As orações existenciais negativas no Asurini são construídas com o nominal na posição inicial, acompanhado ou não de modificadores, desempenhando a função So, seguido por uma negação. Essas orações parecem poder ser negadas de duas formas: uma forma de negação que implica *não ter* no sentido de não se saber da existência e outra forma que implica *não ter* no sentido de está ausente, respectivamente: imãme e natyvi.

- (617) myve karai asuka imame
antes não-índio açúcar neg
‘antes do não-índio não existia açúcar’

- (618) myve tataëny imame
antes lanterna neg
‘antes não existia lanterna’

- (619) tavera-ipe mama’e-‘yva natyvi
ex-aldeia-Loc fruta neg
‘não há frutas na aldeia velha’

(620) ki ita natyvi
aqui pedra neg
' aqui não tem pedra'

5.3 Outros constituintes da oração

Em Asurini do Xingu, a cláusula simples apresenta, além dos elementos nucleares (A, Sa, So e O), outros elementos, chamados de periféricos dado sua natureza não obrigatória na estrutura da sentença. Segundo Lyons (1979:353) 'Os adjuntos são constituintes facultativos, ou estruturalmente dispensáveis, da frase: podem ser retirados sem afetar o resto da frase'. Ainda segundo esse autor, os adjuntos podem ser de várias categorias: orações subordinadas, sintagmas ou palavras; ou classes, conforme sua função semântica: adjuntos de tempo, de lugar, de fim, de consequência, de condição, etc. Dessa forma, levando-se em consideração as características do adjunto propostas por Lyons, os termos periféricos do Asurini do Xingu serão classificados aqui como adjuntos.

1) constituintes periféricos como locuções posposicionais

(621) ga ipira u-py'ik paratxi pyvu
3sg.Mas peixe 3-pegar anzol Posp
'ele pegou peixe com anzol'

2) constituintes periféricos como nominais em caso oblíquo

(622) uyra ivaka u-vũũ ga upe
espécie de pássaro céu 3-flechar 3sg.Mas Posp
'o uyra flechou o céu para ele'

(623) ipira pe-rut ga upe
peixe 2pl-trazer 3sg.Mas Posp
'vocês trouxeram peixe para ele'

(624) tata e-mũnik dje ve
fogo 2III-acender 1sg Posp
'acenda o fogo para mim!'

3) constituintes periféricos como locuções adverbiais e advérbios

(625) kwarapawa kwa'ĩ maja u-djuka
à tardezinha Npr cobra 3-matar
'Kwa'ĩ matou a cobra à tardezinha'

(626) ga u-dje-upit yvyra rupi
3sg 3-Refl-subir árvore Posp
'ele se subiu na árvore'

(627) ga a'e py'pe aha-w arew
3sg.Mas Dêit Posp ir-circu durante o dia
'Ele foi durante o dia'

(628) a'eramũ ga ø-djerutxi
agora 3sg Rel-estar.envergonhado
'Agora, ele está envergonhado'

Em uma cláusula, pode aparecer mais de um adjunto, conforme ilustram os exemplos abaixo.

(629) ka rupi aha mani'aka r-e'e penemi

Dem Posp ir mandioca Rel-Posp Part

‘por aqui, eu fui por (com a finalidade de) mandioca’

(630) aukeramũ ta kaga ukarukamũ u-aha-w ne

dessa vez Part Dem fim de tarde 3-ir-Circ Part

‘Dessa vez, aquele só irá no final da tarde’

5.4 Ordem dos constituintes na oração simples

É a partir dos trabalhos de Greenberg (1963) que se tem um estudo mais consistente sobre a ordem dos constituintes nas sentenças. Esse autor, além de propor uma metodologia de pesquisa lingüística para investigar os universais da linguagem e a tipologia das línguas, partindo da comparação de dados lingüísticos em várias línguas, ele também põe em prática a aplicação dessa metodologia através da pesquisa sobre os padrões relacionados à ordem dos constituintes.

Sabe-se que a estrutura de uma língua pode apresentar os constituintes em várias ordens. No entanto, sabe-se também que algumas línguas apresentam uma ordem como mais básica que outras ordens. Assim, no estudo da ordem dos constituintes na língua Asurini, procuramos mostrar as ordens possíveis, mas dentre elas a ordem canônica dos constituintes na língua.

A combinação da ordem em que se encontram sujeito, verbo e objeto permitem seis tipos que seriam logicamente possíveis, segundo o autor acima citado, a saber: SOV, SVO, VSO, VOS, OVS, OSV, dos quais os três primeiros são os mais comuns nas línguas do mundo, de acordo com os estudos feitos até o momento.

Após o trabalho pioneiro de Greenberg, surgiram novas propostas para a análise dos constituintes na oração simples, dentre elas a de Dryer (1997), que vem sendo bastante utilizada nos últimos anos. Dryer leva em consideração a ordem dos constituintes em sentenças intransitivas, o que não havia sido considerado por Greenberg. A proposta de

análise de Dryer é baseada em dois parâmetros binários OV vs. VO e SV vs. VS, os quais determinam quatro tipos distintos de ordem: VS&VO, SV&VO, SV&OV e VS&OV.

Em Asurini do Xingu, como acontece em muitas línguas do mundo, os constituintes de orações transitivas podem ocorrer em mais de uma ordem, conforme mostram os exemplos abaixo:

(631) myra u-tym avatxi

Npr 3-plantar milho

‘Myra plantou milho’

(632) myra typyava u-py’yk

Npr vassoura 3-pegar

‘Myra pegou a vassoura’

(633) djay u-avirame kujĩ r-uy-rũma

lua 3-amaldiçoar mulher Rel-sangue-Fut

‘a lua amaldiçoou o futuro sangue da mulher’

(634) u-djeki anĩga

3-entrar aninga

‘aninga entrou’

(635) kudjema’e u-vaem

homem 3-chegar

‘o homem chegou’

Os exemplos acima são provenientes de elicitación e de textos. Os exemplos (631, 632, e 634) foram especialmente elicitados, já os demais retirados de textos.

Há uma ordem mais básica do que as outras no Asurini, a que chamamos de predominante na língua. Nas orações transitivas, com dois nominais, um expressando A e

outro expressando O, a ordem mais comum é AOV. É bem raro o uso de outra ordem nessa situação.

(636) kujĩ djenipawa u-kityk
mulher jenipapo 3-ralar
'a mulher ralou jenipapo'

(637) kudjema'e ka-ruma u-etxak ipy
homem roça-Fut 3-ver primeiro
'primeiro, os homens olham a futura roça (a queimada)'

Os dados acima foram retirados de dois textos: um de natureza procedural “Como os asurini fazem roça” e o outro de natureza mítica “A origem da menstruação”. Como vemos, A e O são expressos da mesma forma, é a ordem que distingue a locução nominal na função A e a locução nominal na função O. Nos dados acima, a semântica ajudaria a distinguir as duas funções, pois os objetos nas duas sentenças não carregam o traço [+agente] como seus respectivos sujeitos e o verbo exige que o sujeito desempenhe as funções de “ralar” e “olhar”, respectivamente. Mas em sentenças em que sujeitos e objetos pertencem à mesma classe semântica somente a ordem é capaz de estabelecer o termo que é sujeito e o termo que é objeto, haja vista que nessa língua não existe uma marcação morfológica que distinga sujeito de objeto, como existe em algumas línguas. O exemplo abaixo ilustra uma sentença que apresenta como sujeito e como objeto nomes pertencentes à classe semântica parecida no que se refere ao fato de poderem atuar como agentes:

(638) kudjema'e maja u-djuka
homem cobra 3-matar
'o homem matou a cobra'

Se mudarmos a ordem dos constituintes na sentença acima, mudaremos também seu significado:

- (639) maja kudjema'e u-djuka
cobra homem 3-matar
'a cobra matou o homem'

Dessa forma, a sintaxe desempenha um papel fundamental na língua.

Quando na sentença transitiva não estão expressos os dois argumentos principais, só A ou O está codificado, via de regra, o argumento aparece na posição pré-verbal.

- (640) maja u-etxak
cobra 3-ver
'ele viu a cobra' ou 'a cobra o viu'

Entretanto, esse tipo de construção não é muito comum na língua e, em geral, pode causar ambigüidade. Uma oração como a que aparece acima somente o contexto ou a situação de enunciação pode desambigüisá-la.

Nas orações imperativas, as ordens AVO e OVA são bem comuns a ponto de dificultar a escolha de uma como básica. Mas tendo em mente que nos textos de natureza diversa aparece mais a ordem AVO, preliminarmente, diremos que ela é mais básica que OVA.

- (641) ipira pe-rut ga ø- upe
peixe 2pl-trazer 3sg Rel-Posp (dativo)
' tragam peixe para ele'

(642) e- t̃ym avatxi
2SgIII-plantar milho
'plante milho!'

(643) e-py'yk japepa'i katuiva
2III-pegar panela limpo
'pegue a panela limpa'

(644) tapaka e-irare
paku 2III-assar
'vai assar pacu'

(645) e-furigita mamãe
2III-falar mamãe
'fale mamãe'

Os exemplos (641) e (642) foram especialmente elicitados, os demais foram retirados de textos de gravações do cotidiano dos asurini.

Nas sentenças intransitivas a ordem predominante é SV, conforme atestam os exemplos abaixo:

(646) ga r-uva u-dja'a / ga ø-'y u-dja'a ga ree
3sg.Mas Rel-pai 3-chorar/ 3sg.Mas Rel-mãe -chorar 3sg.Mas Posp
'o pai dele chorou, a mãe dele chorou por ele'

(647) kunumi u-uta
menino 3-sair
'o menino saiu'

(648) djawara u-manu
cachorro 3-morrer
'o cachorro morreu'

Os dados que aparecem nos exemplos acima foram todos retirados de texto.

Quando as orações apresentam adjuntos de natureza adverbial, estes podem aparecer numa posição inicial ou final, sendo que aparecem mais na posição inicial.

(649) ipiarew ga ata-ø kujĩ re panemĩ
à noite 3 andar-Circ mulher Posp Part
'à noite, ele andava por (procurando) mulheres'

(650) auperamũ raka dje utxima a-rut panemĩ kwĩ
dessa vez Part 1sg cipó 1-trazer Part Part
'dessa vez, eu trouxe o cipó'

(651) kujĩ yaw-a u-at 'y -ve
mulher sujo-N 3-cair água -Loc
'a mulher suja caiu na água'

A língua Asurini do Xingu apresenta as seguintes características : a) posposição ao invés de preposição (652), b) segue as ordens nome-termo de propriedade²⁹ (653), genitivo-nome (654) , demonstrativo-nome no interior do sintagma nominal (655).

(652) ga u-dje-upit yvyra rupi
3sg.Mas 3-Refl-subir árvore Posp
'ele subiu-se na árvore'

²⁹ Esse termo é tratado como descritivo na língua

- (653) e-py'yk djapepa'i katujva
2III-pegar panela limpo
'pegue a panela limpa'
- (654) kwa'ĩ r-uva
Npr Rel-pai
'pai de Kwa'ĩ'
- (655) aĩ gỹ djawara tajau u-djuka
Dem 3Pl cachorro porco 3-matar
'aqueles cachorros mataram porcos'

Assim, o Asurini do Xingu atesta os correlatos propostos por Greeberg (1963) para uma língua do tipo SOV. Essas correlações constituem mais um argumento a favor de uma ordem predominante na língua, no caso, SOV para as sentenças transitivas e SV para as sentenças intransitivas.

5.5 Tipos oracionais segundo os atos de fala

Os tipos oracionais principais segundo os atos de fala são prototipicamente declarativo interrogativo e imperativo. Do ponto de vista lógico, o ato de fala declarativo, segundo Givón (2001b), opõe-se aos demais, pela noção de verdade, já que questões e comandos nunca carregam consigo esse valor. O ato de fala interrogativo é usado para a obtenção de informações, é um ato de fala que usa em grande escala a pressuposição. E o imperativo é usado nos atos de fala que envolvem ordens e solicitações, podendo estas ser diretas ou indiretas. A seguir, tratamos de cada um desses atos de fala, de agora em diante denominados orações: oração declarativa, oração imperativa e oração interrogativa.

5.5.1 Orações declarativas

Orações declarativas são aquelas que têm como meta julgar o valor de verdade das asserções, segundo Givón (2001b) a intenção comunicativa do falante ao produzir uma sentença declarativa é suprir informação ao ouvinte. Em Asurini do Xingu, as sentenças declarativas constituem o tipo de sentença mais básico da língua, do ponto de vista morfológico distingue-se das imperativas pela marcação de pessoa no verbo e pelo padrão de negação e, distingue-se das interrogativas pelo uso de partículas por estas.

As orações declarativas em Asurini do Xingu podem ser afirmativas ou negativas. A seguir, mostramos exemplos de orações declarativas na forma afirmativa:

(656) kujema'e ka-rũma u-etxak ipy
homem roça-Fut 3-olhar primeiro
'Primeiro, os homens olham a futura roça'

(657) karamũ ke ga txa-uva-vuũna ei
agora Part 3sg.Mas 1Pl-cara-empregar Part
'agora, vamos empregar a cara dele'

(658) ka rupi a-ha mani'aka rehe panemĩ
aqui Posp 1-ir mandioca Posp Part
'por aqui, eu fui por mandioca'

(659) anĩga u-djeki
3-entrar aninga
'aninga entrou'

(660) ene r-akuvĩ

2Sg Rel-febril
'você está febril'

Os exemplos acima exibem sentenças declarativas com verbos transitivos (656)e (657), verbos intransitivos ativos (658), (659) e com verbos intransitivos descritivos (660).

Os exemplos, a seguir, mostram orações declarativas na forma negativa.

(661) n-u-apy-i kudjema'e ka kumetetedje
neg-3-queimar-neg roça rápido
'os homens não queimam a roça rápido (cedo)'

(662) dje n-a-kwav-i
1sg neg-1-saber-neg
'eu não sei'

(663) dje ne- dje- katu- i
1sg neg- 1Sg-bonito-neg
'eu não sou bonito'

Conforme podemos observar nos exemplos acima, as orações declarativas na forma negativa são realizadas através do morfema descontínuo n...i.

5.5.2 Oração imperativa

No Asurini do Xingu, a oração imperativa caracteriza-se por apresentar morfologia específica, distinguindo-se, assim, das demais orações. A oração imperativa

apresenta uma série de prefixos marcadores de pessoa que são usados exclusivamente nesse tipo de oração, tratam-se das formas {e-} e {pe-}, respectivamente, segunda pessoa do singular e segunda pessoa do plural. A seguir, ilustramos isso:

(664) tata e-munik dje ve

fogo 2im-acender isg Posp

‘acenda o fogo para mim’

(665) pire djupepygy kawĩ e-apa

Npr arroz mingau 2sgIII-fazer

‘Pire, faz mingau de arroz!’

(666) ipira pe-rut ga ø- upe

peixe 2plIII-trazer 3sg R-Posp (dativo)

‘tragam peixe para ele’

(667) iruke katy e-apyk e-ha

lá Posp 2sgIII-sentar 2sgIII-ir

‘vai, senta pra lá!’

(668) ‘y pe-rut

água 2pl-trazer

‘tragam água!’

Além da marcação de pessoa específica, as oração imperativas apresentam também um padrão de negação especial, ao contrário das orações declarativas negativas que negam com o morfema descontinuo {n...i}, as orações imperativas negam com o morfema {-jũ}.

(669) e-‘u - jũ
2Sg-comer-neg
‘não coma!’

(670) avatxi pe- tim- jũ
milho 2Pl-plantar-neg
‘não plantem milho!’

(671) pe-aha- - jũ
2plIII-ir-neg
‘não vá!’

As orações imperativas podem ter como núcleo verbos transitivos, como mostram os exemplos de (670), verbos intransitivos ativos como no exemplo (671) e intransitivos descritivos, como nos exemplos (672) e (673) abaixo.

(672) e-kyjdje- jũ
2sgIII-ser medroso-neg
‘não seja medroso’

(673) e-djemay
2sgIII-ser corajoso
‘seja corajoso’

5.5.3 Orações interrogativas

As sentenças interrogativas de uma língua podem se agrupar prototipicamente em duas grandes classes: yes/no –questions e wh-questions (cf. Givón, 2001b, p. 290), ou

seja, perguntas polares e perguntas de informação. As línguas se utilizam de diversos recursos na exibição da interrogação, dentre eles: entonação, morfologia e ordem das palavras, sendo o primeiro destes provavelmente o mais freqüente nas línguas do mundo, segundo o autor acima citado.

Os recursos utilizados no Asurini do Xingu para interrogar são: entonação, partículas e palavras interrogativas mais partículas, além da ordem das sentenças.

5.5.3.1 Interrogação sem Partículas

A interrogação sem Partícula no Asurini do Xingu é realizada por meio de dois recursos, a saber: entonação e justaposição de duas orações, uma oração afirmativa ao lado de uma oração negativa dando sentido de escolha.

Como o nosso objetivo aqui é apenas mostrar que a língua apresenta a interrogação como um dos recursos na construção de sentenças interrogativas, não nos deteremos nas diversas entonações que a língua oferece conforme a maneira como o conteúdo está sendo interrogado, mostraremos aqui apenas a entonação mais comum usada nas perguntas em geral.

Nas perguntas do tipo polar, a entonação é ascendente e a resposta para esse tipo de pergunta dá-se com tom descendente, conforme mostramos abaixo:

(674) maja kunumi u-’u
cobra menino 3-comer
‘a cobra mordeu o menino?’

(675) maja kunumi u-’u
cobra menino 3-comer
‘a cobra mordeu o menino’

Como já dissemos, no Asurini do Xingu duas orações unidas por justaposição em que uma tem um sentido de afirmação e a outra de negação, dá à sentença um sentido de escolha, isto é, constrói-se uma oração interrogativa sem nenhum outro recurso.

(676) u-futat n-u-utar-i

3-querer neg-3-querer-neg

‘ele quer ou não quer!?’

5.5.3.2 Interrogação com Partículas

No Asurini do Xingu, até o momento, constatamos a presença de duas Partículas usadas nas interrogações, tratam-se das Partículas **pe** e **pē’ē**. A última dessas Partículas é usada para perguntas polares, já a Partícula **pe** é usada tanto para perguntas polares como para perguntas de informação. A diferença entre os dois usos dessa Partícula é feita através da sintaxe e da morfologia, quando usada como pergunta polar **pe** ocorre antes do constituinte interrogado; já quando atua como pergunta de informação **pe**, além de atuar junto às palavras interrogativas similares a: ma’e ‘o que’, ma’eramũ ‘por que’, myme ‘onde’, ocorre após o constituinte interrogado, conforme veremos mais adiante.

5.5.3.2.1 Perguntas com a Partícula pē’ē

A Partícula **pē’ē** é classificada como pertencente ao grupo de Partícula de posição final, seu uso nos atos de fala tem uma dimensão funcional do tipo: a respeito de x eu pergunto sim ou não.

(677) pene pakarenũ’ũ pē’ē

2sg banana Q

‘você tem banana?’

(678) ere-marakanĩg pe'ẽ ere-furaj pe'ẽ
2-cantar Part 2-dançar Part
'você canta? ou você dança?'

5.5.3.2.2 Perguntas com a partícula **pe**

Como já dissemos acima a partícula **pe** atua tanto nas perguntas do tipo polar como nas perguntas de informação. Quando atua como uma interrogativa polar, **pe** ocorre depois do verbo, conforme podemos observar abaixo:

(679) u-kyt pe kunumi
3-dormir Q kunumĩ
'o menino dormiu?'

(680) ere-'u pe djakare djautxirina reve
2-comer jacaré jabuti Posp
'você come jacaré com/ e jabutxi?'

(681) ka ga pe ere-futat
Dem 3sg.Mas PartiQ 2-querer
'você quer esse?'

(682) ava pe ga u-etxak
alguém Q 3sg 3-ver
alguém o viu !? (o pai perguntando)

A partícula **pe** ocorre antes do verbo e imediatamente após o constituinte interrogado. A informação requerida pelo falante é pertencente ao tipo de informação que

pode está agrupada na palavra interrogativa. Dessa forma, a língua apresenta uma série de palavras interrogativas para ser usada pelo falante conforme a informação requerida por ele.

Nos enunciados da língua, às vezes a partícula **pe** não se manifesta, sendo apenas a palavra interrogativa suficiente para desempenhar a função de interrogar. A seguir mostramos exemplos dessas palavras interrogando determinado constituinte da oração.

(683) ma'e karu-ramu
o que comida-Atr
'o que tem como comida?'

(684) myme ga arakuri djuka-ø
onde 3sg galinha matar-Cir
'onde ele matou galinnha?'

5.5.3.3 Interrogando o sujeito e o objeto

Além da partícula **pe**, a interrogação sobre o sujeito e sobre o objeto da oração é feita na língua através das palavras interrogativas **ava** e **ma'e**. A palavra **ava** é usada para perguntar sobre sujeito ou objeto que tenha o traço [+humano], ao passo que a palavra **mama'e** é usada para perguntar sobre sujeitos ou objetos com traço semântico [-humano]. Os exemplos abaixo mostram isso.

(685) ava pe ga u-etxak
alguém Q 3sg 3-ver
'alguém o viu !?'

(686) ma'e pe kunumĩ u-mamaka
o que Q menino 3-morder
'o que mordeu o menino?'

(687) ma'e pe gy u-djuka muajva
o que Q 3Pl 3-matar Npr
'o que eles mataram, Muajva?'

(689) ma'e pe pe-djuka kwĩ
o que Q 2Pl-mata Part
'o que vocês mataram?'

(690) ava pe maja u-mamaka
quem Q cobra 3-morder
'quem a cobra mordeu?'

Os exemplos (685) e (686) mostram como se dá a interrogação de sujeitos no Asurini do Xingu. Já os exemplos (689) e (690) mostram como se dá a interrogação na língua quando o constituinte interrogado é o objeto da oração.

5.5.3.4 Interrogando o lugar

Quando a palavra que está sendo interrogada é um lugar, o Asurini do Xingu emprega a palavra interrogativa **myme** com a partícula **pe** para formar a construção interrogativa, como podemos constatar nos exemplos abaixo:

(691) myme pe typiava ere-py'yk
onde Q vassoura 2-pegar
'onde você pegou a vassoura?'

(692) myme pe arakuri u-djuka
onde Q galinha 3-matar
'onde ele matou a galinha?'

A palavra interrogativa **myme** pode às vezes aparecer na forma **my** e adquirir um significado próximo a “cadê”, “onde está” da língua Portuguesa, como mostra o exemplo (693) abaixo.

(693) my pe ga ø-djara
cadê Q 3sg.Mas Rel-dono
'onde está o dono dele?'

(694) my pe ga aha-ø
onde Q 3sg.Mas ir
'onde ele foi'

5.5.3.5 Interrogando à direção

Quando o que está sendo interrogado é à direção, **mamya** acompanhado pela posposição **katy** mais a Partícula **pe** atuam na formação da construção interrogativa.

(695) mamya katy pe ava ga reraha-ø
onde Posp Q povo 3sgMas levar-Circ
'para onde o povo (a pessoa) o levou?'

5.5.3.6 Interrogando à quantidade

A palavra **marỹmarỹ** e a partícula **pe** são empregadas na formação de construções interrogativas que se referem à quantidade:

(696) marỹmarỹ pe ga i-py'yk-i
quantos Q 3sg 3-pegar-Circ
'quantos (peixes) ele pegou?'

(697) marỹmarỹ i pe kwara ene ve
quantos Posp Q sol 2sg Posp
Lit: / quantos sóis para você?/
'quantos anos você tem?'

5.5.3.7 Perguntando a razão

Perguntas sobre a razão de algo são feitas com a palavra **ma'eramũ**, cujo significado é próximo a “por que” do Português, e a partícula **pe**.

(698) ma'eramũ pe ere-ha
por que Q 2-ir
'por que você foi'

(699) ma'eramũ pe ã dje-djuak-i
por que Q 3sg Refl-pintar-Circ
'por que ela se pintou?'

(700) ma'eramũ pe ga r-ur-i
por que Q 3sg Rel-vir-Circ
'por que ele veio?'

5.5.3.8 Perguntando o tempo

As perguntas sobre o tempo de acontecimento de um dado evento são feitas através da palavra **myname** acrescentada da partícula **pe**, como mostram os exemplos abaixo.

(701) myname pe ere-djar-a ne
quando Q 2sg vir-N- Cont
'quando você virá?'

(702) myname pe ere-vaem
quando Q 2-chegar
'quando você chegou?'

5.5.3.9 Interrogando estado, maneira

Perguntas que se referem ao estado de uma pessoa ou como algo foi feito são construídas a partir da palavra **maryja** e da partícula **pe**.

(703) maryja pe ã kwĩ
como Q 3sgF Part
'o que ela tem? Como ela está?'

(704) maryja nẽ'ĩ
como Npr
'o que tens Nẽ'ĩ?'

(705) maryja pe dje n-a-ha-i³⁰
como Q 1sg neg-1-ir-neg
'como eu não fui?!'

³⁰Contexto: Saiu uma voadeira de Altamira para a aldeia e Myra veio me contar. Eu falei para ela “ e como que eu não fui!”, que corresponde em Asurini ‘como eu não fui?!’

Capítulo 6

Sentenças complexas

Neste capítulo, tratamos das sentenças complexas. Esse tipo de sentença compreende as sentenças coordenadas e as sentenças subordinadas. Primeiro, tratamos das sentenças coordenadas e em seguida das subordinadas na língua Asurini do Xingu.

6.1 Sentenças coordenadas

Segundo Crystal (1988) coordenação é o processo de unir unidades lingüísticas de nível sintático equivalente. Conforme Payne (1985, p.3), todas as línguas, sem exceção, possuem estratégias que permitem vários tipos de coordenação que ocorrem nos níveis frasal e sentencial, formando frases complexas de várias categorias gramaticais³¹.

A partir de um ponto de vista lógico é possível distinguir quatro tipos básicos de coordenação, segundo Payne (1985), cujas realizações lingüísticas se dão nos níveis frasal e sentencial: 1) *conjunction* (p e q), 2) *postsection* (p e não q), 3) *presection* (não p e q), *disjunction* (p ou q), e 4) *rejection* (não p e não q; não. . . p ou q)

A língua Asurini do Xingu faz uso dos recursos de justaposição ou estratégia zero (Payne, 1985) e conjunção para juntar unidades lingüísticas do mesmo nível gramatical, conforme mostram os dados abaixo.

³¹ All languages, seemingly without exception, possess strategies which permit various types of co-ordination to occur at the phrasal as well as the sentential level, thereby forming complex phrases of various grammatical categories (Payne, 1985, p. 03)

((706) mani'aka a-py'yk futat u'i a-apa futat
mandioca 1-pegar Vol farinha 1-fazer Vol
'eu quero pegar mandioca e quero fazer farinha'

(707) a-dje-mumy'a aeramũ a-dja'a
1-Refl-estar.triste Conj 1-chorar
'eu estou triste por isso eu choro'

O exemplo (706) exhibe uma sentença coordenada utilizando a estratégia zero e o exemplo (707) mostra a coordenação de sentença utilizando como recurso uma conjunção. Conforme podemos observar, as sentenças possuem total independência no nível sintático, todavia, essa independência não é observada no nível semântico, dado que o evento codificado pela segunda oração apresenta-se como dependente do que ocorre na primeira oração: *fazer a farinha* é semanticamente dependente de *pegar a mandioca*, e *chorar* é conseqüência de *estar triste*.

A seguir, procuramos compreender como se dão as relações de coordenação no Asurini do Xingu. Na língua, a coordenação pode ser conjuntiva, adversativa e disjuntiva. As estratégias para expressá-la não se opõem na maioria das vezes, haja vista que a parataxe ou estratégia zero é o recurso mais utilizado para assinalá-la.

6.1.1 Coordenação conjuntiva

A coordenação conjuntiva, correspondente ao tipo p e q de Payne (1985), é expressa na língua através da estratégia zero ou parataxe, conforme mostram os exemplos abaixo.

(708) ga arakuri u-djuka djautxi u-djuka
3sg.Mas galinha 3-matar jabuti 3-matar
'ele matou galinha e matou jabuti'

(709) mani'aka a-py'yk futat u'i a-apa futat
mandioca 1-pegar querer 1-fazer querer
'eu quero pegar mandioca e quero fazer farinha'

A seguir, os dados exemplificam sentenças conjuntivas com sujeitos diferentes.

(710) ga a-vyki ga aha ka-ve
3sg 1-bater 3sg.Mas ir roça-Posp
'eu bati nele e ele foi para a roça'

(711) dje tapi'ira a-u' tapi'ira ipira u-u'
1sg anta 3-comer anta peixe 3-comer
'eu comi anta e a anta comeu peixe'

A coordenação conjuntiva parece também ser expressa na língua através de três elementos morfologicamente idênticos a três dêiticos. Nesse contexto parecem funcionar como conjunção, são eles: **a'e**, **iẽ** e **iga**. Como vimos em classes de palavras, os dêiticos estão estreitamente ligados a noções espaciais e temporais, como: próximo, distante do ouvinte e próximo, distante do ato de fala. Assim, esses dêiticos parecem que podem ser traduzidos nesse contexto por, *grosso modo*, eu/você, ela e ele, sendo que o primeiro retoma um sujeito de primeira ou segunda pessoa; o segundo se refere ao sujeito de terceira pessoa feminina e **iga** se refere ao sujeito de terceira pessoa masculina.

(712) dje myra a-etxak manuew a-etxak benignu a-etxak a'e
1sg Npr 1-ver Npr 1-ver Npr 1-ver Conj?
'eu conheço Myra, Manuel e também conheço Benigno'

(713) myra manuew u-etxak benignu u-etxak antonia u-etxak iẽ
Npr Npr. 3-ver Npr 3-ver p Npr 3-ver Conj?
'Myra conhece manuel, Benigno, conhece também Antonia'

(714) dje maja a-djuka murera a-djuka a'e
1sg cobra 1-matar Npr 1-matar
'eu matei Mureira e matei cobra'

(715) ga i-maritykwat u-dje-mu'eu iga
3sg 3-trabalhar 3-Refl-estudar
'ele trabalha e estuda'

6.1.2 Coordenação adversativa

A coordenação adversativa corresponde ao que Payne (1985) denomina como **p e não q, não p e q e rejeição**. Em Asurini do Xingu, esse tipo de relação nas orações coordenadas é realizado através de parataxe ou justaposição e marcação através de partículas. Os recursos utilizados para expressar a relação adversativa são discriminados a seguir.

6.1.2.1. Coordenação adversativa com parataxe ou justaposição

a) p e não q

- (716) autamira-ipe aha n-aha-i dje ø-měmyra
 Npr-loc ir neg-ir-neg 1sg-Rel-filho
 ‘eu vou para Altamira, mas meu filho não vai’
- (717) dje hegina a-kwap fabiwla n-a-kwav-i
 1sg Npr 1-conhecer Npr. neg-1-conhecer-neg
 ‘eu conheço Regina, mas não conheço Fabíola’
- (718) t-yru ã u-futuka n-u-dje-miw-i hẽ
 3-roupa 3sg F 3-lavar n-3-reflex-cozinhar-neg Part
 ‘ela lavou roupa, mas não cozinhou’
- (719) arakuri ere-djuka n-ere-djuka-i djakare
 galinha 2-matar neg-2-matar-neg jacaré
 ‘tu mataste galinha, mas não mataste jacaré’
- (720) sãw pawlu ipira natyvi kwatinemũ-ime ipira
 Npr peixe neg Npr-Loc peixe
 ‘Em São Paulo não tem peixe, mas no Kwatinemu tem’

Podemos observar nos dados acima que há o traço adversativo, manifestando-se entre as duas orações de cada exemplo. Esse traço é decorrente da combinação de duas orações: uma com sentido positivo e a outra oração marcada negativamente, portanto apresentando sentido negativo. Em (716) e (720), as duas orações coordenadas apresentam sujeitos diferentes; já as demais orações se coordenam partilhando o mesmo sujeito.

b) parataxe com verbos de sentidos opostos

(721) tapi'ira a-py'yk aha ã
anta 1-peguei ir 3sg
'peguei a anta, mas (e) ela fugiu de mim'

(722) myra aha antonia u-ut
Npr ir Npr 3-vir
'Myra foi enquanto Antonia veio'

O traço adversativo presente nas orações acima ocorre em virtude da oposição das ações presentes nas duas orações coordenadas. Em uma escala hierárquica, orações como essas (721) e (722) ocupariam um lugar menor na hierarquia que aquelas de (716) a (720), uma vez que (721) e (722) podem também em alguns contextos apresentarem o traço [+conjuntivo], uma relação do tipo p e q.

c) não p e que

(723) murera n-atỹ-i i-fuku ga
Npr neg-ser.forte-neg 3-alto 3sg.Mas
'Murera não é forte, mas é alto'

O traço adversativo na coordenação das orações acima é proveniente de uma relação do tipo presection (não p e q) entre os predicados das duas orações.

(724) ipira a-karu tapi'ra u-djuka
peixe 1-comer anta 3-matar
'ele matou anta, mas eu comi peixe'

d) rejeição, nem p nem q

(725) ka'i n-a-'u-i aite n-a-'u-i
macaco neg-1-comer -neg jia neg-comer-neg
'eu não como macaco e nem como jia'

Analogamente ao que apresentamos em (c), uma coordenação do tipo apresentada acima pode em alguns contextos apresentar o traço [+conjuntivo].

6.1.2.2. Coordenação adversativa marcada

a) Contra-expectativa

A coordenação do tipo contra-expectativa ocorre com a partícula **djepe**. Essa partícula é a responsável pelo caráter que contraria o evento posto na segunda oração.

(726) pajě djepe u-aha n-u-furu-mukatyru-i
pajé Part 3-ir neg-3-Gn-rezar-neg
'o pajé foi, mas não rezou'

(727) murera djepe muruviava ga u-aha ka katy
Npr Part velho/fraco 3sg 3-ir roça Posp
'apesar de velho, Mureira vai para a roça'

(728) murera djepe muruviava ga i-maritykwat
Npr Part velho/fraco 3sg 3-trabalhar
'apesar de velho, Mureira é trabalhador'

b. Preventiva

Em Asurini do Xingu, as formas preventivas na coordenação adversativa envolvem um evento hipotético, cuja realização é prevenida por um segundo evento, caso este último não se realize comprometerá a concretização do primeiro. O segundo conjunto recebe duas partículas **padje** e **nũ** que são responsáveis por dar à coordenação o caráter preventivo.

(729) mu'yra e-rut dje ve n-uru-mu-'ei-i padje nũ
missanga 2sgII-trazer 1sg Posp neg-1Pl-caus-ensinar-neg Part. Part
'traga missangas para mim senão nós não te ensinamos'

(730) mu'yra e-rut dje ve n-a-mu-'ei-i padje ga nũ
missanga 2III-trazer 1sg Posp neg-1pl-caus-ensinar-neg Part. 3sg neg
'traga missangas para mim senão não ensino ele'

(731) e-kw'a uru-avyki apadje nũ
2III-ir 1Pl-bater Part Part
'vá, senão batemos em você'

6.1.3 Coordenação disjuntiva

A coordenação disjuntiva consiste numa relação de escolha do tipo p ou q (cf. Payne 1985). O Asurini do Xingu expressa esse tipo de relação através do recurso da parataxe ou justaposição, conforme se pode verificar através dos exemplos abaixo.

(732) ere-marakañg pe'ẽ ere-furaj pe'ẽ
2-cantar Part 2-dançar Part
'você canta ou você dança!?'

(733) u-futat n-u-futar-i
3-querer neg-3-querer-neg
'ele quer ou não quer'

6.1.4 Coordenação explicativa (resultativa)

Em Asurini do Xingu, a coordenação explicativa resulta da união de duas orações ligadas através das conjunções **a'eramũ** e **amyrĩ**. A primeira conjunção aparece no início da segunda oração, e a conjunção amyrĩ no final da segunda oração, ligando-a à primeira, o evento expresso na segunda oração está estreitamente relacionado ao evento da primeira oração, parece haver uma relação de consequência entre as duas orações. É possível que haja nuances de significados entre as duas conjunções na coordenação das orações, todavia, ainda não sabemos precisar quais seriam. De (734) a (737) são exibidos exemplos de orações coordenadas através da conjunção **a'eramũ** e de (738) a (743) exemplos com a conjunção **amyrĩ**.

(734) ipira re aha a'eramũ uru-karu
peixe Posp ir Coord 1Pl-comida
'eu fui pescar por isso temos comida'

(735) a-dje-mumy'a a'eramu a-dja'a
1-Refl-estar.triste Coord 1-chorar
'eu estou triste por isso eu choro'

- (736) kunumi u-dje-kitxi a'eramũ u-dja'a
 menino-3-Refl-cortar 3chorar
 'o menino se cortou por isso ele chora'
- (737) y' u-pap a'eramũ ma'epapira t-uvi-ramũ
 água 3-acabar panela 3-estar.seca-Atr
 'a água acabou por isso a panela está seca'
- (738) ẽ aha hospital-ipe i-maryna ẽ amyĩ
 3sg ir hospital-Loc 3-doença 3sg.Fem porque
 'ela foi para o hospital porque estava doente'
- (739) u-ata ga aha nativi karu amyĩ
 3-caçar 3sg.Mas ir neg comida porque
 'ele foi caçar porque não tinha comida'
- (740) a-atyka kunumi u-kir-a amyĩ
 1-ir menino 3-dormir-G Conj
 'eu vou porque o menino dormiu'
- (741) n-aha-i amyna ut amyĩ
 neg-ir-neg chuva cair porque
 'eu não fui porque choveu'
- (742) pajẽ u-petymu dje rehe dje maryna amyĩ
 pajé 3-rezar 1sg Posp 1sg doente porque
 'o pajé rezou porque eu estava doente'

- (743) maja ga u-djuka arakuri ga u-‘u amỹrĩ
cobra 3sg 3-matar galinha 3sg 3-comer porque
‘ele matou a cobra porque ela comeu galinha’

6.2 Orações subordinadas

Em Asurini do Xingu, a oração subordinada distingue-se da independente sintática e morfologicamente. Sintaticamente, as subordinadas atuam como dependentes da principal e morfologicamente recebem afixos que as distinguem daquelas.

Na língua distinguem-se três tipos de orações subordinadas, conforme o papel sintático que desempenham em relação à principal, a saber: orações complementos, orações relativas e orações adverbiais. Segundo Thompson e Logacre (1985, p. 172), as orações complementos funcionam como sintagma nominal em relação à principal, as relativas atuam como modificador de nomes e as adverbiais como modificador de sintagma verbal ou de sentenças inteiras.

6.2.1 Orações complementos

Oração complemento, conforme o termo já dá a entender, refere-se a uma estrutura oracional que funciona como complemento de uma oração, dita principal, ou conforme coloca Noonan (1985, p. 42): “By complementation we mean the syntactic situation that arises when a notional sentence or predication is an argument of a predicate”. Em Asurini do Xingu, as orações complementos podem assumir o papel sintático de objeto (O) e de sujeito (Sa, So, A). Esse tipo de oração caracteriza-se pela nominalização da estrutura através de afixos específicos acrescentados ao radical verbal da oração complemento, como veremos a seguir.

6.2.1.1 Morfologia dos complementos

A oração complemento, no Asurini do Xingu, estrutura-se a partir da afixação de nominalizadores à raiz verbal. Após esse processo, a oração nominaliza-se e passa a desempenhar a função de argumento de outra oração. Os afixos envolvidos na nominalização desse tipo de oração são os que aparecem a seguir, os nomes desses afixos, aqui, são utilizados tal como em Seki (2000).

1. {-tap} "nome de ação, estado"
2. {-ama'e} "atributivo"
3. {-tat} "agentivo"
4. {-emi} "objetivo"

A seguir exemplos de orações complemento

(744) dje a-kwap kudjema'e ur-ama'e
1sg 1-conhecer homem vir-Nom
'eu conheço o homem que foi'

(745) dje a-kwap [ene maryn-av-a]
1sg 1-saber 2 doença-Nom-N
'Eu sei da doença dele'

(746) a-kwap myra kunumĩ r-emi-avyki
1sg Npr menino Rel-Nom-bater
'eu vi Myra bater no menino'

(747) me'ĩma-ma'e ã maritykwav-ar-a
ser verdade-Nom 3sg.Fem trabalhar-Nom-N
'é verdade que ela é trabalhadeira'

Como as funções que desempenham para a sentença principal são típicas de nominais, as orações complementos apresentam características que as aproximam de nominais. O sufixo {-et} indicador de tempo passado nos nomes é bem freqüente nesse tipo de oração. A seguir exemplos ilustrativos.

(748) dje a-akwap [maja kunumi mabak-ar-er-a]
1sg 1-saber cobra menino morder-Nom-Pas-N
'eu sei a cobra que mordeu o menino'

(749) me'ỹma-ma'e [ẽ maritykwav-ar-a]
verdade-Nom 3 trabalhar -Nom-N
'é verdade que ela é trabalhadeira'

6.2.1.2 Expressões dos argumentos

Em Asurini do Xingu, os argumentos nas orações complementos são expressos através de pronomes clíticos ou nominais e relacionais. Portanto, sujeitos e objetos são expressos da mesma forma, isto é, não existe um critério morfológico que faça distinção entre sujeito e objeto nas orações complementos, tampouco existe distinção formal entre os diferentes tipos de sujeito, como existe nas orações independentes. A seguir, procuramos demonstrar como se realizam essas relações na língua. Os exemplos abaixo ilustram a codificação de sa, so, A e O nas orações complementos:

(750) dje a-kwap [ene ø-ata-var-a]
1sg 1-saber 2sg Rel-caçar-Nom-N
'Eu sei que você é caçador'

(751) dje a-kwap ene ø- maryn-av-a
1sg 1-saber 2sg Rel-estar.doente-Nom-N
'eu sei que você está doente'

(752) a-kwap [ẽ t-yru futuka-ar-a]
1-saber [3sg 3- roupa lavar-Nom-a]
'eu sei que ela lava roupa'

(753) n-a-kwav-i [i-py'yk-av-a]
neg-1-saber-neg 3-pegar-Nom-N
'eu não sei pegá-lo'

(754) dje a-akwap [maja kunumi mabak-ar-er-a]
1sg 1-saber [cobra menino morder-Nom-Pas-N
'eu sei a cobra que mordeu o menino'

(755) dje a-kwap ka kaj-tav-a
1sg 1-saber roça queimar-Nom-N
'eu sei que roça é queimada'

O exemplo (750) ilustra a codificação de Sa na sentença complemento, o exemplo (751) codifica So na sentença complemento, o exemplo (752) codifica A na oração complemento, o exemplo (753) codifica O na oração complemento, o exemplo (754) ilustra sujeito e objeto expressos por nominais nas orações complementos, (755) ilustra Sa codificado por nominal na oração complemento.

A codificação da terceira pessoa nas orações complementos se distingue da codificação das demais pessoas. Enquanto a primeira e a segunda pessoa são codificadas por pronomes clíticos e relacionais, a terceira pessoa não aceita um nominal ou pronome clítico e o prefixo {i-} simultaneamente, sendo este co-referencial com o nominal ou pronome clítico, o exemplo (756) exhibe a terceira pessoa codificada por um pronome clítico, o (757) mostra a terceira pessoa codificada pelo prefixo de terceira pessoa {i-}. Dados como (758) não são reconhecidos como gramaticais.

(756) dje a-kwap ga mej-var-a
 1sg 1-saber 3sg.Mas mentir-Nom-N
 ‘eu sei que ele é mentiroso’

(757) n-a-kwav-i [i-py’yk-av-a]
 neg-1-saber-neg 3-pegar-Nom-N
 ‘eu não sei que ele o pegou’

(758) *dje a-kwap ga i-mej-var-a
 1sg 1-saber 3sg mentir-Nom-N
 ‘eu sei que ele é mentiroso’

Como vemos, a morfologia não seria suficiente para distinguir os argumentos nas orações complementos. Entretanto, a sintaxe é de fundamental importância nesse campo. Através da ordem dos argumentos podemos identificar **A** e **O** nas sentenças complementos que apresentam esses dois argumentos. O argumento mais próximo do verbo é o **O**, ao passo que o mais distante é o **A**, como podemos ver nos exemplos (793) e (794).

A oração complemento nesse quesito é análoga à oração independente que tem como ordem predominante AOV.

O argumento S e A podem estar expresso ou omitido nas sentenças complementos. No exemplo (759) e (760), S aparece expresso, em (761) ele é omitido e em (762) A aparece omitido.

(759) dje a-kwap ene ø-dje'ẽnga-var-a
1sg 1-saber 2sg-fala-Nom-N
'eu sei que você é falante'

(760) dje a-kwap ga maritykwav-ar-a
1sg 1-saber 3sg trabalhar-Nom-N
'eu sei que ele é trabalhador'

(761) dje a-kwap maritykwav-ar-a
1sg 1-saber trabalhar-Nom-N
'eu sei ele é trabalhador'

(762) n-a-kwav-i [i-py'yk-av-a]
neg-1-saber-neg 3-pegar-Nom-N
'eu não sei se ele o pegou'

Nos dados em que dispomos, somente o sujeito de terceira pessoa aparece omitido nas orações complementos. Mesmo sabendo-se que esse sujeito é uma terceira pessoa, ele pode ser ambíguo, já que o sujeito pode ser uma terceira pessoa masculina ou uma terceira pessoa feminina, pois conforme já vimos, a língua distingue nos paradigmas

dos pronomes clíticos, uma forma para o feminino e outra para o masculino. É possível que a língua disponha de recursos pragmáticos que distinga esses usos, entretanto, ainda não sabemos precisar quais seriam.

No que se refere à interrogação, nas orações complementos, é expressa com a mesma morfologia que nas orações independentes, entretanto, apresenta sintaxe de ordem diferente. Quando a interrogação recai sobre um dos constituintes da oração complemento, ela ocorre no início desta; já nas orações independentes, conforme vimos, a interrogação ocorre antes ou depois do constituinte interrogado, conforme a natureza do constituinte. Abaixo, ilustramos orações complementos na forma interrogativa.

(763) ene ere-kwap [pe myra maja r-emi-juka]
2sg 2-saber/conhecer Q Npr cobra Rel-N-matar
'você sabe se Myra matou a cobra?'

(764) ene ere-kwap [pe ga mej-var-a]
2sg 2-saber/conhecer Q 3sgM ser.mentiroso-Nom-N
'você sabe se ele é mentiroso?'

6.2.2 Orações relativas

Segundo Comrie (1981, p. 136) “ A relative clause then consists necessarily of an head and a restricting clause. The head in itself has a potential range of referents, but the restricting clause restricts this set by giving a proposition that must be true of the actual referents of the over-all construction”.

As orações relativas se distinguem das orações principais por vários meios, segundo Keenam (1985). A seguir, apontamos dois aspectos que distinguem esses dois tipos de orações, conforme o autor citado:

- as orações relativas pós-nominal podem ser precedidas por complementizador morfológicamente invariante; analogamente, as relativas pré-nominais podem ser seguidas por uma forma morfológicamente invariante.

- o Verbo da oração relativa apresenta redução na morfologia, como a marcação de tempo-aspecto e concordância em relação a verbos de oração declarativa.

Como vimos acima, a oração relativa se constitui a partir de um núcleo. Esse núcleo pode estar fora ou dentro da oração relativa, segundo Keenan (1986). Shibatani (2008, em comunicação pessoal) questiona se há de fato relativas de núcleo externo. Na classificação de Keenan é chamada oração relativa com núcleo aquela que tem um núcleo externo a ela, e oração relativa sem núcleo àquela que apresenta núcleo interno.

Nessa análise, vamos seguir Keenan. Em Asurini há orações relativas com núcleo externo e orações relativas com núcleo interno. Em relação às primeiras, aparecem como pré-nominais e como pós-nominais, sendo mais comum ocorrerem como pós-nominais. A predominância do tipo pós-nominal na língua não está de acordo com a tendência universal do tipo de língua que tem como ordem predominante SOV³², que é o caso do Asurini do Xingu, conforme já visto. Além disso, o fato de a língua apresentar relativas pós-nominais e relativas pré-nominais também contraria a tendência universal, já que segundo Keenan (1985) não é tão comum as línguas apresentarem esses dois tipos de relativas ao mesmo tempo, e no caso de apresentarem, é mais comum aparecer no tipo de língua que tem como ordem predominante SVO.

As orações relativas pré-nominais distinguem-se das relativas pós-nominais em algumas línguas, segundo Keenan (1985, p. 160): “ A more regular difference between prenominal and postnominal RCS concerns the form of the main verbo of Srel...”. Em Asurini do Xingu, as relativas pré-nominais e as pós-nominais são morfológicamente idênticas. E as de núcleo externo são morfológicamente idênticas às relativas de núcleo interno.

Neste trabalho, não damos um tratamento diferenciado a oração de núcleo externo e interno, em virtude de estarmos somente interessados em mostrar como o tipo

³² “ More specifically, postnominal RCS are almost the only type attested in verb-initial languages ” (Keenan, 1985, p. 144)

oração relativa se constituem em relação às demais orações complexas da língua. Além do mais, parece não haver diferença morfológica entre elas; a distinção parece estar apenas no nível sintático diante da presença versus ausência de núcleo. Dessa forma, referir-nos-emos apenas à oração relativa, ficando desde já subentendido tratar-se de orações relativas de núcleo externo e orações relativas de núcleo interno.

A cláusula relativa tem como função modificar um nominal, o qual pode estar desempenhando as funções: O, A, S e Obl.

A seguir, trataremos das estratégias de relativização utilizadas pela língua Asurini do Xingu e das posições relativizáveis nas orações.

6.2.2.1 Estratégias de relativização

Segundo Keenan (1985, p. 146), há quatro meios de marcar o sintagma nominal relativo (ou NPrel, na representação do autor):

“ it may be an ordinary personal pronoun, a special pronominal form peculiar to RCS (in which case is called a relative pronoun), a full NP, or nothing at all, a gap”. Dessas quatro formas, o pronome pessoal parece ser uma das formas mais comum na marcação de NPrel.”

No Asurini do Xingu, assim com em outras línguas do grupo Tupi-Guarani, não há pronomes relativos. Ao contrário de línguas como a Portuguesa e a Inglesa que usam esses pronomes na construção de cláusulas relativas. O Asurini do Xingu usa como estratégia de relativização a nominalização da oração através dos afixos nominalizadores que apresentamos no quadro seguinte:

Quadro 11- Nominalizadores

	Agente	Paciente	Atributivo Positivo	Atributivo Negativo	Ação/Estado Oblíquo
V.T	{-tat}	{-emi-} {-ipyt}			
V.T e V. I.					{-tap}
V. I. e Descritivo			{-ma'e}~ {-ama'e}	{-ima'e}	

6.2.2.1.1 Posições relativizáveis

As posições relativizáveis em Asurini do Xingu são S, A, O, Oi/Oblíquos e genitivos. Keenan e Comrie (1977) apresentam a seguinte hierarquia de acessibilidade:

Sujeito> Objeto direto> Objeto indireto> Objeto de preposição ou posposição> possuidor

Conforme podemos ver através da hierarquia acima, a posição de sujeito é a mais relativizável nas línguas, assim, se uma língua permite relativização, a posição de sujeito é uma das posições relativizadas. Apesar de todos os sujeitos poderem ser relativizados em uma dada língua, há sujeitos menos relativizáveis que outros, os intransitivos são mais relativizáveis que os transitivos. Assim há línguas que permitem relativização de sujeito intransitivo, mas não permite a relativização de transitivos (cf. Keenan, 1985)

O Asurini do Xingu relativiza todas as posições apresentadas na hierarquia, conforme podemos observar nas sessões seguintes:

6.2.2.1.1.1. Relativização de S

Em Asurini do Xingu Sa e So são nominalizados através dos seguintes afixos: {-ma'e}, {-ima'e} e {-ipyt}. Os nominalizadores {-ma'e}~{-ama'e} e {-ima'e} se anexam a radicais verbais intransitivos e descritivos, como podemos ver nos exemplos que seguem:

- (765) a-etxak kujĩ u-furu-djuaka-ma'e
1-ver mulher 3-Gn-pintar-Nom
'eu vi a mulher que pinta (gente)'
- (766) ava u-'ur-ama'e n-i-maritikwar-i
quem 3-vir-Nom neg-3-trabalhar-neg
'quem veio não trabalha'
- (867) djawara u-furu-'u -ma'e u-'ut
cachorro 3-Gn-morder-Nom 3-vir
'o cachorro que morde (gente) veio'
- (768) u-dje-miwv-ima'e u-vaem
3-Refl-cozinhar-Atr negativo 3-sair
'chegou a que não cozinha'
- (769) djawara u-furu-u' ima'e u-'ut
cachorro 3-Gn-morder Atr.neg vir
'o cachorro que não morde (gente) veio'

Quando o verbo da oração relativa é intransitivo ativo, o sujeito é codificado pelo prefixo {-u} e quando intransitivo descritivo é codificado pelo prefixo {-i}, a marcação de pessoa diferente para o sujeito dessas orações marca, pois, a diferente natureza dos verbos intransitivos.

(770) u-ur-ama'e u-djauk
3-vir- Nom 3-banhar
'o que veio banhou-se'

(771) i-marin-ama'e 'u-manu
3-estar doente-Nom 3-morrer
'o que estava doente morreu'

O morfema {-ipyt}, no Asurini do Xingu, tem função análoga àquela apontada por Seki (2000) para o Kamaiurá: desagentivizador que, ao anexar-se a radicais verbais transitivos, acarreta mudança nas relações sintáticas, pois força o argumento **O** a desempenhar a função **So**, ou seja, um argumento que desempenhava a função de objeto passa a desempenhar a função de sujeito.

(772) u-manu kunumĩ i-manaka-pyr-er-a
3-morreu menino 3-estar cortado-Nom-Pas-N
'morreu o menino que estava cortado'

6.2.2.1.1.2 Relativização de A

O argumento A da oração relativa se relativiza com o morfema {-tat}, que, conforme já tratamos, tem traço semântico {+agente}. O argumento relativizado, isto é, o agente, é o núcleo da oração relativa.

(873) kwa'ĩ u-djuka maja kunumĩ mamak-ar-er-a

Npr 3-matar cobra menino morder-Nom-Pas-N

'Kwa'ĩ matou a cobra que mordeu o menino'

(774) ga u-etxak kudjema'e kujĩ py'yk-ar-er-a

3sg.Mas 3-ver homem mulher pegar-Nom-Pas-N

'eu vi o homem que pegou a mulher'

(775) myra u-etxak kujĩ namikwema py'yk-ar-er-a

Npr 3-ver mulher brinco pegar-Nom-Pas-N

'Myra viu a mulher que pegou o brinco'

6.2.2.1.1.3 Relativização de O

Quando a posição relativizada é O, o morfema {-emi} prefixa-se ao verbo, orientando a relação sintática entre os termos da duas orações. O núcleo da oração relativa é o nome que desempenha a função sintática de objeto da oração principal, é o que é relativizado pelo morfema {-emi}. Após a prefixação desse nominalizador ao verbo, a orientação é para interpretar o argumento genitivizado como tendo a função de A na oração principal. Esse processo é análogo ao apontado por Seki (2000) para a língua Kamaiurá. O morfema {-emi} se comporta morfologicamente como um nome pertencente à classe r- dos nomes, isto é, recebe os mesmos prefixos relacionais que um nome da classe r- recebe (para mais informações sobre esse prefixo ver cap. 3).

(776) myra mani'aka u-kytyk ene r-emi-pepin

Npr mandioca 3-ralar 2sg Rel-Nom-descascar

‘Myra ralou a mandioca que tu descascaste’

(777) dje kuipĩ a-etxak-a myra r-emi-etyka
1sg colher 1-ver/achar Npr Rel-Nom-perder
‘eu achei a colher que Myra perdeu’

(778) myra mani’aka u-kytyk u-emi-pepin
Npr mandioca 3-ralar 3Refl Rel-Nom-descascar
‘Myra ralou a mandioca que ela (própria) descascou’

(779) ma’e ã r-emi-tỹm-a u-’ẽ
o que ela Rel-Nom-plantar-N 3-vigar
‘o que ela plantou vingou’

Os exemplos (776) e (777) mostram o prefixo {-emi} junto a sujeitos codificados por segunda e terceira pessoa, respectivamente, recebendo, pois o prefixo {r-}, o exemplo (778) mostra o prefixo {-emi} junto a um sujeito que é co-referente ao sujeito da oração principal, recebendo, pois, o prefixo reflexivo de terceira pessoa {u-}, o exemplo (779) mostra uma oração relativa com um sujeito de terceira pessoa depois de um dêitico, que parece desempenhar o papel de objeto da oração relativa.

6.2.2.1.1.4 Relativização de oblíquo

A estratégia utilizada pelo Asurini do Xingu para a relativização da posição de oblíquo é a sufixação do morfema **{-tap}** à raiz verbal da oração dependente, como podemos observar nos dados abaixo:

- (780) a-etxak kujema'e kujĩ t-yru futuka-av-er-a
1-ver homem mulher 3-roupa lavar-Nom-Pas-N
'eu vi o homem para quem a mulher lava roupa'

Após receber o morfema **{-tap}**, o núcleo da oração relativa desempenha a função de O se o verbo da oração é transitivo e a função de Sa se o verbo da oração é intransitivo. Os exemplos abaixo ilustram o que dissemos:

- (781) a-etxak kujĩ ene u'i mana-av-er-a
1-ver mulher 2sg farinha dar-Nom-Pas-N
'eu vi a mulher a quem você deu farinha'

- (782) myra n-u-kuav-i pene kyt-av-a
Npr neg-3-saber-neg 2sg dormir-Nom-N
'Myra não sabe onde você dormiu'

No exemplo (781), o nome **u'i** 'farinha' funciona como objeto da oração relativa; já no exemplo (782), o nome pene 'você' funciona como Sa da oração relativa.

6.2.2.1.1.5 Relativização de genitivo

Na relativização da posição de genitivo, o possuidor da locução genitiva desempenha a função de núcleo da oração relativa e o núcleo da locução possessiva, o termo possuído, funciona como **O** junto a verbo transitivo e como **S** junto a verbo intransitivo.

(783) tapi'ira r-ayra ene-r-emi-py'yk-a aha ene i
anta Rel-filho 2sg Rel-Nom-pegar-N ir 2sg Posp
'a anta cujo filhote você pegou foi (fugiu) de você'

(784) kudjema'e r-ayra ga r-emi-djuka-ø u-dja'a
homem Rel-filha 3 Rel-Nom-matar-N 3-chorar
'o homem cuja filha ele matou chorou'

O nominalizador do verbo da oração relativa é selecionado conforme o papel desempenhado pelo núcleo da oração relativa. Os exemplos que ilustram o que dissemos estão apresentados abaixo:

(785) tadjau ø-txĩ apevu r-emi-mumuku-ø u-ejũn
porco Rel-focinho Npr. Rel-Nom-furar-N 3-inchar
'o focinho do porco que Apevu furou inchou'

(786) kunumĩ i-ea-un-ama'e u-dje-maraj aiverete
menino 3-olho-preto-Nom 3-Refl-brincar intens
'o menino que tem os olhos pretos brincou muito'

O exemplo (785) ilustra uma oração relativa que tem como núcleo um argumento que desempenha a função **O**; o exemplo (786) ilustra o núcleo da oração relativa funcionando como **Sa**.

Exemplos como o que aparece na oração (785) pode ter uma interpretação ambígua, uma estratégia para o desaparecimento da ambigüidade é a mudança na ordem da oração relativa para a posição pós-verbal, ficando totalmente separada da LN núcleo, como sugerido por Seki (2000) para o Kamaiurá.

(787) tadjau ø- txĩ u-ejũn [apevu r-emi-mumuku-ø]
porco Rel-focinho3-inchar [Npr. Rel-Nom-furar-N]
'o focinho do porco que Apevu furou inchou'

6.2.3 Orações adverbiais

Oração subordinada adverbial é aquela que funciona como modificador de uma oração principal de forma análoga ao advérbio em orações independentes.

Segundo Thompson e Logacre (1985, p. 171): “ Just as with adverbs wich are single words or phrases, adverbial clauses can be labeled and categorized with respect to the semantic roles they play”. Dessa forma, classificamos as orações subordinadas adverbiais do Asurini do Xingu em: locativas, temporais/causais/ explicativas/condicionais (conforme veremos mais à frente não, existe diferença formal entre esses quatro últimos tipos de orações no Asurini do Xingu), subjuntivas, consecutivas, condicionais imaginativas e gerundivas.

Conforme os autores acima citados, as sentenças adverbiais são marcadas nas línguas do mundo segundo três recursos, a saber: morfemas subordinantes, forma verbal especial e ordem das palavras. Em Asurini do Xingu, essas sentenças são formadas por morfemas subordinantes, isto é, morfemas que ocorrem nas formas verbais somente quando

estas estão em um dos modos dependente (sobre os modos verbais dependentes ver capítulo 4) e formas verbais que apresentam marcadores de pessoa distintos daqueles usados nas orações independentes.

As orações adverbiais, de forma semelhante aos advérbios nas orações independentes, quando antecedem a oração principal e o sujeito desta é codificado por um elemento de terceira pessoa, condicionam o verbo desta ao modo circunstancial.

6.2.3.1 Orações adverbiais locativas

As orações adverbiais locativas, como o nome já nos dá a entender, são aquelas que, semanticamente, desempenham função análoga àquela desempenhada pelos locativos em uma sentença simples, isto é, indicam localização ou direção do evento expresso na oração principal. Essas orações são marcadas de duas formas no Asurini do Xingu, a saber: ao verbo é anexado o morfema **{-tap}**, acompanhado pelo morfema **{-a}**, que é adicionado em seguida, ou o verbo é nominalizado pelo morfema **{-a}** e em seguida recebe o locativo. Os dados abaixo mostram as duas formas que adquirem as orações locativas na língua.

(789) ã u-kwav-a ve ene maritykwar-ar-a
 3sg.Fem 3-saber-N Loc 2sg trabalhar -Nom-N
 ‘ela sabe onde você trabalha’

(790) e-mume’u e-ata-av-a dje-ve
 2sgIII-dizer 2sgIII-caçar-Nom-N 1sg-Posp
 ‘Diga-me onde você foi caçar’

(791) e-apyk dje a-pyk-a ipe
 2sgIII-sentar 1sg 1-sentar-N Loc
 ‘sente onde eu estava sentada’

6.2.3.2 Temporais /causais / explicativas / condicionais

Em Asurini do Xingu, as orações subordinadas que expressam relação de causa, de condição, de tempo e de explicação são expressas da mesma forma, através do morfema{-ramẽ} não há diferença na expressão dessas relações na língua, é o contexto que auxilia para que o falante compreenda que o que está sendo dito tem valor causal, temporal, explicativo ou condicional. Diferentemente da língua Kamaiurá que usa, além do morfema{-ramuẽ}, diferentes partículas para distinguir essas relações, o Asurini do Xingu, apesar de apresentar um conjunto numeroso de diferentes tipos de partículas, não as usa com essa finalidade, isto é, na expressão dessas relações apenas o morfema {-ramẽ} e o contexto são suficientes para distingui-las. É possível que na língua Asurini do Xingu as relações causais, temporais, explicativas e condicionais não tenham uma semântica muito diferente, como acontece em outras línguas. Thompson e Longacre (1985) explicam que em algumas línguas as relações de tempo e causa são expressas da mesma forma, segundo os autores:

“ In some languages which simply use a subordinating morpheme like *when* for time clauses, this morpheme may signa cause as well. It is easy to see why: two events which are mentioned together as being simultaneous or adjacent in time are often inferred to be causally related”. (Thompson e Longacre, 1985p.181).

(792) kunumĩ avyki-rame i-‘y dje-mumy’a
menino apanhar-Cond 3- mãe refl- envergonhar-se
‘se o menino apanha, sua mãe fica envergonhada’

(793) kunumĩ avyki-rame i-‘y u-dja’a
menino apanhar-Cond 3Refl-mãe 3-chorar
‘quando/se o menino apanhou, sua mãe chorou’

(794) u-py'yk-ame ga dja'a
3-pegar- Cond 3sg.Mas chorar
'quando/se menino é pego, ele chora'

(795) ga u-py'yk-ame ã dja'a
3sg 3-pegar-Cond. 3sg.Fem chorar
'quando ele pega ela, ela chora'

(796) dje u-py'yk-ame ã dja'a
1sg 3-pegar-Cond 3sg.Fem chorar
'quando eu a pego , ela chora'
se ela é pega, ela chora'

(797) kudjema'e te-py'yk-ame a-dja'a
homem 1II-pegar-Cond 1-chorar
'quando o homem me pegou, eu chorei'

(798) u-kyr-amẽ i-fu'av-i
3-dormir- 3-sonhar-Circ
'quando dorme, ele sonha'

(799) dje a-dja'a i-manu-rame
1sg 1-chorar 3-morrer-Cond
'eu chorei quando ele morreu'

Como podemos ver, quando o sujeito aparece expresso, é codificado por um pronome pessoal ou por um nominal, a marcação de pessoa que aparece no verbo sintaticamente se refere ao objeto que parece nessa situação ser mais saliente para a

sentença que o sujeito. Semanticamente, parece estar-se diante de uma sentença passiva, em que se tem um argumento que sofre uma ação e que é mais tópico na sentença, sintaticamente é objeto, mas semanticamente é sujeito. Parece que isso está relacionado ao fato de {-rame} tornar o ser que é referido pelo verbo em paciente, no caso aqui o verbo parece está se referindo ao objeto e não ao sujeito, *grosso modo*, é como se significasse o **que é pego**, por exemplo, e isso justifica o fato de o verbo ter sempre a marca do objeto como prefixo + radical+amã, independentemente de quem ou que pessoa é o sujeito. A construção: *a-py'yk-ame ã ja'a, não é aceita para significar “quando, se eu a pego ela chora”, segundo os informantes a construção correta é: *dje u-py'yk-ame ã dja'a*.

6.2.3.3 Orações adverbiais subjuntivas

As orações subordinadas adverbiais com o verbo marcado no subjuntivo expressam tempo, causa e condição de eventos hipotéticos, porém possíveis no mundo real, previstos na oração principal.

- (800) *maja u-djuka [u-furu-mamak-amu ga]*
 cobra 3-matar 3-Gn-morder-subj 3sg.Mas
 ‘ele mata a cobra quando ela morder (gente)’
- (801) *u-maritykwar-amu ga u'i u-apa ne*
 3- trabalhar-Subj 3sg.Mas farinha 3-fazer Fut
 ‘quando ele trabalhar, fará farinha’
- (802) *te-marakajǵ-a kwav-amũ a- marakajǵ*
 III-cantar-G saber-subj 1sg-cantar
 ‘se eu soubesse cantar, eu cantaria’

(803) dje marakajĩg-ame dje y' wei
1sg cantar-Cond 1sg água Vol
pedi: eu canto se tu pegares água para mim

(804) ipira py'yk-amũ a-mana ene ve
peixe pegar-subj 1-dar 2sg Posp
'se eu tivesse pego peixe, daria a você'

Assim como nas orações independentes, o tempo é inferido através do contexto. Quando o falante quer ressaltar o tempo, faz uso de partículas, como mostra (801) acima e (805) abaixo.

(805) te-marin-amũ n-aha-i ne
1II-estar.doente-Subj neg-ir-neg Fut
'se eu adoecer, eu não irei'

Conforme podemos observar no exemplo (805), a presença de partícula, na indicação de tempo futuro, dá à semântica da sentença um sentido de condição.

6.2.3.4 Orações adverbiais temporais consecutivas

As orações adverbiais consecutivas caracterizam-se pelo emprego do sufixo {-**rire**} imediatamente após o radical verbal da oração dependente. A principal função da oração consecutiva é indicar que o evento expresso nela é anterior ao expresso na oração principal. A oração principal atua sem nenhuma mudança na sua estrutura, formalmente, é como se ela estivesse sozinha.

(806) [mypykudja Myra apa-rire] apa-ø damikwema
pulseira Npr fazer-Cons fazer-cir brinco
'depois de fazer pulseiras, Myra faz brincos'

(807) [mani'aka dje pepin(a)-ire] u'i a-apa
mandioca 1sg descascar farinha 1-fazer
'depois de descascar mandioca, eu faço a farinha'

(808) a-kyt futat [dje karu-rire]
1-dormir querer 1sg comer-Cons
'eu quero dormir, depois eu como'

(809) [djane karu-rire] txa-kyt futat
1pl karu-Cons 1Pl-dormir querer
'nós queremos dormir, depois comeremos'

As orações consecutivas quando ocorrem antes da oração principal condicionam o verbo desta oração ao modo circunstancial (sobre o modo circunstancial remetemos a 4.4.1.1.5).

(810) [ure dje'ëga rire] ã vaem-i
1pl fala cons 3sg.Fem chegar-Circ
'ela chegou depois de nossa fala'

6.2.3.5 Condicionais imaginativas

As condicionais imaginativas ou “unreality” conforme Thompson e Longacre (1985) são usadas para situações irreais. Segundo os autores, há dois tipos de situações irreais: aquelas que imaginamos que pode ser ou pode ter sido e aquelas que predicam o que será, sendo rotuladas em imaginativas e preditivas³³. No que se refere às preditivas (já as observamos no item 6.2.3.2) . No Asurini do Xingu, as condicionais imaginativas são marcadas com {-ramẽ} e {-ramũ} simultaneamente.

(811) djawara ga ‘u-rame amũ djawara a-djuka
cachorro 3sg.Mas morder-Irr onça 1-matar
‘se o cachorro mordesse ele, eu o mataria’

(812) djawara kunumi ‘u-rame amũ djawara a-djuka
onça menino morder-Irr onça 1-matar
‘se o cachorro mordesse o menino, eu o mataria’

(813) jĩ kuj-ame amũ kujĩ kawĩ apa
castanha-cair-Irr mulher mingau fazer
‘se caísse castanha a mulher faria mingau’

(814) amyna rur-ame-amũ avatxi a-tym
chuva cair -Irr milho 1-plantar
‘se tivesse chovido, eu teria plantado milho

³³ The term ‘unreality conditionals’ is used for conditionals which refer to ‘unreal’ situations. There are two types of unreal situations: those in which we imagine what might be or what might have been, and those in which we predict what will be. We can label these two types of unreality imaginative and predictive’ (Thopson e longacre, 1985).

(815) amyna r-ur-ame amũ kururu r-uryvamũ
chuva Rel-cair-Irr sapo Rel- alegre-subj
'se chove o sapo fica alegre'

(816) amyna r-ur-ame amũ kururu ruryv-amũ
chuva Rel-cair- Irr sapo alegre-subj
'quando/se chove o sapo fica alegre'

6.2.3.6 orações adverbiais no gerúndio

As orações no gerúndio caracterizam-se por apresentar uma série de propriedades que as distinguem dos outros tipos de orações dependentes. Essas propriedades são tratadas ao longo dessa sessão. As orações no gerúndio partilham o mesmo sujeito com a oração principal e os eventos expressos exprimem sucessividade.

(817) pedje t-yru pe-futuka pedje-marakaiĩg-a
2plII 3- roupa 2Pl-lavar 2plII-cantar-G
'vocês lavam roupa cantando'

Os sujeitos das orações no gerúndio são expressos com pronomes da série II ou por \emptyset , conforme mostram os exemplos abaixo. Os verbos intransitivos ativos codificam com os prefixos pessoais da série II, já os sujeitos de verbo transitivo são codificados por \emptyset . É possível que haja alguma distinção pragmática, mas ainda não sabemos precisar qual ou quais seria(m).

- (818) dje dji a-imê'e te-djat-a
 1sg machado 1-amolar 1II-vir-G
 'eu amolei o machado para vir'
- (819) dje a-djat te-furaat-a
 1sg 1-vir 1II-dançar-G
 'Eu vim dançar'
- (820) myra u-ut anyra djuka-w
 Npr 3-vir morcego matar-G
 'myra veio matar o morcego'
- (821) yvyra'a a-py'yk etün-a
 fruta 1-pegar cheirar-G
 'peguei fruta para cheirar'
- (822) ene ere-aha tamüdje'ëg-a
 2sg 2-ir assoviar-G
 'você saiu assoviando'
- (823) dje te-marin-a a-erut djïn
 1sg 1II- estar.doente-G 3sg 3-vir correr
 'eu corri (estando)doente'
- (824) ga u- ut u-dje-apê'ẽ-ũ
 3sg3- vir 3-refl-esquentar-G
 'Ele veio para se esquentar'

Entretanto, quando a oração no gerúndio é construída com verbos intransitivos descritivos que começam por vogal ou pertencentes à classe \emptyset , a marcação do sujeito é feita

com os pronomes pessoais, acompanhados dos clíticos, semelhantemente à codificação do possuidor nas locuções possessivas.

- (825) ene r-akuv-a ere-djat
2sg Rel-febril-G 2-vir
'você veio (estando) febril'

O objeto de verbos transitivos da oração no gerúndio é codificado por pronomes pessoais, seguidos de relacionais analogamente à codificação dos sujeitos de verbos intransitivos descritivos quando representam primeira ou segunda pessoa e por prefixo relacional, locução nominal ou nominal se representa terceira pessoa. Abaixo, os dados ilustram o que dissemos.

- (826) dje a-djat ene r-etxak-a
1sg 1-vir 2sg Rel-ver-G
'eu vim para te ver'
- (827) ga ipira u-py'yk i-mukaẽ-wĩ i-'u
3sg peixe 3-pegar 3-abocanhar 3-comer
'ele pegou o peixe, abocanhando-o comeu-o'
- (828) myra u-ut anyra djuka-w
Np 3-vir morcego matar-G
'Myra veio matar o morcego'

Quando o gerúndio aparece antes da oração principal, ele condiciona essa oração ao modo circunstancial, o que serve para reforçar seu caráter adverbial, como mostra o exemplo abaixo.

- (829) t-yru u-futuka-w ã marakajĩg-i
3-roupa 3-lavar-G 3sg cantar-Circ

‘(ela) lava roupa cantando’

As orações no modo gerúndio são negadas com o morfema {-e’ỹma}, sufixado à forma verbal. Segue um exemplo abaixo.

(830) dje a-djat te-furaai -ø-e’ỹma

1sg 1-vir 1II-dançar-G- neg

‘eu vim não para dançar’

Como vemos, a negação da oração no gerúndio atinge somente o evento que é encerrado nela, da mesma forma é a negação na oração principal, ou seja, a negação da oração principal da mesma forma da negação da oração no gerúndio atinge apenas o evento que é encerrado nela não se estendendo a outra oração. Abaixo um exemplo de negação na oração principal em um período composto por oração principal mais oração no gerúndio.

(831) ipira n-u-vevuj-i u-aja mukue-w

peixe neg-3-nadar-neg 3-cauda balançar-G

‘o peixe não nadou balançando a cauda’

Apresentamos neste capítulo aspectos gerais das orações complexas. Esperamos com isso trazer alguma contribuição sobre a construção dessas orações na língua, mesmo que de forma incipiente.

7 Conclusão

Esta tese teve como objetivo apresentar um estudo da morfossintaxe da língua Asuriní do Xingu, falada pelos Asuriní que residem no Posto Indígena Kwatinemu, no município de Altamira, estado do Pará. A análise pretendeu dar uma visão geral da língua e apresentar aspectos socioculturais de seu povo. Dessa forma, além da morfologia e da sintaxe, partes centrais da tese, procuramos também apresentar a fonologia no nível segmental, pois essa parte era essencial para a continuidade do estudo da língua nos níveis morfológicos e sintáticos. Em conformidade com nossos objetivos, a tese encontra-se dividida em seis capítulos.

No capítulo 1 tratamos de aspectos históricos, culturais e sociolingüísticos dos Asurini do Xingu. Nele mostramos como foram os primeiros contatos desse povo com o não-índio, as situações de conflito vivenciadas por eles, tais como as guerras inter-tribais por terras férteis. Na seqüência, mostramos a localização do povo asuriní e a classificação da língua. Em relação à cultura, mostramos que apesar da influência não-indígena, ela apresenta traços conservadores. Na continuidade do capítulo discutimos um pouco sobre a educação formal não-indígena na aldeia e os trabalhos existentes sobre a língua, tanto aqueles de natureza antropológica, quanto aqueles de natureza lingüística.

No capítulo 2 tratamos de aspectos da fonologia segmental da língua. A elaboração desse capítulo deu-se pelo o fato de ainda não existir uma descrição dos fonemas da língua capaz de proporcionar uma descrição razoável de sua gramática, haja vista que não se tinha sequer o quadro completo de fonemas e os ambientes de ocorrência, salvo nosso trabalho (Pereira, 2005), mas de natureza bastante preliminar, como advertimos na introdução do trabalho, deixando de representar, inclusive, fonemas da língua. Nesse capítulo, são mostrados os fones da língua, sua distribuição e os quadros de fonemas, além disso são mostradas algumas regras morfofonológicas e o acento na língua. Em relação a este último, vimos que apesar de a estrutura da língua dá sinais de que é previsível, há dados que mostram que pode ser contrastivo. Dado o objetivo geral da tese não ser a fonologia da língua, preferimos deixar a questão em aberto para futuras pesquisas.

No capítulo 3, discutimos as classes de palavras da língua. Apresentamos critérios para a sua divisão e concluímos que podem ser identificadas sete classes de

palavras na língua: nome, verbo, pronome, demonstrativo, advérbio, posposição e partículas. Dessas sete classes de palavras, mostramos que três são abertas (nome, verbo e advérbio) e as outras quatro são fechadas. Em relação à classe dos demonstrativos, esperamos ter deixado claro que é necessário um trabalho mais aprofundado para a compreensão das relações expressas por essa classe de palavra.

No capítulo 4, tratamos de fenômenos relacionados a subconstituintes da oração. Nele discutimos aspectos como a marcação de caso na língua, a oposição nome /verbo x argumento/ predicado. Mostramos também a estrutura dos sintagmas nominal e verbal e suas propriedades

O capítulo 5 trata das orações independentes, sua classificação é feita segundo a natureza do predicado e de acordo com os atos de fala. Ao longo do capítulo são discutidas a estrutura dessas orações e sua divisão. Mostramos que a língua apresenta os tipos de oração declarativo, imperativo e interrogativo, sendo estes dois últimos tipos marcados com morfologia específica.

No capítulo 6 tratamos das sentenças complexas, que compreendem as coordenadas e as subordinadas. Ao longo do capítulo, foi mostrada a classificação dessas sentenças e suas propriedades morfológicas e sintáticas. As orações coordenadas podem ser por parataxe ou estratégia zero ou por conjunção. As sentenças subordinadas foram classificadas nos tipos: orações complemento, orações relativas e orações adverbiais. Cada um dos tipos divididos em sub-tipos, conforme a necessidade da estrutura e funcionamento da língua. Sabemos que a sintaxe é uma das partes mais complexas na descrição de uma língua, mas independentemente de sua complexidade e do conhecimento que temos da língua, não medimos esforços para conseguirmos dar, pelo menos, uma visão geral, dela na língua. Como dissemos no início do trabalho, começamos nossas descrições e análises desde a fonologia de forma que não foi possível ir além do que se apresenta aqui, e também não era nosso objetivo.

Finalmente, esperamos que esse trabalho contribua para maior conhecimento da língua e do povo Asuriní. Esperamos também que o conhecimento da língua possa ajudar, de alguma forma, os trabalhos histórico-comparativos que vêm sendo feitos para a família Tupi-Guarani na qual se encontra o Asurini do Xingu.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDREWS, A. The major functions of the noun phrase. In SHOPEN, T. (ed.). **Language typology and syntactic description**. Cambridge: University Press, 1985, vol.1, pp. 150-62.

ANDERSON, S. R. 1985. Inflectional morphology. In: SHOPEN, T. (ed). **Language typology and syntactic description**. Grammatical categories and the lexicon. Cambridge: Cambridge University Press, Vol 3, 150-201.

BAINES, S. G. Línguas ameaçadas. In. CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara; RODRIGUES, A. D. (Orgs). **Línguas e Culturas Tupí**. Vol. I. Editora, Curt Nimuendajú. Campinas-Sp, 1997.

BENVENISTE, E. **Estrutura das relações de pessoa no verbo**. In Problemas de lingüística geral. EDUSP Nacional, São Paulo, 1976 pp.247-59.

BORGES, M, V. Aspectos **fonológicos e morfossintáticos da língua Ava-Canoeiro (Tupi-Guarani)**. Tese (Doutorado), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

CHUNG, S . Tense, aspect, and mood. In: SHOPEN , T. (ed). **Language typology and syntactic description**. Grammatical categories and the lexicon. Cambridge: Cambridge University Press, 1985, Vol 3, 202-257.

COMRIE, B. **The syntaxe of action nominals**: a Cross-linguistic study. *Língua* n° 40, 1976a, pp., 201-177.

_____ . The syntax of causative constructions: a cross-language similarities and divergences. In SHIBATANI, Masayoshi. (ed.). **Syntax and semantics** n° 6, 1976b, pp. 261-312.

_____. **Language Universals and Linguistic Typology**. Oxford, Brasil Blackwell , 1981.

_____. Causative verb formation and other verb-deriving morphology. In SHOPEN, (ed.). **Language typology and syntactic description**. Cabridge: University Press, 1985, vol. III, pp. 309-48.

_____. **Language Universals and Linguistic Typology: syntaxe and morphology**. 2^a ed., Oxford: Brasil Blackwell,1989.

COSTA, C.P. **Nhandewa aywu**. Tese (Doutorado), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

COUDREAU, H. **Viagem ao Xingu**. Editora Itatiaia Ilimitada. Belo Horizonte, 1977.

CREISSELS, D. **Eléments de syntaxe générale**. Paris, P.U.F,1995 .

CRYSTAL, D. **Dicionário de lingüística e fonética**. Trad. Maria C. P. Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988..

DERBYSHIRE, D. **Morphosynta areal characteristics of Amazonian languages**. In IJAL, 1987, vol. 53:3, pp. 326-311.

DERBYSHIRE, D.; PAYNE, D. **Noum Classification Systems of Amazonian Languages**. In PAYNE, D., (ed.). **Amazonian Linguistics, Studies in Lowland South American Language**. Austin: University of Texas Press,1990.

DIETRICH, W. Problema de la categoría del adjetivo en las lenguas tupí- guaraníes. In VOORT, H.V.D; KERKE S.V. D., (eds). **Indigenous languages of Lowland South America**. Universiteit Leiden , 2000.

_____. **Las categorías verbales (partes de la oración) em tupí-guaraní.** In *Indiana*, 1977, Vo 1., pp. 245-261.

_____. **Categorias lexicais nas línguas tupí-guaraní (visão comparativa).** In QUEIXALÓS, F., (ed.). **Des nomes e des verbes em tupí-guaraní: état de la question.** LINCOM Europa, München 2001.

DIXON, R. **Ergativity.** Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

_____. **Where have all the adjectives gone?** . In *Studies in Language*, 1977, Vol.1, pp 80-19.

_____. **A typology of causatives: form, syntax and meaning.** In DIXON, R; AIKHENVALD, A. (eds.). **Changing valency.** Cambridge: Cambridge University Press, 2000, pp. 83-30.

DIXON, R; AIKHENVALD, A. (eds.). **The Amazonian languages.** Cambridge: Cambridge University Press 1999.

DRYER, M. S.. **On the six-way word order typology.** *Studies in Language*, 1997, v.21, n.1, p. 69-103.

FERREIRA, M. **.Estudo Morfosintático da língua Parkatêjê.** Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

FOX, B.; HOPPER, P.J. (eds.). **Voice: form e function, Typological studies.** In *Language* nº 27, Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1994.

GIVON, T. **Evidentiality and epistemic space.** In *Studies in Language*, nº 6.1 1982, pp. 49-23.

_____. **Syntax: a functional-typological introduction.** Amsterdã: Jonh Benjamins Publishing Company, 1984, Vol. 1

_____. **Syntax: a functional-typological introduction.** Amsterdã: Jonh Benjamins Publishing Company, 2001, Vol 2

GREENBERG, J.H. **Some universals of grammar with particular referece to ther order of meaningful elements.** *In Universals of language.* Cambridge: MIT Press, 1963 pp. 113-73.

HEWSON, J. **Person hierarchies in Algokian and Inuktitut.** *In Linguistic* 29, 1991, pp.861-875

JENSEN, C. Tupí-Guaraní. **In the Amazonian languages,** Vol. Capítulo 5,R. Dixon and A. Aikhenvald (eds.). Cambridge University press, Cambridge, 1999, pp. 124-163.

HOPPER, P. (ed.). **Tense-aspect: between semantic e pragmatics.** Amsterdã, Philadelphia: John Benjamins, 1982, Typological Studies in Language (TSL), vol. 1.

JENSEN, C. J.S. **The use of coreferential and Reflexive markers in Tupí-Guaraní languages.** *In Journal of Amazonian languages.* 1990, vol 1:2 pp 1-49

KENSTOWICZ . **Phonology in Generative Grammar.** London. Blackwell, Oxford. 1994.

LEMARÉCHAL, A. Désignation et denomination: superparties du discours et parties du discours. *In BASSET, L.; PÉRENNEC, M (eds.). Les classes de mot. Traditions et perspectives.* Lyon :Presses Universitaires de Lyon,1994.

KEENAN, E. Relatives clauses. In: Shopen, T. (ed). **Language typology and syntactic description**. Complex constructions. Cambridge: Cambridge University Press, 1985, vol, II, p.141-170.

KEENAN, E. L.; COMRIE, B. **NP accessibility and universal grammar**. In *Linguistic inquiry*, 1977, vol.8 p. 66-100.

KINDELL, G. E. **Guia de análise fonológica**. Brasília: Summer Institute of linguistics 1981.

LEMARÉCHAL, A. Désignation et denomination: superparties du discours et parties du discours. In BASSET, L.; PÉRENNEC, M (eds.). **Les classes de mot**: traditions et perspectives. Lyon :Presses Universitaires de Lyon, 1994.

LONGACRE, R. E.. Sentences as combinations of clauses. In: SHOPEN, T. (ed). **Language typology and syntactic description**. Complex constructions. Cambridge: Cambridge University Press, 1985, Vol 2, 235-247.

LYONS, J. 1979. **Introdução à linguística teórica**. Cambridge, Cambridge University Press.

_____ (1997). **Semantics**. (vol I and II). Cambridge University Press.

LUKESCH. A. **Berard Indians of tropical Forest**. Graz, Akademische Druck, V. Verlagsanstalt, 1966.

MARDIRUSSIAN, G. **Noun incorporation in universal grammar**. In *Paper from the 11th Regional Meeting of the Chicago Society*, 1975, pp. 383-9.

MARTINET, A (1963). **Elementos de linguística geral**. Lisboa, Livraria Sá da Costa.

MARTINS, Marci Fileti. **Descrição e análise de aspectos da gramática do Guaraní Mbya**. Tese (Doutorado) Universidade estadual de Campinas, 2003.

MITHUN, M. **The evolution of noun incorporation.** In *Language* n° 60, 1984 pp. 847-94.

MONSERRAT. R. M.; IRMAZINHAS DE JESUS. **Língua Asuriní do Xingu: Observações gramaticais.** Altamira/Pará 1998.

MÜLLER, R. P. **Os Asuriní do Xingu: história e arte.** 2ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

NICHOLS, J.. **Head-marking and dependent-marking grammar.** *Language*, Baltimore, 1986, v.62, n.1, p.56-119.

NICHOLSON, V. **Breve estudo da língua asuriní.** Brasília, DF: Summer Institute of linguistics, 1982.

NIMUENDAJÚ, C. Little-known tribes of the lower Tocantins river region e tribes of the lower and middle Xingu river. In STEWARD, J.H (org). **Handbook of Southamerican Indians.** Vol. 3 (The Tropical Forest Tribes), Smithsonian Institution/Bureau of American Ethnology, Bulletin 143, Washington D.C, 1948

NOONAN, M. Complementation. In: SHOPEN , T. (ed). **Language typology and syntactic description.** Complex constructions. Cambridge: Cambridge University Press, 1985, Vol. II.

PAYNE, D. The Tupí-Guaraní inverse. In FOX, B.; HOPPER, P.J. (eds.). **Voice: form e function,** Typological studies. In *Language* n° 27, Amsterdam/ Philadelphia: John Bejamins, 1994

PAYNE, J.R. Complex phrases and complex sentences. In: Shopen, T. (ed). **Language typology and syntactic description**. Complex constructions. Cambridge: Cambridge University Press, 1985, Vol. II, p.3-41.

PAYNE. T. E. **Describing morpho-syntax: a guide for field linguists**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

PEREIRA, A. A . **Marcas de pessoa em três línguas Tupí**. IN VII JORNADA DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIO. Belém, Universidade Federal do Pará, 2003.

_____. **Split-s e ordem em Asuriní**. IN VII JORNADA DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIO. Belém, Universidade Federal do Pará, 2003.

_____. **Aspectos morfológicos da língua Asurini do Xingu**. Dissertação de Mestrado em Letras. Universidade Federal do Pará, Belém, 2005.

PIKE, K. (1947). **Phonemics: a technique for reducing language to writing**. Ann Arbor, University of Michigan Press.

RODRIGUES, A. D. **Relações internas na família Tupí-Guaraní**. In *Revista de Antropologia*, vol. 27-28, 1985, pp. 53-33.

_____. **Nasalização e fronteira de palavra em Maxakalí**. Anais do V Encontro Nacional de Lingüística. Rio de Janeiro, 1981.

_____. **Silêncio, pausa e nasalização**. Anais do VIII Encontro Nacional de Lingüística. Rio de Janeiro, 1984.

_____. **Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Edições Loyola 1986.

_____ (1996). **Argumento e predicado em Tupinambá.** In *Boletim da associação brasileira de lingüística* 19 :57-66

_____. **Caso em Tupí-Guaraní, particularmente em Tupinambá.** IN XIII ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL , 2000 CD Rom.

_____ **Alguns problemas em torno da categoria lexical verbo em línguas Tupí-Guaran.** In *Estudos sobre línguas indígenas I.* Belém: UFPA, 2001.

RODRIGUES, A. D.; CABRAL, A. S. Revendo a classificação interna da família Tupi-Guaraní. In CABRAL, A. S.; RODRIGUES, A. D. (eds.). **Línguas Indígenas Brasileiras. Fonologia, Gramática e História.** Atas do I Encontro Internacional do GTLI da ANPOLL. Belém, vol.1, 2002.

ROSE, F. **Morphosyntaxe de L'emerillon:** language tupí-guaraní de Guyane française. Tese (Doutorado), França, Université Lumière Lyon 2, 2003.

SEILER, H. **Possession as an operational dimension of language.** Tubingen: Gunter Narr Verlag, 1983.

SEKI, L. **Gramática do Kamaiurá:** Língua tupí –guaraní do alto Xingu. Editora da Unicamp; São Paulo Imprensa Oficial, 2000.

_____. Classes de palavras e categorias sintático-funcionais em Kamaiurá. In QUEIXALÓS, F. (ed.) **Des nomes e des verbes em Tupi- Guarani: état de la question.** LINCOM Europa, München 2001

SEUREN, P. Serial verb constructions. In BRIAN, D. J.; ZWICKY, A. (eds.). **When verbs collide: paper from the Ohio State Mini-Conference on Serial verbs.** Columbus: Ohio State University, 1990, Working Papers in Linguistics, 39.

SILVERSTEIN, M . Hierarchy of features and ergativity. In DIXON, R.M.W (ed.) (1976). **Gammatical categories in Australian languages**. Camberra: Australian ainstitut of Aboriginal Studies, 1977, p. -71-112.

SILVA, H.M. **Marcadores de pessoa na língua Asurini do Xingu**. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação. Altamira/Pará, 1998.

SOLANAO, E. de J.. **A Posição do Araweté na família Tupi-Guarani**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Pará, Belém, 2004

SAUSURRE, F. **Cours de linguistique générale**. paris: Payot. Organizado por Ch. Bally e A. Sechehaye, com elaboração de A. Riedlinger, (1916).

SCHACHTER, P. Parts –of-speech systems. In: Shopen, T. (ed). **Language typology and syntactic description**. Grammatical categories and the lexicon.Cambridge: Cambridge University Press, 1985, Vol 3, 150-201.

SIEWIERSKA. **A Person**. Cambridge University Press, 2004.

SILVERSTEIN, M. Hierarchy of features and ergativity. In DIXON, R.M.W (ed.). **Gammatical categories in Australian languages**. Camberra: Australian ainstitut of Aboriginal Studies, 1976 -71-112

THOMPSON, S. A. & LONGACRE, R. E.. Adverbial clauses. In: Shopen, T. (ed). **Language typology and syntactic description**. Grammatical categories and the lexicon.Cambridge: Cambridge University Press, 1985, Vol 2, 171-234.

VELÁZQUEZ-CASTILHO M. Noun incorporation and objet placement in discourse. The case of Guaraní. In DOWNING, P. ; NOONAN, M. (eds.) **word order in discourse**., Vol. 30. Amsterdam /Philadelphia John Benjamins, 1995a, pp 579-555.

_____. **Noun incorporation in Guaraní: a functional analysis.** In *Linguistics*, vol. 33, 1995b, pp709-673.

_____. Guaraní Causative constructions. In SHIBATANI, M. (ed.). **The Grammar of causation and interpersonal manipulation.** Amsterdam: Benjamins, 2002, pp. 534-507.

_____. **Serial verb constructions in Paraguayan Guaraní.** Atlanta, SSILA jan., 2003.

VIEIRA, M., 2001. A natureza transitiva das sentenças possessivas em Mbyá Guarani. In QUEIXALÓS, F. (ed.) **Des nomes e des verbes em Tupi- Guarani: état de la question.** LINCOM Europa, München 2001.

ZWICKY, A.M.(1977). **On clitics.** Indian University Linguistic Club. Bloomington.

_____ (1985). **Clitics and particles.** In *Language*, Vol. 61:2.

ANEXOS



Foto 1: Aldeia Asurini do Xingu (por Antônia Alves Pereira 2004)



Foto 02- Beiju (por Antonia Alves Pereira 2006)



Foto 3 : Parata'i segurando uma flecha (por Antonia Alves Pereira 2006)



Foto 4 Avakare carregando lenha (por Antônia Alves Pereira, 2006)



Foto 05: Parakakãja segurando seu filho (por Antônia Alves Pereira)



Foto 06: Ilustração de panela